



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**DA LEITURA LITERÁRIA E SUAS INVISIBILIDADES:  
O LUGAR DE JORGE AMADO**

**Rosane Hart**

Florianópolis

2019



Rosane Hart

**DA LEITURA LITERÁRIA E SUAS INVISIBILIDADES:  
O LUGAR DE JORGE AMADO**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Grau de Doutora em Literatura.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Oliveira Ramos

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hart, Rosane  
DA LEITURA LITERÁRIA E SUAS INVISIBILIDADES: O  
LUGAR DE JORGE AMADO / Rosane Hart ; orientadora,  
Tânia Regina Oliveira Ramos, 2019.  
370 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,  
Programa de Pós-Graduação em Literatura,  
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Acervo A mala de Jorge Amado  
(1941-1942). 3. Currículo de Língua Portuguesa Ensino  
Fundamental II e Médio. 4. Leitura obrigatória de  
Vestibulares. 5. Educação literária. I. Ramos, Tânia  
Regina Oliveira . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.  
III. Título.

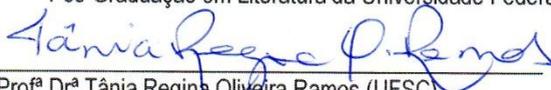
# “Da leitura literária e suas invisibilidades: o lugar de Jorge Amado”

Rosane Hart

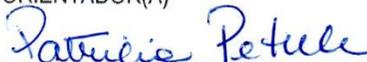
Esta TESE foi julgada adequada para a obtenção do título

**Doutor(a)** EM LITERATURA

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Profª Drª Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)  
ORIENTADOR(A)



Profª. Drª. Patricia Peterle Figueiredo Santurbano  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



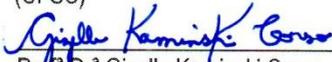
Profª Drª Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)  
PRESIDENTE



Profª Drª Rosângela Hammes Rodrigues  
(UFSC)



Profª Drª Rosana Cássia Kamita  
(UFSC)



Profª Drª Gizelle Kaminski Corso  
(UFSC)

Profª Dr. Celdon Fritzen - Suplente  
(UFSC)



*Este trabalho é dedicado à menina que  
não ousou sonhar  
ser este momento possível.*



## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Tânia Regina de Oliveira Ramos, pelo apoio, carinho e escuta, por partilhar o conhecimento e compartilhar *A Mala de Jorge Amado*.

À minha mãe, Maria de Fátima, exemplo de mulher batalhadora e incentivadora.

A meus irmãos, Rogério e Rodrigo, companheiros de uma vida.

A Gelson pelo suporte e apoio.

A Thiago pelo incentivo e pela escuta em todos os momentos.

A meus filhos, Álvaro e Othon, pela compreensão, carinho e espera.

Às minhas amigas e amigos, personagens desta história.

Sou imensamente grata aos meus professores e professoras por me ensinarem, na prática, o conceito de educação literária e de como a leitura pode ser libertadora. Mestrado (UFSC), professor Lauro Junkes (em memória). Na graduação Abele Marcos Casarotto e no Ensino Fundamental II, professora Vera Lúcia Cassol Zanatta.

À Secretaria Estadual de Educação, por viabilizar que eu desenvolvesse esta pesquisa.

Aos meus alunos e alunas, ao longo desses anos, obrigada pelas trocas e pelo incentivo. Grata por se esforçarem e sonharem comigo que juntos podemos construir uma escola pública e de qualidade.

Aos colaboradores do Museu do Livro Didático, na Universidade de São Paulo; aos colaboradores de sebos *online* e físicos, pela presteza e empenho em localizar compêndios escolares; às bibliotecárias e bibliotecas e a importância dos acervos digitalizados.

Às meninas do NuLime, pela troca.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e/ou me incentivaram nessa jornada.

Grata.



*"A situação está de tal modo trágica  
que aquele que não está de um lado  
está necessariamente do outro"*

**Jorge Amado**



## RESUMO

No período de 1941-1942, o escritor Jorge Amado esteve exilado em Buenos Aires e Montevideú. Documentos referentes a esse período encontram-se no *Acervo A Mala de Jorge Amado*, no Núcleo de Literatura e Memória, na Universidade Federal de Santa Catarina. Esta pesquisa se utiliza das tratativas editoriais presentes na pasta “História Editorial do Acervo” [a partir da publicação de *O país do Carnaval*, em 1931, até a década 1950, com as primeiras traduções para o inglês] e de compêndios literários didáticos (de 1930 a 2018) para estabelecer um novo itinerário de leitura da obra de Jorge Amado procurando entender sua presença através da análise de compêndios literários utilizados no antigo Ginásio e no Ensino Secundarista, através das antologias literárias, a partir de 1930, representadas pelos compêndios: *Antologia Nacional* de Carlos de Laet e Fausto Barreto (edições de 1930 a 1958) e *Antologia da Língua Portuguesa*, de Estevão Cruz (edição de 1942). A análise se estendeu aos livros didáticos utilizados pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio ao se buscar a presença do escritor como leitura complementar ou obrigatória para Vestibulares. Escritor de uma vida literária profficua procurou-se entender através de Jorge Amado o processo de invisibilidades na educação literária.

**Palavras-chave:** Jorge Amado, *Acervo A Mala de Jorge Amado (1941-1942)*, Livros didáticos, Educação literária, Vestibular



## ABSTRACT

In the period of 1941-1942, the writer Jorge Amado was exiled in Buenos Aires and Montevideo. Documents related to this period can be found in Collection *The Suitcase of Jorge Amado*, in the Center of Literature and Memory, at the Federal University of Santa Catarina. This research uses the editorial tracts present in the folder "Editorial History of the Collection" [from the publication of *The country of the Carnival*, in 1931, until the 1950s, with the first translations into English] and of didactic literary compendiums (1930 to 2018) to establish a new itinerary for reading the work of Jorge Amado trying to understand their presence through the analysis of literary compendiums used in the old Gymnasium and Secondary Education, through literary anthologies, from 1930, represented by the compendia: *Anthology National* of Carlos de Laet and Fausto Barreto (editions of 1930 to 1958) and *Antologia of the Portuguese Language*, of Estevão Cruz (edition of 1942). The analysis extended to textbooks used by Elementary School II and High School when looking for the presence of the writer as a complementary or compulsory reading for Vestibulares. Writer of a prolific literary life, it was tried to understand through Jorge Amado the process of invisibilities in literary education.

**Keywords:** Jorge Amado, Collection *The Suitcase of Jorge Amado* (1941-1942), Textbooks, Literary Education, Vestibular



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa dos livros <i>Cacau e Descoberta do Mundo</i> .....	53
Figura 2 – Contrato para publicação do livro <i>A descoberta do mundo</i> .....	54
Figura 3 – Carta enigmática n. 9 e n. 20 <i>Jornal Diário de Notícias</i> .....	59
Figura 4 – Gráfica da presença de Jorge Amado em jornais .....	62
Figura 5 – Carta de Marcus Goldraich a Jorge Amado .....	65
Figura 6 – Cartaz “Jorge Amado 30 anos de Literatura .....	67
Figura 7 – <i>O Cruzeiro</i> , janeiro de 1936 .....	68
Figura 8 – <i>O Cruzeiro</i> , 23 maio de 1936 .....	69
Figura 9 – Segunda via do contrato entre Jorge Amado e Antonio Zamorra (Fólio 1) .....	70
Figura 10 – Capa do livro <i>Cacao</i> .....	72
Figura 11 – <i>O Cruzeiro</i> , 24 de outubro de 1936 .....	73
Figura 12 – Contrato entre JA e Antonio Zamorra (Fólio 1) .....	74
Figura 13 – Folha de rosto do livro <i>Capitães da areia</i> (1937) .....	76
Figura 14 - <i>O Cruzeiro</i> , dezembro de 1939 .....	78
Figura 15 – <i>O Cruzeiro</i> - 27 de outubro de 1945 .....	89
Figura 16 – <i>Dom Casmurro</i> , 24 de junho de 1939 .....	91
Figura 17 – <i>Dom Casmurro</i> , 12 de agosto de 1939 .....	92
Figura 18 – <i>Dom Casmurro</i> , 12 de agosto de 1939 .....	92
Figura 19 – <i>Dom Casmurro</i> , 16 de dezembro de 1939 .....	97
Figura 20 – Romance inédito - <i>São Jorge dos Ilhéus/Agonia da Noite</i> .....	98
Figura 21 – <i>Dom Casmurro</i> , 9 de março de 1940 .....	102
Figura 22 – Carta de Diomedes Pereira .....	111
Figura 23 – Sumário da Revista Sur - Fevereiro de 1942 .....	116
Figura 24 – Carta enviada por Carlos Dujovone (Fólio 1) .....	117
Figura 25 – Carta enviada por Carlos Dujovone (Fólio 2) .....	118
Figura 26 – Telegrama de Diomedes Pereyra .....	120
Figura 27 – Envelope enviado por Kaplan para Jorge Amado .....	121
Figura 28 – Correspondência de Louis C. Kaplan para Amado .....	123
Figura 29 – Envelope da carta enviada por Antonio Zamora .....	130
Figura 30 – Carta enviada por Antonio Zamora .....	131

Figura 31 – Nota fiscal de prestação de serviços a Jorge Amado ....	132
Figura 32 – Envelope enviado pela Imprensa Uruguya .....	133
Figura 33 – Contrato de tradução de L.C. Kaplan .....	135
Figura 34 – Apresentação de obras de Jorge Amado .....	136
Figura 35 – Biografia de Jorge Amado .....	142
Figura 36 – Bibliografia no livro <i>Capitães de areia</i> , 1937 .....	147
Figura 37 – Capa e folha de rosto da Antologia .....	153
Figura 38 – Sumário dos PCNs .....	236
Figura 39 – PNLD - livros participantes .....	238
Figura 40 – Tríade do Sistema de Ensino .....	239
Figura 41 – Capítulo 8 Português: idioma para exportação .....	252
Figura 42 – Capítulo 8 Português: idioma para exportação .....	253
Figura 43 – Capítulo 8 Português: idioma para exportação .....	254
Figura 44 – Capítulo 8 Português: idioma para exportação .....	255
Figura 45 – Excerto do livro <i>Jubiabá</i> .....	256
Figura 46 – Excerto do livro <i>Gabriela, cravo e canela</i> . .....	257
Figura 47 – Excerto com exercícios de interpretação de texto. ....	258
Figura 48 – Gráfico da presença de JA em livros didáticos .....	266
Figura 49 – Organização dos compêndios escolares .....	273
Figura 50 – Jorge Amado como leitura obrigatória .....	313
Figura 51 – Mapa de Jorge Amado como leitura obrigatória .....	317
Figura 52 – Formação docente .....	337

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FGV – Fundação Getúlio Vargas

JA – Jorge Amado

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NuLime – Núcleo de Literatura e Memória

PUC – Pontifícia Universidade Católica

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>1. HISTÓRIA EDITORIAL DO ACERVO D´A MALA DE JORGE AMADO: (RE) CONSTRUINDO O ITINERÁRIO.....</b>	<b>45</b>
1.1(RE) CONSTRUINDO O ITINERÁRIO DA MALA DE JORGE AMADO .....	45
1.2O ACERVO - A MALA DE JORGE AMADO.....	50
1.3ABRINDO A MALA.....	52
<b>2. TRILHANDO UM CAMINHO POSSÍVEL: A CRÍTICA .....</b>	<b>161</b>
<b>3. SISTEMA EDUCACIONAL, CURRÍCULO E CÂNONE .....</b>	<b>207</b>
3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA EDUCACIONAL.....	208
3.2 IDENTIDADE NACIONAL E NACIONALISMO LITERÁRIO.....	211
3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CÂNONE .....	217
3.4 SISTEMA EDUCACIONAL E LITERATURA.....	225
<b>4. LEMBRANÇAS DE ESCOLA: O LUGAR DE JORGE AMADO .....</b>	<b>243</b>
4.1A PRESENÇA DE JORGE AMADO NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	244
<b>4.1.1Obras que contemplam o escritor Jorge Amado no Ensino Fundamental II .....</b>	<b>251</b>
<b>4.1.2 Obras que não contemplam o escritor Jorge Amado no Ensino Fundamental. II .....</b>	<b>260</b>
4.2A PRESENÇA DE J.A. NO ENSINO MÉDIO.....	266
<b>4.2.1A <i>Antologia Nacional</i> .....</b>	<b>270</b>
<b>4.2.1<i>Antologia da Língua Portuguesa</i> de Estevão Cruz .....</b>	<b>282</b>
4.3OS LIVROS DIDÁTICOS .....	285

4.4 OS PARADIDÁTICOS.....	303
4.5 JORGE AMADO NO VESTIBULAR .....	308
4.5.1 A presença de Jorge Amado nas listas de leituras obrigatórias .....	311
<b>5. EDUCAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO METÁFORA SOCIAL</b> .....	<b>323</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>345</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>355</b>

## INTRODUÇÃO

Desenvolver uma pesquisa e ter o contato com a sua materialidade é, sem dúvida, uma experiência única de um caminho a trilhar como pesquisadora. No contato com a materialidade do *Acervo A Mala de Jorge Amado*, do Núcleo de Literatura e Memória – NuLime (Universidade Federal de Santa Catarina) – me propus a percorrer esse caminho. Esclareço. Nunca imaginei que o contato e a imersão em um acervo pudessem se tornar em uma experiência transformadora na perspectiva que tinha como professora e pesquisadora, possibilitando-me contato com documentos de pessoas, há pouco tempo, restritas a personagens de um mundo ficcionalizado. De repente, suas histórias estão ali, presentes em bilhetes, cartas, fotos, esboços de livros, romance inédito. Com esse contato me (re)descobri enquanto leitora, a ponto de ser envolta pela pesquisa e pelas possibilidades que foram me conduzindo, tal como o fio de Ariadne em um labirinto. Percorri caminhos não previstos, desdobramentos, desvios, lacunas, múltiplas possibilidades. Até, por fim, optar por um caminho e estabelecer o objeto de estudo. Portanto, antes de continuar é necessário fazer uma digressão para explicar minha trajetória até chegar ao acervo.

É preciso, pois, esclarecer tudo! Descobri Jorge Amado em uma pequena biblioteca pública municipal na cidade de Guarujá do Sul, extremo oeste de Santa Catarina. Estava na sexta ou sétima série do Ensino Fundamental II – na época o ginásio. Eu, leitora, dividia-me entre a biblioteca da escola e a Biblioteca Pública Rui Barbosa, lia mais livros do que podia retirar, por isso passava algumas horas na biblioteca “fazendo trabalhos”. Por muito tempo, frequentei a biblioteca pública e via algumas coleções de livros, colocados delicadamente em prateleiras mais altas. E, como fora advertida pela bibliotecária – Tia Dulcy<sup>1</sup> – inúmeras vezes, “aqueles” não eram livros para minha idade. Tal advertência criou efeito reverso: uma curiosidade incontrolável, seguida de uma insistência irritante a cada nova ida à biblioteca. Após meses de tentativas frustradas, certo dia, ouvi uma resposta diferente “Tá bom, agora você pode escolher um livro dessa coleção!”. Fiquei parada, não acreditando! Não sabia se pegava o primeiro livro, se pegava o último

---

<sup>1</sup> Dulcy Elcina Síveris, Tia Dulcy, como eu a chamava carinhosamente, era a bibliotecária na Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa, de Guarujá do Sul (SC).

ou se seria melhor pegar aleatoriamente. Continuei, mais alguns segundos, parada e decidi estabelecer um critério para organizar minha leitura, imaginando as leituras seguintes.

Parei em frente à estante, mas não conseguia ler o que estava escrito nas lombadas dos livros, faltava-me altura. Vislumbrava as duas prateleiras de livros. Uma das coleções que tomava uma prateleira inteira e mais metade da outra era composta por livros de cor bege (uns mais claros e outros de um tom mais escurecido), podia ver nas lombadas de cada livro um grande retângulo de um vermelho muito vivo, com escritas douradas. Para conseguir ler os títulos, precisei um banquinho, subi e fiz a leitura de todos os títulos naquelas duas prateleiras que, mais próximas, não pareciam tão grandes. Tia Dulcy esclareceu que os livros beges eram de Amado e Veríssimo e os livros de capa verde, na prateleira de cima, eram de Machado de Assis. Orgulhosa, ela acrescentou que tinha a obra completa de Machado de Assis, de Erico Veríssimo e de Jorge Amado, cuja última publicação fora o livro *Tieta*.

Indecisa, optei pelo primeiro livro da coleção de Jorge Amado *O País do Carnaval*. E assim, a prateleira, semana a semana era um pouquinho mais minha. Foi assim que conheci Jorge – o acervo de Jorge, do Erico e do Machado. Através deles me apaixonei por elas: Ana Terra, Capitu, Tieta, Gabriela e tantas outras mulheres a frente dos seus tempos. A biblioteca, para mim, era como o vento para Ana Terra “Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” (VERISSIMO, 2013, p. 84).

O tempo foi passando e o vento foi soprando no país do carnaval...

Minha relação com esses autores estreitou-se no Ensino Médio, no Ensino Superior e, posteriormente, no Ensino Fundamental e Médio, como professora.

Há pouco tempo, ao produzir material didático em um capítulo sob o título *A cultura que o Brasil exporta*, debruicei-me sobre aspectos de nossa cultura que cruzavam fronteiras. E, para minha surpresa, Jorge Amado estava dentre os “itens culturais” mais exportados no campo literário. Impressionou-me a quantidade de traduções do escritor baiano e também a quantidade de exemplares vendidos mundo afora.

Como uma maneira de manter-me atualizada e sair um pouco do movimento de sala aula, optei por fazer cursos, principalmente os oferecidos pela Pós-graduação em uma das modalidades: disciplina isolada. Contudo, nem sempre havia vagas e/ou aceite de professores

para essa modalidade de estudo. No entanto, sempre que havia algum curso de meu interesse, lá estava eu com um pé na Universidade. Foi o que aconteceu em 2013. Quando saiu a lista de disciplinas para o semestre 2013/1, e, tal qual leitor procurando uma capa de livro que lhe interessasse, estava eu a ler os títulos das disciplinas ofertadas. Foneticamente, encantei-me com “historiografia”. Escolhi *A Historiografia da Literatura Brasileira*, disciplina que seria ministrada pela professora Dra. Tânia de Oliveira Ramos no curso de Pós-graduação em Literaturas (UFSC). Fui à leitura da ementa. Havia muito mais do que fatos históricos, objetivava entender aspectos da história da literatura brasileira, tendo como suporte a leitura de Brito Broca e a leitura que fez da vida literária do início do século XX. Buscar entender e ler a vida social, intelectual e cultural a partir de um *corpus* literário, procurando dar alguns recortes na vida literária do século XX e XXI. Deixava a imaginação fluir para segredos não contados, histórias a serem decifradas...

Fiquei curiosa. Contudo, mal sabia que participar dessa disciplina mudaria o rumo da minha vida profissional e acadêmica e, novamente, sentir o desejo de pesquisar.

E assim foi...

Ao contextualizar a vida literária muitas histórias foram apresentadas ao longo da disciplina. Histórias que começaram com *A vida literária no Brasil – 1900* e terminaram no acervo, com uma visita ao Núcleo de Literatura e Memória (NuLIME), sala no quinto andar, do Bloco B, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Além das pesquisadoras do núcleo e das poucas pessoas que tiveram contato com o mesmo, aquela fora a primeira apresentação pública do acervo, carinhosamente chamado de *A mala de Jorge Amado*.

Conhecer documentos históricos tão importantes e tão de perto fora uma experiência única. Até então o que conhecia de documentos – além dos meus de ordem pessoal, os documentos históricos resumiam-se àqueles dos livros e/ou de museus. Nunca tivera acesso, tampouco informações ou mais remota ideia de como seria trabalhar com documentação histórica, sua organização, catalogação, pesquisa, manuseio, acondicionamento etc.

A primeira impressão sobre acervo foi um misto de incredulidade e êxtase. Passado isso, era hora de colocar as luvas e manusear com muito cuidado os documentos. A proposta para o trabalho final da

disciplina era de que contemplasse alguma documentação do acervo. Tínhamos liberdade para escolher. Eram tantas possibilidades...

As quase 1500 páginas de documentos presentes no acervo do Núcleo de Literatura e Memória – o NuLime – coordenado pela professora Tânia Regina de Oliveira Ramos - uma sala no 5º andar do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina que guarda histórias de escritores catarinenses e dois anos da vida de Jorge Amado. Histórias que revelam em um tempo presente narrativas de um passado que teimou em seguir seu curso, ressignificando o presente como Acervo e, na definição do vocábulo, como um conjunto de bens que integram o patrimônio do indivíduo. Nesse “conjunto de bens” incluímos também a rede de relações que se estabeleceu via correspondências, traduções, reuniões, contratos, bilhetes etc.

Passado um primeiro momento de indecisão, selecionei algumas cartas. Desisti! Optei então pelas imagens, mas somente as fotografias. Assim, o passo seguinte foi rastrear as fotos e tentar estabelecer uma narrativa possível. Teci algumas hipóteses, mais intuitivas. E, aos poucos, a narrativa foi ganhando corpo e personagens, nomes próprios e endereços. Os negativos da mala foram gradativamente se revelando...

O ensaio recebeu o título de *Revelando os negativos d'A mala de Jorge Amado: 1941-1942*. A pesquisa demonstrou o engajamento político do escritor Jorge Amado apresentado por/em sua obra anterior a 1941 e, posteriormente, ao se autoexilar por dois anos (1941 e 1942) na Argentina e no Uruguai, respectivamente. Este período “silenciado e apagado” recebeu voz e imagem através de documentos guardados em uma “mala” e, ao ganharem vida, inscreveram novos aspectos à história literária, cultural e política. Atando passado e presente. Tal qual a personagem Brás Cubas “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (ASSIS, 1997, p. 810).

Muitos escritores escrevem autobiografias dando ao leitor uma versão do artista pelo artista. Talvez o façam por necessidade de explicar-se, como uma forma de autoconhecimento ou ainda simplesmente pelo prazer de escrever, de desnudar-se. Contrário a essa prática, o escritor Jorge Amado (10/08/1912 – 06/08/2001) declarou, em 1992, quando de seu aniversário de 82 anos, que “(...) *eu nunca vou escrever uma autobiografia. Esse negócio de dizer nasci em Ferradas, no ano tal, fiz isso e aquilo, que glória, é muito chato.*”

Assim, resta a nós, leitoras e leitores curiosos, alguma biografia. Há alguns esboços organizados inicialmente pela Universidade Federal

da Bahia (em 1982) e, posteriormente, em 1986, a Fundação Casa de Jorge Amado dispôs o acesso de pesquisadores a maior parte da obra do escritor. A Fundação, em seus anais, ressalta que grande parte dos documentos anteriores a 1950 foram destruídos, não só devido às perseguições políticas durante o período do Estado Novo, mas também sua natural dispersão durante os anos de exílio.

Nosso interesse biográfico restringe-se especialmente aos anos de 1941 e 1942, nos quais, segundo a Fundação Casa de Jorge Amado, o escritor como “Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai no referido biênio, período em que fez longa viagem pela América Latina”<sup>2</sup>. Destaca ainda as atividades desenvolvidas no referido período:

“1941

Publica o *ABC de Castro Alves* pela Livraria Martins Editora, São Paulo, com capa e ilustração de Santa Rosa. Viaja à Argentina e ao Uruguai.

1942

Publica *A vida de Luiz Carlos Prestes* em Espanhol, pela Editora Claridad de Buenos Aires. Na volta da viagem, é preso e enviado em confinamento para Salvador, Bahia.”<sup>3</sup>

No entanto, mesmo em outros documentos (que não fazem parte de nenhuma biografia oficial), há poucas referências ao período deste exílio<sup>4</sup>. Segundo Eduardo Assis Duarte em seu artigo *Jorge Amado*,

---

<sup>2</sup> Na biografia oficial do autor a única referência ao período é a seguinte: “Militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944, separou-se de Matilde Garcia Rosa”.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Biografia de Jorge Amado*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=75](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75). Acesso em 20 jun. 2013.

<sup>3</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Relação de manuscritos, livros, artigos e discursos de Jorge Amado que compõe o acervo da Fundação*.

Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=172](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=172). Acesso em: 20 jun. 2013.

<sup>4</sup> “Jorge Amado decidiu escrever a biografia de Prestes em 1941, como uma forma de pressionar pela libertação do líder revolucionário, preso desde 1936. Viajou então ao Uruguai e à Argentina, onde Prestes havia se exilado anos

*exílio e literatura* o escritor teria “sido obrigado a deixar o país não pelo conteúdo de seus escritos, mas devido à atuação política”, destaca também que o mesmo ocorrera com Neruda no Chile, “Jorge Amado se exila não por ser o ‘romancista do povo’, mas por atuar politicamente como membro de um partido proscrito”<sup>5</sup>. Corroborando com Duarte acerca da atuação política de Amado temos também os artigos: *Jorge Amado, um capitão das areias, navegante das letras*<sup>6</sup> de Paula Valéria Andrade e *Redescobrimo Jorge Amado*<sup>7</sup> de Adri Gomes. Na maioria

antes. Escrito em Buenos Aires, o livro foi publicado na Argentina em 1942, em espanhol. Na época, exemplares dessa edição eram negociados clandestinamente no Brasil, muitas vezes por valores exorbitantes. Cópias do texto circularam em segredo. Posteriormente, também a edição argentina foi proibida e queimada por ordem do governo de Juan Domingo Perón. A primeira edição brasileira saiu em 1945. Com o golpe militar de 1964, o livro voltou a sumir das livrarias. A edição seguinte saiu apenas em 1979.”

JORGE AMADO. *Obra de Jorge Amado*. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12614>. Acesso em 15 out. 2013.

<sup>5</sup> REVISTA ALETRIA. DUARTE, Eduardo Assis. *Jorge Amado, Exílio e Literatura*. Publicado em 16/06/2012. Disponível em:

[http://www.erevistas.csic.es/ficha\\_articulo.php?url=oai:periodicos.letras.ufmg.br:article/1315&oai\\_iden=oai\\_revista778](http://www.erevistas.csic.es/ficha_articulo.php?url=oai:periodicos.letras.ufmg.br:article/1315&oai_iden=oai_revista778). Acesso em: 19 out. 2013.

<sup>6</sup> Informação: “Politicamente, ele foi eleito deputado federal em 1945 pelo Estado de São Paulo e também participou da Assembleia Constituinte de 1946 representando o Partido Comunista Brasileiro. Porém antes foi perseguido e obrigado a viver exilado. Primeiro na Argentina e no Uruguai, entre 1941 e 1942. Voltou e exerceu os cargos conquistados. Dois anos depois, foi exilado novamente por quase cinco anos e viveu em Paris, entre 1948 e 1950 e em Praga, entre 1951 e 1952. Viajou muito, por todo o mundo”.

Fonte: BLOCOS ONLINE. *Jorge Amado, um capitão das areias navegante das letras* (Paula Valéria Andrade). Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/teatro/TMundi/tmundindex.php>. Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>7</sup> “In 1945 he was elected a congressman for the Communist Party, and despite political pressures he authored the bill that guarantees religious freedom in Brazil. He became sensitive to the matter after testifying the persecution of African cults brought with the slaves from their continent, and seeing Protestants being robbed by fanatics carrying crosses in Ceará. He worked hard to get his bill turned into law. He’s also authored the Brazilian copyrights bill. Because of his political views he lived in exile in Argentina and Uruguay (1941 – 1942), in Paris (1948 – 1950), and in Prague (1951 – 1952).”

das vezes, as informações apenas comentam o fato da ida do escritor à Argentina e ao Uruguai, não mencionando questões políticas, ou mesmo sobre outras atividades desenvolvidas pelo escritor. Há uma lacuna – ainda não preenchida – na biografia. Esse hiato na vida do escritor permite construir uma série de hipóteses para esse apagamento da história, pois, como salienta Jô Gondar, em *Memória, tempo e história*,

o silêncio essencial residirá no encobrimento de sua origem imanente, capaz de transformar em cacos de legitimidade justificada alhures. Mas para cada sociedade é, em si mesma, histórica, como são históricas as lembranças e os esquecimentos que as engendram e que ela se esforça em manter, ainda que para essa manutenção ela os modifique sem cessar. O que lhe escapa, deste modo, é a sua perpétua mudança, a sua criação constante de formas capazes de construir um outro modo de ser social (2008, p. 99)

Em seu artigo *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*, Tânia Regina de Oliveira Ramos, ratifica, baseada nos documentos pesquisados que “Em plena ditadura de Getúlio Vargas, Jorge Amado havia se autoexilado na Argentina e no Uruguai nos anos de 1941 e 1942, para escrever a biografia do líder comunista Luis Carlos Prestes”.<sup>8</sup> Falar

[...] de, sobre ou contextualizando Jorge Amado no (auto)exílio em 1941 (Buenos Aires) e Montevideú (1942). [...] O projeto [...] se insere nesse contexto de resgate, de recuperação, não apenas por ter, entre seus objetivos, a biografia de Jorge Amado, mas, principalmente, por tentar

---

ADRI GOMES. *Rediscovering Jorge Amado*. Disponível em: <http://www.adrigomes.com/literaryexchange/2012/07/17/rediscovering-jorge-amado/>. Acesso em 20 out. 2013.

<sup>8</sup> RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942. Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto Alegre, 5, dez. 2012. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/ojs/index.php/navegacoes/article/view/12793/8545>. Acesso em: 24 nov. 2013.

avaliar esse contexto político, cultural, histórico dos comunistas nos dois países vizinhos, Argentina e Uruguai, e como a solidariedade e afetividade repercutiam nessa produção do exílio, como a censura agia, como o medo levava ao anonimato, ao silêncio e às estratégias de trocas produzidas pela linguagem escrita<sup>9</sup>.

Portanto, a construção de um itinerário de passagens, contatos e atividades políticas e literárias desenvolvidas pelo escritor Jorge Amado durante os dois anos em que ficou exilado torna-se fundamental para reconstituir a história. Para alcançar tal objetivo, serão utilizados os documentos disponíveis no acervo.

Ainda no campo das hipóteses, lancemo-nos ao acervo. Por que *A Mala*?

As malas têm dois usos muito distintos. Quando não temos a perspectiva de viajar, a mala serve de depósito para colocarmos coisas que não utilizamos com frequência. No entanto, não nos encorajamos a nos desfazermos dessas coisas, pois pensamos na possibilidade de as utilizarmos em um futuro próximo. Normalmente, nessa fase a mala fica em cima do guarda-roupa (no maleiro) muitas vezes, falta de espaço, embaixo da cama ou, ainda, aos mais abastados, a mala fica no *closet*. No entanto, se tivermos a perspectiva de uma viagem, a mala é retirada de seu local de esquecimento, recebe tratamento especial - uma limpeza detalhada, uma análise minuciosa se resistirá à viagem. Em seguida, faz-se uma análise mental sobre o que se fará necessário para (durante) a viagem. E começa o ritual. Nesse momento, dispomos de nossas coisas mais queridas – as melhores que temos – para colocá-las na mala.

Logo, ao pensarmos n'*A mala de Jorge Amado* conjecturamos que tanto para a professora Leonor Scliar quanto para a mãe dela, Rosa, a mala teria o primeiro uso. E o questionamento que nos intriga é: e para o escritor Jorge Amado, qual seria o sentido desta mala<sup>10</sup>? Será que estaria fadada ao esquecimento? Ou a um apagamento intencional?

---

<sup>9</sup> RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *A mala de Jorge Amado: 1941-1942*.

Disponível em:

[http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A\\_Mala\\_de\\_Jorge\\_Amado\\_1941\\_1942\\_Tania\\_Regina\\_Oliveira\\_Ramos.pdf](http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A_Mala_de_Jorge_Amado_1941_1942_Tania_Regina_Oliveira_Ramos.pdf). Acesso em: 15 jun. 2013.

<sup>10</sup> Segundo a professora Leonor Scliar Cabral, guardiã da mala por anos, Jorge Amado pediu que Rosa se desfizesse dos documentos, pois eles não lhe interessavam mais.

Retomando Jô Gondar, esquecimento e lembrança são novas formas que se instituem como traços de memória capazes de serem conservados e imitados. No entanto, o esquecimento do esquecimento traria problemas à história, pois nos levaria a pensar a memória como uma herança acabada, “ao invés de a concebermos processualmente como algo em construção” (2008, p. 96-97). O primeiro passo para que possamos abordar a memória enquanto construção social, histórica e política, é desnaturalizar o esquecimento. Caso não o fizermos, tendemos a encobrir o dever.

A desnaturalização implica em considerarmos que a sociedade precisa esforçar-se tanto ou mais para esquecer-se quanto para lembrar-se. Neste duplo esforço feito pela sociedade para manter a sua identidade, a memória é, de tempos em tempos, reconstruída. Mas esta própria reconstrução é esquecida [...]. A sociedade impõe silêncios a todos esses processos, escamoteando o caráter histórico da memória e do esquecimento (2008, p. 97).

Portanto, ao pensarmos nas biografias do autor<sup>11</sup>, percebemos algumas lacunas – alguns silêncios no biênio 1941 e 1942. Uma memória esquecida ou apagada? Diferente do que acontece durante seu

---

<sup>11</sup> A pesquisadora Marina Siqueira Drey em sua dissertação de mestrado, “*Não fiz anotações, morrem comigo*”: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado (2017) apresenta uma investigação minuciosa no Acervo Mala de Jorge Amado. Através da análise do material disponível, procura documentos que corroborem para um alargamento da narrativa biográfica do escritor nos anos de 1941 e 1942, período em que esteve exilado na Argentina e no Uruguai para escrever a Vida de Luís Carlos Prestes e para se afastar do regime ditatorial do Estado Novo (1937-1945). Marina faz uma reflexão acerca da lacuna biográfica e procura, através de um *corpus* de obra nas quais o escritor baiano é apresentado como protagonista, elaborar a narrativa biográfica do escritor por meio dessa revisão documental, possível devido à documentação disponível no acervo do Núcleo Literatura e Memória (Nulime) da UFSC.

DREY, Marina Siqueira. “*Não fiz anotações, morrem comigo*”: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado. Marina Siqueira Drey; orientadora, Tânia Regina Oliveira Ramos. Florianópolis (SC), 2017.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177774/347082.pdf?sequence=1>. Acesso em: jan. 2018.

posterior exílio na França. No artigo *Jorge Amado, exílio e literatura*, o pesquisador Eduardo de Assis Duarte além de recuperar elementos da biografia de Jorge Amado como escritor militante do Partido Comunista Brasileiro, em especial no tocante à sua atuação política e cultural em outros países, nos períodos em que viveu como exilado em 1941-1942 na Argentina e no Uruguai e de 1948-1952 na França. Também reflete sobre a especificidade do escritor e da condição de expatriado e personalidade do movimento comunista internacional. Em paralelo, estabelece relações entre esta condição e a recepção da obra amadiana no exterior. Traçar um itinerário desde a saída do Brasil até seu retorno nos permite estabelecer alguns pontos mais importantes, elencando também algumas atividades políticas e culturais desempenhadas pelo escritor no período. Tomemos como exemplo a ida de Jorge Amado a Montevideú, já em março<sup>12</sup> de 1942. Documentos mostram algumas peculiaridades das datas da vida do escritor durante o exílio – ou autoexílio – como podemos comprovar.

Ao abrirmos a Mala não poderíamos colaborar para a construção de uma *contra-história*? (GONDAR, 2008, p. 97) Essa resposta será dada pelo devir. Contudo, como afirma Luciana Souza de Brito “as memórias que podem ser evocadas por meio da utilização de acervos [...] e estão associados aos atos de lembrar, esquecer e produzir significados”<sup>13</sup>.

Abrindo a Mala para buscar caminhos de leitura, busca-se acima de tudo entender a materialidade do acervo.

[...] O acervo de uma comunidade de destinos no exílio político, entre 1941 e 1942, em Buenos Aires e Montevideú, está integrado. Dentre tantos documentos da vida literária e militante desse período, chamou-nos atenção especialmente os fragmentos dos originais da biografia de Luis Carlos Prestes, textos jornalísticos, pesquisas históricas, tratativas editoriais, correspondência com tradutores, palestras, recortes de jornal, rascunhos, notícias, e, ressalte-se, possivelmente

---

<sup>12</sup> De acordo com o documento (número 775) de 08 de março de 1942 que está no NuLIME. Além deste há ainda outros documentos (número 847) que se referem ao mês de março de 1942.

<sup>13</sup> BRITO, Luciana Souza de. *Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos*. Revista eletrônica DGZ. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/jun10/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/jun10/Art_02.htm). Acesso em: 27 jun. 2013.

há capítulos originais de um dos romances até então inédito de Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*. Vale esclarecer que as páginas avulsas encontradas à frente dos originais contêm o nome de *São Jorge dos Ilhéus*.<sup>14</sup>

Os documentos que compõem o acervo<sup>15</sup> contribuem como “fragmentos para uma história não escrita”<sup>16</sup> e nos revelam a riqueza da vida política e literária entre artistas brasileiros, argentinos e uruguaios nos anos de 1941 e 1942 e à moda de Brito Broca nos permitimos historiar (2004, p. 31) a vida literária e tal qual o escritor, fomos bafejados de sorte excepcional de podermos revelar os negativos que estão na Mala de Jorge Amado<sup>17</sup>, material imprescindível em revisões históricas do período e até mesmo o aproveitamento em livros didáticos.

Após o contato e a leitura do Acervo, o projeto inicial foi tomando outros rumos, pois ao me deparar com a documentação sobre a presença de Jorge Amado no mercado editorial comecei a refletir sobre

---

<sup>14</sup> RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/12793/8545>. Acesso em: 20 jun. 2013.

<sup>15</sup> COELHO, Thalita da Silva. Trabalho de conclusão de curso (Letras) sob o título: *Jorge Amado e os anos de 1941 – 1942*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

A numeração dos documentos segue a catalogação feita pela pesquisadora Thalita da Silva Coelho que são os seguintes documentos: 1382, 1383, 1384, 1333, 1334, 1335, 1348, 1348(2), 1349, 1351, 1352, 1369, 1370, 1371, 1372, 1373, 1374, 1375, 1376, 1377 e um documento não analisado.

<sup>16</sup> Fonte: REVISTAS ELETRÔNICAS PUC/RS. *Navegações*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/12793/8545>. Acesso em: 27 jun. 2013.

<sup>17</sup> Em 2016, Ailê Vieira Gonçalves, pesquisadora do NuLIME, publica o TCC sob o título *O (in)visível no acervo de Jorge Amado (1941-1942)*. A pesquisa centrada em um recorte do arquivo doado ao NuLIME analisa 14 fotografias de obras de arte, 11 fotografias e 3 desenhos. Faz um resgate histórico aos documentos dando-lhes uma leitura histórica, literária e material.

Fonte: GONÇALVES, Ailê Vieira. *O (in)visível no acervo Jorge Amado (1941-1942)*. 71 fol. (Trabalho de Conclusão de Curso) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160024>. Acesso em fev. 2017.

a sua presença nas escolas, enquanto sujeito histórico, fez muito mais pela via literária. Tanto que por muito tempo busquei na memória a presença do autor na escola, e quase nada... Tinha vagas lembranças do autor no ensino médio, mas nada significativo. E com essas inquietações a pesquisa foi tomando outras formas e outros rumos.

Ao cursar a disciplina *Ensino e aprendizagem da produção textual: implicações conceituais e metodológicas* na Pós-graduação em Linguística, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Rosângela Hammes Rodrigues, a historiografia da Língua Portuguesa me despertou interesse. Realizei uma caminhada histórica pelas atividades de produção escrita desenvolvidas na escola. Inicialmente, esse percurso abordou “O ensino e aprendizagem da escrita na escola”, seguido das “Vertentes históricas” e, por último, “Ensino e aprendizagem”. A proposta para o trabalho final era que se fizesse uma análise de alguns compêndios escolares de um determinado período histórico. Propus-me a uma análise das décadas de 1930, 1940 e 1950<sup>18</sup>, pensando, justamente, que tal período histórico pudesse me dar mais consistência na pesquisa do Acervo de Jorge Amado e comprovar a vaga e imprecisa presença do escritor baiano em compêndios escolares.

Em meados do segundo semestre de 2014, fui a Porto Alegre para apresentar o trabalho *Das lembranças, invisibilidades e apagamentos*<sup>19</sup>. Após a apresentação do trabalho, fui aos sebos localizados, principalmente, na região central da cidade. [Uma visita obrigatória] Imbuída de curiosidade e, com o intuito de adquirir alguns exemplares de compêndios escolares das décadas de 1930, 1940 e 1950 para o trabalho final da disciplina, lancei-me, literalmente, à Ladeira (rua conhecida pela concentração de sebos). Em um dos sebos, sentada em um banquinho, me pus a folhear livros e livros do período histórico para desenvolver a pesquisa. Eis que encontro um exemplar da *Antologia Nacional* de Carlos Laet e Fausto Barreto, de 1903 e mais três edições das décadas de 1940, 1950 e 1960 e pensei em cotejar a presença do escritor baiano nos compêndios escolares com a pujança de sua vida editorial apresentada pela documentação que está no NuLIME. Houve um estranhamento, pois não consegui localizar o escritor Jorge

---

<sup>18</sup> Como resultado da investigação e trabalho final da disciplina, produzi o artigo *A(não)presença da composição/redação em materiais didáticos das décadas de 1930, 1940 e 1950*. (No prelo)

<sup>19</sup> Comunicação oral: *Das lembranças, invisibilidades e apagamentos*, apresentada no XIX Seminário Brasileiro de Crítica Literária promovido pela PUC de Porto Alegre, realizado nos dias 07, 08 e 09 de outubro de 2014.

Amado nos exemplares que havia adquirido. E, assim, comecei a comprar mais e mais compêndios escolares para cotejar com a documentação e com as informações presentes no acervo. E, assim, a pesquisa trilhou outros caminhos.

Com a análise dos documentos da pasta *História Editorial* [cerca de trinta, envolvendo a vida editorial do escritor Jorge Amado, em 1941 e 1942] e dos compêndios escolares, as informações antes isoladas ganharam nuances de narrativa. A pesquisa ganhou corpo, avolumou-se, transformando-se na tese: *Da leitura literária e suas invisibilidades: o lugar de Jorge Amado*.

Inicialmente, pesquisar sobre Jorge Amado me pareceu falar do óbvio, tanto já se escrevera sobre ele. No entanto, nos primeiros contatos com o Acervo, percebi a pluralidade identitária e multifacetada do escritor, existiam outros jorges: político, crítico, amigo, marido, incentivador, companheiro, produtor literário dentre outros que eu, e a maioria de seus leitores, não conhecia. Um Jorge com múltiplas facetas, algumas aceitas, outras, não, recortado como se não fosse um sujeito uno. Ao me deparar com a documentação acerca da presença de Jorge Amado no mercado editorial, comecei a refletir sobre a sua presença nas escolas, enquanto sujeito histórico que fez muito mais pela via literária. Tanto que, por muito tempo busquei, na memória a presença do autor na escola, e a resposta foi quase nada... Tinha vagas lembranças do autor no ensino médio, mas nada significativo. E, com essas inquietações, a pesquisa foi tomando outras formas e outros rumos.

Introduzo assim meus objetivos, a partir de um *corpus* presente na História literária: o Acervo de Jorge Amado e os compêndios escolares. Cotejando esses documentos fui construindo hipóteses: a) Reconstruir, com o auxílio da documentação presente no Acervo, um itinerário da vida literária de Jorge Amado, principalmente nas décadas de 1930, 40 e 50; b) Refazer o percurso da crítica através de um recorte historiográfico da fortuna crítica do escritor baiano; c) Compreender a constituição do sistema educacional, do currículo e do cânone como elementos importantes na construção de itinerários de leitura literária; Verificar e analisar a presença do escritor Jorge Amado em compêndios escolares; Reconhecer a importância da Educação literária.

No primeiro capítulo, *História editorial do acervo d'A mala de Jorge Amado: (re) construindo o itinerário*, apresentarei os documentos do Acervo e as relações constituídas. A partir da materialidade de provas de composição, catálogos, anúncios, cartazes, prospectos, folhetos informativos e contratos, (re)construirei um itinerário,

primeiramente da “Mala” que em 1941 e 1942 circulou pela Argentina e pelo Uruguai quando do autoexílio do escritor para escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes até sua chegada ao Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2011 e, em seguida, da circulação da obra. Nesse itinerário, a busca por estabelecer vínculos do acervo com a vida literária empreenderia em cotejar informações que recriassem uma linha do tempo editorial e explicassem a circulação da obra do escritor entre o Brasil, Argentina, Uruguai e Estados Unidos, principalmente em um período desde a publicação de seus primeiros livros nas décadas de 1930 e 1940: *O país do carnaval* (1931), *Cacau* em 1933, *A descoberta do mundo* (1934?) escrito em parceria com Mathilde Garcia Rosa, *Jubiabá* (1934), *Suor* (1934), *Mar Morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941), *O cavaleiro da esperança* (1942), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944). Nesse itinerário também apresentar o fazer literário como um ato político e de como a política fez uso distinto da literatura, em determinados períodos a considerou subversiva e, em outros, fez uso dela para estreitar laços de colaboração em políticas bilaterais e de intercâmbio cultural, principalmente, entre Brasil e Estados Unidos. E também de como a política interferiu no itinerário do escritor e do próprio acervo como personagem principal na elaboração dessa linha do tempo editorial.

Esse contexto de quem seleciona e o que seleciona, será a temática abordada no segundo capítulo – *Trilhando um caminho possível: a crítica*. Principalmente, porque a crítica em relação à obra e ao escritor Jorge Amado apresenta algumas peculiaridades: comumente confunde-se a crítica à obra com a crítica ao escritor, ao homem público e político, confunde-se o objeto narrado com quem narra. Para Estevão Cruz “[...] Criticar é escolher: quem escolhe julga; quem julga, pesa; e quem pesa, pensa. Crítica é, pois, obra de lógico e de esteta” (1934, p. 14). Desse modo, foi preciso repensar o movimento da crítica e o seu papel, pois em determinados momentos da historiografia literária a obra amadiana foi prejudicada em detrimento de críticas à vida privada e pública de Jorge Amado não se restringindo a do escritor. Então, qual é o papel da crítica? De acordo com Cruz, a crítica também tem a função de reparação: “[...] Depois desses reparos, só nos resta desejar que sejamos colocados em lugar onde a benevolência dos homens justos e equitativos nos ampare das pedradas, das maiores só, porque as pequenas nos divertem” (1934, p. 14). Jorge Amado também ironiza o posicionamento da crítica com relação à popularidade de sua obra e a do

também escritor Erico Veríssimo: “Certos críticos [...] nunca nos perdoaram o público que nossos livros conquistaram, nos malharam a vida inteira” (AMADO, 1992, p. 621). A resposta de Erico Veríssimo foi: “Eles nos acham muito burros, Jorge” (AMADO, 1992, p. 621).

Portanto, neste capítulo vamos trilhar o caminho da crítica, desde a crítica de rodapé instituída na década de 1940 e 1950, tendo como seu principal representante Álvaro Lins, seguida pela crítica do universitário e teórico e, por fim, o crítico moderno – o ensaísta. Após algumas leituras, selecionei autores que atendessem: a crítica de aclamação, a de exclusão e o da revisão crítica da obra (após sua morte em 2001). Dentre os muitos estudiosos da obra amadiana, selecionamos alguns para rever a trajetória da crítica à obra: Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil* (1ª edição em 1955 e 7ª edição em 2004), Eduardo Cesar Maia, *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste* (2016), Alfredo Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira* (1ª edição 1970), Paulo Tavares, *O baiano Jorge Amado e sua obra* (1980), Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira* (1989), Eduardo de Assis Duarte, *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1995), Ilana Seltzer Goldstein, *O Brasil best seller de Jorge Amado* (2003), Antônio Candido, *Iniciação à Literatura Brasileira* (2007) e Ana Maria Machado, *Romântico, sedutor e anarquista* (2014). Outra consideração sobre a crítica trata-se da reverberação do posicionamento de uma perspectiva que se perpetua, como consequência a exclusão da obra amadiana de muitos espaços. Com relação ainda à crítica temos, portanto, um divisor de águas, um primeiro momento anterior à década de 2000 e o que se constitui após a morte do escritor em 6 de agosto de 2001. Há um movimento de visitar a obra do escritor, não mais o analisado pelo posicionamento político, mas pelo fazer literário, pela consistência da obra, e esse papel de revisão da fortuna crítica está representado, principalmente, por Eduardo de Assis Duarte e Ana Maria Machado, ambos retomaram a obra do escritor baiano com objetivos acadêmicos, posteriormente publicaram livros. Assis em 1995 e Machado em 2014.

No terceiro capítulo *Sistema Educacional, currículo e cânone*, abordaremos a interdependência entre: o escritor, a obra, o repertório, a instituição, o mercado e o consumidor. Refletindo acerca do modelo de escola que temos e da construção de uma ideologia nacionalista e, conseqüentemente, do nacionalismo literário, calcado em considerações acerca do cânone, principalmente o cânone estabelecido pelo sistema escolar.

Nesse movimento de revisitar a fortuna crítica do escritor é fundamental destacar o papel das instituições, ou seja, de perceber como

O estudo da trajetória intelectual de Jorge Amado funciona como um pretexto para pensar as relações entre um campo intelectual e diversos outros campos. Possibilita delinear as etapas de uma intermediação que ele realiza a partir de seus vínculos com instituições atreladas à Igreja, ao Estado ou a partidos políticos. A partir dela é que ganha sentido se falar da autonomia dos produtores intelectuais face a estas instituições ou da ressonância de seus princípios em suas formulações. Embora não se perca de vista que existem situações em que não há qualquer possibilidade de discernir o que pertence simplesmente a um, daquilo que o outro insere na formulação como sendo seu (ALMEIDA, 1979, p. 20).

Ainda, do campo das relações do escritor com os demais agentes do campo intelectual pouco se fala ou, ainda, pouco se considera o papel da escola como responsável ou como entidade importante da promoção da literatura; da contribuição na seleção de escritores e obras, estabelecendo um cânone escolar pelos excertos contemplados nos livros didáticos. No quarto capítulo *Lembranças de escola: o caso de Jorge Amado*, analisaremos a presença do escritor nos compêndios escolares do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e como indicação de leitura obrigatória nos Vestibulares.

Ao entrar em contato com o Acervo, ainda na primeira etapa da pesquisa, buscava a todo o momento, em minhas memórias de aluna da escola secundarista na década de 1990, estabelecer referências à vida literária do escritor. Depois como aluna universitária e, posteriormente, como professora tentava estabelecer a presença da obra amadiana nesses espaços. Com esse propósito, me lancei na pesquisa dos compêndios escolares. Em uma hipótese inicial, imaginei que tal busca seria fácil, principalmente, porque as manchetes de que me recordava tratavam o escritor como: *Jorge Amado - O Maior Escritor Brasileiro de Todos os*

*Tempos*<sup>20</sup>, ou ainda *Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais lidos no país e no exterior*<sup>21</sup>. Assim, iniciei minha busca na *Antologia Nacional* de Carlos de Laet e Fausto Barreto, compêndio utilizado nas principais escolas secundaristas do país de 1889 a 1965. Ao longo de meses, as buscas se intensificaram e o *corpus* foi ganhando mais e mais exemplares adquiridos em sebos (físicos e virtuais), outro compêndio adquirido foi o de Estevão Cruz, a *Antologia da Língua Portuguesa*, material utilizado para as cinco séries do curso de português em algumas escolas na década de 1940.

Mesmo com o *corpus* definido, a busca por materiais continuou, pois a pesquisa, tal qual um fio de um novelo de linha, vai se desenrolando e estabelecendo uma rede de conexões que fui buscando seguir. As minhas inquietações em perceber a presença do escritor Jorge Amado na escola afloraram com a leitura do livro *A literatura em perigo*<sup>22</sup> de Tzvetan Todorov. Assim, saber se Jorge Amado era um dos principais nomes que representam a geração de 1930 ou como seus romances eram classificados deixou de ser apenas um questionamento primeiro, não seria mais importante que nossos estudantes lessem Jorge Amado e que pudessem ter autonomia enquanto leitores para fazer as próprias análises? E a questão que surgira de um modo muito sutil após uma primeira análise das antologias e sem grandes pretensões ganhou outros contornos após a leitura do livro *Do ideal e da glória – problemas inculturais brasileiros* de Osman Lins, publicado na década de 1970, mais precisamente em 1977. Continuamos lendo Jorge Amado nas escolas após a década de 1930-1940? O leremos nas escolas do Ensino Fundamental II e Médio? Quem (in)valida sua (não)presença nos

---

<sup>20</sup> PRAVDA. *Jorge Amado - O Maior Escritor Brasileiro de Todos os Tempos*. Disponível em: [http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/22-08-2016/41593-jorge\\_amado-0/](http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/22-08-2016/41593-jorge_amado-0/). Acesso em 10 set. 2014.

<sup>21</sup> O GLOBO. *Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais lidos no país e no exterior*. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/jorge-amado-um-dos-escritores-brasileiros-mais-lidos-no-pais-no-exterior-9566464>. Acesso em 10 set. 2014.

<sup>22</sup> No livro *A Literatura em perigo*, o escritor búlgaro (nasceu em 1939) Tzvetan Todorov reflete sobre o papel do ensino da literatura e aponta algumas possibilidades. Inicialmente, desvincular o ensino da literatura do formalismo russo. Promover a análise do texto literário através de conexões do mundo real com a vida contemporânea. A leitura e a discussão das obras devem preceder sua classificação e periodização. O ensino de literatura deveria ser um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim sobre sua vida íntima e pública.

compêndios escolares? Estas foram perguntas que, no início da pesquisa, se restringiram à década de 1930-1940 para corroborar com a documentação do acervo da Mala. Com a impossibilidade de obter imediatas respostas com o *corpus* até então selecionado, a busca por compêndios escolares continuou<sup>23</sup>. Foram doações, visitas à bibliotecas escolares, a sebos e, por fim, à biblioteca do Livro Didático, na Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo, que encerrou a busca por compêndios escolares para análise.

Assim, mostrar esse Jorge – produtor literário – que, simultaneamente, percorre muitos espaços: “O produtor literário é

---

<sup>23</sup> Abro aqui uma lacuna para explicar porque a busca por compêndios escolares continuou. No projeto inicial a ideia era corroborar a documentação editorial do acervo com a presença do escritor baiano nas escolas. Até esse momento isso estava bem claro e definido. Tanto que desta etapa resultou um artigo que foi apresentado na Universidade de Minho, na cidade de Braga, em Portugal, no mês de janeiro de 2016, no *V SIELP – Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa*. O artigo sob o título: *Das rememorações às invisibilidades e apagamentos*, com o seguinte resumo:

*Perceber a Literatura atrelada ao sistema de ensino em seus vários níveis nem sempre foi a (pre)ocupação primeira dos teóricos da literatura e dos programas de pós-graduação. No entanto, há uma relação intrínseca entre história da literatura e currículos escolares. Percebendo a historicidade de um país, percebemos igualmente que a busca por uma identidade nacional, a relevância pela “grande” literatura - o cânon - e o currículo escolar são forças que atravessaram os currículos de Letras e consequentemente responsáveis por invisibilidades e apagamentos. Minha pesquisa, nessa fase, quer pensar a ausência de um discurso crítico na prática docente provocado por recortes temáticos e historiográficos que apagam mo(vi)mentos literários. Uma das maiores ausências que se dá, provocada pelos próprios currículos de Letras, é toda a referência ao que se convencionou chamar de literatura regional, ou seja, monemas do regionalismo: autores e obras, o que permitiria uma leitura do Brasil dos anos 30-40. Até quando, por exemplo, lemos Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, José Lins do Rego nas universidades e na escola?*

Após a apresentação do artigo, com a presença de um público - considerável - e que ficou atônito ante as conclusões, mesmo que preliminares e que não apresentavam tais escritores – tão renomados – nas escolas na década de 1930 e 1940. E, após muitas perguntas, uma delas me fez refletir: “E hoje? Se estuda Jorge Amado?”. Pensei e pensei. Respondi sobre o que conhecia, como aluna e como professora: “pouco lemos Jorge Amado nas escolas brasileiras, tampouco o fazemos na universidade”. E, a partir desse questionamento, achei que era uma obrigação obter a resposta.

considerado como autor e ator, ou seja, como produtor de bens simbólicos e como elemento atuante em instituições diversas” (ALMEIDA, 1979, p. 19). Instituições, principalmente aquelas concorrentes pela legitimidade cultural, ou seja, aquelas “que interferem na avaliação da produção intelectual e na elaboração de regras que a orientam” (ALMEIDA, 1979, p. 19). Dentre as instituições, acrescentaríamos aquelas que, pelo aparato do Estado, se manifestam no âmbito da produção do conhecimento: a escola.

A escola tem a responsabilidade de institucionalizar a educação literária e promover a circulação da literatura em outras instituições, como: bibliotecas, livrarias etc. Por isso, no quinto capítulo *Educação literária enquanto metáfora social*<sup>24</sup>, refletiremos sobre a importância de uma educação literária que surge como uma possibilidade incentivar o indivíduo a aprimorar na construção de sua subjetividade, promovendo a consciência dos “valores ideológicos que permeiam o gosto, a escolha e o poder literários” (LEAHY-DIOS, 2000, p. 274).

Ao cotejarmos a relação dos compêndios escolares com a obra literária teremos como resposta que se destinam a públicos diferentes, no entanto, há um ponto no qual a obra literária pode entrar. E, objetivando incentivar nos alunos o hábito de ler, muitos professores os aproximam dos escritores. Como Todorov destaca

Durante o primário e o ginásio, continuei a venerar a leitura. Entrar no universo dos escritores, clássicos ou contemporâneos, búlgaros ou estrangeiros, cujos textos passei a ler em versão integral, causava-me sempre um frêmito de prazer [...] (2014, p. 15-16).

Ou seja, a importância da educação literária para essa faixa de ensino é fundamental para a propagação da literatura e, até mesmo, sua sobrevivência. Por isso, no terceiro capítulo considerações sobre o sistema educacional são necessárias para refletir sobre o currículo e de como o cânone se estabelece e se (re)configura na historiografia literária. Refletir, portanto, como se organiza o sistema escolar em cujo modelo de ensino tinha, historicamente, como objetivo que os alunos alcançassem o domínio dos instrumentos clássicos de expressão: gramática, retórica e poética. À medida que a política interna propagava

---

<sup>24</sup> O título do capítulo foi inspirado no livro de Cyana Leahy-Dios, publicado em 2000, pela EdUFF.

através do movimento republicano, impregnado pelo ideal nacionalista, também o ensino o repercutia, dando maior visibilidade para escritores brasileiros, principalmente, àqueles que apresentavam características marcadamente nacionalistas. É preciso, portanto, questionar esses modelos estáveis e estabelecidos no campo literário nacional com formas literárias que são aceitas e legitimadas e que recebemos como herança. Para Even-Zohar o repertório literário é definido por agregar as leis e os elementos que regem a produção dos textos. O local e o tempo do repertório são a fonte de luta do sistema literário, de modo que o valor de qualquer repertório literário está determinado pelas relações que existem no (poli)sistema. Obviamente, um repertório canonizado é apoiado por elites conservadoras e, conseqüentemente, com pautas culturais limitadas e regidas por elas (2017, p. 17). Contudo, essa “herança” não deve propiciar a exclusão ou a diminuição do espaço da literatura no sistema de ensino, mas ser uma possibilidade ainda de maior fruição para os estudantes, já que as tensões entre culturas canonizadas e não-canonizadas são universais. E é no espaço do ensino que a literatura deve reagir e agarrar-se.

## 1 HISTÓRIA EDITORIAL DO ACERVO D'A MALA DE JORGE AMADO: (RE) CONSTRUINDO O ITINERÁRIO

“Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos das nossas existências”.  
Phillipe Artières<sup>25</sup>

### 1.1. (RE) CONSTRUINDO O ITINERÁRIO DA MALA DE JORGE AMADO

A história de como a Mala de Jorge Amado veio para o Núcleo de Literatura e Memória (NuLIME) é um tanto inusitada. A narrativa teve início em uma casa, bairro de classe média – Santos Lugares – situado a 20 quilômetros de Buenos Aires, em 1941 e, quase setenta anos depois, veio parar, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (Santa Catarina). O ponto inicial da trama é explicitado por Jorge Amado: “Así lo era en mil novecientos cuarenta y uno, cuando vívi allí em la chacra de un italiano. Allí escribí *O cavaleiro da Esperança*”<sup>26</sup>.

O que chamamos de “A mala de Jorge Amado: 1941 - 1942”, na verdade, é o título de um projeto coordenado pela professora Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos que contempla mais de 1400 páginas de documentos<sup>27</sup> referentes ao escritor.

Começaremos a narrativa pelo final...

---

<sup>25</sup> FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2010.

<sup>26</sup> Em 1941, Jorge Amado morou na casa de um italiano ligado ao partido comunista. Na mesma casa, anos mais tarde, em 1945, o também escritor argentino e integrante do Partido Comunista, Ernesto Sábato (1911-2011) mudou-se para a mesma casa na “Chacra Santos Lugares”.

BIBLIOTECA DIGITAL AECID (BIDA). *Catálogo Digital: Jorge Amado*. Espanha. Disponível em:

[http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo\\_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1](http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1). Acesso em: 22 jan. 2016.

<sup>27</sup> Fonte: RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *A mala de Jorge Amado: 1941-1942*. Disponível em:

[http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A\\_Mala\\_de\\_Jorge\\_Amado\\_1941\\_1942\\_Tania\\_Regina\\_Oliveira\\_Ramos.pdf](http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A_Mala_de_Jorge_Amado_1941_1942_Tania_Regina_Oliveira_Ramos.pdf). Acesso em: 15 jun. 2013.

Era 2011. Férias na Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Tânia estava em sua sala. Ao final de um extenso corredor, somente uma porta aberta. Era a da sala 202. A porta aberta espantava a solidão de um ambiente, tão movimentado, em outros períodos do semestre e, por ora, quase deserto. De repente, surge à porta uma professora e diz: “Tânia, acho que vou te dar a mala de Jorge Amado. Já a ofereci para outros dois professores, e nenhum quis”.

Era a professora Leonor Scliar Cabral. “Imaginei que ela estivesse fazendo uma brincadeira comigo. Seria um mal entendido?” pensou Tânia e lançou uma pergunta:

“Como isso foi parar em suas mãos?”

Antes, porém, da resposta de Leonor é preciso explicar o itinerário da Mala<sup>28</sup>.

Professora Leonor era filha de Rosa. Rosa, como era conhecida, era casada com Isaac Scliar e morava em Porto Alegre. Tinha duas filhas Esther e Leonor. Rosa era judia de origem polonesa, seu codinome – Rosa - era uma homenagem à comunista alemã Rosa de Luxemburgo<sup>29</sup>. Defensora ferrenha do comunismo, em 1929, fora deportada juntamente com sua família para o Uruguai. Ficaram por lá dois longos anos. Em seguida, se mudaram para a fronteira gaúcha: em Livramento (Rio Grande do Sul).

Rosa<sup>30</sup>, no entanto, continuou sua militância em Rivera (Uruguai). Abandonou a família (Esther com cinco anos e Leonor com

---

<sup>28</sup> O vocábulo Mala será grafado em maiúscula para designar o projeto *A mala de Jorge Amado*.

<sup>29</sup> Rosa de Luxemburgo, nasceu em 5 de março de 1871 e foi fuzilada em 15 de janeiro 1919, por militares de direita na cidade de Berlim. Era uma filósofa e economista.

<sup>30</sup> Na entrevista *Uma trajetória em busca do saber, uma referência na história das idéias lingüísticas no RS*, Leonor narra a trajetória da família:

Meu pai "Foi uma pessoa que sofreu muito porque a minha mãe deixou a família quando eu tinha dois anos e meio. Meu pai gostava muitíssimo dela e tentou duas vezes trazê-la de volta à família, mas ela se recusou, então, em 1938, ele casou de novo. Dos dois anos e meio até os nove anos, eu fui criada na família de tios, o tio Jaime e a tia Rosa. Quando o meu pai se casou novamente (casou-se, não, porque naquela época não existia o divórcio, mas enfim constituiu uma nova família), nós nos mudamos de Passo Fundo para Porto Alegre em 1939. Nesta ocasião, minha irmã Esther e eu fomos estudar no Colégio Americano. Meu pai, volto a dizer, sempre se preocupou muito com a educação e procurou nos dar a melhor possível na época. Sobre a minha mãe, o que eu tenho a dizer é o seguinte: a minha mãe era inteligentíssima, mas era

dois anos<sup>31</sup>) para seguir com o militante português Bernardino do Valle<sup>32</sup>. Em 1942, quando ainda encontrava-se no Uruguai recebeu a visita do camarada Jorge Amado (ambos se conheciam por intermédio da Família Scliar<sup>33</sup>, Jorge Amado era amigo de Carlos Scliar<sup>34</sup>) que

---

uma pessoa emocionalmente muito perturbada porque ela também veio de uma família desestruturada: o pai dela tinha abandonado a família e, adolescentes, ela e a irmã fugiram para Berlim, passaram os horrores da guerra lá e depois vieram para o Brasil. Minha mãe casou-se para fugir da fome, não foi um casamento por amor. Nascemos, minha irmã e eu, desse casamento que não foi um casamento por amor, por parte dela, porque o meu pai tinha adoração pela minha mãe. Ela era uma pessoa que colocava a política acima da família. Eu diria que ela não tinha instinto maternal. Numa das ocasiões ela foi presa a frente do portão do Mercado Municipal de Porto Alegre, quando estava distribuindo panfletos e eu e a minha irmã tínhamos ficado presas em casa, sozinhas. Nós fomos salvas de morrer confinadas porque a vizinhança arrombou a porta aos nossos gritos, só para contar um episódio, e depois, como já foi mencionado, ela deixou a família. Mas antes de isso acontecer, ela foi deportada porque era polonesa, então nós fomos morar em Rivera, fronteira com Livramento. Minha irmã Esther já frequentava a escola em Livramento, era só cruzar a rua. Nesta ocasião é que minha mãe, militante do Partido Comunista uruguaio, conheceu uma pessoa que se chamava Bernardino do Valle, se apaixonou por essa pessoa, foi embora e nos deixou. Então eu tenho que falar sobre a minha madrastra, D. Cecília, porque dos nove aos dezenove anos, que foi quando eu casei, eu morei com a minha madrastra e com meu pai. A minha madrastra era uma pessoa que também lia muito, era uma pessoa muito dedicada aos afazeres da casa e deste segundo casamento nasceu mais uma irmã, a Lúbia, hoje conhecida como Lúbia Zilberknop”.

Scherer, Amanda Eloina. *Uma trajetória em busca do saber, uma referência na história das idéias lingüísticas no RS*. Revista Fragmentum (Universidade Federal de Santa Maria), nº 6, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/361>. Acesso em: 01 jul. 2017.

<sup>31</sup> As filhas, Leonor (nasceu em 20 de maio de 1929, no Hospital Alemão) e Esther, moravam na Rua Henrique Dias, em frente à sinagoga (hoje a casa foi demolida), no Bairro Bom Fim, bairro que congregava a comunidade judaica em Porto Alegre. Esther seguiu os passos da mãe e tornou-se militante ativa, filiada à Juventude Comunista do PCB. Foi também uma grande pianista e compositora. Leonor, além de poeta, também foi professora de Letras, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>32</sup> Suspeita-se que era, na verdade, espanhol. Informação não confirmada.

<sup>33</sup> Na reportagem publicada pelo jornal *A Notícia* em 17 de maio de: “Confira o depoimento de Moacyr Scliar sobre a escritora Zélia Gattai”. A reportagem fora publicada no dia posterior ao que a escritora Zélia Gattai encontrava-se hospitalizada na Unidade de Terapia Intensiva da Bahia. Na reportagem,

estava ansioso para voltar ao seu país. Deixou, com ela, a mala com documentos, acredita-se que poderiam comprometê-lo ou a seus companheiros – documentos políticos partidários<sup>35</sup>, os demais os trouxe consigo.

Anos depois, Rosa, ao encontrar a filha Leonor, contou-lhe sobre sua atividade comunista e entregou-lhe a mala “esquecida” por Jorge Amado, deixando-a aos seus cuidados. Professora Leonor guardou o material até seus 82 anos e, de acordo com professora Tânia de Oliveira Ramos,

Para ela não importava o Jorge Amado. Os documentos são a memória afetiva da mãe. Tanto que ela me pediu: ‘Se algum trabalho acadêmico

Moacyr Scliar relata as relações de amizade existente entre a família Scliar e a família Amado.

Jorge Amado e Zélia Gattai eram amigos fraternos e de lutas políticas de Carlos Scliar (artista plástico e primo de Moacyr Scliar).

Carlos Scliar era irmão de Isaac e também de Rosa Scliar Kruter.

Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2008/05/confira-o-depoimento-de-moacyr-scliar-sobre-a-escritora-zelia-gattai-1866249.html?impressao=sim?impressao=sim>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>34</sup> No livro *Um chapéu para viagem*, de Zélia Gattai na passagem *A surpresa*, a escritora destaca o encontro dela e Jorge com Carlos Scliar: “A surpresa era Scliar, nosso amigo Carlito Scliar, que eu não via desde que ele partira para a guerra, onde servira como pracinha, na Itália. De volta, Scliar ficara em Porto Alegre; preparava-se agora para nova e longa temporada na Europa”. (GATTAI, 1982, p. 67)

<sup>35</sup> A hipótese de que ele teria selecionado documentos para trazer é comprovada, pois no acervo do NuLIME há alguns documentos que são as primeiras versões de algumas publicações que o escritor faria nos anos seguintes. Como exemplo o *Rimance das três camponesas*, um poema em prosa que aparecerá, em 1943, no livro *Terras do sem fim*. O poema é transformado em prosa, mas seu conteúdo permanece inalterado, aparece no capítulo que leva por título “Gestão de Cidades”. Trabalho apresentado no *VII Seminário Internacional Mulher e Literatura*, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 14 de setembro de 2015.

Fonte: HART, Rosane. *Um diálogo (im)possível: Jorge Amado, Noêmia Mourão e as três mulheres*.

Disponível em:

<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Mulher-e-Literatura-Caderno-de-Programacao.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.

for publicado, gostaria que fosse dedicado à minha mãe’.

O desejo foi cumprido O desejo foi cumprido pelas dissertações de mestrado de Roberta de Fátima Martins<sup>36</sup> e Thalita da Silva Coelho<sup>37, 38</sup>.

De posse do material, passado o espanto inicial, como relata a professora Tânia de Oliveira Ramos no ensaio já mencionado *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*<sup>39</sup>, o primeiro contato de acadêmicos com o acervo foi na disciplina História Literária/História da Literatura ministrada em 2013/2<sup>40</sup>.

---

<sup>36</sup> Martins, Roberta de Fátima. *Enlaces: Memória e Subjetividade no acervo de Jorge Amado*. / Roberta de Fátima Martins; orientadora, Tânia Regina de Oliveira Ramos – Florianópolis, 2015, 251p.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135143/334291.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 jan. 2017.

<sup>37</sup> Coelho, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)*. / Thalita da Silva Coelho. – Florianópolis (SC), 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLIT/UFSC, área de concentração Literatura, linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

<sup>38</sup> Na reportagem: *Romance inédito de Jorge Amado ‘foi abandonado por desilusão com o comunismo*, produzida por Aline Torres para o jornal online BBC Brasil, em 14 de junho de 2016, há também o relato da narrativa do acervo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36522312>. Acesso em: 19 jun. 2016.

<sup>39</sup> RAMOS, Tânia Regina. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/12793/8545>. Acesso em: 12 dez. 2015.

<sup>40</sup> Com o acervo disponibilizado para pesquisa pelos acadêmicos da disciplina, os documentos ganharam mais visibilidade. Além dos artigos e pesquisa publicados pela professora Tânia e as pesquisadoras/bolsistas do NuLIME, surgiram também artigos, como:

a) Ensaio *Imagens melancólicas do datiloscrito esquecido: um inédito de Jorge Amado*, artigo escrito por Cristiano Mello de Oliveira e Joe José Dias, publicado na Revista ÁGORA, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 24, n. 49, p. 143-164, 2014. 144.

O escritor havia publicado até o ano de 1942 os seguintes livros<sup>41</sup>: *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *A estrada do mar* (1938), *ABC de Castro Alves* (1941) e estava terminando a escritura de *O cavaleiro da esperança* publicado em 1942<sup>42</sup>.

## 1.2 O ACERVO - A MALA DE JORGE AMADO, 1941-1942

A catalogação do acervo feita pela pesquisadora Thalita da Silva Coelho<sup>43</sup> serviu de base para este itinerário, composto por:

---

b) Ensaio *Revelando os negativos d'A mala de Jorge Amado: 1941-1942*. (no prelo), escrito por Rosane Hart.

c) Reportagem em um caderno especial no Jornal Diário Catarinense, sob o título *Agonia da Noite: Escritos de Jorge Amado entregues à UFSC contém 76 páginas de obra inédita que narra 12 horas da vida de seis personagens à espera da ordem para iniciar um levante comunista*, por Emerson Gasperin. Disponível em: [http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC\\_jorgeamado/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_jorgeamado/index.html). Acesso em: 7 jun. 2017.

d) Reportagem *A desilusão de Jorge Amado com o comunismo*, publicado no Jornal GGN por Luiz de Queiroz. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/noticia/a-desilusao-de-jorge-amado-com-o-comunismo>. Acesso em: 19 dez. 2017.

<sup>41</sup> Não estão incluídos neste lista as produções coletivas que foram *Lenita*, publicado em 1929 e escrito conjuntamente por Jorge Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro, publicado em folhetim em O Jornal, na Bahia. Há ainda *Brandão entre o mar e o amor* publicado por Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz, em 1941 e editado pela Editora Martins.

<sup>42</sup> Jorge Amado terminou de escrever o livro *Cavaleiro da Esperança* em 3 de janeiro de 1942.

BIBLIOTECA DIGITAL AECID (BIDA). *Catálogo Digital: Jorge Amado*. Espanha. Disponível em:

[http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo\\_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1](http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1). Acesso em: 22 jan. 2016.

<sup>43</sup> Coelho, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)*. / Thalita da Silva Coelho. – Florianópolis (SC), 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLIT/UFSC, área de concentração Literatura, linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História. Orientadora: Professora. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

09A Provas de Composição

09B Catálogos, anúncios e *press-releases*;

09C Cartazes, prospectos e folhetos informativos

09D Contratos

Perceber a pessoa Jorge Amado a partir da documentação do acervo me leva a crer que a literatura, mesmo com o envolvimento dele com a política, era, sem sombra de dúvida, a vida do escritor, quiçá sua preocupação primeira. Portanto, o recorte histórico para as informações acerca da vida editorial do escritor será, prioritariamente, para o biênio de 1941 e 1942, pois na ausência de uma biografia oficial<sup>44</sup>, teremos como base as informações disponibilizadas na página da Fundação Jorge Amado. A apresentação do escritor é feita em poucas linhas.

Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Militante comunista foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944, separou-se de Matilde Garcia Rosa<sup>45</sup>.

No livro *Navegação de Cabotagem Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, publicado pela Editora Record em 1992, o escritor apresenta, tal qual um conta-gotas, informações sobre sua vida. Resta-nos o trabalho de ir compondo uma história com esses fragmentos, ora acrescentando mais um quadrado de tecido, ora descosturando e trocando-o de lugar. É um ir e vir na narrativa de Jorge

---

A primeira catalogação do acervo feita também por Thalita em 2013, como trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, sob o título: *Jorge Amado e os anos de 1941-1942: documentos para uma história ainda não contada*. A catalogação do acervo seguiu os critérios adotados pela professora Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória Bordini no seu Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Veríssimo, 1995.

<sup>44</sup> A pesquisadora Marina Siqueira Drey em seu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Língua Portuguesa (2015): *Jorge Amado e a renúncia biográfica: 1941- 1942*. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129740>. Acesso em: 19 dez. 2016.

<sup>45</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Biografia de Jorge Amado*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=75](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75). Acesso em: 7 dez. 2016.

Amado, cotejando as informações oficiais<sup>46</sup> com notícias, bilhetes, entrevistas, reportagens, artigos, ensaios e documentos. Tento, assim, reconstruir um itinerário necessário.

### 1.3 ABRINDO A MALA

Para percorrer este itinerário os documentos serão (re)organizados em ordem cronológica, buscando estabelecer uma linha de tempo - editorial - do escritor Jorge Amado. Além da documentação presente no acervo, a pesquisa também busca corroborar as informações do acervo com a vida literária do escritor.

O ano de 1933 foi marcado pela publicação do livro *Cacau*<sup>47</sup>, pela Editora Ariel Ltd., do Rio de Janeiro<sup>48</sup> e também pela assinatura de um contrato de publicação do livro *A descoberta do mundo*, escrito em parceria de Mathilde Garcia Rosa e Jorge Amado.

---

<sup>46</sup> Considerarei como “oficiais” as informações disponíveis nas publicações da Fundação Casa de Jorge Amado e nos escritos e entrevistas do próprio escritor.

<sup>47</sup> Capa da primeira edição do livro *Cacau*.

Fonte: WIKIPEDIA. *Cacau*. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?curid=4217750>. Acesso em: 7 out. 2016.

<sup>48</sup> Em 20 de junho de 1933, aparece uma pequena nota no Jornal *A Nação* (Rio de Janeiro), edição número 135, anunciando que o livro *Cacau* será lançado em breve. Disponível:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120200&pesq=jorge%20amado&pasta=ano%2019>. Acesso em: 05 fev. 2017.

No dia 28 de julho de 1933, novamente o nome de Jorge Aparece no Jornal *A Nação* (Edição nº 168). Desta vez com o anúncio do lançamento do livro *Cacau*. Na nota, sem assinatura, destacam-se as qualidades do escritor e faz-se um breve resumo da obra.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120200&pesq=jorge%20amado&pasta=ano%20193>. Acesso em: 05 fev. 2017.

**Figura 1 - Capa dos livros *Cacau* e *Descoberta do Mundo***



Fonte da imagem: Fundação Jorge Amado

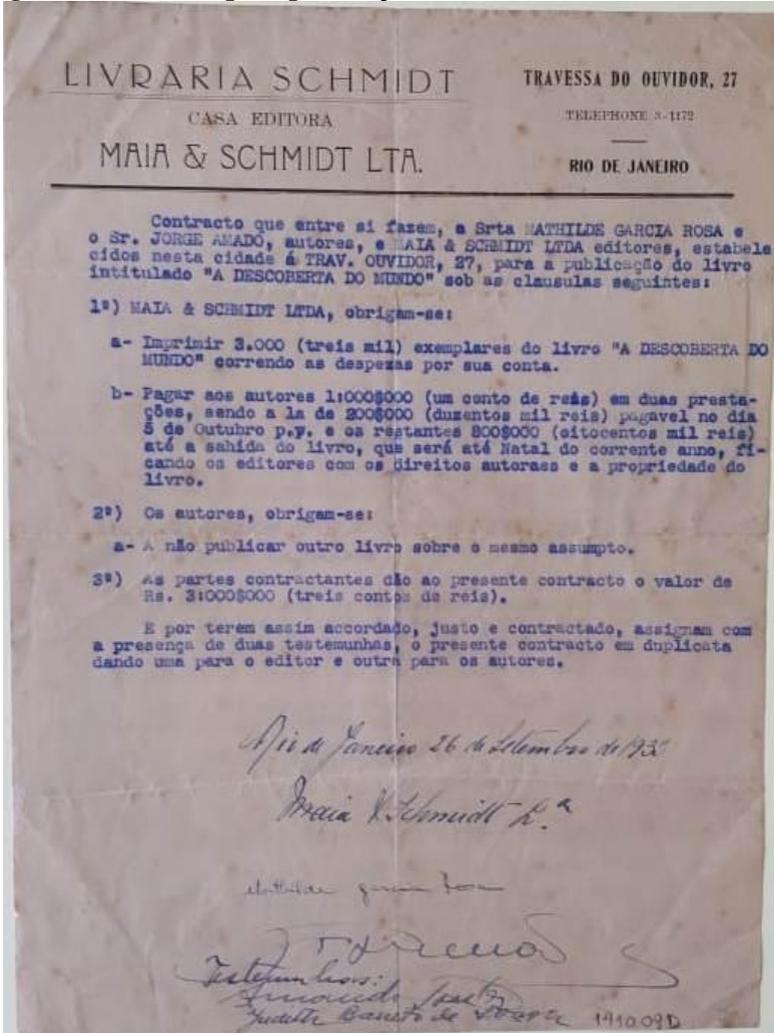
No acervo, o **Documento 1410 09D** apresenta a assinatura do contrato entre Mathilde Garcia Rosa e Jorge Amado, autores, e Maia & Schmidt LTDA, editores, para a publicação do livro “A descoberta do mundo”<sup>49</sup>. Com uma tiragem de três mil exemplares, em 26 de setembro de 1933”.

No contrato, estava previsto o lançamento de três mil exemplares. Para a época, seria realmente um sucesso de vendas, principalmente, por ambos serem escritores pouco conhecidos e também tratar-se de uma obra dedicada ao público infantil – uma novidade na época quando a maioria dos títulos para crianças circulavam em traduções e adaptações. No entanto, Monteiro Lobato publicara *Reinações de Narizinho*, em 1931 e *Caçadas de Pedrinho*, em 1933.

---

<sup>49</sup> Alfredo Wagner Berno de Almeida em seu livro, *Jorge Amado: política e literatura*, discute sobre qual seria o primeiro livro de Jorge Amado; descarta as publicações coletivas: *Lenita e Brandão entre o mar e o amor*, no entanto, sequer menciona a publicação de Amado com Mathilde.

Figura 2 - Contrato para publicação do livro *A descoberta do mundo*



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado - NuLime

O mistério que envolve o livro é grande. Em princípio, cheguei a levantar a hipótese de que o livro não fora publicado, que houvera somente a assinatura do contrato, pois, em pesquisas (virtuais) pelos sebos espalhados pelo país, não havia vestígio dele. Documentos presentes no acervo do escritor na Fundação Casa de Jorge Amado

puseram por terra tal hipótese. Primeiro, sabe-se que o livro fora publicado, pois há um exemplar na Fundação Casa de Jorge Amado<sup>50</sup>. No entanto, levanto a hipótese da feitura de somente um exemplar ou alguns poucos exemplares. Se considerarmos, que de três mil exemplares, apenas um restou, o que teria acontecido com os demais livros? Quais as explicações possíveis? Realmente houve a publicação?

Com relação às perguntas anteriores, o certo é de que não é possível precisar se os três mil exemplares previstos em contrato realmente foram produzidos e disponibilizados para venda. A certeza que temos é de que o livro fora oficialmente lançado<sup>51</sup>, pois há uma publicação em um periódico de janeiro de 1934, o *Boletim de Ariel*, que apresenta a crítica que Valdemar Cavalcante<sup>52</sup> tece sobre o livro *Descoberta do mundo*:

A impressão que nos deixa o livro para crianças de Jorge Amado e Mathilde Garcia Rosa é a de uma história admiravelmente tecida que se realizou mediocrementemente; um excelente plano de obra, no gênero, um material de primeira que serviu mal à construção. A *Descoberta do mundo*, como concepção, creio que agradará em absoluto

---

<sup>50</sup> O exemplar não está disponível à pesquisa, pois, como é um documento antigo e frágil, a digitalização poderia danificá-lo. Fonte da imagem: Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://acervo.jorgeamado.org.br/item/310070943361>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>51</sup> No blog *Releituras*, de Arnaldo Nogueira Junior, há referência à publicação do livro, como podemos comprovar pelo fragmento: “Casa-se em dezembro, em Estância, Sergipe, com Matilde Garcia Rosa. Juntos, eles lançam, pela Schmidt, o livro infantil a *Descoberta do mundo*”. Disponível em: [http://www.releituras.com/jorgeamado\\_bio.asp](http://www.releituras.com/jorgeamado_bio.asp). Acesso em: 10 jan. 2016. Há ainda no site da Universidade Federal de Santa Catarina menção à publicação do livro, citando a bibliografia de Coutinho. Fonte: COUTINHO, Afrânio, SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 v.

Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=143101>. Acesso em: 15 jan. 2016.

<sup>52</sup> Valdemar Cavalcanti foi um dos primeiros críticos literários e também pioneiro como colunista diário de um jornal.

Fonte: GAZETA DE ALAGOAS. *O centenário de Valdemar Cavalcanti*. Disponível em:

<http://gazelaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=199898>. Acesso em: 17 mai. 2017.

aos leitores de menoridade, mas uns tantos requintes de composição tiraram o seu melhor sabor e o seu principal encanto.

Essa aventura absurda do menino traquinas em companhia de um gato e de um galo, tem, no fundo, maravilhosas manobras de invenção arbitrária. Nela sentimos um corpo elástico de criação se movimentando por baixo de umas espécies de andaimes.

O que esses heróis, irmãos mais inteligentes do pessoal do “O Tico-Tico”, fazem para descobrir um mundo, é de um lirismo dos de maiores liberdades; de um lirismo de impulsos súbitos e envolventes. O que eles pensam, é tudo com uma falta de lógica que dá gosto provar, por ser mesmo a única lógica acessível às crianças, e a única também capaz de encontrar-se muita vez em harmonia com certos estados delicados de sensibilidade, numas crises que nos identificam com atmosferas de puro lirismo como um estado de repouso.

O capítulo sexto da *Descoberta do mundo* expõe alguma cousa de extraordinariamente ingênuo, e assim de bem criado como literatura infantil. Conta-nos que os heróis vão ao cinema assistir Tom-Mix e, como gostam de suas proezas e suas habilidades, falam para o velho “cowboy”, fazem amizade e tornam-se íntimos de momento. Tom Mix conta o enredo de seu filme e os três pequenos aventureiros, impressionando-se com o caso, resolvem auxiliar o novo amigo na procura de um mapa complicadíssimos de certas minas de ouro. Aí, Tenente, Zé Pinho (um descendente talvez do Gato de Botas) e o Esporão Grande (Marquez da Gargalhada Alta, vencedor do Perus e inimigo das espigas de milho) entram no filme e lá se vão para a China, montados a princípio no cavalo de Tom-Mix, que voa com as asas emprestadas do amigo Gallo, ou no dorso de uma baleia camarada. É esta página de uma ampla e possante engrenagem de invenção, atingindo a um nível ideal de sonho, de delírio, que o mais saudável país para a criança viver; há uma fusão de absurdos, de absolutamente impossíveis, que

nos transmite um sabor quase infantil de composição.

É esta das melhores páginas que tenho lido em volumes para crianças no Brasil, não exceptuando mesmo a òs de Monteiro Lobato.

Entretanto, e infelizmente, muito da pureza na concepção desse conjunto de inverossímeis está de traços às vezes reformados, endurecidos demais por uns excessos de cuidados de factura. Ora o uso de uns pretéritos mais que perfeitos que tornam certas frases para uma afetação desagradável. Ora uns períodos com esquinas a dobrar, uns “quês” feitos obstáculos a vencer num fôlego. Ora um palavreado sem força de impressionar a retentiva infantil.

A simplicidade tão essencial ao livro para crianças se deforma em certas ocasiões em puro bizantinismo de simplicidade. Em pose de naturalidade. E essas cousas de plasticidade de expressão, de espontaneidade, de clareza chegando ao fluido, parecem-me importantes em literatura “própria para menores”<sup>53</sup>.

Nas páginas do *Descoberta do mundo* onde aqueles defeitos se salientam, perde a aventura deliciosa de Tenente, Zé Pinho e Esporão Grande muito de sua capacidade de emocionar os leitores miúdos. Perde o seu melhor sabor.

O crítico descreve a obra inicialmente como “mediocre” para em seguida destacar que a preocupação estética comprometera a percepção da obra pelos seus “leitores miúdos”. Qual fora a reação de Mathilde e Jorge ante a esta crítica? Isso não os teria preocupado a ponto de retirar a obra de circulação? Seria possível que 2999 leitores que compraram o livro a *Descoberta do mundo*, na época, o tenham guardado a sete chaves? Como poderiam desaparecer tantos exemplares? Estamos falando de Jorge Amado. Pesquisei em diversas casas de leilões que vendem livros raros e há livros de Jorge Amado à venda como, por exemplo, a primeira edição de *Cacau*, autografada pelo escritor. Pensando que o livro fora lançado em 1934, agora já teríamos herdeiros desses livros querendo doá-los ou vendê-los, não é estranho que

---

<sup>53</sup> Fonte: CAVALCANTI, Valdemar. *Descoberta do mundo*. Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, ano III, n.4, p. 90, jan. 1934.

ninguém quisesse ou queira se desfazer? As únicas explicações plausíveis são: primeiro, de que o contrato não teria sido executado na íntegra, portanto, os três mil exemplares não foram publicados, e segundo, os livros foram publicados e, posteriormente, retirados de circulação.

Nas duas hipóteses levantadas cabe uma pergunta: qual o motivo de 2999 livros terem desaparecido e/ou não terem sido (re)publicados?

Na verdade, 2998 livros, pois rastreei mais um exemplar. Em 4 de março de 1934, o jornal *Diário de Notícias*, terceira edição, publica na seção infantil o resultado do torneio de decifração: “Maria Lopes Mattos e Thomas Lemos em 1º e 2º lugares respectivamente”<sup>54</sup> e segue anunciando a premiação “Os prêmios foram os seguintes livros para as crianças: *Descoberta do Mundo*, de Mathilde Garcia Rosa e Jorge Amado, e *No país dos Quadratinos*, de Carlos Lebeis”. Portanto, mais um exemplar localizado.

---

<sup>54</sup> JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Primeira edição, ano V, Seção infantil, Carta Enigmática. Rio de Janeiro, 4 de março de 1934, p. 23. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718\\_1934\\_02218.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718_1934_02218.pdf). Acesso: em 9 jul. 2017.

Figura 3 – Carta enigmática n. 9 e n. 20 Jornal *Diário de Notícias*

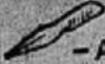
TERCEIRA SECÇÃO — PAGINA VINTE E TRES

**N T I L**

**CARTA ENIGMATICA**

**TORNEIO N. 9**  
O RESULTADO DO TORNEIO N. 7.

 - DRO + SI  - L 

 - A + SA Q f - NA  - L + N Q

T  R CRE  - P + B C  O 

IS  . E A   O E E - TO  É

G  - M + R POR Q E A FOR  - L L O 

Enviaram soluções certas para o torneio n. 7, os concorrentes: Octavio Montali, Araraquara; Ernestina Porcel Garcia; José Luis Cordelro Tupinambá, Conquista; Salvador Garbone, Araraquara; Manoel Morgado; Antonio de Arruda, Wanda I. Resende, Paraguaçu; Recedelino Pereira Lomba; Thomas Lemos, Juiz de Fora; Maria Lopes de Mattos.

Feito o sorteio, no dia 2 de março foram contemplados os números 31 e 22 correspondentes aos concorrentes Maria Lopes Mattos e Thomas Lemos em 1º e 2º lugares respectivamente.

Os prêmios foram os seguintes livros para crianças: "Descoberta do Mundo", de Mathilde Garcia Rosa e Jorge Amado e "No País dos Quadrados", de Carlos Leibel.

**AS DECIPTAÇÕES DO TORNEIO N. 8**

Continuamos a receber, até o dia 9 do corrente as decifrações da carta do sorteio n. 8 a qual é facilima.

Até agora recebemos soluções de: Wanda I. Resende, Paraguaçu; Hamon Soares; Maria Ismeria Mattos; Ernestina Porcel Garcia; Gumerctundo Ve iloco; Luciano Silva; Altair Rosa; Carolina Mendes; Zilda Passos; José Pedrosa; Altamirando Fonseca; Lima Duarte; Raul Magalhães; Chrysotomo de Assumpção e Ruth Pereira.

Para o torneio n. 9, de que publicamos hoje a carta enigmática respectiva, recebemos as decifrações até ao dia 16 do corrente.

# Carta Enigmática

## TORNEIO N. 20

Foram vencedores do Torneio 17 os concorrentes (Luci) de Azevedo (Campanas) e Maria Esther Lorenia (Victoria), classificadas respectivamente, em 1º e 2º lugares, no sortelo.

Os premios distribuidos foram os seguintes: para o 1º lugar "A descoberta do Mundo", de Jorge Amado e Mathilde Garcia Rosa e para o 2º lugar "O Sacy", de Monteiro Lobato.

### A DECIFRACAO DA CARTA ENIGMATICA

E' a seguinte a decifracão da "Carta Enigmática", do Torneio n. 17:

(Oliaria), Mary Serra (Guararã), Arnaldo José de Souza (Engenho Novo), Shirley Garbero Barbosa (Bello Horizonte), Luiz Alfredo Borges de Freitas (Sao José dos Campos); Carlos Cleozer Ferreira Lopes (Guanhães), Ely Barbosa (Soledade), Ojella Silveira (Oliveira), Helio Athos de Meirelles, Sylvia Simões, Lucio Pignus (Pirassolita), Alonzo de Almeida, Hamor Soares, Carmen Rocha (Magé), Cyaira dos Anjos (Ubatuba), Pedro Cintra (Juiz de Fora), Americo dos Reis (Barra Mansa), Ariston Silva (Barra Mansa), Esther de Lemos (Cruzeiro), Lucio Ramos (Taubaté), Alba Verissimo, Semi-

(Oliaria), Mary Serra (Guararã), Arnaldo José de Souza (Engenho Novo), Shirley Garbero Barbosa (Bello Horizonte), Luiz Alfredo Borges de Freitas (Sao José dos Campos); Carlos Cleozer Ferreira Lopes (Guanhães), Ely Barbosa (Soledade), Ojella Silveira (Oliveira), Helio Athos de Meirelles, Sylvia Simões, Lucio Pignus (Pirassolita), Alonzo de Almeida, Hamor Soares, Carmen Rocha (Magé), Cyaira dos Anjos (Ubatuba), Pedro Cintra (Juiz de Fora), Americo dos Reis (Barra Mansa), Ariston Silva (Barra Mansa), Esther de Lemos (Cruzeiro), Lucio Ramos (Taubaté), Alba Verissimo, Semi-

Fonte: Biblioteca Nacional

A notícia sobre o terceiro exemplar apareceu posteriormente. Em 20 de maio de 1934, o jornal *Diário de Notícias*<sup>55</sup>, no Rio de Janeiro, publicou o resultado de um torneio promovido pelo periódico. O torneio de número 20 tinha como objetivo decifrar uma carta enigmática. Transcrevo fragmento da informação: “Os prêmios distribuídos são os seguintes para o 1º lugar *A descoberta do Mundo*, de Jorge Amado e Mathilde Garcia Rosa e para o 2º lugar *O Sacy*, de Monteiro Lobato”.

<sup>55</sup> JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Terceira seção, Seção infantil, Carta Enigmática. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1934. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718\\_1934\\_02284.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/093718/per093718_1934_02284.pdf). Acesso em: 10 jul. 2017.

Portanto, restariam ainda por localizar o paradeiro de 2997 exemplares. Onde estariam? Sigo com o itinerário...

Em 1935, o escritor viaja para a Argentina pela primeira vez<sup>56</sup> para cobrir, como jornalista, a viagem de Vargas<sup>57</sup>. Posteriormente, fará outras visitas ao país.

Antes de continuarmos, é necessário fazer uma parada para elucidar por onde trilhamos a busca por informações sobre o escritor e sua obra, já que muitas indagações permanecem. Uma delas se refere à intensa movimentação literária do escritor de acordo com a documentação presente no acervo do NuLIME, outro ponto a considerar é a presença de Jorge Amado em meios culturais, acadêmicos e até mesmo político, conseqüentemente a tradução e publicação de seus livros para o inglês, espanhol etc. As estreitas relações com editores americanos, também constantes nos documentos do acervo constituirão um capítulo importante para que a obra do escritor baiano conquiste não só o mercado editorial estadunidense que se efetivará em meados da década de 1940. Na reconstrução dessa lacuna biográfica, faço uma ressalva, muito importante para nós, enquanto leitores e pesquisadores, dos acervos digitais, como a Hemeroteca Nacional. Os rastros biográficos são materializados por acervos dispostos em um mundo virtual. E tais acervos tornam-se uma ferramenta imprescindível na pesquisa para reconstruir um itinerário vivido de um tempo passado. E, no caso dessa pesquisa, perceber através da circulação literária por jornais a historiografia do escritor e, posteriormente, sua recepção nas escolas brasileiras.

Criar ou recriar o itinerário do escritor baseando-se nas “provas” que temos e dependendo de informações que colhemos, torna a viagem passível de falhas. Principalmente porque as informações acerca do deslocamento são fragmentadas, são recortes, frases e datas que podem ser facilmente manipuladas e/ou equivocadas, pois dependem da memória. (Re)construir um itinerário é estabelecer possibilidades e

---

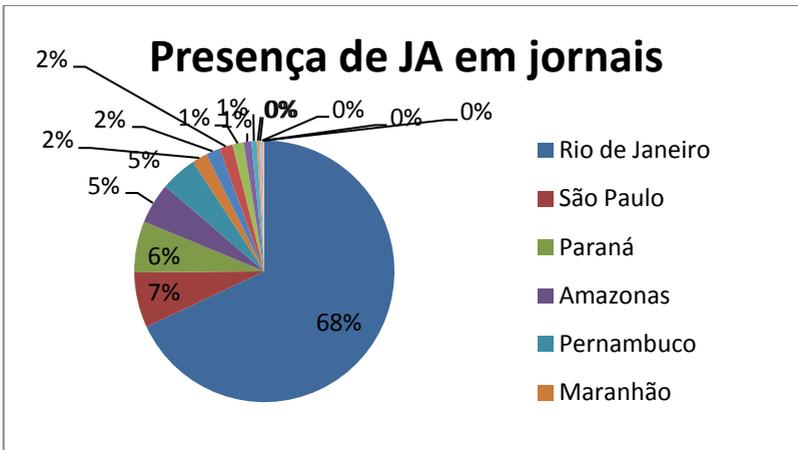
<sup>56</sup> CUADERNOS HISPANOAMERICANOS. *Dossier Jorge Amado*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/cuadernos-hispanoamericanos--229/>. Acesso em: 8 dez. 2016.

<sup>57</sup> Segundo informações disponíveis no site do Itamaraty em “1935 – O presidente do Brasil, Getúlio Vargas, viaja ao Prata e realiza visita oficial à Argentina. Brasil e Argentina fazem mediação da solução da Guerra do Chaco. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4785-republica-argentina>. Acesso em: jan. 2018.

percursos imaginários, preenchendo lacunas e construindo pontes para que tenham uma narrativa<sup>58</sup>.

Uma das narrativas possíveis faz referência às menções do escritor baiano em periódicos, principalmente pela sua profícua atividade intelectual em jornais. Para isso, percorremos um longo caminho em busca de informações e documentação para embasar nossas afirmações. Foi no acervo da Hemeroteca Nacional<sup>59</sup>, parte integrante do acervo digitalizado da Biblioteca Nacional<sup>60</sup> que logramos êxito na pesquisa. De acordo com dados apurados, os documentos disponíveis para pesquisa abarcam os anais com as primeiras publicações, em 1876 até o ano de 2009. Veja a presença do escritor:

**Figura 4 – Gráfica da presença de Jorge Amado em jornais**



Fonte: da pesquisadora

<sup>58</sup> A pesquisadora do NuLIME, Marina Siqueira Drey reconstrói o itinerário do escritor baiano a partir de correspondências presentes no acervo no terceiro capítulo *Documentos para uma biografia não contada* em sua dissertação de Mestrado: *Documentos para uma biografia não contada*.

<sup>59</sup> A Hemeroteca Nacional conta em seu acervo a possibilidade de acessar 271 bibliotecas e 4.193.830 páginas para pesquisa. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>. Acesso em: 18 jan. 2018.

<sup>60</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. Notificações de Jorge Amado em jornais. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5D339910.7739941.DocLstX&pesq=%22jorge%20amado%22>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Em nossa pesquisa fizemos um recorte temporal tendo como data inicial o ano de 1928, até a data de corte da Hemeroteca, o ano de 2009. O escritor Jorge Amado tem seu nome impresso em 123 jornais de todos os estados do país, totalizando 6.979 ocorrências.

Temos, portanto, a maior concentração ao nome de Jorge Amado, nos jornais do Rio de Janeiro com 4.749 menções, 68%; seguido por São Paulo com 478 menções, representando 7%; já o estado do Paraná com 443 menções, também 6%; com 5% aparecem o estado do Amazonas com 352 menções e de Pernambuco com 315. E com 2% temos: Maranhão com 131 menções, Pará com 123, Mato Grosso com 115. Com 1% aparecem Minas Gerais com 96 referências, Rio Grande do Sul com 68. Os demais estados não tem os dados no gráfico, pois apresentam número inferior a 50 menções do escritor em periódicos. Os estados são: Espírito Santo com 47 menções, Santa Catarina com 21, Bahia com 19 menções, Rio Grande do Norte com 15, Alagoas com 5 e Acre com 4 menções. É possível acessar todas as menções do escritor em cada periódico e de onde retiramos os dados para produzir o gráfico em pesquisa na Hemeroteca, como informamos anteriormente.

A presença do escritor fica evidente no estado do Rio de Janeiro. Uma importante revista chamada *O Cruzeiro*, publicada de 1928 a 1985 apresenta 485 menções ao escritor Jorge Amado. Uma das primeiras aparições foi em 26 de outubro de 1935, quando a revista *O Cruzeiro*, em nota anuncia o lançamento de *Jubiabá*<sup>61</sup>. Destacando alguns aspectos da narrativa que possam atrair os leitores:

Neste volume Jorge Amado se impõe em definitivo como um de nossos maiores construtores de ambientes e de vida. Toda a Baía negra, de macumbas, de festas religiosas, do Senhor do Bomfim, das feiras, dos saveiros, está neste livro onde é estudada a vida dos negros brasileiros com a força de expressão que possui o romancista de “Cacau”. Romance cheio de poesia. “Jubiabá”, narra a vida de um negro aventureiro e valente que se perde em aventuras sem fim, sendo tudo na vida. Temos neste negro um typo immortal da nossa literatura, um typo que viverá

---

<sup>61</sup> Novamente o escritor é mencionado na *Revista O Cruzeiro* na edição de 12 de janeiro de 1936, através de uma nota anunciando o lançamento do livro *Jubiabá*.

enquanto viver a literatura brasileira. É bem um símbolo da sua raça este negro forte e heroico, aventureiro e poeta, que faz samba e ama as estrelas. Ambientes de cães de porto, de feiras, de crioléis, de botequins, são admiravelmente levantados por Jorge Amado que, sem dúvida, atingiu o máximo da sua carreira de romancista. Este é o romancista cyclico da Bahia, da sua gente, da cidade. Edição da Livraria José Olympio Editora – 400 páginas – Notável capa de Santa Rosa (1935, p. 8).

O escritor tem uma vida movimentada, tem incorporada a vida baiana, a cidade, a geografia, a religiosidade, os costumes, as pessoas. Enfim, transita por mundos distintos, com públicos distintos.

A começar pelo seu repertório, abastecido por duas fontes. Primeiramente, a vivência cotidiana; já aos 14 anos, trabalhava como jornalista e morava sozinho em Salvador (...). Nessa época, participava intensamente da vida popular de Salvador, tendo estudado na “Universidade do Pelourinho”, como costumava declarar. Frequentava ‘casas de raparigas’, botecos, saía de saveiro com os pescadores e, antes dos 18 anos, já conhecera o pai-de-santo Procópio, que lhe deu seu primeiro título no candomblé, Ogã de Oxóssi. Por outro lado (...) tenha tido conhecimento de textos científicos da História do Brasil, literatura de cordel e problemas raciais (Goldstein, 2003, p. 56).

Como um sujeito híbrido, o escritor continuou ao longo de sua vida circulando em todos os espaços: do Pelourinho, em Salvador, ao Rio de Janeiro; do terreiro à academia; do botequim à revista literária; da rua aos palácios e do Brasil para o mundo. Além da movimentação física do escritor, as informações, acerca do nome do escritor, presentes nos periódicos brasileiros também são dados significativos, como vimos anteriormente.

Ainda em 1935, consta no acervo do NuLIME, o sob o registro o **Documento 142909**, datado de 28 de outubro de 1935, uma carta manuscrita de Marcus Goldraich para Jorge Amado. Escrita em

espanhol, comunicava a Jorge Amado sobre a tradução que fizera do livro Suor para o ídiche.

**Figura 5 – Carta de Marcus Goldraich a Jorge Amado**

Bello Horizonte 28-10-1935.

Señor  
Jorge Amado  
Estimado compañero

Con la presente me es grato comunicarle que ya acabe de traducir su famoso libro "Suor" para Yidish e que también escribi un prefacio que adjunto con la presente. Al mismo tiempo me es grato pedirle de su parte un prefacio para a misma traducción sobre los judios sin diñero de Brasil, que quis mandarlo publicar para o principio do mes de novembro.

También me tomo la libertad de pedirle que me mande los libros Cacau e Jubiabá para traducir, pero que no sea gratuito.

Saludación de su grande admirador  
Marcus Goldraich

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado - NuLime

Na transcrição, a seguir, Goldraich pede que Jorge Amado mande os livros *Cacau* e *Jubiabá* para que possa traduzi-los.

Bello Horizonte 28 – 10 – 1935

Señor

Jorge Amado

Estimado compañero

Com La presente me ES grato comunicale que já acabe de traduzir su famoso libro "Suor" para Idish e que también escribi un prefacio que adjunto com Le presento. Al mismo tiempo me es grato pedirle de su parte un prefacio para a misma traducion sobre lós judier sin diñero de Brasil, que quiero mandarlo publicar para o principio do mês de novembro.

*Tambiem me tomo La libertad de perderle que me  
mande lós libros Cacau e Jubiabá para traducir,  
penso que no será gratuito.  
Saudações de su grande admirador  
Marcus Goldraich*

Marcus Goldraich traduziu *Suor*<sup>62</sup> para o iídiche. Em uma primeira busca por informações sobre o tradutor, na internet, a surpresa se deu pela ausência de dados. Não há uma única menção e/ou referência sobre o tradutor, tampouco está relacionado à obra de Jorge Amado. No catálogo dos documentos<sup>63</sup> da Fundação Casa de Jorge Amado, não há informações sobre a tradução do livro *Suor*, bem como informações sobre a tradução da obra para o iídiche: “Foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, russo e tcheco”<sup>64</sup>. A única obra traduzida para o iídiche foi *Terras do sem fim*, em 1956, por P. Katz, como aponta Nádia Galdino Muller em sua dissertação de Mestrado sob o título de *Realismo, Tradução e alteridade: aspectos críticos da tradução de Graciliano Ramos e Jorge Amado*<sup>65</sup> (2013, p. 55).

---

<sup>62</sup> A primeira edição de *Suor* foi publicada pela Ariel Editora, com sede no Rio de Janeiro, em agosto de 1934, com 211 páginas e capa de Santa Rosa. De acordo com informações disponíveis na página da Fundação Casa de Jorge Amado “A criação do romance teve origem na vivência do próprio autor, que, em 1928, com dezesseis anos de idade, residiu num cômodo de um dos sobrados coloniais do Largo do Pelourinho, Salvador, Bahia”.

Fonte: FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Suor*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?ja\\_obras=suor](http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=suor). Acesso em: 9 dez. 2016.

<sup>63</sup> Fonte: FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Catálogo final*. Disponível em: [http://acervo.jorgeamado.org.br/assets/pdf/catalogo\\_Final.pdf](http://acervo.jorgeamado.org.br/assets/pdf/catalogo_Final.pdf). Acesso em: 9 dez. 2016.

<sup>64</sup> Fonte: FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Suor*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?ja\\_obras=suor](http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=suor). Acesso em: 9 dez. 2016.

<sup>65</sup> MULLER, Nádia Galdino. *Realismo, Tradução e alteridade: aspectos críticos da tradução de Graciliano Ramos e Jorge Amado*. 2013. 112f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários). Universidade de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013.

Fonte: Disponível em:

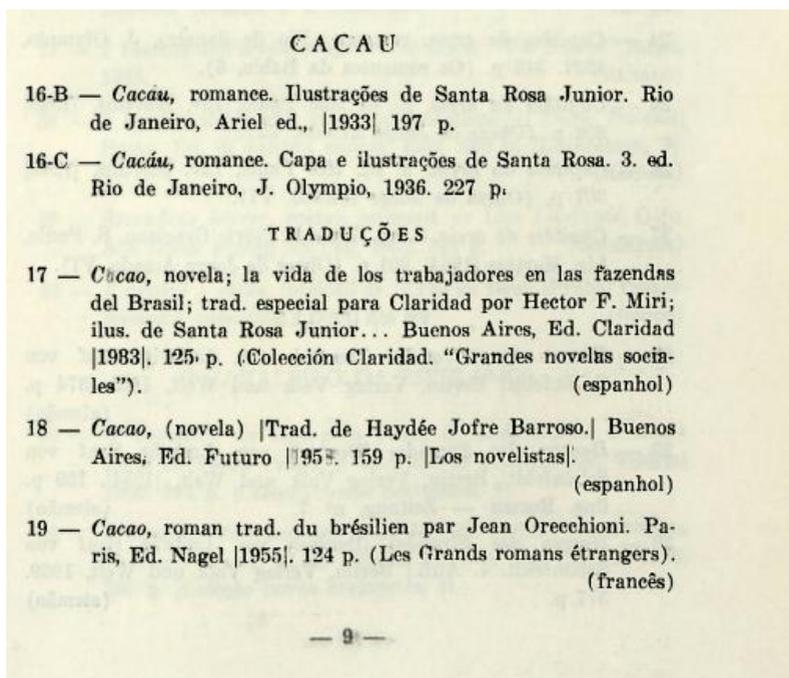
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/922/1/nataliagaldinomuller.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

Portanto, resta a dúvida se a tradução realmente aconteceu ou ainda se foi autorizada pelo escritor Jorge Amado.

Ainda, em 1935<sup>66</sup>, o livro *Cacau* foi publicado em Buenos Aires com selo da *Editora Claridad*, traduzido por Héctor F. Miri. A confirmação aparece em documento que faz parte da *Exposição Jorge Amado 30 anos de Literatura*<sup>67</sup>.

No documento, a parte dedicada às “Traduções” o item 17, refere-se à tradução para o Editorial Claridad da novela *Cacau*.

**Figura 6 - Cartaz “Jorge Amado 30 anos de Literatura**



Fonte da imagem: Biblioteca Nacional

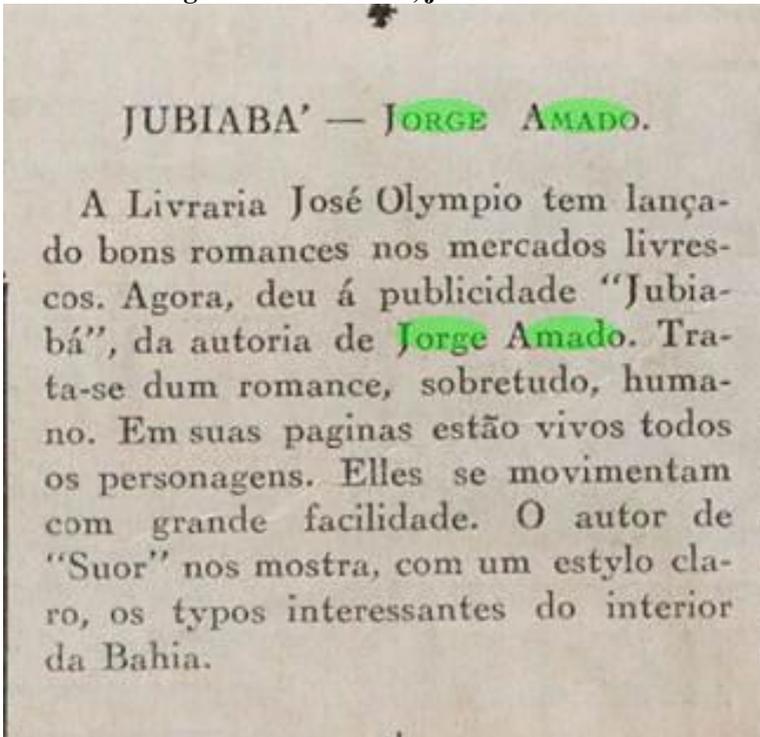
<sup>66</sup> PASERO, Carlos Alberto. *Jorge Amado en: “Buenos Aires, capital de Hispanoamérica”* (1935-1942). Disponível em: [http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/es/catalogo\\_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=4&registrardownload=1](http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/es/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=4&registrardownload=1). Acesso em: fev. 2017.

<sup>67</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. *Exposição Jorge Amado 30 anos de Literatura*. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1285801.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285801.pdf). Acesso em: 10 jun. 2017.

No acervo “A mala de Jorge Amado”, há o contrato para publicação de quatro mil exemplares. Porém, não há informações sobre a sua efetivação. Na descrição do documento, a expressão “parece ser uma segunda via do contrato” denota que a informação necessita de confirmação.

Em 26 de outubro de 1935, aparece no jornal *O Cruzeiro*, que circulava no Rio de Janeiro, uma nota anunciando o lançamento de *Jubiabá* (Ver figura 5). O mesmo acontece na edição de 12 de janeiro de 1936, uma nota anunciando o livro.

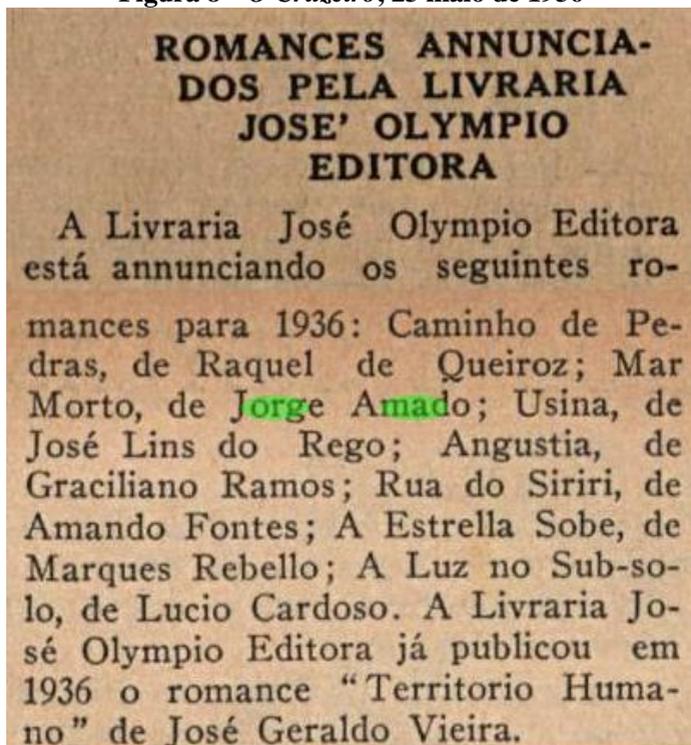
**Figura 7 - *O Cruzeiro*, janeiro de 1936**



Fonte: Biblioteca Nacional

No mês de maio, no dia 23, é veiculado o anúncio dos romances que serão lançados pela Livraria José Olympio Editora, dentre eles está *Mar Morto*.

**Figura 8 – O Cruzeiro, 23 maio de 1936**

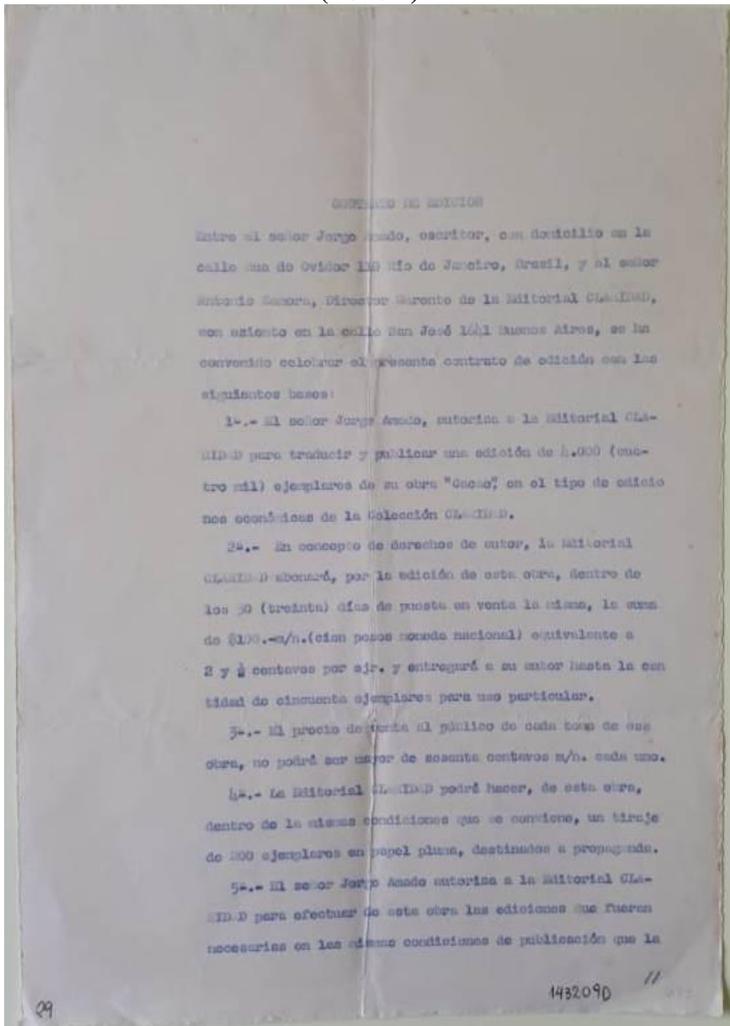


Fonte: Biblioteca Nacional

No acervo, com data de 02 de agosto de 1936, temos o contrato para a publicação do livro *Cacao*.

O **Documento 1432 09D**, a seguir, é uma segunda via de um contrato.

**Figura 9 – Segunda via do contrato entre JA e Antonio Zamorra  
(Fólio 1)**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado - NuLime

O **Documento 1432 09D** é uma segunda via do contrato de edição entre Jorge Amado e Antonio Zamora, do Editorial Claridad<sup>68</sup> para publicar quatro mil exemplares de “Cacao”. Datado de 02 de agosto de 1936.

Após muita pesquisa, tive a confirmação de que o documento é realmente a segunda via do contrato e que realmente houve o lançamento do livro. A comprovação se efetiva pela capa do livro<sup>69</sup>, já impresso.

Além da publicação do livro, há ainda outras confirmações, como é o caso da publicação do ensaio *Jorge Amado*, em maio de 2017, na página do escritor Pedro Sevylla de Juana<sup>70</sup> que destaca, além da folha de rosto do livro, a informação de que na primeira edição do livro *Cacau* (1933) foram impressos dois mil exemplares. O livro esgotou-se em um mês e a segunda tiragem foi lançada com três mil exemplares. Corroborando com tais informações, na página da Fundação Casa de Jorge Amado, acrescenta-se:

Primeiro romance do “ciclo do cacau”, foi concluído em junho de 1933 e teve sua 1ª edição pela Ariel Editora, Rio de Janeiro, em agosto de 1934, com capa e ilustrações de Santa Rosa, 197 páginas e tiragem de dois mil exemplares. A 2ª edição é de setembro do mesmo ano, com três mil exemplares. A partir de 1941, foi editado pela

---

<sup>68</sup> O fundador da *Cooperativa Editorial Claridad* foi o espanhol Antonio Zamora (1896-1976). Em 1921, em Buenos Aires, publicou um primeiro livro e em 30 de janeiro de 1922, a cooperativa estabeleceu-se como editora. Poucos anos depois, apareceu a Revista Claridad (dirigida por Antonio Zamora, com Leônidas Barletta e César Tiempo) que seria um marco na história da cultura nacional. Principalmente, por se transformar na tribuna do pensamento esquerdista, publica seu primeiro número em 23 de junho de 1926 e o último em dezembro de 1941. Em 1980, a Editora foi vendida aos proprietários de Heliasta S.R.L.

Fonte: EDITORIAL CLARIDAD. *Antonio Zamora*. Disponível em: [http://www.editorialclaridad.com.ar/default\\_nueva.asp](http://www.editorialclaridad.com.ar/default_nueva.asp). Acesso em dez. 2016.

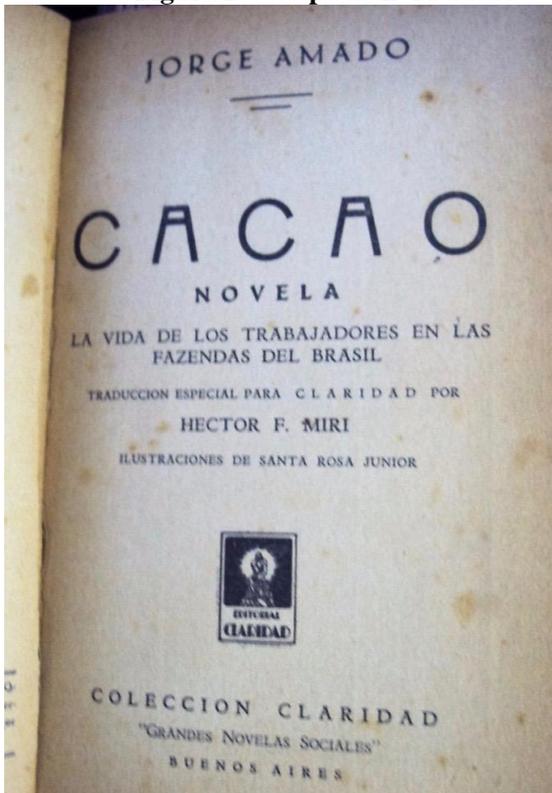
<sup>69</sup> GOOGLE PLAY - BOOKS. *Cacao: novela: la vida de los trabajadores in las fazendas del Brasil*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Cacao.html?id=u3BfAAAAMAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Cacao.html?id=u3BfAAAAMAAJ&redir_esc=y). Acesso em: 7 jun. 2017.

<sup>70</sup> SEVYLLA, Pedro. *Jorge Amado*. Disponível em: <http://pedrosevylla.com/jorge-amado/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Livraria Martins Editora, São Paulo, com ilustrações de Santa Rosa, integrando o primeiro tomo da coleção “Obras Ilustradas de Jorge Amado”, até a 30ª edição, em 1975.

[...] *Cacau* foi o primeiro livro de Jorge Amado traduzido para o espanhol, em julho de 1935, por Héctor F. Miri, escritor argentino. Teve também traduções em alemão, basco, coreano, dinamarquês, francês, grego, holandês, italiano, polonês e russo, além de ter sido publicado em edição portuguesa.<sup>71</sup>

**Figura 10 - Capa do livro *Cacau***



Fonte: Pedro Sevylla

<sup>71</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Cacau*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?ja\\_obras=cacau](http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=cacau). Acesso em: 9 fev. 2017.

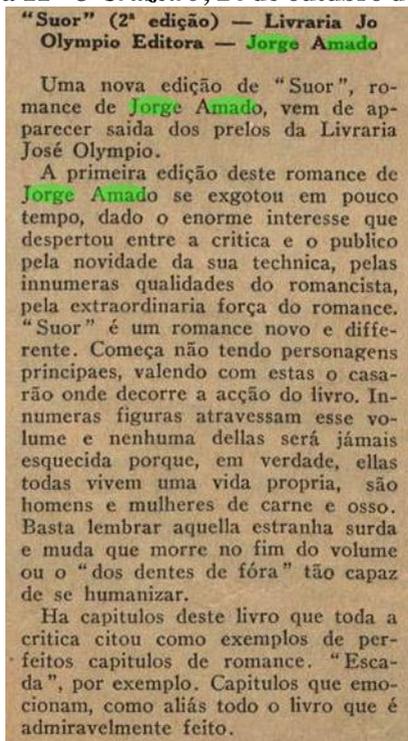
Portanto, comprova-se a veracidade do documento presente no acervo. Mas resta-me uma curiosidade: por que o contrato assinado em 02 de agosto de 1936 ainda estava em poder de Jorge Amado? Ele o teria assinado e enviado à editora e, somente na sua estada em Buenos Aires, em 1942, que recebera uma via (ou a sua via) do documento? Mistérios a desvendar.

Ainda sob o mesmo mistério do documento anterior, apresenta-se o **Documento 1419 09D**. O documento, como descrito a seguir, refere-se a um contrato de edição e publicação do livro *Mar Morto*, publicado no Brasil em 1936.

Já em 24 de outubro de 1936, novamente a revista *O Cruzeiro* publica uma nota na qual a livraria José Olympio informa que já está à disposição dos leitores a segunda edição do livro *Suor*.

Em 1937, com o sucesso do livro *Mar Morto* publicado no Brasil, Jorge Amado assina contrato para a publicação do livro na Argentina.

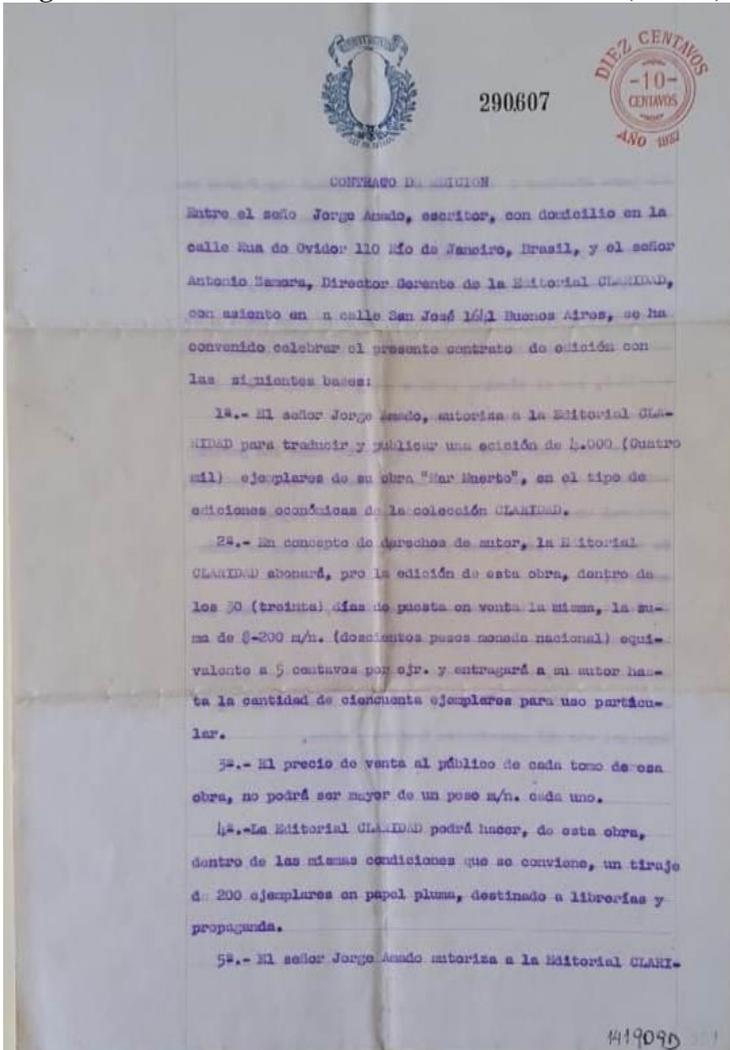
**Figura 11 - O Cruzeiro, 24 de outubro de 1936**



Fonte: Biblioteca Nacional

O Documento 1419 09D é um contrato de edição entre J.A. e Antonio Zamora (do Editorial Claridad, Buenos Aires) para a tradução e publicação de quatro mil exemplares de *Mar Morto* (Mar Muerto) nas versões econômicas produzidas pela editora. Em 02 de maio de 1937.

**Figura 12 – Contrato entre JA e Antonio Zamorra (Fólio 1)**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – NuLime

O referido contrato assinado em 1937, também entre as partes: Jorge Amado e Editorial Claridad (representado por Antonio Zamora) foi para a publicação e tradução de quatro mil exemplares do livro *Mar Morto*.

Novamente busquei as evidências que comprovassem tal publicação. Na página da Fundação Casa de Jorge Amado<sup>72</sup> há referência de que o livro fora traduzido para o espanhol, mas não apresenta mais informações. Em uma busca no Google Books<sup>73</sup> o livro *Mar Muerto* está disponível, com publicação pelo Editorial Claridad com data de 1940, ou seja, três anos após a assinatura do contrato. Da mesma forma na versão Argentina do Mercado Livre<sup>74</sup> também há um exemplar de *Mar Muerto*, publicado em 1940. Outro exemplar está à venda em um sebo<sup>75</sup> no Brasil, autografado por Jorge Amado e com dedicatória ao escritor Herberto Sales, autor do livro *O cascalho*.

Na Biblioteca Nacional do Equador<sup>76</sup> também há um exemplar de *Mar Muerto*. No site da Biblioteca Brasileira Mindlin<sup>77</sup>, na folha de rosto do livro *Capitães da Areia* (publicação de 1937) há a informação

---

<sup>72</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Mar Morto*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?ja\\_obras=mar%20morto](http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=mar%20morto). Acesso em: 9 fev. 2016.

<sup>73</sup> GOOGLE PLAY – BOOKS. *Mar Muerto - Jorge Amado*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Mar\\_muerto.html?id=orjuAAAAMA-AJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Mar_muerto.html?id=orjuAAAAMA-AJ&redir_esc=y). Acesso em: 12 fev. 2016.

<sup>74</sup> MERCADO LIBRE. *Mar Muerto – Jorge Amado*. Disponível em: [https://articulo.mercadolibre.com.ar/MLA-674072613-mar-muerto-jorge-amado-editorial-claridad-ano-1940-argentina-\\_JM#redirectedFromParent](https://articulo.mercadolibre.com.ar/MLA-674072613-mar-muerto-jorge-amado-editorial-claridad-ano-1940-argentina-_JM#redirectedFromParent). Acesso em: 15 fev. 2016.

<sup>75</sup> ESTANTE VIRTUAL – Sebo Buquineiro (São Paulo, SP). *Mar Muerto – Jorge Amado*. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/buquineiro/jorge-amado-mar-muerto-autografado-104491699>. Acesso em: 22 fev. 2016.

<sup>76</sup> BIBLIOTECA NACIONAL DO EQUADOR. *Mar Muerto – Jorge Amado*. Disponível em: [http://biblioteca.casadela cultura.gob.ec/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=52472&query\\_desc=au%3A%22Amado%2C%20Jorge%22](http://biblioteca.casadela cultura.gob.ec/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=52472&query_desc=au%3A%22Amado%2C%20Jorge%22). Acesso em 20 fev. 2016.

<sup>77</sup> BIBLIOTECA BRASILIANA MINDLIN. *Capitães da Areia (1937)*. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6845/1/45000008358\\_Output.o.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6845/1/45000008358_Output.o.pdf). Acesso em: 15 fev. 2016.

sobre a tradução para o espanhol do livro *Mar Morto* com publicação pelo Editorial Claridad data de 1937.

**Figura 13 – Folha de rosto do livro *Capitães da areia* (1937)**

**“OS ROMANCES DA BAHIA”**  
 1 — O PAIZ DO CARNAVAL  
 2 — CACAU  
 3 — SUOR  
 4 — JUBIABÁ  
 5 — MAR MORTO (Premio Graça Aranha)  
 6 — CAPITÃES DA AREIA  
       romances

**em preparo :**  
 ROTEIRO DAS 3 AMERICAS (impressões de viagem)  
 O PROFESSOR FLUVIO (romance)

**traduzidos :**  
 CACAO — tradução hespanhola de “Cacan” por Hector F. Miri — Colecion Grandes Novelas Sociales — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1936  
 CACAU — tradução russa de D. Vigodsky — Edições do Estado — Moseou, 1935.  
 SUDOR — tradução hespanhola de “Suor” por Hector F. Miri — Editorial Ereilla — Santiago do Chile, 1937  
 SLUMS — tradução inglesa de “Suor” por Ann Martin — New America — New York, 1937.  
 JUBIABÁ — tradução franceza dos profs. Michel Bervillez e Pierre Houcard — Edições N. R. F. — Paris, 1937  
 JUBIABÁ — tradução hespanhola de A. Navarro — Editorial Iman — Buenos Ayres, 1937  
 MAR MUERTO — tradução hespanhola de “Mar Morto” por Hector F. Miri — Colecion Novelistas Americanos de Hoy — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1937  
 CACAU — tradução franceza de Jean Bazin (em preparo)  
 JUBIABÁ — tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)  
 MAR MORTO — tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

Fonte: Biblioteca Brasileira Mindlin

Com essas informações é possível, portanto, afirmar que houve a efetivação do contrato. E novamente a dúvida: Por que o contrato estaria ainda em posse do escritor?

No Brasil, também no ano de 1937, Jorge Amado aparecia no jornal literário *Dom Casmurro*, publicado no Rio de Janeiro, de 1937 a 1946. Através de uma pequena nota no alto da página a José Olympio Editora anunciava a publicação do romance *Mar Morto*.

O jornal nos dá um aporte importante para a pesquisa, pois o período de sua circulação também é o período cronológico da maior parte dos documentos presentes na Mala. Além de que, pelo pouco tempo de circulação do jornal, o nome do escritor aparece em 233 chamadas. Uma das características do jornal era o destaque no alto da página, tanto à esquerda quanto à direita, uma nota sobre os principais

lançamentos ou ainda lançamentos futuros. Inclusive, em 23 de outubro de 1937, novamente, a obra do escritor baiano é apresentada. Desta vez, a Livraria José Olympio anunciava o lançamento de *Capitães da areia*.

No caso da revista *O Cruzeiro*, publicada no Rio de Janeiro de 1928 a 1985, Jorge Amado aparece em 481 ocorrências. Algumas delas têm apenas seu nome citado. Como, por exemplo, na discussão sobre o romance moderno e a geração de escritores que se torna assunto para uma entrevista na revista em 6 de novembro de 1937. O entrevistado foi o escritor José Lins do Rego que responde a pergunta: *Qual o sentido que caracteriza o romance moderno?*(1937, p. 18 e p. 28), o entrevistador ainda questiona sobre o debate que há em torno de como deve ser o romance moderno, pois para uns deve ser a arte pela arte sem engajamento social, já para outros o romance deve ter uma função social, deve estar mesmo a serviço de ideias e de partidos. José Lins do Rego destaca que não há espécies de romances, nem romance psicológico nem romance social, há o romance no qual a vida se exprime com mais vibração ou com mais serenidade. E exemplifica que foi assim com Dostoievski e com Tolstoi, duas forças extremamente diversas de exprimir a vida, mas dois cimos do romance. Destaca também que os primeiros romances saídos foram *A bagaceira* de José Américo de Almeida, *O estrangeiro* de Plínio Salgado e *Macunaíma* de Mário de Andrade. Em seguida acrescenta que após essa primeira arrancada o romance brasileiro entraria numa grande fase com Graciliano Ramos, Amando Fontes, Erico Veríssimo, Lucio Cardoso, Marques Rebello, João Alphonsus, Jorge Amado, Jorge de Lima.

Em 1939, há a menção do nome de Jorge Amado no jornal com a notícia de que ele estaria trazendo os originais de São Bernardo, o novo romance.

Romancista de destaque, pouco se fala em Amado contista, no entanto, na publicação de 23 de dezembro de 1939 de *O Cruzeiro*, o escritor publica o conto *Visita ao presépio da Quinquina*, com ilustrações de Mario Pacheco. O conto fala sobre a singeleza e a beleza do Natal em Estância.

Figura 14 - O Cruzeiro, dezembro de 1939



Fonte da imagem: Biblioteca Nacional

Na edição de *O Cruzeiro*, de número 14, publicada em 3 de fevereiro de 1940 novamente há a publicação de um conto do escritor baiano, sob o título de *História de carnaval*<sup>78</sup>, um conto que apresenta duas personagens: Maria dos Reis e Theodoro. Ambos vivem uma história romântica no carnaval e esperam a bênção da família para o casamento. A Fundação Casa de Jorge Amado<sup>79</sup> apresenta em seu acervo dois contos: *O milagre dos pássaros* (1997) e *Cinco Histórias* (2004).

<sup>78</sup> No artigo *Os contos de Jorge Amado: a regionalidade em "História de carnaval"*, a doutoranda Paula Sperb apresenta alguns dos contos do escritor e também faz uma análise aprofundada do conto *História do Carnaval*, de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/267.pdf>. Acesso em: dez. 2018.

<sup>79</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Catálogo de acervo de documentos*. Salvador, 2009, p. 228. Disponível em: [http://acervo.jorgeamado.org.br/assets/pdf/catalogo\\_Final.pdf](http://acervo.jorgeamado.org.br/assets/pdf/catalogo_Final.pdf). Acesso em: 12 dez. 2018.

Seguindo o itinerário da pesquisa, desta vez mudamos de país e rumamos aos Estados Unidos da América. Este é um ponto importante que nos permite perceber as importantes conexões que se apresentam no campo literário, mas sem perder o foco para a política cultural que se estabelece entre Brasil e EUA nos anos que se seguem. Os quatro documentos presentes no acervo.<sup>80</sup> são embrionários para pensarmos na forma que a literatura brasileira será apresentada aos leitores de língua inglesa, principalmente no mercado editorial norte-americano, essa é uma reflexão necessária para acompanharmos esse itinerário. Os documentos apresentam um artigo (sem data) sob o título *Three Modern Brazilian Novelists – A contemporary study of Brazilian literature* escrito por L.C. Kaplan, com uma nota de rodapé para posterior publicação<sup>81</sup> pela editora Macmillan Co.. No artigo, o autor destaca a grande atividade literária que a América Latina está vivendo, principalmente, na metade do século e, particularmente, no Brasil. Tal atividade é pouco conhecida pelos norte-americanos, pois a última publicação sobre Literatura brasileira, em inglês, fora em 1922, por Isaac Goldberg com o livro *Brazilian Literature*. Depois disso muita coisa mudara, inclusive com uma nova escola de romancistas<sup>82</sup> brasileiros. E este era o tema do referido artigo.

Kaplan destaca que a partir de 1830 a vida cultural brasileira já era completamente diferente de Portugal, afirmando a influência do modernismo francês na literatura da América Latina. No entanto, ressalta que posteriormente a vida literária brasileira fora tomando seu próprio rumo, distanciando-se do modelo francês. Cita como exemplo o Naturalismo que, no Brasil, adquirira características próprias. Já na literatura do século XX, destaca os escritores Erico Veríssimo (36 anos), Jorge Amado (29) e José Lins do Rego (40):

“Each one concerns himself with a different aspect and section of the nation. Verissimo is the critical of urban life; Amado pictures the slum areas, the industrial centres, the miserable exploitation of the cocoa workers; while José Lins do Rego writes of immense backward plantations

---

<sup>80</sup> Os documentos 35301W, 35401W, 35501W e 35601W

<sup>81</sup> “\* To be published soon by Macmillan Co., in co-operation with the Nelson Rockefeller Committee for the Improvement of Pan-American Relations, under the title CROSS-ROADS. Translation made by author or this article”.

<sup>82</sup> No texto original o termo utilizado é “a new school of Brazilian novelists”.

in the north of the country. Together they present a vivid cross-section of present day Brazil. One may say without exaggeration that the modern novel in that country is the work of these three men.”<sup>83</sup>

A segunda parte do documento é dedicada a Jorge Amado e, para Kaplan, Jorge Amado é claramente um escritor revolucionário, muito articulado e apontado como a voz de protesto que tem surgido na América Latina. Principalmente no que se refere à linguagem, como afirma o próprio escritor Jorge Amado em um ensaio publicado na *Revista Sur*<sup>84</sup>, edição de fevereiro de 1942: “Estamos haciendo de esa lengua de negros, mulatos, italianos, franceses, españoles, holandeses, indios y portugueses un instrumento literário de una nobleza y una belleza extraordinarias”<sup>85</sup>. O maior trabalho do escritor consiste em um ciclo de seis livros escritos entre 1931 e 1937 com o título genérico de “romances da Bahia”. Em seguida, Kaplan faz uma breve sinopse de cada romance. E por fim questiona, qual seria o estilo do escritor?

Now what of Amado’s style? It is simple, fluid, diagrammatic and economical. What he compresses in a few pages, a lesser man might well despair of packing into a volume twice its size [...] His prose is marked throughout by deep poetical feeling, and a fantastic folklore

---

<sup>83</sup> “Cada um se preocupa com um aspecto e uma seção diferentes da nação. Veríssimo é o crítico da vida urbana; Amado retrata as áreas das favelas, os centros industriais, a miserável exploração dos trabalhadores do cacau; enquanto José Lins do Rego escreve sobre imensas plantações no norte do país. Juntos, eles apresentam uma visão atual do Brasil. Pode-se dizer, sem exagero, que o romance moderno naquele país é o trabalho desses três homens”. (Tradução minha)

<sup>84</sup> OCAMPO, Victória (Org.). Jorge Amado: Liberación Lingüística de la Literatura Brasileña. *Revista Sur*, Buenos Aires, Argentina, v. , p.1-94, fev. 1942. Mensal. Disponível em: <http://trapalanda.bn.gov.ar/jspui/handle/123456789/11556>. Acesso em: 07 mai. 2017.

<sup>85</sup> AMADO, Jorge. *Liberación lingüística de la literatura brasileña*. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/27397/24628>. Acesso em: 15 jan. 2016.

reminiscent of Marc Connelly's GREEN PASTURES.<sup>86</sup>

Apesar de Kaplan deixar escapar sua preferência por Erico Veríssimo<sup>87</sup>, a explicação se deve à estreita relação de colaboração existente entre ambos, não somente no campo cultural. A presença de Veríssimo, anteriormente a de Jorge Amado, seguido depois por muitos outros intelectuais brasileiros e da América Latina teve também um interesse político. Para o professor Pedro Antonio Tota<sup>88</sup> em seu livro *O*

---

<sup>86</sup> “Agora, e quanto ao estilo de Amado? É simples, fluido, diagramático e econômico. O que ele condensa em algumas páginas, um escritor – menor – poderia debrucar-se sobre um volume duas vezes maior [...] Sua prosa é marcada por sensação poética profunda e um folclore fantástico que lembra os GREEN PASTURES de Marc Connelly”. (Tradução minha)

<sup>87</sup> Até o ano de 1940, o escritor Erico Veríssimo já havia publicado uma coletânea de contos, seis romances, mais de uma dezena de livros de Literatura Infantil e muitas traduções.

Conto: *Fantoches* (1932)

Romances: *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938) e *Saga* (1940).

Literatura Infantil:

*A vida de Joana d'Arc* (1935), *As aventuras do avião vermelho* (1936); *Os três porquinhos pobres* (1936); *Rosa Maria no castelo encantado* (1936); *Meu ABC* (1936), *As aventuras de Tibicuera* (1937); *O urso com música na barriga* (1938); *A vida do elefante Basílio* (1939); *Outra vez os três porquinhos* (1939); *Viagem à aurora do mundo* (1939); *Aventuras no mundo da higiene* (1939).

Traduções:

*O sineiro* (*The Ringer*), de Edgar Wallace (1931); *O círculo vermelho* (*The Crimson Circle*), de Edgar Wallace (1931); *A porta das sete chaves* (*The Door with Seven Locks*), de Edgar Wallace (1931); *Classe 1902* (*Jahrgang 1902*), de Ernst Glaeser (1933); *Contraponto* (*Point Counter Point*), de Aldous Huxley (1934); *E agora, seu moço?* (*Kleiner Mann - was nun?*), de Hans Fallada (1937); *Não estamos sós* (*We Are Not Alone*), de James Hilton (1940); *Adeus Mr. Chips* (*Goodbye Mr. Chips*), de James Hilton (1940) e *Ratos e homens* (*Of Mice and Men*), de John Steinbeck (1940).

Fonte: EBIOGRAFIA. *Erico Veríssimo*. Disponível em:

<[https://www.ebiografia.com/erico\\_verissimo/](https://www.ebiografia.com/erico_verissimo/)>. Acesso em: 19 mar. 2016.

<sup>88</sup> Antonio Pedro Tota é professor de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre e Doutor pela Universidade de São Paulo (USP), também fez pós-doutorado na Universidade de Colúmbia (EUA) e na PUC-SP. Escreveu e colaborou com diversas obras, como *The seduction of Brazil* (autor) e *História das Guerras* (coautor).

*Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra*, publicado no ano 2000, apresenta o receio dos Estados Unidos com a ameaça da conquista dos nazistas aos trópicos. Assim, tentou-se atrair a simpatia pelo estilo de vida norte-americano, estratégia mais segura e eficaz do que a ameaça aberta de intervenção bélica. Não exatamente com esse objetivo foi criado um acordo de colaboração internacional lançado no governo do Presidente Roosevelt, como mostra Richard Cândida Smith do Departamento de História, da Universidade da Califórnia (Berkeley) em seu artigo *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. O pesquisador apresenta informações sobre um plano de ação da nova divisão – *Division of Cultural Relations* (Divisão de Relações Culturais)<sup>89</sup> – para intercâmbio cultural com a América Latina. Apesar de os objetivos primários – os culturais – serem sobrepostos pelos interesses políticos, Richard Pattee<sup>90</sup>, chefe-adjunto da nova Divisão encarregada do intercâmbio pan-americano, afirmou que:

---

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>89</sup> No artigo *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*, Richard Cândida Smith destaca que havia uma forte crítica com relação aos reais objetivos dessa divisão. Segundo ele, apesar de as funções dessa Divisão ser voltadas para formar uma opinião pública em outros países e destinada a colaborar com os objetivos políticos dos Estados Unidos, os propósitos *primários* dos novos programas de intercâmbio cultural eram *internos*, voltados para mudar a opinião pública doméstica.

SMITH, Richard Cândida. *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, p. 147-173, June 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 Jul. 2017.

<sup>90</sup> Richard Pattee (1906- 19??) estudou na Universidade do Arizona e na Universidade Católica da América. Foi professor-assistente de História na Universidade de Porto Rico antes de 1938, quando se juntou à Divisão de Assuntos Culturais. Demitiu-se do Departamento de Estado em 1945 para se tornar professor de História na Universidade Católica da América. Escreveu: *Jean-Jacques Dessalines, fundador de Haiti*, Havana, Molina, 1936. *Gabriel García Moreno e a sua contribuição científica no Equador*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia, 1937.

*García Moreno y la política internacional ecuatoriana*, Quito, Romero, 1939.

*The Catholic Revival in Mexico*, New York, The Paulist Press, 1944.

*Introducción a la civilización hispanoamericana*, Boston, Heath, 1945.

*El catolicismo contemporáneo en Hispanoamérica*, Buenos Aires, Editorial Fides, 1951.

Os canais devem ser abertos não só para o livre fluxo de nossas ideias e produção cultural para outros países, mas também para o fluxo de produção cultural de outros países para os Estados Unidos. A cooperação intelectual seria um termo vazio e sem sentido se apenas uma política unilateral fosse executada. [...] a Divisão de Relações Culturais contribuirá em larga medida para divulgar o conhecimento de culturas estrangeiras entre nosso povo. (2013, p. 148) <sup>91</sup>

Para Patte o principal objetivo em trazer os intelectuais latino-americanos (escritores e jornalistas) para os Estados Unidos era o de os ajudarem a desenvolver amizades pessoais duradouras e ligações institucionais, apresentando-os ao mercado norte-americano de livros e revistas e também a Hollywood. Segundo ele, a intenção era de proporcionar aos leitores americanos uma comparação sobre como os escritores norte-americanos retrataram os países latinos e como os próprios escritores latinos se descreveriam, livrando-se assim de estereótipos que prevaleciam acerca da América Latina – como o uso de qualificadores “o espetacular e o grotesco” como forma de eufemismo.

Dessa forma, o programa buscou autores latino-americanos contemporâneos que pudessem despertar o interesse dos leitores norte-americanos. Em 1940, o escritor – um dos jovens autores mais populares no Brasil - Erico Veríssimo foi convidado pelo Departamento de Estado para uma visita aos Estados Unidos.

A visita efetivou-se em 1941, entre janeiro e abril. Na ocasião da visita, Veríssimo ministrou vinte e quatro palestras com temáticas relacionadas à cultura e à história. Mais tarde publica o livro *Gato Preto em Campo de Neve* no qual relata suas experiências; a venda de 15 mil

*Haití, pueblo afroantillano*, Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1956.

PATEE, Richard apud SMITH, Richard Cândida. *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, p. 147-173, June 2013 . Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 Jul. 2017.

<sup>91</sup> PATEE, Richard apud SMITH, Richard Cândida. *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, p. 147-173, June 2013 . Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 Jul. 2017.

exemplares em dois meses lhe garantiu o título de *best-seller*. Da mesma forma que era importante para Richard Patte, para Veríssimo também foi muito importante a “Política da Boa Vizinhança”, pois lhe deu a possibilidade de estabelecer contatos e realizar trocas pessoais.

Um dos contatos importantes foi conhecer os editores da *Macmillan*. Dessa maneira, Veríssimo pôde se inteirar da maneira que se fazia a escolha dos livros a serem editados. Contudo, isso não lhe garantiu fácil acesso ao mercado editorial norte-americano. Pelo contrário, pela falta de critérios bem definidos e baseados em uma crítica pouco consistente sobre a literatura brasileira, o escritor foi recusado por diversos editores. E, em 1943, o livro *Caminhos Cruzados* (*Crossroads*) foi publicado e bem recebido pelo público leitor norte-americano, alcançando um número considerável de exemplares vendidos e um sucesso de crítica. Daí em diante a *Macmillan* passou a publicar os livros do escritor, um a cada dois anos. Em 1966, uma corporação multinacional comprou a *Macmillan* e vários escritores foram descartados, inclusive Veríssimo<sup>92</sup>.

O movimento da Literatura Brasileira nos Estados Unidos foi um campo profícuo não somente para Erico Veríssimo, o “embaixador cultural nos Estados Unidos” que posteriormente publica sua experiência nos livros *Gato preto em campo de neve* (1941) e a *Volta do Gato preto* (1947)<sup>93</sup>. Além de Veríssimo, outros brasileiros foram levados aos Estados Unidos de 1941 a 1945. Destacam-se Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Orígenes Lessa e Vianna Moog. Da experiência – intercâmbio cultural - de Vianna Moog rendeu o livro

---

<sup>92</sup>A agente de Erico Veríssimo em Nova Iorque, Lucille Sullivan, da prestigiosa e tradicional *Maurice Crain Agency*, teve dificuldade em encontrar uma nova editora norte-americana para publicar seus livros. Entrou em contato com a Editora Knopf, editora de Jorge Amado. Mas Alfred Knopf tinha uma profunda mágoa pelo fato de Veríssimo ter sido bem sucedido na *Macmillan*. “De certa forma, ele ficara feliz porque o maior concorrente brasileiro de Jorge Amado no mercado editorial norte-americano tinha problemas”.

SMITH, Richard Cândida. *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, p. 147-173, Jun. 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 Jul. 2017.

<sup>93</sup> O livro *A volta do gato preto*, publicado em 1947 é um diário dos anos em que Veríssimo permaneceu com sua família nos Estados Unidos.

*Bandeirantes e pioneiros*<sup>94</sup>, publicado em 1954. Foram cerca de mil concessões por ano, entre 1940 e 1948. Dentre as concessões também Jorge Amado fora “agraciado”, hipótese que requer confirmação.

Cabe ressaltar que, em 1942, Blanche Knopf<sup>95</sup> (1894-1966), em visita à América do Sul, contactou autores e editoras, inclusive Jorge Amado. Ela justifica “fui aos principais países da América Latina para procurar livros que seriam do nosso interesse na América do Norte”<sup>96</sup>. Também estabeleceu a presença da firma na América. No acervo de Alfred Knopf, na Universidade do Texas, há referência às viagens ao Brasil:

Em 1961, Knopf fez sua primeira viagem ao Brasil, e foi nessa visita que as relações literárias de Knopf se transformaram em amizade. Ele ficou extremamente interessado na América Latina naquela época e visitou regularmente durante os anos 1960 e 1970. Pelo resto de sua vida, ele se correspondia regularmente com escritores como Jorge Amado e Gilberto Freyre, o editor Alfredo

---

<sup>94</sup> O livro, *Bandeirantes e pioneiros*, aborda dois projetos de ocupação europeia no Novo Mundo: no Brasil, os bandeirantes; nos EUA, os pioneiros. Disponível em:

<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1720&sid=12>. Acesso em: 7 jan. 2017.

<sup>95</sup> A relevância da presença de Blanche Wolf Knopf (nasceu no dia 30 de julho de 1894, na cidade de Nova York e morreu no dia 4 de junho de 1966) para que a literatura brasileira aportasse nos Estados Unidos da América é indiscutível. Como presidente da Alfred A. Knopf, uma das mais conceituadas editoras americanas, Blanche dedicou-se à cultura brasileira muito carinho. De forma que Blanche e seu marido Alfred traduziram para a língua inglesa “os escritores brasileiros que lhes pareciam mais significativos, mais expressivos, mais caracteristicamente brasileiros e, ao mesmo tempo, de espírito ou de sentido mais universal; e que ainda não tivessem sido traduzidos àquela língua, mais que nenhuma, das modernas, transnacional”.

Fonte: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=718&Itemid=452](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=718&Itemid=452). Acesso em: 19 jan. 2016.

<sup>96</sup> ANTONIO DIMAS. *Jorge Amado e seus editores: Alfred Kopf e Alfredo Machado*. REVISTA USP. São Paulo, 1995, p. 72-126 SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO 2012. Disponível em: [www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/52243/56280](http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/52243/56280). Acesso em: 12 set. 2017.

Machado e as tradutores Harriet de Onis e Barbara Shelby Merello. Blanche e Alfred Knopf atuaram como padrinhos da primeira neta de Freyre. Além disso, ele coletou materiais de recortes para relatórios publicados sobre a política da região. Após a morte de Blanche em 1966, Knopf se casou com a ex-autora do Knopf, Helen Hedrick, em 1967, no Rio de Janeiro. Ele se aposentou oficialmente em 1972, tornando-se presidente emérito da empresa, cargo que ocupou até sua morte. Ele permaneceu ativo após sua aposentadoria, viajando, correspondendo-se com políticos, acadêmicos e amigos literários e familiares, e escrevendo suas memórias inéditas. Knopf morreu em 11 de agosto de 1984.<sup>97</sup>

Três anos depois, a empresa publicou o primeiro de muitos textos da região. Blanche tinha uma lista de doze livros. Um dos primeiros a ser publicado foi o livro *The Violent Land* de Jorge Amado; seguida pela antologia *The Green Continent*, organizada por Germán Arciniegas e *Caribbean: Sea of the New World* (El Mar del Nuevo Mundo); *Bewitched Lands* (Tierras Hechizadas), do boliviano Adolfo Costa du

---

<sup>97</sup> No acervo da Universidade do Texas, há referência à viagem de Alfred Knopf para o Brasil:

*In 1961, Knopf made his first trip to Brazil, and it was on this visit that Knopf's literary relationships deepened to friendship. He became extremely interested in Latin America at that time, and visited regularly throughout the 1960s and 1970s. For the rest of his life, he corresponded regularly with writers such as Jorge Amado and Gilberto Freyre, the publisher Alfredo Machado, and translators Harriet de Onis and Barbara Shelby Merello. Blanche and Alfred Knopf acted as godparents to Freyre's first granddaughter. Additionally, he collected materials from clippings to published reports on the politics of the region.*

*After Blanche's death in 1966, Knopf married the former Knopf author Helen Hedrick in 1967 in Rio de Janeiro. He officially retired in 1972, becoming chairman emeritus of the firm, a position he held until his death. He remained active after his retirement, traveling, corresponding with politicians, academicians, and literary friends, and family, and writing his unpublished memoirs. Knopf died August 11, 1984.*

HARRY RANSOM CENTER. *Alfred A. Knopf and Inc.* Disponível em: <http://norman.hrc.utexas.edu/fasearch/findingAid.cfm?eadid=00301p1>. Acesso: 19 mar. 2017.

Rels; *Mexico South e Island of Bali*, do mexicano Miguel Covarrubias; *Brazil, an Interpretation e The Masters and the Slaves* (Casa Grande & Senzala), de Gilberto Freyre; *Green Mansion*, do anglo-argentino W. H. Hudson; *The Bay of Silence* (La Bahía de Silencio), do argentino Eduardo Mallea; *The Knights of the Cape* (Tradiciones Peruanas), do peruano Ricardo Palma; e *Anguish* (Angústia), de Graciliano Ramos<sup>98</sup>.

A relação de Jorge Amado com os Kopf vai muito além da questão editorial como apresenta o professor e crítico literário Antônio Dimas que faz uma extensa pesquisa no acervo, de Alfred e Blanche Kopf<sup>99</sup>, tal acervo disponibilizado no Harry Ransom Center da University do Texas, em Austin (EUA), apresenta 1536 caixas que contemplam os mais diversos temas. No artigo, o professor destaca a correspondência entre o escritor baiano e a editora norte-americano:

São cinco os brasileiros mais presentes nas caixas de Alfred Knopf, e quem mais as recheia é Jorge Amado, que preenche quase setenta delas. Tinha toda razão João Jorge, seu filho, quando afirmou há pouco – [...] que “Jorge Amado era um homem extremamente epistolar. Utilizava muito o correio. [...] Considerava uma falta de respeito deixar uma carta sem resposta” (Amado, 2012, p. 11). Parte da volumosa correspondência de seu pai, objeto dessa notícia, comprova isso (DIMAS, 2012, p. 113).

Mais adiante, apresenta uma lista com algumas especificidades do acervo que contemplam o escritor Jorge Amado:

Nessa messe grande são poucos ainda os operários para tratar de tamanha heterogeneidade temática

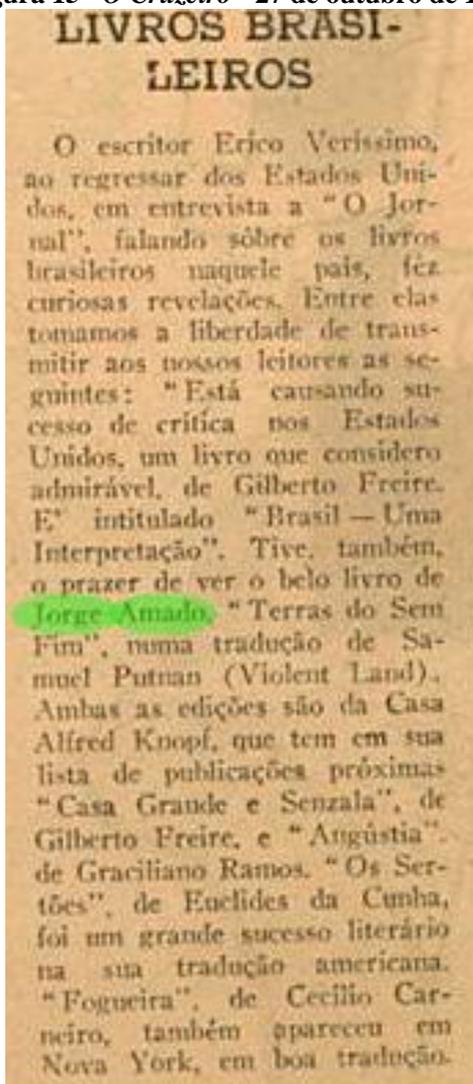
---

<sup>98</sup> ANTONIO DIMAS. Jorge Amado e seus editores: Alfred Kopf e Alfredo Machado. *REVISTA USP*. São Paulo, 1995, p. 72-126  
SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO 2012. Disponível em:  
[www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/52243/56280](http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/52243/56280). Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>99</sup> Os arquivos da editora criada por Alfred (1892-1984) e Blanche Knopf (1894-1966) e que iniciou as atividades em 1915 permanecendo ativa até 1960 foi doado para Harry Ransom Center da University of Texas at Austin. Disponível em: <http://www.hrc.utexas.edu/collections/books/holdings/knopf/>. Acesso em: 20 jan. 2016.

de que não custa oferecer lista modesta: questões e disputas editoriais (Box 527.8/529.7/536.8/541.4); direitos autorais para o cinema (Box 401.2/430.3/447.13/529.7/541.4/543.2), para o teatro (Box 529.7/536.8/539.1/546.2) e para a televisão (Box 541.4); questões técnicas e linguísticas (Box 339.5/526.1/533.13) ou financeiras de tradução (Box 430.4); a indicação de Jorge Amado para o Prêmio Nobel (Box 539.1) ou como professor visitante da University of Pennsylvania (Box 529.7); suas dificuldades com o visto americano (Box 546.2/552.7); seus projetos narrativos em andamento (Box 533.13/527.8/543.21); planos de viagem de Jorge e de Alfred (Box 519.1/524.7/527.8); dúvidas sobre o fisco norte-americano (Box 400.14); repercussão das edições (Box 536.8/541.4/543.2), fiascos editoriais (Box 548.1) ou versões clandestinas e até mesmo pornográficas, como no caso de Gabriela (Box 543.2). (DIMAS, 2012, p. 119)

A ampla correspondência entre ambos estreitou laços e alçou a literatura brasileira a outro patamar. Houve um hiato nas publicações das obras amadianas pela editora norte-americana quando, em 1945, apareceu a primeira tradução da obra amadiana para o inglês. Esta também foi noticiada na imprensa brasileira, veiculada na Revista *O Cruzeiro*, em 27 de outubro de 1945. Em uma seção dedicada à literatura internacional, o retorno do escritor Erico Veríssimo ao Brasil que comenta sobre a recepção bem sucedida de escritores brasileiros pelos leitores americanos, destaca a publicação em língua inglesa de vários livros “(...) Tive, também, o prazer, de ver o belo livro de Jorge Amado, *Terras do sem fim*, numa tradução de Samuel Putman (*Violent Land*)”, destaca ainda que a publicação é pela Casa Alfred Knopf.

Figura 15 - *O Cruzeiro* - 27 de outubro de 1945

Fonte da imagem: Biblioteca Nacional

Através desse fragmento de notícia dado ao tamanho que ocupa na página, temos a percepção da importância que foi para a literatura brasileira esse diálogo que se estabeleceu, não só com o escritor Jorge Amado, mas também a sua colaboração como consultor literário. Se, em

um primeiro momento, essa relação entre literatura brasileira e editores americanos nos pareceu unilateral, hoje, com certo distanciamento, percebemos que a literatura conseguiu firmar seu lugar e mostrar sua importância no mercado editorial americano.

Após a publicação de *The Violent Land*, em 1945, o autor só foi traduzido e publicado novamente em 1962, com *Gabriel, Clove and Cinnamon*. Para Dimas outras publicações não aconteceram, devido a um fator inibidor: o macarthismo.

Depois disso, a Knopf agiu de maneira amplamente compensadora: pagou US\$ 300 000 pelos direitos de *Gabriel [sic], Clove and Cinnamon*; veio a ser o primeiro romance latino-americano a entrar nas listas americanas de *best-sellers* e o primeiro a ser escolhido pelo Book of the Month Club, o clube de livro norte-americano mais conhecido. Suas vendas chegaram a 65 mil exemplares em fins de 1982 (2012, p. 120).

Os estreitos laços entre editor e escritor ultrapassaram o campo profissional, anos mais tarde Kopf e Amado tornam-se compadres, o editor fora convidado para ser padrinho de casamento de Paloma Amado e “ao pai da noiva, o editor confessa: “We are much touched by Paloma’s desire to have us as god-parents – compadres?” (28 de setembro de 1970, box 529.7).” (2012, p. 121).

A troca de correspondências estabelecida entre escritor e editor espalhou-se pelo mundo. As correspondências trocadas entre eles enquanto Amado estava na Argentina e no Uruguai asilaram-se no acervo do NuLIME e no acervo Harry Ransom Centre, em Austin (nos EUA)<sup>100</sup>. Dois acervos tão distantes geograficamente, mas tão próximos. Em ambos temos a presença dos mesmos personagens: Jorge Amado e Kopf e também a referência ao mesmo período histórico. A correspondência presente no NuLime encontra resposta no acervo Harry

---

<sup>100</sup> O acervo *Alfred A. Knopf* doado ao Centro Harry Ransom, da Universidade do Texas, em Austin é composto por 1526 caixas temáticas variadas, com documentos desde 1873 a 1996.

Disponível em:

<http://norman.hrc.utexas.edu/fasearch/findingAid.cfm?eadid=00301p1>. Acesso em 15 set. 2014.

Ransom Centre. Os acervos completam-se nas fissuras ditadas pela distância geográfica, são narrativas de uma mesma história que coexistem em um mesmo tempo.

O movimento literário que circunda a vida do escritor baiano teve capítulos importantes na Argentina, Uruguai, nos Estados Unidos e, principalmente no Brasil. Jorge Amado circulava pela imprensa, principalmente como escritor de literatura. O ano de 1939 foi muito importante para o escritor no jornal *Dom Casmurro*. Em 10 de junho do referido ano, em uma nota na seção *De Artes*, a Editora José Olympio anunciava um novo livro do autor com lançamento em breve, o *Sinhô Badaró*. Poucos dias depois, em 24 de junho de 1939, há novamente o anúncio do romance que seria lançado em breve: *Sinhô Badaró*.

Figura 16 - *Dom Casmurro*, 24 de junho de 1939

The image shows a newspaper clipping from *Dom Casmurro*, dated June 24, 1939. The page is titled "DE ARTE" in large, bold letters. On the left side, there is a small box with the text: "JORGE AMADO", "Sinhô Badaró", "ROMANÇO", and "José Olympio Editora". Below this box is a black and white portrait of Jorge Amado. The main article is titled "Claude Debussy ou Claude de France" and is written by Gerard Bauer. The text of the article is partially visible and discusses Debussy's music and its reception in Brazil. The article mentions the "Prêmio de Roma" and the "Prêmio de Artes".

Fonte da imagem: Biblioteca Nacional

Nos meses que se seguiram o escritor baiano esteve com frequência no jornal *Dom Casmurro*, com uma nota no topo da página (à esquerda ou à direita), anunciando o lançamento do livro *Agonia da Noite*. Os anúncios são veiculados no periódico em 1, 8 e 29 de julho de 1939 e também na primeira e na segunda edição (veiculada em 12 de agosto de 1939), anunciando o lançamento do livro para o mês de setembro. A estratégia da José Olympio Editora em anunciar antecipadamente os lançamentos dos livros era garantia de sucesso em vendas, deixando os leitores ansiosos pela leitura, inclusive com uma disputa acirrada pela compra dos exemplares que, nesse período, eram lançados em pequenas tiragens. Por isso, havia uma lista de espera para aquisição do livro, inclusive com publicação no jornal da lista com os nomes de quem estava aguardando a publicação do livro.

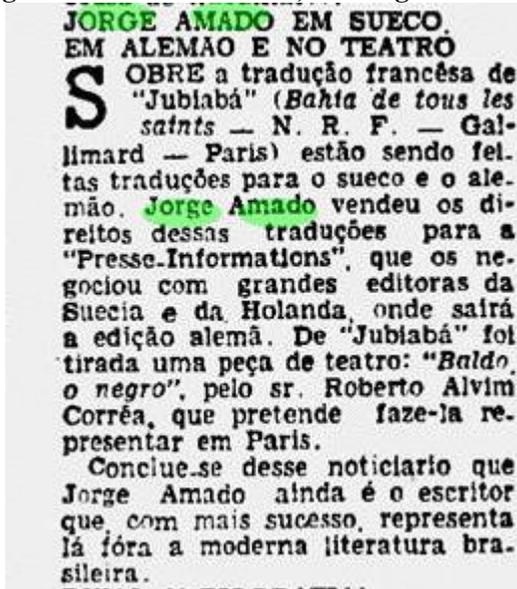
Figura 17 - Dom Casmurro, 12 de agosto de 1939



Fonte: Biblioteca Nacional

Na mesma edição, o destaque para a internacionalização da obra amadiana, uma nota anuncia que as traduções para o alemão e o sueco serão feitas a partir da tradução francesa de *Jubiabá*. Destaca também que inspirado no livro *Jubiabá*, uma peça de teatro foi escrita por Roberto Alvim Corrêa, sob o título de *Baldo, o negro*.

Figura 18 - Dom Casmurro, 12 de agosto de 1939



Fonte: Biblioteca Nacional

Ainda na edição de 12 de agosto, faz-se o anúncio da saída de Marques Rebêlo do cargo de redator chefe da *Dom Casmurro* para, em

seguida, anunciar o nome de Jorge Amado, pois “Jorge Amado, o mais jovem e o mais notável dos nossos romancistas de hoje”. Os elogios continuam, anunciando também que o escritor seria um grande colaborador do jornal:

Com a saída de Marques Rebêlo, assume as funções de redator chefe de “DOM CASMURRO”, Jorge Amado, o mais jovem e mais notável dos nossos romancistas de hoje.

Apesar de muito moço, Jorge Amado já é um nome universal, pois, com 26 anos, já tem 7 romances publicados, com enorme êxito em todo o Brasil e no estrangeiro, onde vários deles foram traduzidos em espanhol, francês, inglês, como “Jubiabá”, que recentemente lançado em Paris pelas edições N.R.F., alcançou tanto sucesso, que as editoras alemães e suecas acabam de lançá-lo também.

Muito Jovem ainda, Jorge Amado entra em “DOM CASMURRO” onde já era colaborador, com aquela energia e inteligência que o caracterizam, dando ao nosso jornal o prestígio enorme de seu nome e o brilho admirável de um talento aclamado em todo o país.

Além disso, jornalista militante, Jorge Amado tem colaborado e trabalhado na imprensa de quase todo o Brasil, sobrando-lhe, portanto, a prática do “metier” que tão útil será a um jornal como o nosso<sup>101</sup>.

Como redator chefe da revista, ficou a frente das publicações das edições de número 113 até 148. No entanto, as contribuições de Amado não se restringiram ao cargo de redator chefe na *Dom Casmurro*. O escritor fora também um dos principais colunistas da revista, atuando como crítico literário, comentarista de filmes e até mesmo com a publicação de textos literários, como o excerto *A estrada do mar*, publicado pelo escritor em 19 de agosto de 1939<sup>102</sup>.

---

<sup>101</sup> *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n.113, p. 12, 12/08/1939.

<sup>102</sup> Ainda na mesma edição fora publicado um artigo sob o título de *O romance brasileiro e João Gaspar Simões*, de autoria não identificada. O texto apresenta uma lista na qual o crítico literário português destaca Jorge Amado como um dos mais importantes integrantes do romance moderno brasileiro.

A revista *Dom Casmurro* foi criada com o intuito divulgar o que de mais importante existia da produção cultural no Brasil e no exterior. De acordo com Ana Amélia C. de Melo, no artigo *Jorge Amado - A militância das letras*<sup>103</sup>, além de Jorge Amado, o jornal mantinha entre seus colaboradores nomes importantes da literatura brasileira como

Manuel Bandeira, Aníbal Machado e nomes menos conhecidos atualmente como Celestino Silveira, Vanderlino Tavares Bastos, Bandeira Duarte. Além dos redatores Álvaro Moreyra, Marques de Rebelo e o próprio Jorge Amado. No número quatro o jornal publicaria uma lista com trinta e nove nomes de colaboradores entre eles Murilo Mendes, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Sergio Buarque de Hollanda entre outros (2016, p. 182).

Depois disso, o nome de Jorge Amado aparece novamente na edição de 21 de outubro de 1939, anunciando o lançamento de *Capitães da areia* “que acaba de aparecer com grande sucesso”. O anúncio é feito em nota ao alto da página. Outro artigo que Amado escreve no jornal é sobre a literatura portuguesa, em *Intercambio cultural luso-brasileiro*, no qual discorre principalmente acerca da necessidade de maior divulgação da literatura no Brasil. Ainda na mesma edição é veiculado o anúncio do grande êxito de Jorge Amado em Paris com *Bahia de Tous Les Saints* e a tradução de *Jubiabá* pelas edições N.R.F. Gallimard. Além do lançamento de *Agonia da Noite*, previsto para setembro (a mesma informação é dada da edição de 09 e 19 de setembro). Na edição de 2 de setembro de 1939, também há informação sobre a tradução em francês e o êxito nas vendas como argumento de convencer os leitores. Na seção *Novidades Nacionais*, há um comunicado que a Rumo-Editora de São Paulo começará em breve, sob a direção intelectual de Jorge Amado, uma coleção de romancistas americanos. Acham-se já catalogados no plano editorial os mais representativos nomes da romancística das três Américas. Páginas adiante, o escritor ainda assina uma coluna de comentários sobre cinema. Na edição de 9 de setembro,

---

<sup>103</sup> MELO, Ana Amélia C. de. *Jorge Amado – A militância das letras*, 2016.

Disponível em:

[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016\\_art\\_aamcmelo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016_art_aamcmelo.pdf).

Acesso em: 19 dez. 2018.

há uma nota mencionando a tradução francesa *Bahia de Tous Les Saints* e tradução de *Jubiabá* pelas edições N.R.F. Gallimard.

Já na edição seguinte, temos Jorge Amado sendo entrevistado por Danilo Bastos. A entrevista recebe o título; *Nascimento, Vida e Gloria das Personagens*. Segundo Bastos, seria uma serie de palestras curiosíssimas, na qual o escritor falaria sobre a humanidade de seus livros, também revelaria as deliciosas impressões de uma viagem ao mundo da imaginação. A entrevista ainda abarcaria a construção das personagens: como surgem, crescem e se imortalizam, além das personagens de *Jubiabá*.

Jorge Amado assina uma coluna de crítica literária na edição de 28 de setembro. A temática abordada será a poesia, sob o título: *Will Durant os moços e a filosofia*. Permanece também a chamada para o livro *Agonia da noite*, no entanto, agora sem o lançamento previsto para setembro como fora anunciado anteriormente. Em 30 de setembro, assina o artigo *Lutam os discípulos* e o anúncio de *Agonia da Noite*<sup>104</sup> permanece. Já na edição de 7 de outubro, em *Livros nacionais*, discorre sobre o preço dos livros, pois, segundo ele, os leitores querem ler, mas os livros são muito caros. Em nota, no canto superior esquerdo da página apresenta-se a menção ao lançamento do romance *Agonia da noite*, pela José Olympio. A publicação se repete nos periódicos de 2, 16 e 23 de dezembro de 1939.

Na edição de 2 de dezembro de 1939, há em destaque um artigo publicado por George Raeders na França sobre a tradução de *Jubiabá*. Na edição de 9 de dezembro, a notícia foi que o livro *Mar Morto* viraria filme e, em letras garrafais no topo da página anuncia “‘MAR MORTO’ NO CINEMA”, segue com mais informações : “O romance de Jorge Amado será filmado em 1940 pela ‘Brasil Vita Film’, estrelado por Carmen Santos, com música de Dorival Caymmi”. O filme, com estreia prevista para 31 de abril de 1940. O diretor, possivelmente, será Humberto Mauro. A adaptação para o cinema de um romance já consagrado pelo público leitor exigiria alguns, principalmente com relação à fidelidade com o texto literário e, esta parecia ser a preocupação da companhia. Com o intuito de garantir a verossimilhança da transposição da narrativa entre o texto literário e o filme alguns procedimentos seriam adotados. A caracterização do espaço e personagens feita pelo escritor: a “cenarização de *Mar Morto* será feita pelo próprio romancista que, para isso, irá por esses dias à Baía”; o

---

filme será rodado no próprio local onde se passa a história – no cais da Bahia e no Rio Paraguassu e, por fim, Jorge Amado será o diretor-chefe das filmagens. Ao que indica o filme não chegou a ser produzido, na página da Fundação Jorge Amado a informação que consta refere-se somente à aquisição dos direitos autorais por Carlo Ponti (Roma) em 1957<sup>105</sup>.

No artigo *Ainda, narrativas de Jorge Amado* a pesquisadora Márcia Rios<sup>106</sup> apresenta outras adaptações da obra do escritor:

Já no ano de 1940, o romance *Mar Morto* fora adaptado como novela de rádio, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Seguiram-se outras adaptações, relevantes também para a formação do público de Jorge Amado, quando o rádio era o maior meio de comunicação de massa no país: em 1941, “*Mar Morto*”, pela Rádio El Mundo, de Buenos Aires; em 1945, as peças radiofônicas “*Mar Morto*” e “*Terras do sem Fim*”; em 1946, “*Jubiabá*” e “*São Jorge dos Ilhéus*”, todas pela Rádio São Paulo. No ano de 1950, a Radiodiffusion Française de Paris transmite “*Terras do sem fim*” e em 1951 é a vez de “*O cavaleiro da Esperança*”, em Praga, produções decorrentes das relações de Jorge Amado com o Partido Comunista no exterior, o que contribuiu para sua recepção pelo público estrangeiro, particularmente na Europa.

Além da presença em periódicos. Outro fator importante para a popularização da obra de Amado – inclusive para o público não letrado – foram as adaptações da obra para diferentes linguagens: cinema, rádio, teatro etc. E em 16 de dezembro Jorge Amado além de assinar uma coluna sob o título de *Confraternização intelectual*. Também recebe e publica no jornal *Dom Casmurro* uma carta escrita por Mario de Andrade desculpando-se por não comparecer ao banquete promovido

---

<sup>105</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Mar Morto*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?ja\\_obras=mar-morto](http://www.jorgeamado.org.br/?ja_obras=mar-morto). Acesso em: 7 dez. 2018.

<sup>106</sup> Rios, Márcia. *Ainda, narrativas de Jorge Amado*. *Léguas & Meia*: Revista de literatura e diversidade cultural, ano 3, Nº 2, 2004. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1952/1453>. Acesso em: 15 dez. 2018.

pelo periódico e ainda destacando o apreço que tem por Amado e sua obra.

Figura 19 - *Dom Casmurro*, 16 de dezembro de 1939

**DO ESCRITOR MARIO DE  
ANDRADE:**

Rio, 14—XII—1939.

**Jorge Amado,**

Me sendo impossível comparecer ao  
banquete de DOM CASMURRO, ve-  
nho apresentar minhas desculpas a  
todos.

Acredite que esta impossibilidade  
me enche de tristeza, porque sei da  
importancia de DOM CASMURRO no  
movimento literario do Brasil, dese-  
java saudar pessoalmente os comemo-  
rados de hoje e afirmar a você, mais  
uma vez, a admiração que tenho pe-  
los seus romances.

Meus agradecimentos a você, a Bri-  
cio de Abreu e a DOM CASMURRO  
pela delicadeza do convite. — MARIO  
DE ANDRADE.

Fonte: Biblioteca Nacional

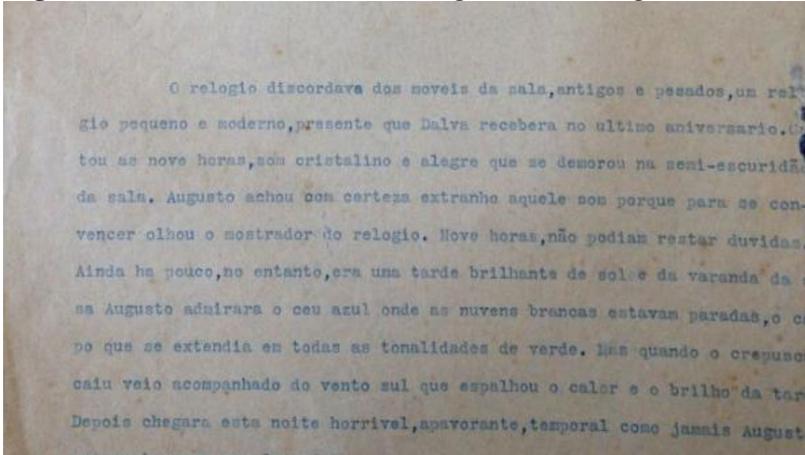
Em 30 de dezembro, Amado assina uma coluna sob o título *Um romancista sul-americano*, na qual fala sobre a obra *Dona Bárbara*, de um romancista venezuelano chamado Romulo Gallegos. Ainda nessa mesma edição, Humberto Bastos fala sobre as personagens negras de Jorge Amado e José Lins do Rego.

Na edição de 20 de janeiro de 1940, há uma nota acerca dos livros prometidos para aquele ano: *Marco Zero*, de Oswald de Andrade e *Agonia da Noite*, de Jorge Amado. A nota ainda destaca que “Jorge Amado, depois de dois anos de silêncio, publicará logo ao início do ano o *Agonia da Noite*, romance com seis personagens apenas e que se passam em 12 horas todo ele”. A indicação de escritores que publicarão segue com: Joel Silveira, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo, Viana Moog, Clóvis Amorim, Gilberto Freyre, Artur Ramos e José Lins do Rego. Com relação à publicação de Jorge Amado, ainda no mesmo encarte, acrescenta-se que “Jorge Amado, depois de dois anos de

silêncio, publicará logo no início do ano *Agonia da noite*, romance com seis personagens apenas e que se passa em doze horas todo ele”.

No acervo *Mala de Jorge Amado*, há três documentos<sup>107</sup> referentes à mesma narrativa. Os documentos – **90 01 A**; **93 149 01 A**; **398 449 01 A** – são cópias datiloscritas de um romance inacabado com o título de: *São Jorge dos Ilhéus*, as 76 páginas apresentam uma narrativa que se aproxima à temática anunciada pelo jornal *Dom Casmurro*, ainda em janeiro de 1940. Já o documento **213 – 334 01** encontrava-se no interior de um envelope com o título: *Agonia da noite*, no entanto, mesmo com o nome no envelope, os escritos em seu interior não se referem ao que mais tarde, em 1951, se publica com o título de *Agonia da Noite*.

**Figura 20- Romance inédito - *São Jorge dos Ilhéus/Agonia da Noite***



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

No ensaio *Narrativas (in)acabadas: as mulheres no romance inédito e inacabado de Jorge Amado*<sup>108</sup>, escrito por Thalita da Silva

<sup>107</sup> Para uma organização adequada da documentação a base utilizada foi a catalogação feita por Thalita da Silva Coelho em sua dissertação de mestrado: *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941 – 1942)*, defendida em 2016.

<sup>108</sup> Ensaio publicado na Revista *Communitas* V1, N2, (Jul-Dez) 2017, p. 480-490. Disponível em: [revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/download/1505/pdf](http://revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/download/1505/pdf). Acesso em: 22 jan. 2018.

Coelho e Tânia Regina Oliveira Ramos, a narrativa presente no acervo reverbera:

No romance inacabado e inédito, intitulado por vezes como *São Jorge dos Ilhéus*, outras como *Agonia da Noite* títulos posteriormente usados pelo escritor, em obras posteriores, toda a história desenrola-se numa noite de tempestade, ao redor de um rádio, à espera do sinal da luta. É naquele espaço da sala de Augusto que se dará a maior parte do enredo, que acompanha os anseios, medos e sentimentos de cada uma das personagens, sem focar, de fato, em um núcleo específico. A personagem principal parece ser a espera pela revolução, uma revolução, que enquanto duram as páginas inacabadas do romance, jamais chega (2017, p. 480-490).

E as seis personagens mencionadas na notícia revista *Dom Casmurro*, ganham vida e descrições apuradas nos escritos presentes no acervo. Sentadas ao redor do aparelho de rádio à espera de um levante comunista estão

Lopes, o calmo militante, aquele que está na revolução pela revolução;  
 Raymundo, o líder do movimento universitário, que está lá pela glória;  
 Mario, pela esperança de que a morte lhe apague a culpa de relacionar-se com a esposa do melhor amigo;  
 Miguel, o negro alegre que dirige o carro e conserta o rádio, que vê na luta uma oportunidade para os desfavorecidos;  
 Prensa, o odiado por todos que está na revolução porque quer fazer homens sangrarem e mulheres chorarem; e  
 Augusto, o dono da fazenda, que torcia para que os companheiros nunca chegassem à sua casa com o rádio que traria o grito da revolução. (COELHO e RAMOS, 2017, 481-482)

Ainda, com relação ao romance inédito presente no acervo, há algumas hipóteses que precisam ser confirmadas, pois no ano de 1939 foram inúmeras as publicações da revista *Dom Casmurro* anunciando o lançamento do livro *Agonia da Noite* para o mês de setembro do corrente ano. No entanto, tal lançamento não se confirmou. Tanto que em dezembro o anúncio do livro ainda permanece e, como promessa para um novo ano, está novamente o anúncio de um lançamento futuro do livro em 13 de janeiro de 1940.

No mês de janeiro, temos a notícia do lançamento do livro *Jubiabá* em dinamarquês:

*Jubiabá* em dinamarquês *Jubiaba*, o romance brasileiro que está correndo a Europa, representando, como um dos seus modelos mais expressivos, a nova literatura brasileira, acaba de ser vertido para o dinamarquês, em tradução da escritora Birgit Knutzen, figura de relevo nos meios intelectuais da velha nação nórdica. A sra. Birgit Knutzen, que há pouco conquistou enorme êxito com um romance em nossa língua teria o título de *A cela*, realizou a versão sobre a tradução francesa do romance de Jorge Amado, que a N.R.F. editou em Paris.

Vai assim tendo mais intensa divulgação no Velho Mundo o livro com que Jorge Amado desvendou para os leitores do Brasil o mistério e a poesia dos negros e dos homens do cães de Salvador.

A obra de Jorge Amado é apresentada como a luz que descortina outro mundo, longe, não do que o povo brasileiro desconhece, mas do que os leitores brasileiros desconhecem. Os leitores desconhecem “o mistério” e “a poesia dos negros” e também “dos homens do cães de Salvador”. Tal afirmação se sustenta se tomarmos como “leitores” quem tinha acesso à educação formal - apenas a elite brasileira - que era branca e pouco convivia com os grupos que viviam à margem da sociedade. Ilana Seltzer Goldstein (2003, p. 26) ao construir o conceito de identidade e representação na obra do escritor baiano, reflete sobre a ambiguidade do conceito de identidade, pois como verbete de dicionário o termo adquire caráter de equidade e semelhança, mas com relação ao conceito de identidade social, o conceito se constrói a partir da diferença. Como se fosse um jogo de espelhos em que “[...] as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto

com o outro” e “o próprio reconhecimento social da diferença” (Brandão in Goldstein, 2003, p. 26). Dentro desse contexto, ainda se mantinha a noção de que uma cultura tinha características “essências” que as definia, pensamento difundido por parte da escola culturalista norte-americana (de 1930 a 1950). Amado, todavia, apresentava uma representação coletiva do povo brasileiro, apresentava uma sociedade que, de acordo com Durkheim (in Goldstein, 2003, p. 32), não fosse simplesmente constituída pela massa dos indivíduos, pelo espaço que ocupam, pelas coisas que se servem ou ainda pelos movimentos que realizam, mas, antes de tudo, pela ideia que fazem de si mesmas. Desse modo a representação social é “um saber ordinário elaborado a partir de crenças e valores partilhados, capaz de criar uma visão acerca de objetos, pessoas ou eventos e que se atualiza cotidianamente nas interações sociais” (Goldstein, 2003, p. 33).

A circulação de Jorge Amado pelo campo literário da imprensa, principalmente, a carioca, é ampla, quiçá esta seja uma das explicações para seu sucesso de público, pois, além de ser um escritor já conhecido, seu nome se faz presente semanalmente nos jornais, principalmente os literários, pois foram a esses que me ative como objeto de pesquisa. Como no caso do jornal *Dom Casmurro*, além de ser redator-chefe, ainda colabora com uma coluna semanal, participa de eventos literários, como palestras e lançamentos de livros e faz propaganda sobre as suas publicações, a exemplo da que circula em 24 de fevereiro, quando reaparece a propaganda do livro *Agonia da Noite*, ainda não lançado.

Em outro suplemento literário, *O Cruzeiro*, de número 14, publicado em 3 de fevereiro de 1940, também há a publicação de um texto do escritor baiano, sob o título de *História de carnaval*, uma narrativa que apresenta duas personagens: Maria dos Reis e Theodoro. Ambos vivem uma história romântica no carnaval e esperam a bênção da família para o casamento.

A circulação da obra do escritor baiano no ano de 1940, apresenta um número consistente de aparições nas revistas impressas. E a dúvida que se instala é: como será após a sua saída do Brasil?<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> Após a publicação de 3 de fevereiro de 1940, o escritor Jorge Amado aparecerá novamente somente na edição veiculada em de 6 de fevereiro de 1943, na revista *O Cruzeiro*. No entanto, em reportagem sobre a festa do Senhor do Bonfim cita-se que os fiéis “Passaram pelas ruas da cidade baixa até a colina do Senhor do Bonfim, a quem um romancista do povo e amado pelo povo, o escritor Jorge Amado, chamou de “Padroeiro das Nações Unidas” e a reportagem termina noticiando que estão lavando a escadaria do Bonfim os

Outras informações sobre o que o escritor produz também são mote de reportagens como a que apresento a seguir, na qual o jornal comunica que a biografia do poeta romântico, sob o título de *ABC de Castro Alves*, será lançada mensalmente na *Revista Diretrizes*.

Figura 21 - *Dom Casmurro*, 9 de março de 1940



Fonte: Biblioteca Nacional

Um importante suplemento literário, *Autores e Livros*<sup>110</sup>, encartado no jornal *A Manhã*, circulou na década de 1940, mais precisamente de 1941 a 1945. Sob a direção de Cassiano Ricardo e edição de Múcio Leão<sup>111</sup> que tinha, como crítico, papel importante naquele período, tanto que consta um trecho de um depoimento seu acerca de Jorge Amado na quarta capa da primeira edição do livro *Jubiabá*<sup>112</sup>, publicado 1933. O suplemento “era impresso no formato

---

romancistas Clóvis Amorim e Jorge Amado auxiliados por lindas baianas (1943, p. 6 e 10). Trata-se apenas de uma notícia sem nenhum comprometimento que não seja mencionar personagens ilustres presentes no cerimonial mais com o sentido de validar o ritual. Dar-lhe um *status* de evento importante.

<sup>110</sup> Suplemento *Autores e Livros* disponível no Acervo da Biblioteca Nacional. BIBLIOTECA NACIONAL. *Autores e Livros*. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/066559/per066559\\_1950\\_00012.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/066559/per066559_1950_00012.pdf). Acesso em: 25 abr. 2018.

<sup>111</sup> Múcio Leão ocupou a cadeira de nº 20 na Academia Brasileira de Letras (ABL).

<sup>112</sup> Constam também, além do depoimento de Mucio Leão, os depoimentos de: Agripino Grieco, Eloy Pontes, Augusto Frederico Schmidt, Plínio Barreto, Jorge Geraldo Vieira, Tristão da Cunha, Renato Almeida, Medeiros e Albuquerque, Rubem Braga, Aderbal Jurema, Ademar Vidal e Edison Carneiro. ACERVO JORGE AMADO. *Jubiabá*. Disponível em: <http://acervo.jorgeamado.org.br/item/31009115311>. Acesso em: 15 mar. 2018.

*standard*, ilustrado com fotos e caricatura de grandes escritores e poetas nacionais”. Era também “[...] totalmente dedicado à literatura, falando sobre a vida e a obra de determinado escritor ou poeta, além dos textos de críticos literários sobre as obras dos autores destacados nas edições”<sup>113</sup>. No entanto, como o jornal era subordinado a Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, órgão do Estado Novo instaurado em 1937, assim, justifica-se a ausência do escritor Jorge Amado. Apesar dos estreitos laços entre Jorge Amado e o editor do suplemento, Mucio Leão, o escritor baiano não é sequer citado no exemplar publicado em dezembro de 1950 com uma seleção de autores e livros, mesmo sendo um dos principais escritores do período.

Voltemos, pois ao biênio 1941-1942 quando o escritor Jorge Amado se autoexila na Argentina para escrever o livro *La vida de Luis Carlos Prestes*. Segundo Paulo Tavares em seu livro *O baiano Jorge Amado e sua obra*, o escritor Jorge Amado tem como destaques alguns eventos nos dois anos que compreendem o período de autoexílio:

#### “1941

**mar.** Conclui, no Rio, a biografia *ABC de Castro Alves*, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser editora exclusiva de seus livros no País.

**ago.** Transfere-se para a Argentina, devido às condições políticas do Estado Novo. Encontra-se em Buenos Aires quando é lançada, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora, a biografia *ABC de Castro Alves*. Colabora no jornal *La Crítica* e na revista *Sud*, bem assim em outros órgãos literários portenhos, e faz amizade com literatos e artistas argentinos, uruguaios e espanhóis exilados: Gonzales Tuñon, Portugallo, Jesualdo, Enrique Amarin, Maria Rosa Oliver, Vitória Ocampo, Rafael Alberti, Hector Agosti etc. Escreve a biografia *A vida de Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompéu Acióli Borges e publicada em folhetim na imprensa.

---

<sup>113</sup> ABI. Autores e Livros. Disponível em: <http://www.abi.org.br/biblioteca-ganha-colecao-de-autores-e-livros/>. Acesso em: 25 abr. 2018.

**1942**

**jun.** ainda em Buenos Aires, com períodos em Montevidéu, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A vida de Luiz Carlos Prestes é publicada em livro, em tradução espanhola, pela Editorial Claridad, de Buenos Aires.*

**ago.** Em Montevidéu, ocupa-se de escrever *Terras do sem fim*.

**set. 8** Desembarca em Porto Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. É preso e enviado ao Rio.

**nov.** No Rio, é posto em liberdade mas as autoridades dão-lhe por *ménage* a cidade de Salvador, para onde segue em viagem pelo interior, percorrendo o rio São Francisco.

**dez. 24** Chega à Capital baiana e vai passar o dia de Ano-Novo na fazenda paterna, em Ilhéus.” (TAVARES, 1980, p. 33-34)

Ao que tudo indica, o escritor manteve seu endereço em Buenos Aires e deslocava-se com certa frequência para diferentes lugares, não só na Argentina, mas também para Montevidéu, no Uruguai. Como afirma Jorge Amado:

Fui por primera vez a la Argentina, em 1935, para ‘cubrir’ como periodista un viaje de Vargas; [...] Volví a la Argentina en 1937, cuando fui a México, en esse viaje que hice a través de América Latina... Pero sólo estuve de paso. Después, en 1941, me quedé casi dos años... Iba y venía de Buenos Aires a Montevideo, recorrí diferentes regiones de la Argentina, fui a Córdoba, a otros lugares (2013, p. 14)<sup>114</sup>.

**O itinerário continua no ano de 1941**

A confirmação sobre a data da partida para o autoexílio do escritor Jorge Amado ainda esta se delineando. Sabe-se, no entanto, que foi no início de 1941. Tavares confirma que, em março de 1941, o

---

<sup>114</sup> CUADERNOS HISPÂNICOAMERICANOS. *Dossier Jorge Amado*. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/cuadernos-hispanoamericanos--229/>. Acesso em: 8 dez. 2016.

escritor, ainda no Rio de Janeiro, conclui “a biografia de ABC de Castro Alves, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser a editora exclusiva de seus livros no País” (1980, p. 33).

Em maio de 1941, o escritor Jorge Amado se encontra no Uruguai, como mostra o fragmento a seguir, publicado no livro *Primeiros Encontros*, do escritor Serafin J. Garcia, o qual relata a visita – inesperada – de Jorge ao apartamento dele.

Promediaba una fría mañana de mayo de 1941. Mientras mi esposa arreglaba el dormitorio yo procuraba ordenar mis libros y papeles en la otra habitación del apartamentito – muy modesto, por cierto –, que acabábamos de estrenar en la **calle Santiago Gadea**<sup>115</sup>, próximo al edificio em construcción del Hospital de Clínicas.

Sono de pronto el timbre de puerta de entrada y Blanca fue a atender despreocupadamente, suponiendo que se trataría del panadero o algún outro de nuestros escasos proveedores. Pero retorno al instante com indisimuladas muestras de azoro y nerviosismo.

– Es el escritor Jorge amado – me comunico –. Dice que quiere hablar contigo.¡ Y tan luego ahora, que estamos con todo tan revuelto aqui! (GARCIA, s.d., p. 7).

Meses depois, a presença do escritor pode ser confirmada em Buenos Aires através do relato, citado anteriormente, no livro de Paulo Tavares. Ao que indica a viagem para a Argentina ocorreu entre os dias 11 a 13 de agosto. Na edição de número 3 do jornal *A manhã*<sup>116</sup>, publicado em 12 de agosto de 1941, o nome do escritor aparece com uma informação inusitada. Seu nome encontra-se na seção chamada de “Viajantes”, na página 7, na qual há uma relação de horários e

---

<sup>115</sup> A *Rua Santiago Galea* fica próxima ao, popularmente, conhecido Hospital Universitário ou Hospital de Clínicas Dr. Manuel Quintela, no Parque Battle, Montevideo, Uruguay. Fonte: Google Maps.

<sup>116</sup> Suplemento *A manhã*, disponível no Acervo da Biblioteca Nacional. BIBLIOTECA NACIONAL. *A manhã*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20194&pesq=jorge%20amado>. Acesso em: 25 abr. 2018.

passageiros que embarcaram e desembarcaram no aeroposto do Rio de Janeiro no dia anterior. O escritor baiano chegara de São Paulo, dia 11 de agosto, às 09h25min, pelo voo da Viação Aérea São Paulo (VASP). Considerando as informações dadas por Tavares, que em agosto o escritor transfere-se para a Argentina, há possibilidades que a viagem para a Argentina tenha ocorrido, então, ainda no dia 11 ou no mais tardar nos dias 12 ou 13 de agosto. Tavares ainda informa que o escritor já se encontrava em Buenos Aires, quando do lançamento da biografia *ABC de Castro Alves*. Tal informação é confirmada na quinta edição do jornal *A manhã*<sup>117</sup>, em 14 de agosto de 1941, apresentando *ABC de Castro Alves* como o livro do dia.

O nome de Jorge Amado continua sendo veiculado nos meios de comunicação, mesmo com sua ausência no país, pois, além de escritor, ele é um produtor cultural. Tem um projeto literário que circunda em todos os setores da sociedade. Esse projeto literário se reflete na maneira multifacetada que o escritor se apresenta: livros, palestras, na imprensa nacional, no cinema, compêndios escolares e também no campo político. Quiçá o engajamento literário se sobressaia ao político, pois o primeiro permanece ao longo da via do escritor. Como afirma Almeida que no final da década de 1930 e no começo de 1940 “vamos encontrar Amado refletindo, em diferentes artigos e com bastante persistência, sobre as condições não apenas necessárias, mas também factíveis, para que os produtores literários consigam assegurar uma autonomia de seu ofício” (1979, p. 147), pois

[...] ao mesmo tempo em que estimula uma redefinição social do escritor, Amado procura estender um arco protetor sobre ele, resguardando-o de qualquer subordinação ilimitada ou permanente a instâncias alheias a um campo intelectual convenientemente estruturado. Para a consecução do que tem em vista, compõe um mosaico de obstáculos efetivos e paralelamente examina as potencialidades de superação correspondentes a um mercado literário e artístico já instituído (Almeida, 1979, p. 147)

---

<sup>117</sup> Suplemento *A manhã*, disponível no Acervo da Biblioteca Nacional.

BIBLIOTECA NACIONAL. *A manhã*. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&PagFis=12048&Pesq=jorge%20amad>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Percebendo, a existência de um mercado literário o escritor promove sua obra com o que têm a sua disposição, pois além de enfrentar as dificuldades do mercado livreiro no Brasil: alto custo de produção e veiculação da obra literária, alto custo para compra, público restrito e ainda sanções emanadas do campo do poder se abatendo sobre ele e também sobre outros produtores intelectuais. Almeida (1979) destaca

Desde sanções relativas às possíveis atividades de escritor, como a proibição velada de ocupar cargos públicos, até restrições várias à circulação de seus trabalhos: queima de livros (Capitães da areia, Mar morto, Cacau, Suor, Jubiabá, O país do carnaval) em praça pública, impedimento de seus livros (ABC de Castro Alves) serem expostos em vitrinas de livrarias ou mesmo impedimento de serem editados e colocados no circuito comercial, obrigando inclusive a que pelo menos uma primeira edição (Vida de Luís Carlos Prestes) tenha sido publicada em outro país, sendo só mais tarde aqui reeditada (1979, p. 148).

E, por fim, restou ao escritor antes e depois do autoexílio, a prisão. E, por fim, o exílio dele e de sua família. Ante a possibilidade do aniquilamento, não mais da obra, mas da própria vida uma forma de resistência era viver. Para a ele, havia duas possibilidades: intelectuais que tinham como financiador de suas realizações o Estado Novo e que também não apresentariam resistência política. E os intelectuais que perfilavam na oposição política eram colocados à margem – no exílio. O alinhamento entre Estado e alguns escritores durou até 1945. Para Amado, essa “convivência harmônica” significava o aniquilamento.

O escritor promove um acirramento dentro do mercado literário brasileiro com alguns detentores dos mecanismos de decisão do que e quem publicar. Ainda de acordo com Almeida o sentido de oposição para Amado é a percepção de um mercado literário já constituído e em e em expansão e o “livro sendo considerado simultaneamente como objeto de significação artística e mercadoria, com um público diversificado, e as várias formas de mecenato, quer seja do Estado ou dos editores” (1979, p. 149). Tal engajamento se reflete em artigos pouco validados na biografia do autor. Contudo portadoras de informações e reflexões valiosas sobre a capacidade de formulação dos próprios escritores com relação a seu acesso ao mercado literário.

Na documentação presente no acervo percebe-se que o escritor adentra as engrenagens da indústria cultural, estabelece relações com o mercado editorial com o intuito de assegurar sua função de escritor – ele é um militante das letras - como bem o batizou a pesquisadora Ana Amélia M.C. de Melo<sup>118</sup>. Ao falar sobre o livro ABC de Castro Alves, desconsiderado pela crítica<sup>119</sup> por ser uma biografia, Amado rebate:

Falei primeiro do Poeta, aquele que fez a Abolição e a República, que contou as Revoluções que haviam de vir, gênio e profeta de um povo. Queria apresentar ao povo o seu Poeta na sua inteireza. E ao mesmo tempo queria ver se, com o exemplo de Castro Alves, era possível salvar uns restos de dignidade e de honra na degradação por que está passando a literatura brasileira, dia a dia se entregando às forças da reação. E quis que o povo soubesse que existem artistas que nunca se entregaram, nunca se venderam... Por isso falei de Castro Alves, artista do povo, social, político, interessado, revolucionário”. (Almeida, 1979, p. 155-156).

A militância literária do escritor persiste, mesmo longe do Brasil, continua escrevendo não mais para os “proletários”, mas para o povo. Assim, a contradição mais importante passa a ser entre as forças políticas em jogo e aquela em que liga numa ponte magistral “os dois livros entre si: abre o *Cavaleiro da Esperança*, a biografia do “político”, com um verso de Castro Alves, o “poeta” biografado: *Estrela para o povo / Para os tiranos lúgubre cometa*” (Almeida, 1979, p. 159-157).

#### 1.4 ANO DE 1942

É preciso esclarecer o contexto das informações que envolvem as traduções dos livros de escritores brasileiros e, especialmente, do escritor baiano para o inglês e, possivelmente, sua apresentação ao

---

<sup>118</sup> MELO, Ana Amélia C. de. *Jorge Amado – A militância das letras*, 2016. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016\\_art\\_aamcmelo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016_art_aamcmelo.pdf). Acesso em: 19 dez. 2018.

<sup>119</sup> Álvaro Lins (1945, p. 132) declara que *Vida de Luís Carlos Prestes* e *ABC de Castro Alves* estão “positivamente fora da literatura”. (Lins in Almeida, 1979, p. 154)

mercado estadunidense. Tal fato, na verdade, envolve um projeto do governo norte-americano para ‘contemplar’ a tradução de livros de excelência de outras Repúblicas Americanas, como afirma a pesquisadora Eliza Mitiyo Morinaka<sup>120</sup>, em seu artigo *Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura brasileira (1943-1947)*. De acordo com a pesquisadora brasileira, o objetivo de sua pesquisa foi analisar os projetos do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) e seus colaboradores para a tradução da narrativa de ficção brasileira para o inglês no período de 1943 a 1947. O “projeto guarda-chuva” que foi apresentado pela Divisão de Imprensa do OCIAA, sob o título de *Tradução da literatura de outras Américas para o inglês*, com o objetivo de apresentar à sociedade norte-americana livros “de excelência de outras Repúblicas Americanas” e, assim, conhecer culturas vizinhas. Isso ficaria sob a responsabilidade de “editoras comerciais e universitárias com boa reputação” que aceitassem arcar com as despesas inerentes à publicação, divulgação e distribuição, pois o governo arcaria somente com os custos da tradução (em 1942, o projeto recebeu 30 mil dólares para a tradução de aproximadamente 25 livros). O apoio à causa literária tinha como pano de fundo o “entendimento interamericano”.

Ainda de acordo com Eliza M. Morinaka, “esse projeto tinha um caráter pedagógico e produziu uma representação de Brasil agrário e atrasado em contraste com os Estados Unidos industrializados e modernos” (2017, p. 662). Como *corpus* da pesquisa, a análise da pesquisadora contemplou os documentos do Departamento de Estado dos EUA, da *American Library Association*, do *American Council of Learned Society* e do arquivo pessoal de um dos tradutores participantes do projeto, Dudley Poore.

### **Janeiro de 1942**

No acervo da Mala de Jorge Amado as correspondências com tratativas editoriais aparecem com frequência. Como o **Documento 1401 09F**, cópia de uma carta (em espanhol) datiloscrita por Diómedes

---

<sup>120</sup> MORINAKA, Eliza Mitiyo. *Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura brasileira (1943-1947)*. ESTUDOS HISTÓRICOS, volume 30, número 62, set.-dez. de 2017. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, 1988 ----- Páginas 661-680, set.-dez. de 2017. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/68779/70154>. Acesso em: 12 jan. 2018.

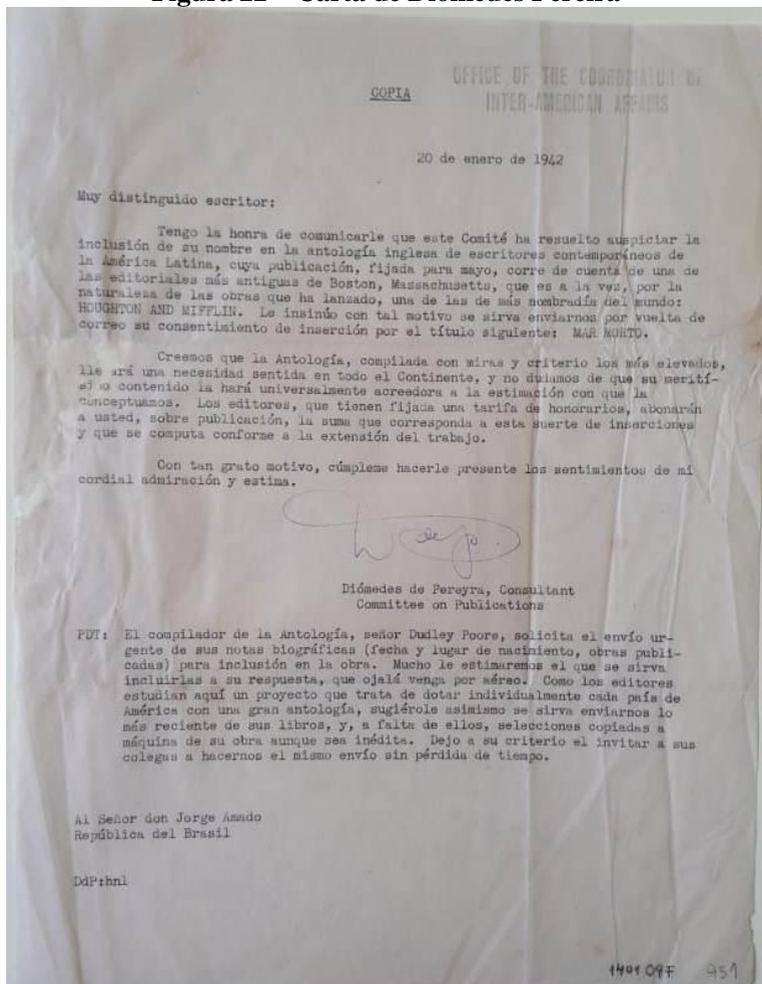
de Pereyra do Comitê de Publicações da Editora HOUGHTON AND MIFFLIN. Enviada em 20 de janeiro de 1942, comunicando J.A sobre a inclusão do nome do escritor na *Antologia Inglesa de Escritores Contemporâneos da América Latina*, com publicação prevista para maio. Para isso, pede que o escritor envie pelo correio o consentimento para inserir a obra: MAR MORTO. Em nota, Diómedes comunica que o compilador da Antologia será o Sr. Dudley Poore e que este pede que o escritor envie com urgência as notas biográficas para inclusão na obra. Esclarece também que os editores estudam um projeto de lançar em cada país da América uma grande antologia, sugere que Jorge Amado envie um dos seus livros mais recentes e pede que colegas do escritor também o façam.

No documento há ainda uma na nota escrita por Diómedes a Jorge Amado. O senhor Dudley Poore seria o compilador do projeto, não o tradutor da obra do escritor. Temos, portanto, informações ainda incompletas. Sigamos as pistas.

Ainda com relação ao projeto do governo estadunidense, havia um impasse...

Para contornar a “suspeita” de qualquer agenda política subjacente às publicações e seguir o princípio de liberdade intelectual que fundamentava as relações culturais, o Departamento de Estado criou uma fachada para o exercício de uma pseudoliberalidade. Designou, assim, alguns institutos para executar a tarefa, o ACLS, a Inter-American Educational Foundation Inc. (IAEF), a Hispanic Foundation (HF), sediada na Biblioteca do Congresso, a Universidade do Texas, a Universidade de Chicago, e editoras comerciais como a Alfred Knopf, MacMillan, Viking Press, Farrar & Strauss, entre outras. Apesar de contar com o subsídio do Departamento de Estado, via OCIAA, as instituições (supostamente) teriam autonomia para constituir as equipes ou comissões de trabalho, determinar as diretrizes desde a concepção até a execução, e selecionar os livros que estivessem de acordo com seus interesses intelectuais, estéticos, acadêmicos ou de mercado. (...) No entanto, a chancela final seria dada pelo Departamento de Estado. (MORINAKA, 2017, p. 667)

Figura 22 – Carta de Diomédés Pereira



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

Então, a pergunta que continua é como e quais títulos brasileiros foram selecionados? E, ainda, como Jorge Amado aparece “agraciado” pelo projeto guarda-chuva? Dentre os muitos títulos selecionados pelas editoras participantes, é através da editora Macmillan que a literatura brasileira aporta nos Estados Unidos da América. A editora se comprometeria com a tradução dos seguintes títulos:

La quintrala (1931), de Magdalena Petit, que ganhou o prêmio do jornal La Nacion; Chile: una loca geografia (1940), de Benjamin Subercasceux; e Caminhos cruzados (1936), do brasileiro Érico Veríssimo, que fora traduzido para o inglês por Louis C. Kaplan com o título *Crossroads*<sup>121</sup>, e cuja versão fora lida e aprovada por Hershell Brickell (MORINAKA, 2017, p. 668).

Nesse primeiro momento, o escritor baiano ainda não tem sua obra citada, mesmo sendo amigo do escritor Érico Veríssimo. Em um segundo momento, cria-se outro projeto, agora sob o título de Estudo da vida e da cultura brasileira. Esse projeto foi proposto pelo Departamento de Estado, e pretendia mostrar “autorretrato do caráter brasileiro” e, para isso, pretendia lançar um livro que “sintetizasse a vida e a cultura brasileira”, mas estabeleceu alguns critérios para que contribuísse genuinamente com as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Os critérios para a seleção dos títulos obedeceriam às seguintes características:

I) a psicologia do caráter nacional, II) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida, III) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social, e IV) o caráter emergente e suas transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes (MORINAKA, 2017, p. 669).

Essas características surgiram através da senhora Dorothy M. Wilmotte que, em 1939, dispendeu uma longa viagem ao Brasil. “Ocasão em que participou de várias conferências com líderes literários que sugeriram as várias maneiras de os EUA conhecerem os brasileiros” (MORINAKA, 2017, p. 669). O projeto teria um coeditor brasileiro, e

---

<sup>121</sup> “Em fevereiro de 1942 assinou-se o documento entre o OCIAA e a MacMillan, estipulando-se o pagamento de quatrocentos dólares para a tradução de Caminhos cruzados, contanto que a tiragem da primeira edição não fosse inferior a 2.500 cópias. Finalmente, em 1943, *Crossroads* foi o primeiro romance brasileiro a ser traduzido sob a tutela do projeto de tradução encaminhado ao Departamento de Estado” (MORINAKA, 2017, p. 667).

um custo de três mil dólares, com lançamento previsto para o outono de 1942.

Não há informações sobre o produto final no projeto apresentado ao OCIAA, se seria uma antologia contendo contos ou capítulos de romances, ou se seriam vários romances avulsos traduzidos. A anotação no relatório de atividades do OCIAA no Brasil esclareceu parte dessa dúvida: o projeto recebeu o subsídio, e a Sra. Wilmotte deu continuidade à seleção de textos para a antologia, finalizada de acordo com o previsto, em 1942 (UNITED STATES, 1943). Porém o relatório não especifica o título da antologia. Ao sondar o arquivo de Dudley Poore, localizei correspondências suas com William Lytle Schurz. Essa documentação epistolar indica que *Fiesta in November* (título homônimo da tradução do romance *Fiesta en Noviembre*, de 1938, do escritor argentino Eduardo Mallea), era a antologia à qual se referia o projeto, editada por Dudley Poore e Angel Flores em 1942 (2017, p. 669-670).

Na referida antologia, o único texto que representa o Brasil é um capítulo do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, traduzido como *Sea of the dead*, por Donald Walsh. O capítulo de *Mar Morto* incluído na coletânea é considerado uma tradução de segunda mão. O livro *Fiesta in November; stories from Latin America, selected and edited by Angel Flores and Dudley Poore, with an introduction by Katherine Anne Porter* aparece no catálogo da Princeton e tem como data de publicação 1942, o volume possui mais de 600 páginas e tem como editora Houghton Mifflin Company.

Dentre outras iniciativas, Morinaka destaca o concurso *Prêmio para autores sul-americanos*, projeto submetido ao OCIAA pela editora Farrar & Rinehart e a revista *Redbook Magazine*. “A premiação tinha como meta incentivar autores latino-americanos a procurar um público nos Estados Unidos” (2017, p. 670). Dessa forma, o escritor baiano toma seu espaço. Ele foi um dos indicados a esse concurso, por isso a publicação de

*Terras do sem fim* (1943), de Jorge Amado, concorreu à premiação dessa nova edição, conforme indicação na orelha da sua primeira publicação pela Livraria Martins Editora. O romance fora escolhido por uma:

‘[...] comissão composta pelos srs. Manuel Bandeira, Álvaro Lins e Prudente de Moraes Neto para representar a ficção brasileira no concurso de romances inter-americanos, realizado nos Estados-Unidos e que, simultaneamente com este, sai numa edição norte-americana do editor Knopf, de Nova-Iorque (Amado, 1943)’. (MORINAKA, 2017, p. 670).

No documento a seguir, temos uma cópia do documento 1401 09F, já citado anteriormente. No entanto, há algumas informações adicionais, como o endereço do Sr. Diómedes Pereyra na parte superior.

**O Documento 1402 09F:** Cópia do documento 1401 09F. Contudo, há anotações a tinta de um endereço na parte superior.

Sr. Diómedes Pereyra  
INTER –AMÉRICA – HOUSE  
II West 54th ST.  
NEW YORK CITY – U.S.A

Da mesma forma há a anotação manuscrita e à tinta de um recado: no rodapé da página. Assinado por Phyllis de Ochapairã. “El Sr. Amado debe dirigirse al Sr. Pereyra, mandándole a Él su autorización y sus notas biográficas”

As anotações ainda referem-se à temática da tradução para o mercado estadunidense. O endereço mencionado “II West 54th ST, NEW YORK CITY – U.S.A” se refere à sede da Midtown Community Court. No início da década de 1940 no endereço funcionava “COUNCIL OF NATIONAL DEFENSE – Coordinator of Commercial and Cultural relations between The Americans Republics”, ou seja, o órgão responsável pela efetivação das “trocas” entre o governo americano e os escritores latino-americanos. Sendo a pessoa do senhor Diomedes o responsável por estabelecer e efetivar essa comunicação, bem como de receber e encaminhar materiais<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> No livro *Sherwood Anderson’s Pan-American Vision: Letters in Pursuit of a Cross-Cultural Bond*, editado e comentado por Celia Catalina Esplugas,

## **Fevereiro de 1942**

Em fevereiro de 1942, o escritor Jorge Amado causa impacto com o artigo *Liberación Lingüística de la literatura Brasileña*, publicado na Revista *Sur*, periódico de publicação mensal sob a organização de Victoria Ocampo<sup>123</sup> (1890-1979) na Argentina. Sobre esta publicação trataremos mais adiante em outro capítulo, pois exige de um olhar mais apurado para o seu conteúdo e o momento em que a literatura vivia no Brasil.

Então, o que o colocara às margens da literatura? Uma das hipóteses seria sua opção pela linguagem popular, uma afronta política. Uma afronta à política do nacionalismo, representado por uma linguagem culta seguidora das normas e regras, uma linguagem elitizada.

O posicionamento político com relação à opção pela escrita fica claro em um artigo escrito por Jorge Amado em 1942, na *Revista Sur*, na edição de fevereiro do mesmo ano. Apresento o sumário<sup>124</sup> em seguida.

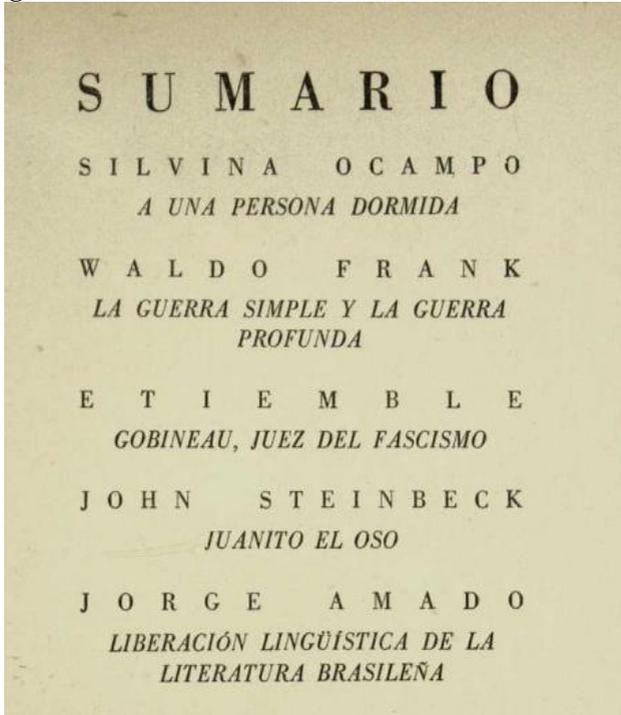
publicado pela McFarland & Company, Inc., Publishers de Jefferson, na Carolina do Norte apresenta a vida de Sherwood Anderson nos anos de 1938 a 1941 e sua contribuição para estreitar laços entre os EUA e a América Latina, principalmente com a Argentina e o Chile. Neste estudo aparecem em dois momentos correspondências com Diomedes Pereyra. Na primeira, (2017, p. 82), o qual se corresponde com Carlos Nascimento, do Chile em 26 de fevereiro de 1941. Na segunda correspondência, apresentando-se ao argentino Antonio Aita e comunicando-o oficialmente da viagem do Sr. Anderson a Argentina, a carta datada de 27 de fevereiro de 1941 (2017, p. 134).

<sup>123</sup> Victoria Ocampo Aguirre (1890 – 1979) foi escritora e editora argentina. Autora de vários ensaios

<sup>124</sup> Silvina Inocência Ocampo (Buenos Aires, 1903-1993) era artista plástica e, posteriormente, aventurou-se no mundo da escrita, destacando-se como contista e poetisa. Seu primeiro livro foi publicado em 1937 *Viaje olvidado*. Irmã de Victoria Ocampo, casada com Adolfo Bioy Casares e amiga de Jorge Luis Borges. Na publicação apresenta o poema: *A una pessoa dormida*. A publicação seguinte é um artigo do romancista norte-americano Waldo Frank (New Jersey, EUA, 1889-1967), sob o título: *La guerra simple e la guerra profunda*. Na verdade, os escritos são o prólogo da versão castelhana do livro *Chart for rough Waters*, publicado em 1942. No prólogo o ativista questiona o modelo de sociedade que surge no pós-guerra. O artigo seguinte *Gobineau, juez del fascismo* é do escritor francês René Étiemble (1909-2002). Seguido pela publicação de John Steinbeck, escritor estadunidense (1902-1968) que publicou o conto: *Juanito el oso*. Seguido pelo escritor brasileiro Jorge Amado em seu artigo: *Liberación Lingüística de la literatura brasileña*. Tal escrito está distribuído em 6 páginas, da página 59 até a 64.

A *Revista Sur* apresenta os seguintes artigos: *A una persona dormida*, de Silvina Inocência Ocampo; *La guerra symple y la guerra profunda*, de Waldo Frank; *Gobineau, juez del facismo*, de Eiemble e *Liberación Lingüística de la literatura brasileña*, de Jorge Amado.

**Figura 23 - Sumário da Revista Sur - Fevereiro de 1942**



Fonte da imagem: *Revista Sur*

---

BIOGRAFIAS Y VIDAS. *Biografía de Silvina Ocampo*. Disponível em: [https://www.biografiasyvidas.com/biografia/o/ocampo\\_silvina.htm](https://www.biografiasyvidas.com/biografia/o/ocampo_silvina.htm). Acesso em: 7 set. 2016.

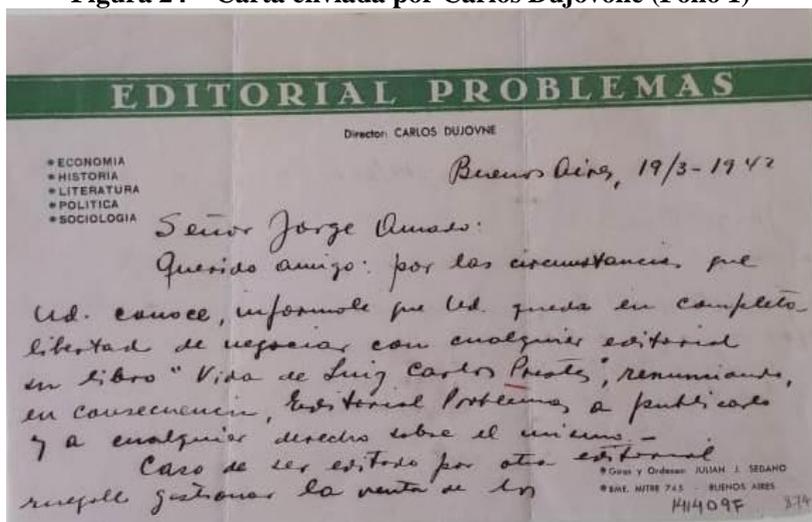
DLA LIBRARY. *Publicações de Waldo Frank*. Disponível em: [http://dla.library.upenn.edu/dla/ead/ead.html?id=EAD\\_upenn\\_rbml\\_PUSpMsC\\_oll823](http://dla.library.upenn.edu/dla/ead/ead.html?id=EAD_upenn_rbml_PUSpMsC_oll823). Acesso em: 7 set. 2016.

UNIVERSIDADE DE JUIZ DE FORA. *América como um todo: o pensamento a as relações de Waldo Frank com a América Latina em sua obra "América Hispana" (1931)*. Dissertação de Mestrado de Viníciu Lara da Costa. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/542>. Acesso em 9 set. 2016.

### Março de 1942

Os **Documentos 1414 09F** (Parte 1) **1415 09F** (Parte 2) são uma carta enviada por Carlos Dujovne, do Editorial Problemas, para Jorge Amado. Com envio de Buenos Aires, em 19 de março de 1942. Na correspondência, Dujovne comunica ao escritor brasileiro que, devido às circunstâncias por Amado conhecidas, a editora abre mão da publicação do livro “Vida de Luiz Carlos Prestes” e também sobre qualquer direito do livro *Cavaleiro da Esperança*.

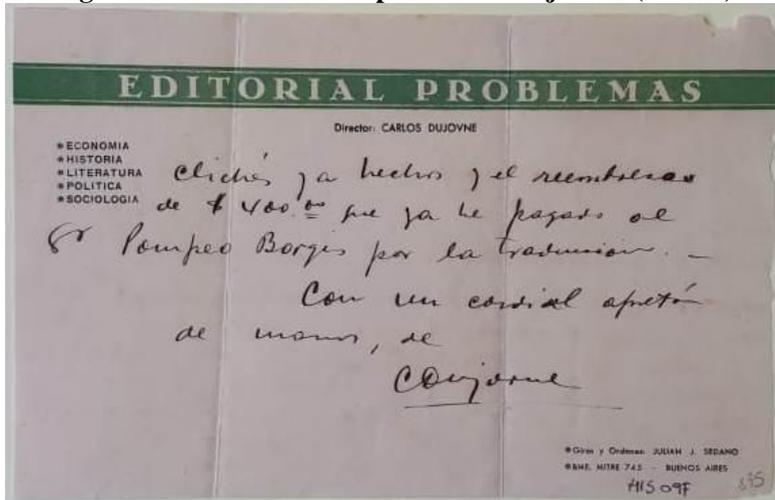
**Figura 24 – Carta enviada por Carlos Dujovne (Fólio 1)**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

Na segunda parte da carta, Dujovne menciona que a tradução seria feita por Pompeu Borges.

**Figura 25 – Carta enviada por Carlos Dujovne (Fólio 2)**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

Mesmo com a negativa de publicação do livro, posteriormente Jorge Amado faz uma dedicatória a Carlos<sup>125</sup>, justamente no livro *Cavaleiro da esperança – vida de Luís Carlos Prestes*: “Quero agradecer ainda ao meu amigo Carlos Dujovne, que me deu tempo para escrever esse livro. Tempo que ainda assim não chegaria se Abraham Pinus, a quem igualmente agradeço, não tivesse tomado a si outros trabalhos meus”.

<sup>125</sup> Carlos Dujovne – o camarada Carlos – como era conhecido pelos seus companheiros de partido, era também o dono do Editorial Problemas e amigo de Jorge Amado. No artigo de Prado Acosta y Laura, *Apuntes para un estudio transnacional de la cultura comunista*, o pesquisador lança um mapa das relações que se estabelecem e que envolvem interesses políticos e literários entre escritores e editores. Relações estas que se estabeleceram, muitas vezes, primeiramente no campo literário como subterfúgio para encontros e propagação da ideologia política.

PRADO, Acosta y Laura (2013). *Apuntes para un estudio transnacional de la cultura comunista*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-010/170.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

A importância de Carlos Dujovne (1903-1973) que era argentino de origem judio-russa para Jorge Amado se dá em duas situações: a primeira no campo editorial, pois Carlos (por volta de 1938) funda e dirige a Editorial Problemas (em Buenos Aires) – a maior empresa de difusão da cultura soviética na América Latina -, e ainda fomenta a edição da Revista *Expresión*<sup>126</sup>, dirigida por Héctor P. Agosti - foi a primeira revista literária com participação de comunistas. Segundo, porque ele também é um integrante do Partido Comunista<sup>127</sup> - o camarada Carlos<sup>128</sup>. Com o golpe militar em junho de 1943, a editora é fechada e o estoque de livros é queimado. Ele é detido na prisão de Néuquen até 1945. Inconformado com a orientação comunista de férrea oposição ao peronismo, e desiludido com o curso que toma a experiência soviética, em 1947 abandona, silenciosamente, o Partido Comunista<sup>129</sup>.

Em 28 de março de 1942, temos um telegrama de Diomedes Pereyra, **Documento 1400 09F**. Com envio de Nova Iorque, autoriza o escritor Jorge Amado a buscar o exemplar da Antologia que se encontrava no correio.

---

<sup>126</sup> A revista *Expresión* publicou oito números entre dezembro de 1946 e julho de 1947. Também abriu suas páginas para importantes autores latinoamericanos, como: Jorge Amado, David Alfaro Siqueiros, Juan Antonio Correjer, Caio Prado, Juan Marinello, entre outros.

<sup>127</sup> O artigo *Concepciones culturales en pugna. Repercusiones del inicio de la Guerra Fría, el zhdanovismo y el peronismo en el Partido Comunista argentino* aborda as relações entre Carlos Dujovne e o Partido comunista, bem como apresenta também sua saída do partido quando se estabelece, por volta de 1945, uma nova relação entre a esfera cultural e a esfera política.

ACOSTA, Laura Prado. *Concepciones culturales en pugna. Repercusiones del inicio de la Guerra Fría, el zhdanovismo y el peronismo en el Partido Comunista argentino*, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Cuestiones del tiempo presente, Puesto en línea el 10 febrero 2013, consultado el 28 marzo 2018. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/64825> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.64825

<sup>128</sup> “El camarada Carlos: itinerario de un enviado secreto” é o título do livro escrito pela filha Alicia Dujovne Ortiz, publicado em Buenos Aires, pela Editora Aguilar, em 2007.

<sup>129</sup> ULINOVA, Olga. *Develando un mito: emisarios de la internacional comunista en Chile*. Disponível em: <https://www.ecumenico.org/article/develando-un-mito-emisarios-de-la-internacional-co/?page=17>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Como vimos anteriormente, o senhor Diomedes Pereyra desempenhava um papel de mediador entre escritores e editoras, revistas estadunidenses. Diomedes refere-se, provavelmente, à antologia que inclui *Terras do sem fim* (1942), uma publicação da coleção latino-americana da Knopf, mas esta só seria lançada oficialmente em 1945. Portanto, esta informação ainda carece de confirmação.

**Figura 26– Telegrama de Diomedes Pereyra**

Forma ACM, T.A.R.G.

# All America Cables and Radio

THE INTERNATIONAL SYSTEM

**Mackay Radio** **Commercial Cables**

**ALL AMERICA CABLES AND RADIO**

**Postal Telegraph**

**BUENOS AIRES**  
SAN MARTIN 522. BARBIENTO  
UNION TELEF. 33. AVENIDA 5226  
CIA. TELEF. ARG. CENTRAL 208

**ROSARIO**  
CALLE PERU 84  
AVDA. DE MAYO 1233

**ROSARIO**  
CALLE SANTA FE 1137 - TELEF. 4031  
MENDOZA LAS HERAS 511

JOHN L. MERRILL  
PRESIDENTE DE LA JUNTA DIRECTIVA

FRANK W. PHELAN  
PRESIDENTE

NOTA: Cualquier pregunta referente a este telegrama se puede hacer por teléfono U. T. 33-Avenida 5923 directamente con la sala de aparatos. Rogamos citar el Número, la Presidencia y la Dirección.

EL SIGUIENTE TELEGRAMA FUE RECIBIDO "VIA ALL AMERICA"

Número	Presidencia	Palabras	Observaciones	Hora Original	Fecha y Hora de Recepción
1667	NEW YORK	24	27		MAR 20 3 07 AM '42

NLT PHYLLIS OCHAGAVIA

CASEROS 209 HAEDO BAIRES

URGENDOS AUTORIZACION JORGE AMADO QUE ENCUENTRASE BUENOSAIRE

PARA ANTOLGIA FAVOR BUSCARLO CONTESTEME PRIMER CORREO

AEREO

DIOMEDES PEREYRA

COPIA AUTORIZACION

1400 09F

U. T. 33 - Av. 591

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

## Abril de 1942

O Documento 1403 09F é um envelope enviado por L.C. Kaplan (3713 ½ W. 5TH AVE., Chicago, Illinois, USA) a Jorge Amado no endereço da Livraria ?????, Rua do Ouvidor, ??0 e ?????, Rio de Janeiro. A postagem feita na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 20 de abril, como consta no carimbo. O ano, provavelmente, de 1942. A hipótese de ser em 1942, se deve aos demais documentos de Kaplan, presentes no acervo. O documento apresenta dois blocos informativos. O primeiro bloco refere-se especificamente ao remetente da correspondência. Tendo como endereço do remetente - Louis Kaplan - a

sede da Universidade de Ilinoís (3713 ½ W. 5TH AVE., Chicago, Illinois, USA). A correspondência destina-se ao endereço de uma livraria situada à Rua do Ouvidor.

**Figura 27 – Envelope enviado por Kaplan para Jorge Amado**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado- NuLime

Na correspondência, os dados referentes ao nome da livraria e ao número para sua localização estão ilegíveis, mas se sabe que se situava na Rua do Ouvidor, número 110 a Livraria José Olympio. Como aparece no livro da neta do famoso livreiro e editor José Olympio, intitulado, *Rua do Ouvidor 110. Uma história da Livraria José Olympio*, escrito por Lucila Soares, publicado em 2006. O livro narra o dia-a-dia da Livraria José Olympio. No local encontravam-se, diariamente, grandes nomes da literatura brasileira dos anos 1930, 40 e 50, como: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e tantos outros.

No local do endereço, há rasuras, de modo a não precisar as informações. Sabe-se que à Rua do Ouvidor, número 110, localizava-se a Editora José Olympio, parceira de muitas publicações de Jorge Amado, como a primeira edição de *Jubiabá*, 1935; *Capitães da Areia*, 1937 dentre outras como informado na página da Fundação Casa de

Jorge Amado<sup>130</sup>. Para Jorge Amado a livraria não foi somente ponto de encontros literários, foi também seu local de trabalho de 1934 a 1937.

O segundo bloco informativo do documento apresenta um bilhete manuscrito à tinta preta. As informações estão incompletas devido à má conservação do papel e apresenta a seguinte mensagem na parte frontal do envelope:

*Tenente Pero Botelho, Rua 07 de Abril, 374  
Abraços do Aníbal -  
Mande um livro pra mim, deixe de ser mau  
sujeito.*

No verso, as informações são para um destinatário sob o nome de “Tenente Pero Botelho”, e sua localização “Rua 07 de Abril, 374”.

*Recebi esta agora no Zé Olímpio, não sei há  
quanto tempo está lá, escreva pra mim em todas  
??????? as minhas cartas do velho tenho  
recomendado o pedido de dinheiro de vocês. Vou  
ver se convenço ????? a lhe enviar algum.  
Abraços, Jaime (?). Escreva-me.*

O remetente – que na frente do documento assinou como Aníbal, agora termina com a saudação “Abraços, Jaime”. A hipótese é de que o bilhete fora escrito no envelope da carta deixada para Jorge Amado, e alguém a teria levado para o escritor enquanto estava no exílio. Outra

---

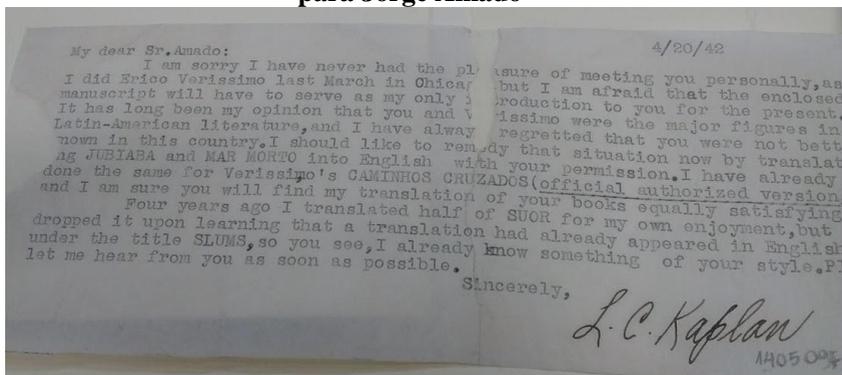
<sup>130</sup> O primeiro romance de Jorge Amado teve sua redação concluída no Rio de Janeiro, em dezembro de 1930, e sua 1ª edição, pela Schmidt Editor, Rio de Janeiro, em setembro de 1931, com 217 páginas, mil exemplares, e carta-prefácio do poeta Augusto Frederico Schmidt. A 2ª edição, com tiragem de dois mil exemplares, é de julho de 1932. Depois de ser reeditado pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, a partir de 1941, passou a ser editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, integrando, com os romances *Cacau* e *Suor*, o primeiro tomo da coleção “Obras Ilustradas de Jorge Amado”, volume I, capa de Carybé e ilustrações de Darcy Penteado. A partir da 30ª edição, 1976, sai pela Editora Record, Rio de Janeiro, com capa de Di Cavalcanti, ilustrações de Darcy Penteado, retrato do autor por Flávio de Carvalho e foto do autor por Zélia Gattai, em volume separado, com 183 páginas. Em 1999, foi publicada a 49ª edição.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Histórico*. Disponível em: [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=148](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148). Acesso em: 10 jan. 2015.

possibilidade é de que seria o escritor português Jaime Cortesão<sup>131</sup>, exilado no Brasil, morando no Rio de Janeiro, quem também compartilhava ideias políticas com Amado. No entanto, desisti de tal hipótese por não encontrar provas que realmente pudessem ser comprobatórias. Havia somente vestígios da proximidade de ambos, informações vagas, além de referência da presença em eventos literários, publicações, mas que não condizem com a data do “suposto” recado. A segunda hipótese e, esta sim, mais provável refere-se a Aníbal Machado, com quem Jorge tinha uma estreita relação.

O **Documento 1405 09F** é um bilhete datilografado (em inglês) por Louis C. Kaplan, em 20 de abril de 1942, enviado a Jorge Amado.

### Figura 28 – Correspondência de Louis C. Kaplan para Jorge Amado



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – NuLime

A seguir temos a transcrição da correspondência, ainda em língua inglesa e, em seguida, apresentaremos a tradução.

<sup>131</sup> “Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960) foi medido, político, historiador, professor, editor e escritor, além de Diretor da Biblioteca Nacional De Portugal entre 1919 a 1927. Presidiu a Junta Revolucionária do Porto durante a tentativa de derrubada da ditadura militar portuguesa no governo Salazar – o que causou sua demissão do cargo. Veio para o Brasil exilado durante o Governo Vargas, fixando-se no Rio de Janeiro e dedicando-se ao ensino universitário, especializando-se na História dos Descobrimentos Portugueses. Retornou a Portugal em 1957”.

Fonte: MUSEU DA REPÚBLICA. *Dedicatórias*. Disponível em:

<http://museudarepublica.museus.gov.br/exposicoes/dedicatorias/paginas/1937-1945.htm>. Acesso em: 20 fev. 2018.

*My dear Sr. Amado:*

*I am sorry I have never had the pleasure of meeting you personally, as I did Erico Verissimo last March in Chicago, but I afraid that the enclosed manuscript Will have to serve as my only introduction to you for the present. It has long been my opinion that you and Verissimo were the major figures in Latin-American literature, and I have always regretted that you were not better known in this country. I should like to remedy that situation now by translating JUBIABA and MAR MORTO into English with your permission. I have already done the same for Verissimo's CAMINHOS CRUZADOS (official authorized version), and I am sure you will find my translation of your books equally satisfying.*

*Four years ago I translated half of SUOR for my own enjoyment, but dropped it up learning that a translation had already appeared in English under the title SLUMS, so you see, I already know something of your style. Please let me hear from you as soon as possible.*  
Sincerely,

*L.C. Kaplan*

A correspondência, datiloscrita, em língua inglesa apresenta o seguinte teor:

*Caro Sr. Amado:*

*Lamento nunca ter tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente, como fiz em março passado, com Erico Veríssimo, em Chicago, mas temo que o manuscrito anexo tenha de servir como minha única apresentação a você no momento. Há muito tempo, minha opinião é que você e Veríssimo foram as principais figuras da literatura latino-americana, e eu sempre lamentei que você não fosse mais conhecido neste país. Gostaria de remediar essa situação agora traduzindo JUBIABA e MAR MORTO para o inglês com a sua permissão. Já fiz o mesmo para CAMINHOS CRUZADOS de Verissimo (versão oficial*

*autorizada), e tenho certeza de que achará minha tradução de seus livros igualmente satisfatória. Há quatro anos traduzi metade de SUOR para meu próprio prazer, mas desisti dela, já havia aparecido uma tradução em inglês sob o título SLUMS, então, veja, eu já conheço um pouco de seu estilo. Por favor, aguardo sua resposta o mais rápido possível.*  
*Atenciosamente,*  
*L.C. Kaplan (Tradução nossa)*

O bilhete que Jorge Amado recebera de Louis C. Kaplan refere-se à viagem de Veríssimo feita em março de 1941, período em que Erico Veríssimo fora convidado para visitar os Estados Unidos pelo Departamento de Estado norte-americano<sup>132</sup>. Retorna ao país em 1942, para ministrar aulas de Literatura Brasileira, na universidade da Califórnia. Permanece, com a família, até 1945<sup>133</sup>.

A tese de doutoramento de Carlos Alberto Cortez Minchilo, *Erico Verissimo, escritor do mundo – cosmopolitismo e relações internacionais*<sup>134</sup>, sob a orientação do professor Dr. Hélio de Seixas Guimarães, apresenta como o “poder simbólico” promovido através de uma posição privilegiada abriu espaço para que Veríssimo se tornasse o “tradutor e intérprete cultural” entre o Brasil e os Estados Unidos, principalmente. Na mesma linha, no artigo *Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura*

---

<sup>132</sup> GATTI, Maria Antônia Girardello. *Nas entrelinhas da boa vizinhança: literatura e política na trajetória de Érico Veríssimo entre Brasil e Estados Unidos (1941-1945)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107177?show=full>. Acesso em: 12 set. 2016.

<sup>133</sup> BORDINI, Maria da Glória. *A identidade do viajante: Erico Veríssimo nos Estados Unidos*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97023/000917685.pdf?sequence=1>. Acesso em: 9 set. 2016.

<sup>134</sup> MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *Erico Verissimo, escritor do mundo – cosmopolitismo e relações internacionais*. 2013. 380f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa em Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

*brasileira (1943-1947)* da pesquisadora Eliza Mitiyo Morinaka, analisam-se os projetos do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* e seus colaboradores para a tradução da narrativa de ficção brasileira para o inglês no período de 1943 a 1947. Demonstra que o referido projeto tinha um caráter pedagógico e produziu uma representação de Brasil agrário e atrasado em contraste com os Estados Unidos industrializados e modernos.

Na década de 1940, especificamente nas traduções levadas ao público pelas editoras estadunidenses, adicionou-se o componente político ao interesse pela nossa literatura, que acabou se transformando em um dos bens simbólicos apropriados pelos projetos culturais do governo dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), órgão responsável pelas relações com os países latino-americanos, elaborou e executou as ações de intercâmbio cultural para fortalecer os laços de ‘amizade’ entre as Américas. Além dos acordos de interesse político e econômico, o OCIAA ressaltou as atividades culturais para garantir uma inserção estadunidense mais efetiva nos países vizinhos. Tota (2000: 41) referiu-se ao Office como “uma verdadeira fábrica de ideologias”. Em curto prazo, os programas de rádio alcançaram um grande público para difundir os ideais do governo dos EUA e combater a propaganda alemã e italiana, que já se espalhara pelo território nacional também pelas ondas dos rádios. Concomitantemente, outros projetos com o mesmo objetivo foram colocados em prática, tais como a produção de curtas-metragens, desenhos animados, propagandas de produtos estadunidenses em revistas e publicação das revistas *Em Guarda* e *Seleções* (uma versão da *Reader’s Digest*)<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> MORINAKA, Eliza Mitiyo *Estudos Históricos* Rio de Janeiro, vol. 30, no 664 62, p. 661-680, setembro-dezembro 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862017000300661&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862017000300661&script=sci_arttext). Acesso em: 12 jan. 2018).

## Quanto à recepção da obra do escritor

O primeiro livro de Jorge Amado traduzido para o idioma inglês foi publicado nos Estados Unidos em 1945, pela Alfred A. Knopf Publishers, por meio de patrocínio do Departamento de Estado americano, que mantinha um programa de intercâmbio cultural como parte da “Política de Boa Vizinhança” do presidente Roosevelt. A literatura traduzida era, então, vista como um caminho para compreender o “outro”. Criou-se, a partir daí, um padrão de comportamento que perdurou por décadas. Érico Veríssimo, Gilberto Freyre, Alfred e Blanche Knopf<sup>136</sup>, Samuel Putnam e Harriet de Onís foram atores importantes nesse cenário. Apesar de seu contínuo posicionamento de esquerda, após desligar-se do Partido Comunista no final da década de 1950, Jorge Amado tornou-se um *bestseller* norte-americano, como resultado dessa vertente “diplomática” e do renovado projeto de tradução (e de amizade) de Alfred A. Knopf. Entretanto, outras redes de influência também atuavam sobre a recepção da obra do escritor, fazendo com que ela fosse assimilada de forma própria, metonímica, diferente da que ocorreu em países do leste europeu, por exemplo. Esta pesquisa

---

<sup>136</sup> Ainda com referência a Blanche Knopf o artigo *Perspectivas cambiantes sobre um arquivo editorial americano: o caso da Knopf, Inc.* destaca que “A primeira descoberta feita por Blanche no Brasil foi Jorge Amado, cujo foi publicado em inglês em 1945, e na Argentina, Eduardo Mallea. Surpreendentemente, em retrospectiva, a empresa nunca percebeu a importância de Jorge Luis Borges, cujas obras eles possivelmente tenham considerado como muito “difíceis” para os leitores americanos, ou quem sabe por lhe faltar as cores locais mínimas associadas à literatura da região. Os mais característicos romances cômicos de Jorge Amado, especialmente *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, alcançaram maior sucesso e o romancista realmente seguiu por conta própria nos anos 1980 por causa das adaptações do seu trabalho para o cinema e o palco”.

Disponível em: <http://www.revistadefontes.unifesp.br/perspectivas-cambiantes-sobre-um-arquivo-editorial-americano-o-caso-da-knopf-inc/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

investigou a relação entre os atores mencionados, tais redes de influência e a representação cultural do Brasil na literatura traduzida de Jorge Amado nos Estados Unidos<sup>137</sup>.

Segundo Marly Tooge (2008) com relação a Jorge Amado, os reflexos da política da Boa Vizinhança foram visíveis e fundamentais para torná-lo um *bestseller*, iniciando com a tradução para o inglês de *Terras do Sem Fim* e, posteriormente, encabeçando a lista de novos escritores latino-americanos.

Enquanto isso, os críticos literários do *The New York Times* anunciavam uma nova geração de autores que substituiriam os antigos escritores da década de 1940. Entre eles figuravam Jorge Amado e Guimarães Rosa. Todavia, quem levaria a literatura brasileira traduzida à lista de *bestsellers* do *The New York Times* não seria o governo ou as universidades americanas, mas sim o próprio Alfred Knopf, com a publicação de *Gabriela, Clove and Cinnamon* (*Gabriela, Cravo e Canela*) de Jorge Amado.<sup>138</sup>

Seguindo o itinerário do acervo o documento seguinte é um envelope destinado a Jorge Amado (sem data), portanto, é impreciso dizer se o escritor recebera essa correspondência quando ainda estava no Brasil.

---

<sup>137</sup> ACERVO JORGE AMADO. Disponível em: <http://acervo.jorgeamado.org.br/item/703071117303>. Acesso em: 19 jan. 2018.

<sup>138</sup> No artigo *Deu no New York Times: A tradução literária como aliança política*, Marly Tooge destaca a importância e, respectivamente, as consequências das relações político/culturais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Graças à política da Boa Vizinhança, Jorge Amado teria se tornado um *bestseller* na década de 1960 nos Estados Unidos.

Disponível em:

[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/063/MARLY\\_TOOGE.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/063/MARLY_TOOGE.pdf). Acesso em 15 Fev. 2017.

## Maio de 1942

O **Documento 1411 09D** é uma carta da Editora Martins Fontes a Jorge Amado justificando o não interesse em publicar o trabalho do Sr. Ivan Pedro de Martins, em 16 de maio de 1942, São Paulo.

Pedro Martins e Jorge Amado tinham uma estreita relação, como afirma Aline Rullian Germann Woloski, em *Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada*<sup>139</sup>. Apresenta a troca de correspondência entre os escritores, no biênio 1941-1942, período em que integravam da Aliança Nacional Libertadora (organização política de oposição ao governo).

Em 1941 e 1942, período de correspondência entre Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado, o Brasil encontrava-se sob um regime autoritário RIHGRGS, Porto Alegre, n. 150, p. 135-147, julho de 2016. 139 Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada chamado Estado Novo, cujo líder era o presidente Getúlio Vargas. Esta forma de organização governamental censurava e reprimia a oposição e ideologias consideradas subversivas, caso do comunismo (2016, p. 138-139).

Ambos no autoexílio. Amado dividido entre Buenos Aires e Montevidéu. Martins, mineiro, casado com Mery Mércio, refugia-se na estância Santa Cecília, do sogro Camilo Mércio, na região fronteira de São Gabriel, no Rio Grande do Sul. “Foi ao vivenciar a lida diária do homem do campo do Rio Grande que escreveu *Fronteira Agreste* (1944) e *Caminhos do Sul* (1945), leituras fundamentais para os que querem conhecer a ficção gaúcha” (Woloski, 2016, p. 135).

Para a pesquisadora, além da amizade entre eles, a troca de correspondências também registra informações sobre a movimentação política, tanto no Brasil, quanto na Argentina e no Uruguai; apresenta também, reflexões acerca da literatura, inclusive analisando e compartilhando textos inéditos e relatos de cunho pessoal e íntimo.

---

<sup>139</sup> WOLOSKI, Aline Rullian Germann. *Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada*. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 150, p. 135-147, julho de 2016. Acesso em: 29 dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/62222/38008>.

### Junho de 1942

O **Documento 1418 09F** é uma carta datiloscrita por Antonio Zamora do Editorial Claridad, em 05 de junho de 1942. Comunica que J.A. poderá retirar a primeira edição de “Prestes” na Sucursal do Editorial.

### Agosto de 1942

O **Documento 1413 09F** é o envelope do **Documento 1412 09F** enviado pela Editorial Claridad. No documento a carta é endereçada ao escritor brasileiro, no seguinte endereço: *Colonia, 1164, Montevideo*. Na verdade, Colônia 1164 é o endereço da sucursal da Editorial Claridad, em Montevideú.

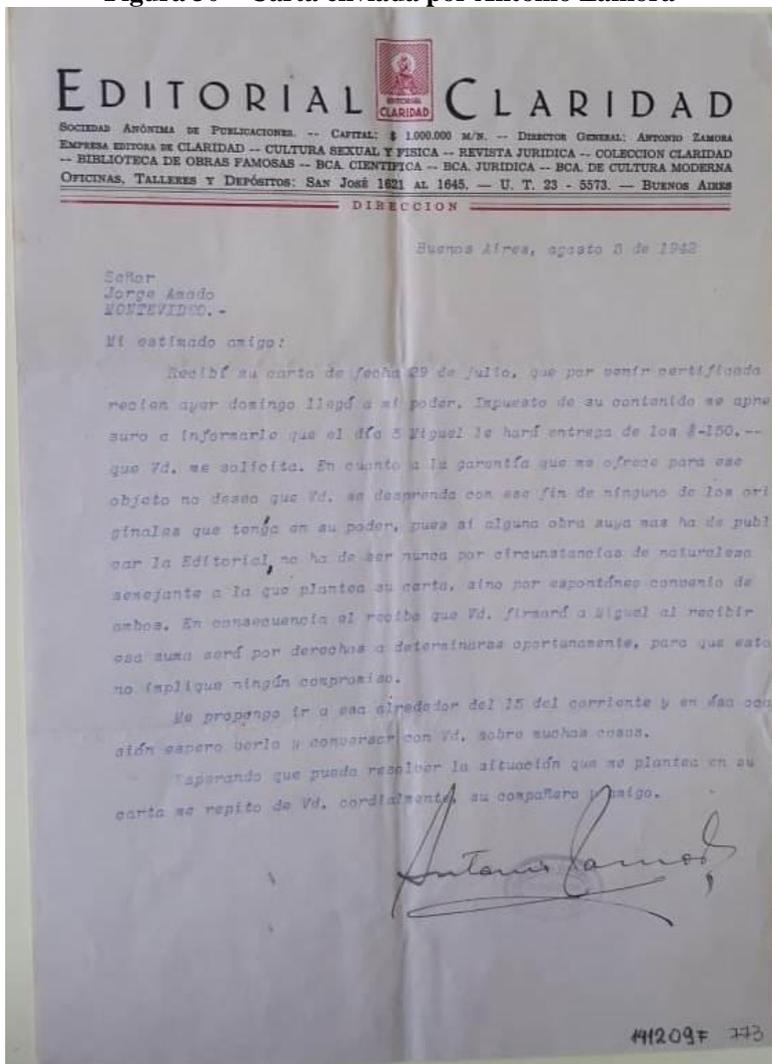
**Figura 29 – Envelope da carta enviada por Antonio Zamora**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – NuLime

O **Documento 1412 09F** é uma carta a Jorge Amado, enviada pelo Editorial Claridad, em 03 de agosto de 1942 e assinada por Antonio Zamora. Na carta, o editor esclarece e garante o pagamento referente à publicação de um livro.

Figura 30 – Carta enviada por Antonio Zamora



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – NuLime

Em 24 de agosto de 1942, o escritor ainda estava em Montevidéu, de acordo com o **Documento 1408 09E**, uma nota fiscal de Impressora Uruguya S.A. Na nota não há mais especificações sobre os serviços prestados pela empresa ao escritor, mas ao que indica seriam

impressões. Há ainda o Documento 1409 09E que é uma cópia do documento anterior.

Figura 31 – Nota fiscal de prestação de serviços a Jorge Amado

  
**Impresora Uruguaya S.A.**  
 ESTABLECIMIENTO GRAFICO Y PAPELERIA POR MAYOR

DIRECCION TELEGRAFICA: IUSA  
 TELEFONOS: 444 41 - 444 42

**PRESUPUESTO N.º 21633**  
 PARA Jorge Amado.-

MONTEVIDEO, Agosto 24 de 1942.-  
 CERRITO 649 JUNCAL

1.000	affiches, formato 8 X 99 cms., impresos a 4 tintas segun modelo, por la suma total de <b>TRESCIENTOS PESOS</b> .....	\$ 300.00	
2.000	idem idem por la suma de <b>TRESCIENTOS OCHENTA PESOS</b> .....	\$ 380.00	

*[Handwritten Signature]*  
 Impresora Uruguaya S.A.

CONDICIONES GENERALES DE PAGO	REFERENCIAS	
No tenemos cuenta corriente. Los recibos son pagaderos al cobro, al portador o al orden y al séalo al extranjero, si con garantía bancaria. En caso contrario, a los efectos de aquí suales, corrientes, otros recibidos, la referencia de los libros comerciales con sistema usual.	FIRMA	DOMICILIO

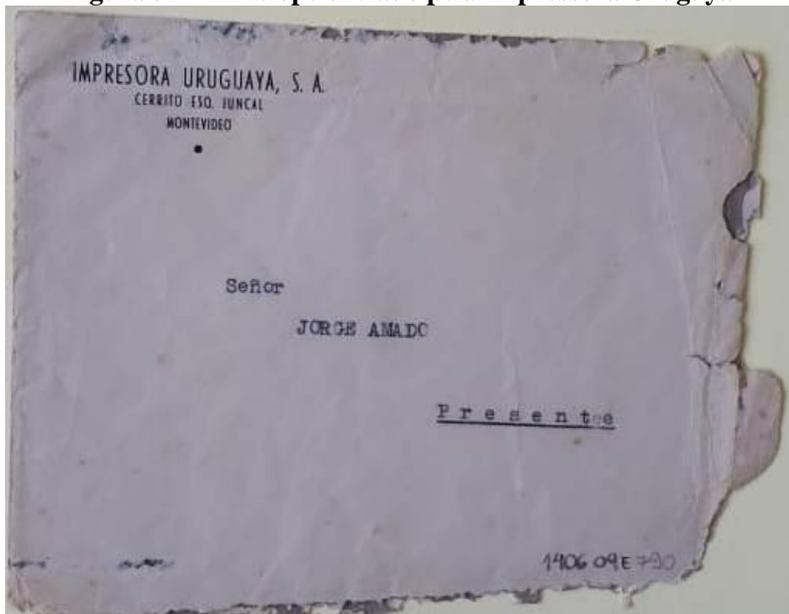
EN CASO DE ACEPTACION, ROGAMOS DEVOLVERLOS FIRMADO EL DUPLICADO ADJUNTO.

140909E 732

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – Nulime

O **Documento 1406 09E**: Envelope da Impressora Uruguaya, S.A, Cerrito Esq. Juncal, Montevideo. Datilografado *Señor JORGE AMADO Presentee*.

**Figura 32 – Envelope enviado pela Impressora Uruguaya**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – NuLime

Sobre o envelope há duas hipóteses. Na primeira, o endereço, segundo fontes, era a sede do *Jornal El Día*<sup>140</sup>. A precisão com relação à

---

<sup>140</sup> O livro de Juan Carlos Martínez Coll, *Uruguay un destino incierto*, apresenta que o endereço situado entre as ruas Juncal e a rua chamada Cerro (ou Cerrito), hoje Bartolomé Mitre era a sede do jornal *El Día* a partir de 20 de julho de 1891.

Fonte: COLL, Juan Carlos Martínez. *Uruguay un destino incierto*. P. 195.  
Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=y4rqtdsSYE4C&pg=PA194&lpg=PA194&dq=imprenta+na+rua+Juncal,+Montevideo&source=bl&ots=O8PuG2Yq-C&sig=7mWMED-N81LgJoZTZSKniO7qok0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiKj4289o7aAhUBTJAKHVFFAYoQ6AEIWTAF#v=onepage&q=jorge%20amado&f=false>. Acesso em: 20 jan. 2018.

nova denominação<sup>141</sup> dada às ruas necessita de uma pesquisa mais aprofundada, pois há inconsistência entre as informações. Na segunda hipótese a Impresora Uruguya poderia ter enviado ao escritor, a nota fiscal dos serviços prestados com as impressões. E ainda que, anexo ao jornal, estaria a empresa.

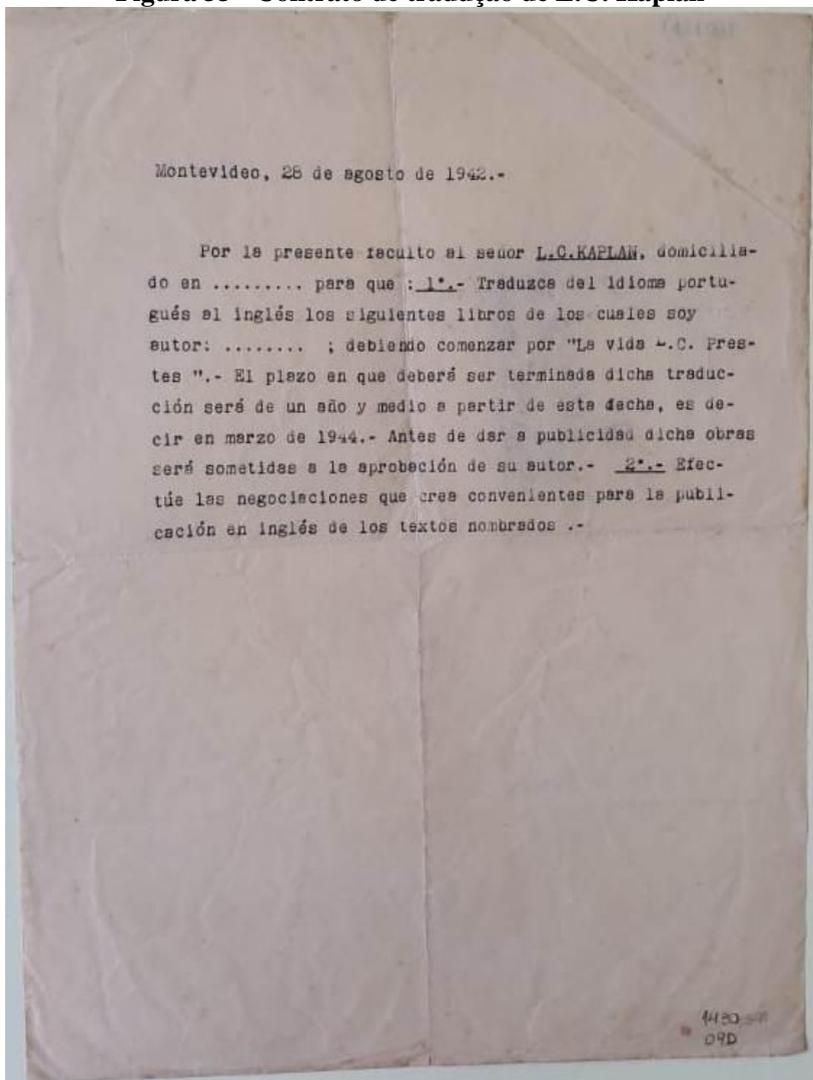
O **Documento 1430 09D** é um contrato de tradução – parece ser um modelo - no qual o Sr. L.C. Kaplan se compromete em concluir a tradução do livro “La vida de L.C. Prestes” do português para o inglês até março de 1944.

O documento, originário de Montevideú, com data de 28 de agosto de 1942. Escrito em espanhol, o Sr. L.C. Kaplan se compromete em traduzir do português para o inglês, devendo começar pelo livro “La vida L.C. Prestes”. Acrescenta, ainda, que a tradução deverá ser concluída em um ano e meio, a contar de março de 1944.

---

<sup>141</sup> PERIODICAS. Nomenclatura de Montevideo. Disponível em: [http://www.periodicas.edu.uy/Libros%20sobre%20pp/Castellanos\\_&\\_Segarra\\_Nomenclatura\\_de\\_Montevideo.pdf](http://www.periodicas.edu.uy/Libros%20sobre%20pp/Castellanos_&_Segarra_Nomenclatura_de_Montevideo.pdf). Acesso em: 20 jan. 2018.

**Figura 33 - Contrato de tradução de L.C. Kaplan**



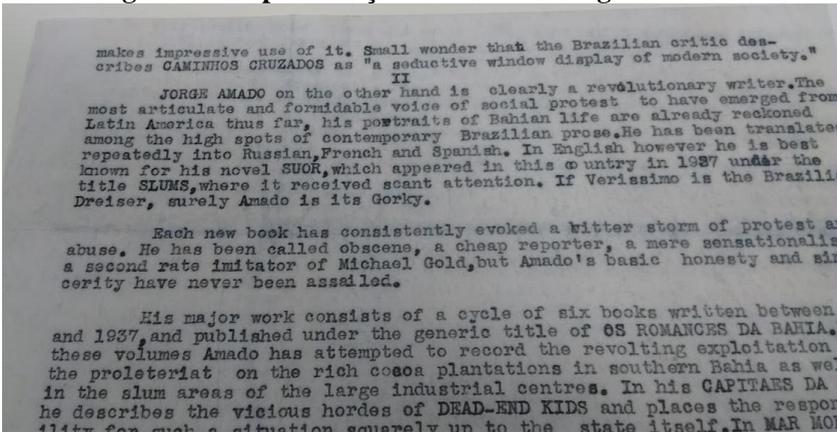
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado – Nulime

Foram diversas tentativas para localizar a tradução do livro de Jorge Amado para o inglês a que se refere o contrato. A única tradução que aparece, além da *Luiz Carlos Prestes – o cavaleiro da esperança* (1942) em português, é a tradução para o espanhol *Prestes, el Caballero*

*de la esperanza*, publicada em Buenos Aires, pelo Editorial Futuro, em 1958. O que teria acontecido para que o contrato não se efetivasse? Que (des)interesses estariam por trás da não publicação da obra? Seriam por questões políticas? Estas perguntas e muitas outras ficam soltas no ar.

O documento a seguir, **1421 09G**, é uma página datiloscrita em inglês comentando sobre a obra de Jorge Amado. No entanto, não há início, parece ser a continuação de outra página, no entanto, a continuação do documento não está disponível no acervo do NuLime.

### Figura 34 – Apresentação de obras de Jorge Amado



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado - Nulime

A seguir apresento a transcrição do documento 1421 09G, na íntegra:

*"makes impressive use of it. Small wonder that Brazilian critic describe CAMINHOS CRUZADOS as "a seductive window display of modern society."*

II

*JORGE AMADO on the other hand is clearly a revolutionary writer. The most articulate and formidable voice of social protest to have emerged from Latin America thus far, his portraits of Bahian life are already reckoned among the high spots of contemporary Brazilian prose. He has been translated repeatedly into Russian, French and Spanish. In English however*

he is best known for his novel *SUOR*, which appeared in this country in 1937 under the title *SLUMS*, where it received scant attention. If *Verissimo* is the Brazilian Dreiser<sup>142</sup>, surely Amado is its Gorky<sup>143</sup>.

Each new book has consistently evoked a ritter storm of protest and abuse. He has been called obscene, a cheap reporter, a mere sensationalist, a second rate imitator of Michael Gold, but Amado's basic honesty and sincerity have never been assailed.

His major work consists of a cycle of six books written between 1931 and 1937, and published under the generic title of *OS ROMANCES DA BAHIA*. In these volumes Amado has attempted to record the revolting exploitation of the proleteriati on the rich coca plantations in southern Bahia as well as in the slum areas of the large industrial centres. In his *CAPITAES DA AREIA* he describes the vivious hordes od *DEAD-END KIDS* and places the responsibility for such a situation squarely up to the state itself. In *MAR MORTO* he penetrates the fatalistic life of the fisher-folk, with all its somber poetry. In *SUOR* the best of his earlier novels, he focuses attention on the crowded tenement districts and paints a harrowing picture of a typical habitation. The picture of 600 men and women, packed together like sardines into a four story yellow building, into 116 cubicles and toilets, with their frustrations and perversions, is one of the most effective pieces of writing of our generation, and reveals a new low in human suffering and degradation. Some critics consider this Amado's masterpiece.

It is in *JUBIABA* however, that magnificent study of negro life in the Americas, that he displays his richest talents. It is difficult to

---

<sup>142</sup> Theodore Dreiser (1871-1945), escritor americano.

<sup>143</sup> Máximo Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi um escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo.

*escape a comparison between Amado's novel, and Richard Wright's NATIVE SON. In any comparison of the two, it is Wright who must suffer.*

*The Antonio Balduino of JUBIABA is a nobler figure than the American Biggers. Balduino is inarticulate, he is sentimental, he is egotistical, he is by turn tender or rough, but he is never coarse, he is not sullen, he is not secretive, he is never anti-pathetical. His is not a blind brute force expending itself uselessly. He is too sensitive. His love for his fellow humans is rich and genuine. Unlike Biggers, Balduino shows no dread of the whites. If he hates them all at first, it is because of his instinctive hatred of slavery in any form. Biggers never forgets he is a negro, and he goes to his death*

*Now what of Amado's style? It is simple, fluid, diagrammatic and economical. What he compresses in a few pages, a lesser man might well despair of packing into a volume twice its size. Consider for example, the chapter Cantiga de Amigo in JUBIABÁ. Here in less than 8 pages, in less than 2700 words, Amado unfolds before us the whole sordid and tragic history of Lindalva's prostitution. Strongest in individual chapter and in graphic situations, his weakness lies in his failure to maintain a sustained unity of narration. His prose is marked throughout by deep poetical feeling, and a fantastic folklore reminiscent of Marc Connelly's GREEN PASTURES.*

As tratativas editoriais apresentam, na maioria delas, possibilidades de publicações, convites. Poucos das tratativas se efetivaram no período 1941-1942, no entanto, foram fundamentais para que a literatura produzida pelo escritor fosse traduzida para o inglês. Os livros seriam traduzidos alguns anos depois.

Os documentos **1422 09G** e **1423 09G** apresentam uma biografia. Os dois documentos, ao que indica, foram escritos pelo próprio Jorge Amado, pois apresentam as mesmas características de documentos cuja autoria já foi comprovada. Faz uso da mesma máquina de escrever, da mesma cor da fita, de rasuras com a mesma caligrafia do escritor. Quanto ao gênero discursivo dos documentos, apesar de tê-los

classificado preliminarmente como biografia, tal afirmação, após uma análise mais aprofundada tornou-se inconsistente. O texto apresenta-se em terceira pessoa, com análise crítica sobre as obras e fatos e dotado de subjetividade.

O **Documento 1422 09G**: O documento datiloscrito em vermelho apresenta uma breve biografia do autor. Ao que indica, escrita pelo próprio Jorge Amado, pois o escritor utiliza a mesma máquina para datilografar vários documentos, com as mesmas características, presentes no Acervo do NuLime.

A seguir, a transcrição completa do **Documento 1422 09G**:

J O R G E A M A D O

*Nasceu na fazenda de cacau em Ilhéus, no Estado da Bahia (Brasil) em 1912. Sua infância e adolescência decorrem nas plantações de cacau e nas cidades de Ilheus e Itabuna quando ainda se completava a conquista da terra cacauzeira, em meio a assassinatos e lutas. Fazendo seus estudos secundários na cidade da Bahia, capital do Estado, Jorge Amado aí iniciou sua carreira de escritor e jornalista. Mas, nessa, época ele principalmente vive e conhece sua cidade. Fazendo a vida boemia dos literatos da cidade, apesar da sua extrema juventude, Jorge Amado começa a se interessar pela vida do povo. Em 1930 vem para o Rio de Janeiro fazer na Universidade o curso de advogado. Em 1931, aos 19 anos, publica sua primeira novela, "O Paiz do Carnaval", onde procura retratar a sua geração a procura de um caminho. Caminho que o romancista logo encontrou para sua vida intelectual. Realmente logo dois anos depois Jorge Amado publica "Cacau", escrita aos 20 anos, novela onde narra a vida dos trabalhadores das plantações de cacau onde passara sua infância. "Cacau" é o maior sucesso e o maior escândalo literário no ano de 33 no Brasil. Esta novela veio romper com toda a tradição da novela rural brasileira, até então falsa e traidora perante a verdadeira vida no campo: apresentando um campo idílico de patrões bondosos, moças lindas e negros obedientes e felizes. A polícia apreendeu a novela mas isso não obstou a sua imensa*

*popularidade em edições que se sucederam até 1937 quando todos os livros de Jorge Amado foram definitivamente proibidos no Brasil, em Portugal e nas colônias portuguesas e passaram a ser vendidos às escondidas e ilegalmente. Em 1934 Jorge Amado escreve e publica “Suor”, que ora apresentamos ao público da América Espanhola, resultado de sua vida num cortiço da capital da Bahia. Em 1935 aparece “Jubiabá”, a novela do negro brasileiro, recentemente colocada, num concurso entre intelectuais brasileiros, entre as dez maiores novelas brasileiras de todos os tempos. Em 1936 nos dá “Mar Morto” onde retrata a vida dos marítimos baianos e em 1937 “Capitães da*

**O Documento 1423 09G** é continuação do documento anterior:

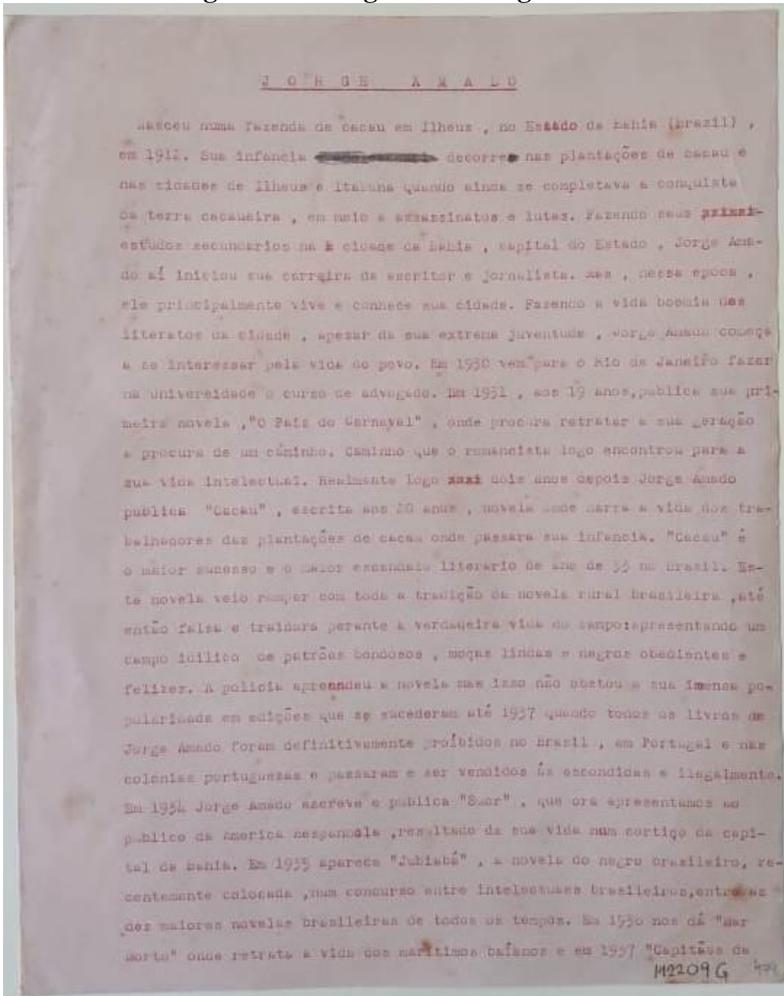
*Areia” onde trata das crianças abandonadas na cidade da Bahia. Estas seis novelas formam o ciclo dos “Romances da Bahia” e com a última Jorge Amado encerrou a primeira fase de sua obra. Nesse mesmo ano de 1937 seus livros são proibidos no Brasil, queimados nas praças públicas nas cidades da Bahia, Fortaleza e Manaus. Nessa ocasião Jorge Amado, recém chegado de uma viagem através das Américas, se encontrava num cárcere em Manaus, capital do estado do Amazonas.*

*De 1938 até 1941, quando se exila para a Argentina, Jorge Amado escreveu uma peça de teatro, “Filadelfio”, uma novela, “Agonia da noite”, uma biografia, “ABC de Castro Alves” e um livro de poemas. Desses livros só a biografia de Castro Alves pode ser publicada no Brasil, obtendo um grande êxito de venda. No momento não só seus livros como qualquer artigo ou nota que leve a sua assinatura está impedido de ser publicado no Brasil. Na Argentina Jorge Amado termina uma novela “São Jorge dos Ilhéus”, onde trata do problema do pequeno lavrador brasileiro, e uma biografia do grande líder democrático do Brasil Luiz Carlos Prestes.*

*Escritor popular, escrevendo para o povo e sobre o povo, Jorge Amado se ligou a todos os movimentos reivindicadores do povo brasileiro. Em 1935 fez parte da Aliança Nacional Libertadora, foi redator de “A manhã”, foi um dos dirigentes do “Club de Cultura Moderna”, agremiação dos intelectuais de esquerda. Com a implantação do regime fascista do Estado Novo, Jorge Amado resistiu às prisões e às tentativas de suborno. Proibidos seus livros, perseguido, sabotado pelos intelectuais vendidos ao Estado Novo, Jorge Amado se exila em 1941. Na Argentina denuncia no Congresso de Escritores, reunidos em Tucumã, os crimes do Estado Novo para com a cultura brasileira. Isso lhe valeu ser expulso da correspondência de “A Noite”, diário do Rio a a proibição de sair em qualquer jornal do Brasil artigos seus.*

*Sobre Jorge Amado escreveu a yankee Vera Kelsey: “... praised and dammed as the Hemingway of Brasil” e a chilena Gabriela Mistral> “... El primer novelista do Brasil y talvez de La America Latina...” ... en La literatura sudamericana no hay un caso de hombre escritor tan fiel a su pueblo”.*

**Figura 35 – Biografia de Jorge Amado**



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado - Nulime

No acervo há documentos que apresentam uma listagem com as obras publicadas por Amado. Considerei, para análise, os quatro documentos: 1424 09G, 1425 09G, 1426 09G e 1427 09 G em um único bloco, por apresentarem, ao que parece, a mesma finalidade. São documentos datilografados pelo escritor e, provavelmente, para compor o prefácio de alguma publicação. A ordem de apresentação segue a

quantidade de obras citadas. O primeiro documento (1424 09G) com uma única obra citada e, os demais (1425 09G, 1426 09G, 1427 09 G) respectivamente, apresentando mais obras.

O **Documento 1424 09G**: Documento datiloscrito com o que, provavelmente, seria uma lista de obras do autor. Contudo a lista apresenta somente o primeiro livro: *O PAIZ DO CARNAVAL*.

Já no **Documento 1425 09G**, o escritor apresenta uma lista datiloscrita com seus romances:

*DO AUTOR:*

*Romances:*

*Os Romances da Bahia:*

1 – *O PAIZ DO CARNAVAL*

2 – *CACAU*

3 – *SUOR*

4 – *JUBIABÁ*

5 – *MAR MORTO (Prêmio Graça Aranha)*

6 – *CAPITÃES DA AREIA*

*AGONIA DA NOITE (inédito no Brasil)*

*SÃO JORGE DOS ILHÉUS*

*Biografias:*

*ABC DE CASTRO ALVES*

*O CAVALHEIRO DA ESPERANÇA (inédito no Brasil)*

*Poesia:*

*OS POEMAS DE JORGE AMADO (edição fora de mercado)*

*Teatro:*

*FILADELFIO*

*NOITE DE CAES (em preparo)*

---

*Reservados todos os direitos de reprodução, tradução e adaptação.*

*Copyright by Jorge Amado*

De acordo com esse documento “O cavaleiro<sup>144</sup> da esperança (inédito no Brasil)” faz referência à biografia de Luiz Carlos Prestes, escrita quando Jorge Amado se autoexilou na Argentina<sup>145</sup>. A escritura

---

<sup>144</sup> Nas escrituras que se seguem a palavra “cavalheiro” desaparece e é substituída por “cavaleiro”.

<sup>145</sup> No período em que esteve na Argentina, Amado residiu em um bairro chamado Santos Lugares, mais precisamente na casa que pertencera ao escritor

do livro foi finalizada em 02 de janeiro de 1942<sup>146</sup>, cuja tradução feita por Pompeu Borges e editada em maio do mesmo ano. Originalmente, publicada em Buenos Aires, pela Editorial Claridad, no ano 1942 - em espanhol, sob o título de *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. O próprio Jorge Amado explica seu plano de escritura da obra, como mostra a pesquisadora, integrante do Núcleo de Pesquisa e Memória (NuLIME) Nicola Mira Gonzaga Da Silva, em sua dissertação de Mestrado *O cavaleiro biografado e outros ecos*<sup>147</sup>. Nicola Gonzaga – utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documentos presentes no acervo, aponta rastros entre a obra do escritor baiano e a construção da biografia de Prestes entrecortada por correspondências que ora tendem ao fazer literário, ora ao fazer político de ambos.

De acordo com Tavares ainda em junho de 1942, Jorge Amado estava “em Buenos Aires, com períodos em Montevidéu, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A vida de Luiz Carlos Prestes é publicada em livro, em tradução espanhola, pela Editorial Claridad, de Buenos Aires*” (1980, p. 34). A versão argentina da obra foi proibida e queimada por ordem do governo de Juan Domingo Perón.

Os primeiros exemplares eram negociados clandestinamente no Brasil, pois a biografia seria publicada por aqui somente três anos mais tarde, em 1945, sob o título *O Cavaleiro da Esperança* e a Livraria Martins Fontes é quem organiza a edição brasileira. **O Documento 1426**

Ernesto Sábato e que ficava cerca de 20 quilômetros do centro de Buenos Aires. Nesse período também, o escritor baiano destaca a importância do casal Rodolfo e Carmen Ghioldi que foram como sua família no período em que viveu por lá.

Fonte: CADERNOS HISPANOAMERICANOS. *Dossie: Jorge Amado*. 2003, p. 19. Disponível em: [http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo\\_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1](http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1). Acesso em 10 jan. 2017.

<sup>146</sup> Fonte: CADERNOS HISPANOAMERICANOS. *Dossie: Jorge Amado*. 2003, p. 19-20. Disponível em:

[http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo\\_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1](http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5&registrardownload=1). Acesso em 10 jan. 2017

<sup>147</sup> GONZAGA, Nicola. *O cavaleiro biografado e outros ecos*. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado em Literaturas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174444/345689.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2017.

**09G:** O documento é uma prévia do documento anterior, e também está incompleto.

O **Documento 1427 09G**, datiloscrito em cor verde, apresenta a lista de obras publicadas, em ordem cronológica, tendo como última informação a venda dos direitos de filmagem da “Brasil Vita Filme S/A”, do livro *Mar Morto*. A notícia sobre a negociação com a companhia de Carmen Santos ganhou as páginas do periódico *Dom Casmurro*, em 9 de dezembro de 1939. No entanto, sem informações que comprovem a efetivação do projeto. A seguir a transcrição do documento **1427 09G**:

*JORGE AMADO*

*do autor:*

*OS ROMANCES DA BAHIA:*

*1 – O PAIZ DO CARNAVAL*

*2 – CACAU*

*3 – SUOR*

*4 – JUBIABÁ*

*5 – MAR MORTO*

*6 – CAPITÃES DE AREIA (romances)*

*A ESTRADA DO MAR – poemas – edição fora do comércio*

*AGONIA DA NOITE – romance*

*Em preparo:*

*SINHÔ BADARÓ – romance*

*ABC DE CASTRO ALVES – biografia do poeta*

*traduzidos:*

*CACAO – tradução hespanhola de “Cacau” por Hector F. Miri – Colection Grandes Novelas Sociales – Editorial Claridad – Buenos Ayres, 1936.*

*CACAU – tradução russa de D. Vigodsky – Edições do Estado – Moscou, 1935.*

*SLUMS – tradução inglesa de “SUOR” por Ann Martin – New Americas – New York, 1937.*

*SUDOR – tradução hespanhola de “SUOR” por Hector F. Miri – Ercila – Chile.*

*BAHIA DE TOUS LES SAINTS – tradução francesa de “JUBIABÁ” pelos profs. Michel Berveiller e Pierre Hourcade – Edições N.R.F. – Paris, 1938.*

JUBIABÁ – tradução hespanhola de Raul Navarro – Editorial Iman – Buenos Ayres, 1937.  
 MAR MUERTO – tradução hespanhola de “Mar Morto” por Hector F. Miri – Editorial Claridad – Buenos Ayres, 1938.  
 CAPITANES DE LA ARENA - tradução hespanhola por Raul Navarro de “Capitães da Areia” – Editorial Perseo – Buenos Ayres, 1939.  
 JUBIABÁ – tradução ingleza de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)  
 MAR MORTO - tradução ingleza de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)  
 adaptação teatral:  
 BALDO, O NEGRO – adaptação teatral de “Jubiabá” por Roberto Alvim Corrêa.  
 adaptação cinematográfica:  
 MAR MORTO – direitos de filmagem da “Brasil Vita Filme S/A.

Com relação à forma que o documento 1427 09G é organizado, são perceptíveis algumas semelhanças. As seis primeiras obras são apresentadas na mesma ordem do documento presente no acervo, exceto que na versão do acervo o escritor não faz menção ao prêmio Graça Aranha concebido pela publicação da primeira edição de *Mar Morto*, pela Academia Brasileira de Letras, em 1936.

Na publicação do acervo, portanto, há ainda as informações acerca de obras publicadas no ano de 1939, portanto, supõe-se que esse será integrante de algum livro que o escritor publicará em 1940 ou em data posterior. Descartei que seria para o livro o *ABC de Castro Alves*, publicada em 1941, pois, como escrevemos anteriormente e segundo Tavares (1980, p. 33), a conclusão do livro se deu ainda no Rio de Janeiro em março de 1941; portanto, antes de Jorge Amado sair do Brasil. Outra hipótese é que seria para o livro *Agonia da Noite* ou *São Jorge dos Ilhéus*, pois o romance inédito, apresentado nas várias versões no acervo, ora tem um nome, ora outro. Ou ainda para *Terras do sem fim*, pois Tavares (1980, p. 34) destaca que, em agosto de 1942, o escritor estava em Montevidéu onde se ocupava na escritura do livro.

Figura 36 – Bibliografia no livro *Capitães de areia*, 1937

**"OS ROMANCES DA BAHIA"**

- 1 — O PAIZ DO CARNAVAL
- 2 — CACAU
- 3 — SUOR
- 4 — JUBIABÁ
- 5 — MAR MORTO (Premio Graça Aranha)
- 6 — CAPITÃES DA AREIA  
romances

**em preparo:**

- ROTEIRO DAS 3 AMERICAS (impressões de viagem)  
O PROFESSOR FLUVIO (romance)

**traduzidos:**

- CACAO — tradução hespanhola de "Cacau" por Hector F. Miri — Colecion Grandes Novelas Sociales — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1936
- CACAU — tradução russa de D. Vigodsky — Edições do Estado — Moseon, 1935.
- SUDOR — tradução hespanhola de "Suor" por Hector F. Miri — Editorial Ercilla — Santiago do Chile, 1937
- SLUMS — tradução inglesa de "Suor" por Ann Martin — New Americas — New York, 1937.
- JUBIABÁ — tradução franceza dos profs. Michel Berville e Pierre Houcard — Edições N. R. F. — Paris, 1937
- JUBIABÁ — tradução hespanhola de A. Navarro — Editorial Iman — Buenos Ayres, 1937
- MAR MUERTO — tradução hespanhola de "Mar Morto" por Hector F. Miri — Colecion Novelistas Americanos de Hoy — Editorial Claridad — Buenos Ayres, 1937
- CACAU — tradução franceza de Jean Bazin (em preparo)
- JUBIABÁ — tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)
- MAR MORTO — tradução inglesa de Thomas Dwyer, Jr. (em preparo)

Reservados todos os direitos da reprodução, tradução e adaptação. Copyright by Jorge Amado.

Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado

Outra inconsistência de informação se dá com relação ao romance *Agonia da noite* que aparece na lista de obras como se já estivesse publicado, contudo, cópias do romance inédito, estão no acervo da Mala. E o romance *Sinhô Badarô* é anunciado como "em preparo". Em busca de informações sobre o livro na *internet*, em

acervos *online*, não há menção sobre a existência dele. De acordo com informações disponibilizadas na Fundação Casa de Jorge Amado, há uma personagem, Juca Badaró, no livro *Terras do Sem*<sup>148</sup> que poderíamos considerar como sendo o livro “em preparo” por Amado.

Jorge Amado refugia-se na Argentina. Volta para o Brasil somente em 1942. Mas para ser novamente preso. Três meses de detenção no Rio de Janeiro. Por determinação da polícia, passa a viver em Salvador, onde escreve *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, publicados, respectivamente, em 1943 e 1944. Bem vistas as coisas, *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus* sugerem uma dupla. São livros que se irmanam em temas e problemas. Romances complementares, se assim se pode dizer, falam de terras virgens conquistadas para a lavoura e da formação da sociedade do cacau, transformando de modo radical uma região até então econômica e culturalmente inexpressiva. É o mundo de Ramiro Bastos e Juca Badaró, do feiteiro Jeremias, do negro Damião, de advogados interioranos, capangas e prostitutas. Mundo violento, simultaneamente rico e miserável, paraíso dos chamados “coronéis do cacau”, inferno dos camponeses suarentos e esfarrapados. Mas há uma diferença

Com relação ao documento a seguir a possibilidade é de que venha a compor uma publicação em espanhol. Documento **1428 09G**, datiloscrito em vermelho e apresenta a lista de livros de Jorge Amado traduzidos para o castelhano:

LIBROS DE JORGE AMADO EM CASTELLANO:  
CACAO -- novela – traducion de Hector Miri – Editorial Claridad.

---

<sup>148</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *Terras do Sem Fim*. Disponível em:

[http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=148&lang=pt&obra=816&start=9#obra](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=148&lang=pt&obra=816&start=9#obra). Acesso em: 20 jan. 2018.

MAR MUERTO – novela – tradução de B. de Garay -- Editorial Claridad.  
 JUBIABA – novela – tradução de Raul de Navarro – Editorial Iman.  
 SUDOR – novela – tradução de Carlos Costa Leite – Editorial Problemas.  
 CAPITANES DE LA ARENA – tradução de -- Editorial Sudamerica.  
 VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES – biografia – (em preparo)

No documento seguinte, mais notas biográficas construídas pelo próprio escritor. No próprio documento, Amado destaca sua produção no período de 1937 a 1941.

**Documento 9101 A:** Neste documento o escritor Jorge Amado apresenta sua biografia comentada que, provavelmente, faria parte do livro (inédito) “São Jorge dos Ilhéus”. O datiloscrito pelo autor se apresenta em duas páginas. Na primeira página temos:

“J O R G E A M A D O

*Com a publicação de “São Jorge dos Ilhéus”, Jorge Amado comemora o seu primeiro decenário de livro publicado, já que “O Paiz do Carnaval”, seu romance de estreia, apareceu em 1931, numa edição Schmidt, então editor da moda. Não caberia nessa nota sequer uma resenha, quanto mais um estudo detalhado da atuação de Jorge Amado nesses dez anos, da importância da sua obra já realizada para a literatura brasileira. Nesses dez anos Jorge Amado conquistou não somente um lugar entre os maiores romancistas brasileiros de todos os tempos como um lugar de leader de seu povo pela lealdade com que estudou seus problemas e descreveu a sua vida. E o seu nome atravessou as fronteiras do Brasil para se tornar conhecido em todo o mundo culto.*

*A obra escrita e publicada por Jorge Amado consta da serie de seis romances intitutados “Os romances da Bahia”, realizados de 1931 a 1937. Esse é o seu trabalho dos 18 aos 24 anos. “O Paiz do Carnaval, romance de estreia que já denunciava a força do romancista;*

*“Cacau”, que revolucionou a técnica do romance rural brasileiro, antes ridiculamente falso e longe da verdadeira realidade do campo; “Suor”, experiência técnica de romance coletivo; “Jubiabá”, colocado recentemente, num concurso entre intelectuais, entre os dez romances brasileiros, afresco magnífico da vida dos negros no Brasil, “Mar Morto”, épico e lírico poema da vida dos marinheiros, “Premio Graça Aranha” para o melhor livro de 1936; e “Capitães da Areia”, dramático relato da vida das crianças pobres. Esses seis romances narra a vida do Estado da Bahia, onde nasceu o romancista. De 1937 até esse ano de 1941 Jorge Amado escreveu dois romances, duas biografias, um livro de poemas e uma peça de teatro. A peça de teatro ainda não foi representada no Brasil e o livro de poemas apareceu em uma ideção fora do comercio, conhecida apenas por pouquíssimas pessoas. E um dessas raras pessoas – o poeta Paulo Mendes Campos – após a leitura desses poemas colocou Jorge Amado entre os cinco maiores poetas*

**O Documento 9201 A** é a segunda página, continuação do documento anterior:

*Brasileiros. Tão pouco um dos romances – “Agonia da Noite” – é publicado no Brasil. E o mesmo acontece de referência a uma das biografias escritas por Jorge Amado, aquele que leva o título de “O Cavaleiro da Esperança”. Como se vê dos seis livros realizados por Jorge Amado de 1938 a 1941, somente dois tiveram ampla divulgação no Brasil. Uma biografia – “ABC de Castro Alves” – publicada em julho deste ano e este romance – “São Jorge dos Ilhéus” – que hoje apresentamos ao público. Outros países, no entanto, já conhecem os livros de Jorge Amado ainda inéditos no Brasil. Isso se deve a que nenhum escritor brasileiro uniu a sua obra de tal maneira a sua vida. A fidelidade de Jorge Amado a sua obra literária e ao povo de sua terra, tem sido objetos de estudos não só de*

*críticos nacionais: Gabriela Mistral, a grande poetisa chilena, encontra que nenhum escritor da América, como Jorge Amado, tem sabido fazer da sua vida e da sua obra um único bloco. Essa fidelidade de Jorge Amado a sua obra e ao seu povo levou-o a exilar-se. Hoje vive fora do Brasil, mas sempre em função do Brasil e da liberdade do povo brasileiro, como prova sua recente atuação no III Congresso de Escritores Argentinos, ao qual compareceu na qualidade de “convidado de honra”.*

*Traduzido e publicado em 8 línguas diversas, nome continental, admirado e amado nas 3 Américas como uma das mais legítimas vozes do povo americano, estudado pelos mais importantes críticos do continente e da Europa, considerado por muitos como o primeiro romancista vivo da América Latina, tendo, por outro lado, visto sua obra ser perseguida, proibida e queimada no Brasil e em Portugal, seu nome arrastado na lama das difamações, odiado por todos os inimigos do povo brasileiro, tendo conhecido o cárcere por mais de uma vez, continua Jorge Amado, sem a mais mínima vacilação na mesma posição que adotou desde os começos de sua carreira literária. Como uma voz leal do povo do Brasil.*

Jorge Amado desembarca no Brasil, mais precisamente em Porto Alegre em 08 de setembro de 1942. E, logo em seguida, é preso. Meses depois, na edição de 6 de fevereiro de 1943, da revista *O Cruzeiro*, em reportagem sobre a festa do Senhor do Bonfim, cita-se que os fiéis “Passaram pelas ruas da cidade baixa até a colina do Senhor do Bonfim, a quem um romancista do povo e amado pelo povo, o escritor Jorge Amado, chamou de “Padroeiro das Nações Unidas” e a reportagem termina noticiando que estão lavando a escadaria do Bonfim os romancistas Clóvis Amorim e Jorge Amado, auxiliados por lindas baianas (1943, p. 6 e 10).

### **Março de 1944**

Em 25 de março de 1944, uma nota de apenas duas páginas lança aos leitores que a Livraria Martins está organizando uma segunda edição do livro do escritor baiano, Jorge Amado, *Terras do sem fim*.

**Documento 1434 09F**, carta de Diómedes de Pereyra, do Comitê da editora HOUGHTON AND MIFFLIN (localizada em Boston) acerca da inserção do título “MAR MORTO” na antologia Inglesa de escritores contemporâneos da América Latina. E ainda há a solicitação do compilador da antologia – Sr. Dudley Poore – para que Jorge Amado envie em caráter de urgência suas notas biográficas.

A antologia foi publicada em 1942, sob o título *Fiesta in November: Stories from Latin America*, com seleção e edição de Angel Flores e Dudley Poore; e apresentação de Katherine Anne Porter. Apresenta, além de Jorge Amado, o título das obras e seus respectivos autores:

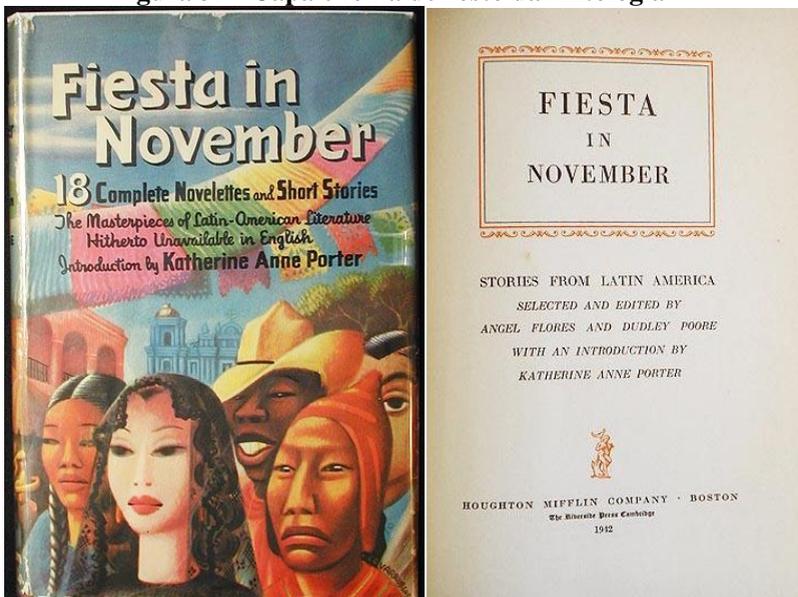
Fiesta in November / Eduardo Mallea -- Don Goyo / Demetrio A. Malta -- Gaviota / José Diez-Canseco -- Country girl / Luis Tablanca -- The sloop 'Isabel' arrived this evening / Guillermo Meneses -- The futile life of Pito Perez / José R. Romero -- Dangerous men / Hector I. Eandi -- *Sea of the dead* / *Jorge Amado* -- The fugitives / Horacio Quiroga -- They came to a river / Rogelio Sinán -- The white wind / Juan C. Dávalos -- Rain / Auturo U. Pietri -- The good knight Carmelo / Abraham Valdelomar -- La Misqui-Simi / Adolfo Costa du Rels -- Vagabonds' Christmas Eve / Salvador Reyes -- Escape / Rafael M. Labarca -- Pilgrimage / Armando Arriaza -- Brother ass / Eduardo Barrios<sup>149</sup>.

---

<sup>149</sup> PRINCETON. *Fiesta in November*; stories from Latin America, selected and edited by Angel Flores and Dudley Poore, with an introduction by Katherine Anne Porter.

Disponível em: <https://catalog.princeton.edu/catalog/2859564>. Acesso em: 12 jan. 2018.

**Figura 37 - Capa e folha de rosto da Antologia<sup>150</sup>**



Fonte da imagem: Abe Books

A vida literária do escritor, após o biênio 1941-1942 continua pululante. Em 1º de abril de 1944, a editora Martins, em poucas duas linhas, anuncia que editará *S. Jorge dos Ilhéus*, do escritor Jorge Amado. E, no mesmo, ano há Em 1944, publica *São Jorge dos Ilhéus* “a continuação de (1943), considerado por muitos críticos a obra-prima de Jorge Amado [...], o romance compõe, com o livro anterior, uma painel sobre a formação da sociedade cacauêira”<sup>151</sup>.

Ainda no mês de abril, mais precisamente no dia 15, na edição de número 25 do jornal *O cruzeiro*, há o anúncio da publicação da 2ª edição de *Terras do sem-fim* pela Livraria Martins Editora e, no dia 29 de abril de 1944, na seção Novidades, sai novamente uma nota com

<sup>150</sup> ABE BOOKS. *Fiesta in November*. Disponível em:

<https://www.abebooks.com/Fiesta-November-Stories-Latin-America-selected/1829928251/bd>. Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>151</sup> FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. *São Jorge dos Ilhéus*. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12611>. Acesso em: 15 dez. 2018.

duas linhas anunciando que nos próximos meses haverá a publicação de *S. Jorge dos Ilhéus* pela Livraria Martins.

No mês seguinte (24 de maio de 1944) uma nota maior é apresentada na revista *O Cruzeiro*, dessa vez anunciando o lançamento do livro *S. Jorge dos Ilhéus*. Acrescenta ainda a informação de que o escritor é que apresenta maior atividade no Brasil.

No dia 07 de outubro de 1944, uma pequena nota com duas páginas anuncia que estão iniciando as reedições de todos os livros de Jorge Amado e que a Livraria Martins Editora lançara *Jubiabá*.

Na primeira edição da Revista *O Cruzeiro*, publicada em 28 de outubro de 1944, a questão da dificuldade em reeditar livros é assunto assinado por Luiz Alípio de Barros, em uma crônica: *Dos livros à margem de reedições*. Segundo ele, a maioria dos escritores sonha com a aceitação do público leitor, “a melhor maneira de medir a popularidade de um escritor é, sem dúvida, pelo número das reedições de seus livros”<sup>152</sup>. O objetivo primeiro da crônica era apresentar uma estatística de reedições de autores americanos e, ao trazer a reflexão para a literatura nacional, percebe que é raro o escritor brasileiro que as tenha. É muito difícil que um livro brasileiro alcance mais de uma edição em menos de dois anos. Casos como: *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues<sup>153</sup> (5 reedições em menos de um ano); *Frenteira agreste*, de Ivan Pedro Martins, “[...] cujas três edições não se deve ao seu verdadeiro valor como romance social, mas ao rumoroso escândalo de sua interdição<sup>154</sup>” e, “dos últimos livros de Jorge Amado, do *Fogo Morto*, de José Lins do Rego e dos livros de Erico Veríssimo são raríssimos” (Barros, 1944, p. 21). Ainda quanto à recepção das obras brasileiras, destaca que as “mocinhas” preferem os romances em língua inglesa; a “gurizada”, as cômodas historietas em quadrinhos. Finaliza a

---

<sup>152</sup> BARROS, Luiz Alípio de. *Dos livros à margem de reedições*. Jornal O Cruzeiro, 1 ed, 28 de outubro de 1944, p. 21. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20194&pesq=jorge%20amado>. Acesso em: 9 dez. 2018.

<sup>153</sup> Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de Suzana Flag, publicou o folhetim em 38 capítulos. *Meu destino é pecar* narra a história de Leninha, que se casa com Paulo, para evitar a falência de sua família. Vai morar com o marido em uma fazenda, com a sogra e o cunhado Maurício, por quem se apaixona.

<sup>154</sup> Em torno de *Frenteira agreste* criou-se uma série de anedotas, pois no mesmo dia em que recebera a notícia da interdição de seu livro, Ivan Pedro Martins recebia também um telegrama firmado por Pedro Vergara, em nome de Getúlio Vargas, parabenizando-o pelo lançamento do livro e pela qualidade da obra.

crônica responsabilizando o público leitor pela opção literária: “Temos, entretanto, que esperar pacientemente pelo tempo em que o público se determine a oferecer seu apoio à nossa literatura. O público pode fazer muita coisa por ela...” (Barros, 1944, p. 21). O cronista, no entanto, em momento algum se refere à questão política que promovera o apagamento das obras de muitos dos escritores mencionados.

No mesmo exemplar da Revista *O Cruzeiro*, na página 50, há uma nota falando justamente sobre a reedição da obra de Jorge Amado.

A Livraria Martins Editora, que não faz muito lançou *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, os mais recentes romances de Jorge Amado, vai reeditar toda a obra do romancista baiano. Teremos novas edições de País do Carnaval, Cacaú, Jubiabá, Mar Morto, Suor, Capitães de Areia, etc (1944).

Na edição de número 04, de 18 de novembro de 1944, sai uma pequena nota anunciando que a Editora Martins, com as pretensões de editar as obras completas de Amado, “lançou *Jubiabá*, um dos famosos romances do escritor” (p. 21). E em 25 de novembro de 1944, na edição de número 5, na página com o título de Novidades, escritas em letras garrafais, uma pequena nota ganha destaque, pois apresenta o livro *Terras do sem fim*. Segundo a matéria veiculada, o romance é classificado como seu melhor livro e um dos melhores da ficção brasileira.

Sobre *Terras do sem fim*, um dos mais recentes romances do escritor baiano Jorge Amado, e editado pela Livraria Martins, disse o crítico Guilherme Figueiredo: “... No clamor da sua luta, descobre-se a enorme esperança que, em Jorge Amado, constrói uma das mais violentas figuras do nosso romance e faz de *Terra do sem fim* o seu melhor livro e um dos melhores da nossa ficção (*O Cruzeiro*, 1944).

A popularidade do escritor baiano nos periódicos, não se dava somente pela sua movimentada vida literária, mas também pela movimentada vida política. Em 26 de março de 1945, no jornal *Tribuna Popular*, sob a manchete “Líderes anti-fascistas presos em São Paulo”, o escritor volta às páginas dos jornais. Dessa vez, a notícia relata que a

polícia política esteve em grande atividade nos últimos dias, realizando uma série de diligências que culminaram na prisão de cerca de 30 militantes, dentre eles Jorge Amado, Caio Prado Junior, Joaquim Câmara Ferreira entre outros. Jorge Amado e mais alguns foram soltos logo em seguida, pois não havia provas que os incriminassem como líderes anti-fascistas.

O escritor baiano também aparecia em periódicos com suas traduções, como esta no dia 26 de maio de 1945; na seção *Livros Novos* é apresentado o livro *Terra e sangue* de Michail Cholokoy, prêmio Stalin, e publicado pela editora Flama em São Paulo, com tradução de Jorge Amado e Gustavo Nonnernberg, contendo prefácio de Jorge Amado.

Uma nota no rodapé da página, publicada em 9 de junho de 1945, anunciava que os dois últimos romances do escritor *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus* seriam lançados pela livraria Martins, responsável também pela reedição dos dois primeiros romances de Amado. Em setembro, na seção *Edições norte-americanas*, da revista *O Cruzeiro*, a tradução do livro de Jorge Amado *The violent land* figura entre as publicações em língua inglesa, sendo escolhido o livro do mês.

No ano de 1945, o escritor Jorge Amado foi notícia permanente na revista *O Cruzeiro*. Seu nome figurou em uma nota, em 20 de outubro de 1945, quando do anúncio do lançamento do livro de Dorival Caimy, tendo por responsabilidade a escritura do prefácio. Com o título *Caimy escreve um livro*

Dorival Caimy acaba de escrever um livro sobre a Bahia. As músicas populares da Bahia que exercem influência sobre a formação artística e as produções do grande cancionista. Graciliano Ramos ilustrou o livro e Jorge Amado escreveu para ele o prefácio. A edição será lançado em São Paulo (O Cruzeiro, 20 out. de 1945)

A revista *O Cruzeiro*, além das notícias referentes à literatura nacional, também se fazia um apanhado da literatura mundial. Como a notícia, na qual, Erico Veríssimo, entrevistado pelo *O jornal* fala sobre a recepção de livros brasileiros nos Estados Unidos. O escritor revela:

Com relação às tratativas editoriais presentes no acervo da Mala entre o escritor baiano e Alfred Kopf, aparecem concretizadas através de uma notícia publicada em 27 de outubro de 1945, pela revista *O*

*Cruzeiro*. O editorial transcreve entrevista de Veríssimo ao periódico *O Jornal* sobre a viagem aos Estados Unidos.

Está causando sucesso de crítica nos Estados Unidos, um livro que considero admirável, de Gilberto Freire. E, intitulado *Brasil – uma interpretação*. Tive, também o prazer de ver o belo livro de Jorge Amado *Terras do Sem Fim*, numa tradução de Samuel Putnam (*Violent land*). Ambas as edições são da Casa Alfred Kopf, que tem em sua lista de publicações próximas *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, e *Angústia*, de Graciliano Ramos. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, foi um grande sucesso literário na sua tradução americana. *Fogueira*, de Cecílio Carneiro, também apareceu em Nova York, em boa tradução (O *Cruzeiro*, 27 out. 1945).

Na mesma edição, consta mais uma nota sobre o escritor baiano. Desta vez, é um comentário breve sobre a possibilidade de dividir a obra dele em duas partes ou fases distintas: “A primeira fase está constituída de novelas *País do Carnaval*, *Cacau* e *Suor*”; já “a segunda parte pelos romances *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães de areia*, e *São Jorge dos Ilhéus*” (p. 23). O comentário é assinado pelo crítico Álvaro Lins.

Novamente a ideia de escolas literárias vêm à tona na revista *O Cruzeiro*, desta vez em artigo assinado por Geraldo de Freitas, sob o título de *Geração nova e geração velha*. O autor defende que a nova geração de escritores aparecidos depois de 1940 estão muito fracos e não podem ser colocados juntos aos “velhos” escritores da década de 1930. Destaca ainda que a geração dos revolucionários era composta por Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Emil Farhat, Nelson Rodrigues, Jorge Amado, Amando Fontes, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Rubem Braga, Marques Rabelo e tantos outros.

No excerto, *Dezembro de 1945 - Véspera de viagem*, Zélia Gattai explica que no dia seguinte partiriam para o Rio de Janeiro, pois

Jorge acabara de ser eleito deputado federal por São Paulo. Convocado meses antes pelo Partido Comunista [...], foi-lhe comunicado ter sido seu nome um dos escolhidos para compor a chapa de candidatos do Partido a deputado federal por São

Paulo, nas eleições marcadas para 2 de dezembro daquele ano de 1945. Jorge relutara em aceitar, não nascera para político profissional, a atuação parlamentar não o tentava. O que desejava era escrever – sua única vocação –, viajar, ser dono do seu tempo (Gattai, 1982, p. 6).

Gattai complementa que o argumento para Amado candidatar-se foi que de que seu renome de escritor ampliaria a chapa e sua popularidade arrastaria votos. No entanto, a intenção do escritor era renunciar ao mandato, cedendo a cadeira no Parlamento para seu suplente. Estavam certos:

Jorge foi eleito com votação excelente; pessoas que não votariam em outro candidato comunista votaram no escritor. Detalhe curioso: obtive a maioria dos votos da colônia judaica, apesar de concorrer também a uma cadeira no Congresso Nacional um judeu ilustre, Horácio Lafer. Jorge esperava apenas chegar no Rio para concretizar sua renúncia. Em seguida partiríamos para o Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, em necessitadas e merecidas férias (1992, p 6-7).

Ainda em 1945<sup>155</sup>, aparece um breve ensaio escrito por Jorge Amado defendendo a existência de uma escola baiana de escritores sob o título de *Escola de arte política*, no qual apresenta argumentos para que se considere a escola intelectual baiana pelo fato de esta apresentar características que a diferem das escolas paulistas, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Isso ocorre principalmente pela articulação da linguagem, ou seja, adota uma política linguística voltada aos falares regionais, às variações linguísticas, ao coloquialismo, distanciando-se da norma culta. Tanto na política linguística quanto na política partidária a opção pelo popular é uma das características marcantes do político Jorge Amado: “O gosto quase sensual das palavras e do debate de ideias, a liberdade da discussão, certa cordialidade democrática, o amor à liberdade”.

Na construção desse itinerário, optei por não priorizar as relações políticas do escritor, no entanto, elas permearam a pesquisa. Ative-me a estabelecer as relações a partir da documentação relacionada às

---

<sup>155</sup> Revista *O Cruzeiro*, publicação de 08 de dezembro de 1945.

tratativas editoriais presentes na Mala, tal recorte se fez necessário ante a quantidade de informações disponíveis e as múltiplas possibilidades de desdobramentos da pesquisa.

No início da pesquisa levantei a hipótese de que, no polissistema literário brasileiro, a obra de Jorge Amado fora relegada à margem pela crítica nacional, devido a sua opção política partidária. Na (re)construção desse itinerário foi necessário percorrer muitas bifurcações, considerando, de acordo com Even-Zohar que as tensões entre a cultura canonizada e não-canonizada são universais. Não há no mundo uma única língua que não seja estratificada, embora inclua uma ideologia dominante que rege as normas do sistema e não considere que nenhum outro estrato ultrapasse o que está canonizado. O mesmo vale para a estrutura da sociedade (2017, p. 14-15).

Desse modo, o objeto de estudo desse trabalho não se restringiu aos textos literários<sup>156</sup>, foram considerados os componentes que constituem o sistema literário<sup>157</sup> brasileiro: instituições, repertório, produtores, consumidores, mercado e produto. Consequentemente, componentes que determinam a valoração da obra. Desse modo, há de se considerar: o posicionamento político, a crítica literária, narrativas que abordam temas populares, opção linguística, bem como, os espaços pelos quais obra e autor circulam. Estabelecer conexões e rupturas entre os sistemas.

---

<sup>156</sup> “Para Even-Zohar, o objeto de estudo do pesquisador não pode ficar restrito exclusivamente aos textos literários propriamente ditos, cuja influência na caracterização do sistema não é necessariamente maior do que as atividades e interações dos diversos outros integrantes do polissistema literário” (Carvalho, 2005, p. 30).

<sup>157</sup> Os componentes do sistema literário são:

- a) Instituição: produtores literários, críticos, editoras, periódicos, clubes e grupos de escritores, órgãos governamentais e os meios de comunicação de massa, entre outros...
- b) Repertório: acordos e conhecimentos partilhados entre membros de uma comunidade.
- c) Produtor: autores e criadores de textos literários - é mais abrangente que o de escritor, de modo semelhante aos conceitos de consumidor e de produto, abaixo. O produtor é um agente político, engajado em um discurso de poder destinado a legitimar o repertório que emprega.
- d) Consumidor: também é mais do que apenas um leitor.
- e) Mercado: aproxima-se da instituição.
- f) Produto: mais abrangente do que obras literárias (citações, resumos, resenhas, críticas etc). (Even-Zohar 2017, p. 29-48).

Como por exemplo, a opção pelo Partido Comunista, permitiu que suas obras alcançassem outros países, todavia, custou-lhe, no Brasil, ter parte de sua obra invisibilizada.

## 2 TRILHANDO UM CAMINHO POSSÍVEL: A CRÍTICA

*“Crítico é escolher: quem escolhe julga:  
quem julga, pesa: e quem pesa, pensa.  
Crítico é, pois, obra de lógico e de esteta.”*  
Estêvão Cruz, 1934

A crítica em relação à obra e ao escritor Jorge Amado (Graciliano Ramos, José Lins do Rego etc) apresenta algumas peculiaridades, diferentemente do que ocorreu com outros escritores brasileiros, cuja crítica literária ocupava-se em observar e valorar a obra, tendo como objeto o fazer literário. A obra de Amado, no entanto, foi analisada por “valores particulares”, considerando, em alguns casos, a opção política. A obra foi classificada como “subversiva”, foram 1.827 livros queimados durante a Ditadura Vargas, como apresenta a reportagem veiculada no jornal *Correio*:

Perplexas, centenas de pessoas se aglomeraram em frente à Escola de Aprendizes de Marinheiros, em Salvador, no fim da tarde daquela sexta-feira - 19 de novembro de 1937 - para assistir a um espetáculo inusitado. Em frente ao que hoje é a sede do Segundo Distrito Naval, na Avenida Contorno, uma grande fogueira de livros ardia, grossos rolos de fumaça escureciam o céu e um forte cheiro de papel queimado se espalhava pelas imediações da parte baixa do Elevador Lacerda e atingia até mesmo a parte alta, a Praça Municipal, a Rua Chile e a Praça da Sé.

Não era um incêndio comum, mas a queima de 1.827 livros considerados “propagandistas do credo vermelho”, como eram chamados pelos militares que, nos dias anteriores, tinham percorrido as livrarias da cidade e apreendido quantos exemplares encontraram. Entre os livros que viraram cinzas naquela tórrida tarde primaveril em Salvador, 1.694 - mais de 90% - eram de autoria de um jovem jornalista e escritor baiano: Jorge Amado.<sup>158</sup>

---

<sup>158</sup> CORREIO 24 HORAS. *Ditadura Vargas incinerou em praça pública 1640 livros de Jorge Amado*. Disponível em:

Seria possível desenvolver uma leitura da obra sem considerar o caráter pessoal do escritor? Sem considerar sua subjetividade? Para Roland Barthes “a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem” (BARTHES, 2004, p. 57), se a escrita é neutra, e com ela perde-se toda a identidade é possível apagar a autoria?

O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida pela nossa sociedade, na medida em que, ao terminar a idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio pessoal do indivíduo, ou como se diz mais nobremente, da «pessoa humana» (BARTHES, 2004, p. 58).

A voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, onde a escrita começa. Sem desconsiderar a ideia, nem toda crítica considerará tal aspecto, por vezes, atendo-se apenas a aspectos subjetivos do autor, preponderando aspectos biográficos. Faz-se necessário contextualizar que, historicamente, tal inconsistência da crítica brasileira deve-se ao período em que a crítica moderna teve início. De acordo com Flora Sussekind em seu livro *Papéis colados*, no primeiro capítulo “Rodapés, tratados e ensaios – a formação da crítica brasileira moderna” (2002, p. 16-36), a autora destaca que o surgimento da crítica moderna, ocorreu “em sintonia com as primeiras gerações de formandos das faculdades de Filosofia, criadas nos anos de 1930”. Destaca também que em meados da década de 1940 havia uma tensão cada vez mais evidente entre dois modelos de crítica: um “pautado na imagem do ‘homem de letras’, do bacharel, e cuja reflexão, sob a forma de resenhas, tinha como veículo privilegiado o jornal”; e o outro era “ligado à ‘especialização acadêmica’, o crítico universitário, cujas formas de expressão dominante seriam o livro e a cátedra”. Ampliando assim, o papel do crítico universitário.

Nos anos 1940 e 1950, a “crítica de rodapé”<sup>159</sup> destaca-se por três características: oscilação entre a crônica e o noticiário; o cultivo da

---

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado/>. Acesso em: 14 set. 2017.

<sup>159</sup> No campo da crítica jornalística, ocupavam os rodapés e as colunas dos jornais: Antonio Candido, Tristão de Ataíde, Sergio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Wilson Martins,

eloquência e, por fim, adaptação ao ritmo industrial da imprensa. Além de exercer também uma influência comercial sobre a venda (ou não) de determinadas obras, como o caso do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Após publicação do rodapé de Álvaro Lins, a obra passou a ter uma importância mais significativa, ao ser apresentada como um novo gênero criativo. Os escritores também se encontravam à mercê da imbricada relação entre o crítico-jornalista e o crítico-professor e das querelas que desses conflitos emanavam. Conflitos esses que se acentuavam devido a concepções diferenciadas sobre o conceito de crítica:

Como entre a concepção de crítica de Álvaro Lins (“um novo gênero literário de criação”) e a de Afrânio (“Ela é uma atividade reflexiva, intelectual de natureza da ciência”). Ou entre o privilégio da personalidade (do crítico e do autor) por parte do primeiro (“O método do crítico há de ser sempre o da sua própria pessoa”) e a rejeição do biografismo e do impressionismo pelo segundo (“A crítica não deve partir da alma do crítico, resumindo-se nas suas impressões. A sua origem não é o sujeito, mas o objeto, isto é, a obra”). (SÜSSEKIND, 2002, p. 23)

Com os desdobramentos, a crítica consolidou-se em três modelos: o de rodapé (ora mais próximo do noticiarista, ora do cronista), o universitário e o teórico. Temos, hoje, portanto, o perfil do crítico moderno – o ensaísta<sup>160</sup> – que se volta à própria linguagem, amalgamado das características e da tensão entre o crítico-jornalista e o crítico-*scholar*.

Com o crescimento editorial, a crítica foi se reconfigurando. Se, inicialmente, atinha-se ao embate entre críticos, posteriormente a dualidade ocorreu entre os universitários - letrados - e os jornalistas e

Nelson Werneck Sodré, Olívio Montenegro, Agripino Grieco, além de Álvaro Lins que, segundo Drummond, era “o imperador da crítica brasileira entre 1940 e 1950” (SUSSEKIND, 2002, p. 17).

<sup>160</sup> Os críticos ensaístas (ou crítico-teórico) – ou especialistas ocupavam as universidades (Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão, Silviano Santiago, Heloisa Buarque de Holanda, João Alexandre Barbosa, Davi Arrigucci Jr., ou poderiam estar fora dela: José Paulo Paes, José Guilherme Merquior, Sebastião Uchoa Leite, Augusto de Campos).

suas respectivas instituições para, finalmente, configurar-se no crítico ensaísta. Pois, o ensaio é “um texto sempre em suspenso, em contínua reflexão sobre quem o escreve, sobre a própria forma, sobre seus objetos, argumentação e pressupostos” (SÜSSEKIND, 2002, p. 36).

Portanto, nos convém refazer o percurso (mesmo que parcial) da crítica brasileira para justificar as escolhas do material selecionado ao aportar à obra de Jorge Amado, estabelecendo, assim, além de uma ordem cronológica, um recorte que contemple as diferentes maneiras de perceber o conjunto da obra do escritor.

A proposição não é rever toda a fortuna crítica do autor (tarefa impossível), mas fazer alguns recortes historiográficos para elucidar motivos pelos quais a obra de Jorge Amado, sucesso de público, teve uma crítica reticente, por vezes tão dura e, em algumas situações, excludente, como afirma Lilia Moritz Schwarcz, no prefácio do livro *Romântico, sedutor e Anarquista*, de Ana Maria Machado:

Sabemos que a obra de Jorge Amado sempre experimentou uma contradição fundamental. Ou seja, a desproporção entre o sucesso de público e a crítica severa ou até o silêncio por parte dos especialistas em história da literatura brasileira; por aqui e mesmo no exterior<sup>161</sup> (SCHAWARCZ apud MACHADO, 2014, p. 8).

O viés da crítica à obra foi, ao longo do tempo, reverberada a partir de alguns posicionamentos e “classificações” que se perpetuaram. O posicionamento de críticos, como: Agrippino Grieco (1888-1973), Alceu Amoroso de Lima (1893-1983), Afrânio Coutinho (1911-2000), Álvaro Lins (1912-1970), Antonio Candido (1918-2017), Wilson Martins (1921-2010), Alfredo Bosi (1936) entre outros, foi decisivo para exclusão de Jorge Amado e de sua obra de algumas instituições. A reação dos intelectuais e dos meios acadêmicos não foi pequena, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. A opção linguística do

---

<sup>161</sup> Lillian Katri Moritz Schwarcz é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas também na USP. Escreveu o prefácio: “Das artes de ser Amado e ser forte como um Machado”, para o livro *Romântico, sedutor e anarquista: como e porque ler Jorge Amado hoje*, de Ana Maria Machado (2014).

autor pela linguagem popular reduziu seu prestígio entre as instituições acadêmicas: universidades e escolas secundaristas. No entanto, teve reconhecimento popular. Amado, ao lembrar uma conversa com Erico Veríssimo, deixa transparecer a rigidez com que a crítica os avaliava: “Certos críticos, quase sempre os mesmos, alguns sérios e amargos, outros brilhantes e salafriários, nunca nos perdoaram o público que nossos livros conquistaram, nos malharam a vida inteira” (1993, p. 621) em resposta Veríssimo declara: “Eles nos acham muito burros, Jorge”. O julgamento dos críticos era pouco (ou não) questionado. Ao que parece, somente após a morte de Jorge Amado (2001), percebeu-se a necessidade de reconhecer, pelo viés acadêmico e de uma crítica mais especializada, a importância do escritor também no Brasil. Ainda, segundo a professora e pesquisadora Ivya Alves “Poucos escritores brasileiros têm tido uma avaliação crítica tão negativa quanto Jorge Amado. Chama a atenção como a crítica brasileira divide-se em uma relação hostil ou de defesa com relação à produção do escritor” (2001, p. 197).

Rever a trajetória do escritor é desconstruir uma crítica que tinha por base a desqualificação da obra devido a sua escolha política. Assim, levantei um corpus de críticos e suas obras mais importantes para a revisão crítica, apresentadas em ordem cronológica:

- a) Antônio Cândido – *Introdução à Literatura Brasileira* (2007)
- b) Afrânio Coutinho, *A literatura no Brasil* (1ª edição, 1955)
- c) Eduardo Cesar Maia, *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste* (1ª edição, 2016)
- d) Alfredo Bosi, *História concisa da Literatura Brasileira* (1ª edição, 1970)
- e) Paulo Tavares, *O baiano Jorge Amado e sua obra* (1980)
- f) Massaud Moisés, *História da Literatura Brasileira* (1989)
- g) Eduardo de Assis Duarte, *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1995)
- h) Ilana Seltzer Goldstein, *O Brasil best seller de Jorge Amado* (2003)
- i) Ana Maria Machado, *Romântico, sedutor e anarquista* (2014)

Antônio Cândido (1918 – 2017) é o crítico que estava no “calor da hora”, contemporâneo da vida literária de Jorge Amado. O primeiro livro sobre crítica de Cândido foi coletânea *Brigada ligeira e outros escritos* (1945). As dez notas de rodapé, escritas de janeiro de 1943 a janeiro 1944, enquanto foi crítico titular do jornal *Folha da Manhã* (atual *Folha de São Paulo*) apresentava, em sua maioria, romancistas

que acabavam de lançar seus livros. Oswald de Andrade, José Geraldo Vieira, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Cyro dos Anjos. Fernando Sabino, Clarice Lispector, Rosário Fusco e Georges Bernanos. Além de assinar a coluna semanal *Noites de crítica literária*, começava sua carreira universitária, como assistente de Sociologia na Universidade de São Paulo. Ao mesmo tempo em que atuava em pequenos grupos de oposição ao Estado Novo. Em 1942 foi fundada a Associação Brasileira de Escritores, Candido compunha essa primeira diretoria como secretário. Com a finalidade de defender os interesses profissionais da classe, a associação também promoveu o 1º Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, em São Paulo.

Candido considera que os romancistas de trinta consolidaram o gênero do romance no país, ao tentaram resolver a contradição que caracterizava a cultura brasileira, a oposição entre as culturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior. O processo de popularização promovido pela revisão de valores sociais e estéticos, através da literatura e de mudanças como urbanização, industrialização, êxodo rural e, principalmente, por uma interiorização da literatura: a classe menos abastada e interiorana passa a protagonizar a literatura (2011, p. 187). Para o crítico, Jorge Amado (1912-2001) começou pelo “romance proletário”, que praticou tanto com os trabalhadores rurais, em *Cacau* (1933), quanto aos urbanos, em *Suor* (1934). Acrescenta ainda aos dois romances *Jubiabá* (1935) e a esta trilogia denomina de *Romances da Bahia*. “Nesses livros o negro entrou pela primeira vez maciçamente na ficção brasileira, com a sua poesia e a sua pobreza, as suas lutas e crenças” (CANDIDO, 2007, p. 109).

Para uma análise coerente das obras, considerava fundamental para a compreensão a dialética entre texto e contexto.

Só podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tomando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 12)

Sua crítica lança um olhar, ao conjunto da obra de Amado, em *Poesia, documento e história*, ensaio escrito em 1945. Em tom poético, a análise contempla a obra de Amado a partir da publicação de *Terras do sem-fim* (1943). A superioridade da obra, segundo o crítico, se dá pelo concatenamento temático entre um livro e outro.

Escritor cursivo, irregular, Jorge Amado insuflou todavia na sua obra uma poesia e uma vibração que pareciam redimir as falhas, tornadas no entanto bastante visíveis pela passagem do tempo. Nesses romances há um intuito ideológico ostensivo demais, que, por não ser incorporado como elemento necessário à composição, parece com frequência superposição indigerida. Isso se atenuou em livros posteriores mais bem-feitos, como *Terras do sem fim* (1942), até desaparecer na obra madura, onde o ataque ideológico cedeu lugar a uma identificação efetiva com o povo, cujos lados pitorescos aparecem realçados por um humorismo picaresco e sentimental, numa prosa generosa, comunicativa, que fez Jorge Amado o romancista mais popular do Brasil, e o único a conquistar públicos apreciáveis no exterior. Com o tempo ele se tornou uma espécie de figura tutelar da Bahia, cuja realidade complexa e festiva soube tão bem representar na literatura. *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Velhos marinheiros* (1961), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969) representam bem a fase mais madura de sua produção (CANDIDO, 2007, p. 109-110).

No ensaio *Poesia, documento e história*, escrito em 1945 e, publicado posteriormente, na coletânea *Brigada ligeira e outros escritos* (2004). Candido refaz a trajetória de Jorge Amado, destacando que ele é um autor entre a prosa e a poesia. Que sua obra é um movimento dialético entre documento e poesia e que sua forma é uma confluência desta e da prosa (2004, p. 49).

[...] Documento e poesia são representados, na obra do sr. Jorge Amado, por um certo número de preocupações e de temas. Encarados do ângulo

documentário, os seus romances constituem sempre uma ascensão e uma informação. Informação de níveis de vida, de ofícios, de gênero de ocupação, de miséria, de luta econômica, de produtos; asserção de certos pontos de vista de onde se descortinam atitudes sociais, reivindicações proletárias, desajustamentos de classe. Do ângulo poético, são temas, formadores da ambiência em que o documento é exposto e vivificado; em que adquire realce e ganha força sugestiva. São certos ambientes, certas constantes cênicas e sentimentais como o mar, a noite, a floresta, o vento, o amor (CANDIDO, 2004, p. 46).

Candido situa o escritor Jorge Amado como o maior romancista do amor, na literatura moderna. A temática lírica é apresentada com força de carne e de sangue que arrasta as personagens para viver o amor. Um amor sem classe social, sem preconceito, amores que antes não tinham estado de literatura, senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas.

Um dos principais e, quiçá, o mais influente crítico literário, Afrânio Coutinho, em sua obra clássica *A literatura no Brasil*<sup>162</sup>, no volume *5 Era Modernista*, destaca mais de vinte páginas à obra de Jorge Amado, cuja primeira edição fora publicada em 1955. Mesmo com revisões para divulgação de edições posteriores, não houve alteração significativa na crítica à obra. Há uma atualização de dados, não necessariamente, uma revisão crítica. Assim, temos uma crítica instituída “no calor da hora”, ou seja, uma crítica muito próxima ao momento de produção da obra e também contemporânea ao escritor.

Antes de tratar da obra, o crítico explica sua tentativa de classificar a ficção modernista, destacando, portanto, duas fases: a primeira de 1922 a 1930, com o predomínio da poesia. E, a segunda fase<sup>163</sup>, a partir de 1928, dominada pela ficção, tendo como obras fundadoras: *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Macunaíma*,

---

<sup>162</sup> Afrânio Coutinho foi professor, fundador, organizador da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor da coleção composta de seis volumes *Literatura no Brasil*, (primeira edição, em 1955 e a sétima edição, publicada em 2004).

<sup>163</sup> O período de 1930 a 1945 é considerado a “etapa áurea da ficção modernista e das mais altas da literatura brasileira” (COUTINHO, 2004, p. 277).

de Mário de Andrade. Nessa segunda fase, destacam-se “duas direções tradicionais da ficção brasileira: a regionalista e a psicológica e de costumes, ambas marcadas por um cunho de brasilidade e de intensificação da marca brasileira na literatura” (COUTINHO, 2004, p. 275).

Na fase regionalista, Coutinho hierarquiza dois grupos: a) o do documentário urbano-social realista, no qual insere Erico Veríssimo, Lígia Fagundes Telles, Carlos Heitor Cony dentre outros; e o do documentário regionalista (também neo-realista, neo-regionalista), destacando Rachel de Queiroz, José do Patrocínio, José Lins do Rego, Jorge Amado e outros. Coutinho destaca ainda que:

Há o grupo do Neonaturalismo socialista, que fundamenta a sua visão da realidade em postulados de ideologia política, fazendo da ficção arma de propaganda e ação revolucionária. É o caso, entre outras, de parte da obra de Jorge Amado (2004, p. 276).

Vejo assim que a tônica da crítica literária de Coutinho, com relação a Jorge Amado, reverberou e a “classificação” definida por ele passou a ser seguida e contestada pelos demais críticos, estudiosos e editores, definindo, assim, o (não) lugar da obra de Amado no material didático produzido.

Ele aponta, inicialmente, duas questões principais que preocuparam a crítica da época. Uma refere-se ao fato de o próprio escritor ter declarado na dedicatória do livro *Jubiabá* que fizera uma viagem para coletar material para produzi-lo. Olívio Montenegro contestou tal afirmação, justificando que o “material de uma obra de ficção era material que viesse do autor sem ele procurar, que lhe entrasse pelos sentidos como o ar nos entra nos pulmões” (COUTINHO, 2004, p. 366 *apud* MONTENEGRO, 1953, p. 191). A outra questão refere-se à divergência de opiniões sobre a obra de Amado se enquadrar ou não no romance proletário.

Todavia, problemas relacionados à crítica e à obra não se resumem aos apontados anteriormente. A crítica possível naquele período e não isenta de ideologias políticas, preconceitos sociais e linguísticos, ofereceu aos leitores, em muitos casos, meras opiniões e critérios de valor com pouco embasamento teórico e crítico. E, ao permanecer mais no campo opinativo, teve como consequência uma crítica sem aprofundamento, por vezes, uma crítica que se resumia,

muitas vezes, a desqualificar a obra, sem qualquer perspectiva histórica. Contudo, faz ressalvas, destacando a “importante atuação de Tristão de Athayde<sup>164</sup>, a crítica brasileira ainda se mostrava carente do conhecimento do seu próprio ofício” (COUTINHO, 2004, p. 367). Com relação à crítica, Coutinho a considera a prima pobre da ficção, pois, segundo ele, para a maioria dos “críticos”, era somente ter o gosto e a sensibilidade para elencar êxitos ou fracassos dos escritores, não havia uma preocupação em analisar a obra. Havia um modelo literário a ser seguido.

Os contemporâneos daqueles autores<sup>165</sup> se defrontavam com uma realidade ficcional, fortemente distinta da que anteriormente fora comum. O estilo que perdia os espartilhos da retórica e da gramática lusa e se impregnava da construção popular e da linguagem coloquial, a documentação sobre a realidade social, o tom severo à acusação das estruturas, e tudo isso em um país até há pouco patriarcalmente pacífico, de escritores, em geral, ordeiros e burocráticos, era de um ineditismo que, de imediato, só poderia interferir sobre os julgamentos de valor, tornando-os em demasia simpáticos (os que lhes fossem contrários ou não se manifestaram ou não tiveram suas opiniões guardadas pela história) (COUTINHO, 2004, p. 367-368).

---

<sup>164</sup> “Alceu Amoroso Lima (pseudônimo: Tristão de Athayde) estreou, em 1919, na crítica literária, para a qual desenvolveu um método inovador (o expressionismo) e foi um dos primeiros a apoiar a Semana de Arte Moderna. Por meio de cartas e das colunas nos jornais, manteve um diálogo intenso com intelectuais como Sergio Buarque de Holanda, Oswald e Mario de Andrade, ao que se juntaria uma destacada atuação na década de 1930 nos bastidores da política durante o regime Vargas. A experiência da II Guerra Mundial e do Estado Novo alterou sua visão sobre a política e a sociedade de modo indelével, como comprovam as cartas enviadas à filha que se fez monja a partir de 1953, ou as trocadas com Frei Betto e Leonardo Boff. Na vida pública, ocupou a linha de frente na denúncia às frequentes violações dos direitos humanos durante a ditadura civil-militar de 1964.”

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - SESC. *Alceu Amoroso Lima*.

Disponível em: <http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/embusca-da-idade-nova-alceu-amoroso-lima>. Acesso em: 17 mar. 2018.

<sup>165</sup> Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros.

A primeira publicação de Jorge Amado, *No país do Carnaval*, ocorreu em 1931 e foi bem recebida pela comunidade intelectual da época, principalmente, pelo fato de o escritor ser muito jovem, “um adolescente” e “o livro acompanha as indecisões e a busca do autor”<sup>166</sup> (COUTINHO, 2004, p. 368). Acrescenta ainda que o romance

[...] era visto mais o documento que a obra de ficção, na verdade, inexistente. De todo o modo, ao lado dos trechos de tremendo mau gosto, dos tateios do escritor, dos acidentes ‘ilustrativos’ do estado de espírito dos personagens, o autor apresenta a sua atração pelo diálogo, a movimentar o mero discurso indireto e que se tornará um recurso expressivo de importância nas suas obras da maturidade” (COUTINHO, 2004, p. 369).

Quando da publicação de *Cacau*, dois anos depois, mesmo com um grande número de exemplares vendidos (dois mil exemplares no primeiro mês) e de sofrer perseguição pela polícia do Estado Novo, Coutinho não economiza nas palavras e afirma que

A obra, no entanto, revela a mesma fraqueza do livro de estreia. Tem um evidente caráter documental [...] se fundamenta na coleta de material, na observação do repórter e do autor naturalista. Como efeito o livro utiliza, quer técnica do jornal, como uso dos anúncios, quer a técnica naturalista, pelo realismo cru e os palavrões. A dialogação se destaca como *flashes* [...] (2004, 369).

---

<sup>166</sup> A primeira edição do livro *A literatura no Brasil* foi publicada em 1955. Utilizei para a pesquisa o exemplar da sétima edição, publicado em 2004. Afrânio Coutinho foi porta-voz de uma geração já introduzida no discurso acadêmico com a criação do primeiro Curso de Letras em 1934, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientia* (em 1946, se tornaria a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)). LAJOLO, Marisa. *No jardim das letras, o pomo da discórdia*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html>. Acesso em: 21 jun. 2017.

No mesmo período Manuel Bandeira aponta que

[...] o romance tem contra si a incoerência do tipo do personagem principal com o seu modo de ação. Ao contrário dos demais trabalhadores do cacau, este, que é o narrador, teve educação, é capaz de ler os livros que lhe mostra a filha do coronel e é depois de ter a família arruinada que se dirige para as plantações baianas. [...] O personagem é incoerente porque na sua situação “não viraria trabalhador de enxada, e se porventura o fizesse não escreveria na maneira requintada, apesar de todos os palavrões em que se exprime Jorge Amado”. (BANDEIRA *apud* COUTINHO, 2004, p. 370).

Nessa revisão da fortuna crítica, encontro ainda em Afrânio a afirmação de que o livro *Suor* é “o menos imperfeito dos três livros iniciais do autor. Desenvolve-se com mais coerência a dimensão do romance político iniciada com *Cacau*” (COUTINHO, 2004, p. 370), sempre baseada em juízo de valor. Ressalta a organização interna da matéria ficcional, com episódios dispostos como mosaicos. Para o crítico, tal recurso acaba dominando o livro todo, tornando a leitura atraente, contudo a narrativa “não vai além disso”. Destaca que há uma aprendizagem técnica menos grosseira, contudo sem abandonar o teor documental. “O autor se satisfaz em injetar um conteúdo político, que, esteticamente, nem vem acrescentar nem diminuir o seu cunho documental” (COUTINHO, 2004, p. 370).

O livro *Jubiabá*, publicado em 1935, é considerado pelo crítico como o primeiro livro de ficção do escritor. Afirma que a pretensão de Amado em classificá-lo como ficção resulta do domínio da expressão que o escritor tem. Contudo, aponta dois grandes defeitos. O primeiro refere-se à divisão maquiésta do mundo entre bons e maus; o segundo se deve à “incapacidade do autor em interseccionar o culto manifesto do vagabundo com o caráter político-revolucionário que procura inculcar na obra. Este é o grande defeito de Jorge Amado” (COUTINHO, 2004, p. 371).

Já nos livros *Jubiabá* (1935) e *Mar morto* (1936) uma característica apontada é a permanência de uma visão romantizada e

sentimental da cidade e do mar, à permanência da temática Coutinho chama de “o ciclo do magismo sentimental”.

Como em *Jubiabá* a unidade expressiva de *Mar morto* está na dependência da qualidade da linguagem oral, colhida pelo autor. Sem esta captação, o romancista baiano não teria ultrapassado de muito os limites dos seus três primeiros livros, pois a penetração vertical dos tipos não é o seu forte. No entanto, ainda em *Mar morto*, o valor da linguagem é afetado pelo sentimentalismo obsessivo e pelo *parti-pris*<sup>167</sup> (COUTINHO, 2004, p. 372).

Com o romance *Capitães da areia* (1937), encerra-se o ciclo de romances da Bahia de acordo com o próprio Jorge Amado em informação no prefácio da obra. Para Coutinho, o livro “compendia qualidades positivas – linguagem coloquial, dialogação – e os defeitos – sentimentalismo, naturalismo e *parti-pris* – da fase” (2004, p. 372-373).

O tom da crítica ao escritor muda com a publicação de *Terras do sem fim*<sup>168</sup>, em 1943<sup>169</sup>, no qual “Jorge Amado realiza a qualidade de romancista de grandeza épica que deixara vislumbrar por fragmentos dos seus livros passados”. Tal destaque refere-se, principalmente, a qualidade da dialogação, “viva e ativando a narrativa, que não deixa de ser precisa ante a multiplicidade de personagens de várias escalas sociais, e a força descritiva, libertam-se agora do magismo sentimental” (COUTINHO, 2004, p. 376).

Já o romance *São Jorge dos Ilhéus*<sup>170</sup>, de 1944, recebe a classificação de romance mural<sup>171</sup>, tal qual proposto por Oswald de

---

<sup>167</sup> Expressão francesa para indicar opiniões preconcebidas ou com preconceitos

<sup>168</sup> O romance *Terras do Sem Fim* foi escrito ainda no ano de 1942 quando Amado estava no exílio em Montevidéu e concluído no ano seguinte, já de volta ao Brasil, em Salvador. Alguns escritos já haviam sido publicados em um jornal sob o título de *Sinhô Badaró*, em 1939.

<sup>169</sup> O livro *Terras do Sem Fim* não foi censurado e pode ser vendido livremente, mesmo tendo sido lançado poucos meses após a prisão de Jorge Amado por ser integrante do Partido Comunista. O livro obteve grande sucesso: filme, peça de teatro, novela de rádio e de televisão, história em quadrinho e até peça de teatro. Além de ser traduzido para mais de vinte idiomas.

<sup>170</sup> Há no acervo da Mala uma primeira versão deste romance sob o título de *São Jorge dos Ilhéus*.

Andrade. Jorge Amado é acusado de simplificar a realidade para que esta caiba na estreiteza de sua dimensão participante, bem como de criar uma realidade estereotipada para corresponder à percepção política do autor. Desse modo “a direção participante e a incapacidade de o romancista torná-la parte integrante da ação dos seus livros redundam em não serem aprofundados os traços de personagens excelentes” (COUTINHO, 2004, p. 380). Além, ainda, de não desenvolver a trama.

Com a publicação de *Seara Vermelha* (1946), o crítico afirma ser esta a obra na qual Jorge Amado mais desperdiça material para ficção, pois “cada uma das quatro partes do livro poderia tornar-se de per si uma afirmação romancista” (2004, p. 381). De modo que a segunda parte da história não se desenvolve e o escritor também não ultrapassa uma “captação de tipo horizontal, sem aprofundamento de personagens ou situações, faltando a superação de um realismo documental, como também na primeira parte (2004, p. 381).

O tom da análise crítica de Coutinho à obra (e ao escritor) continua na mesma linha, pois, com a publicação de *Gabriela, cravo é canela*, há o questionamento “é involução ou avanço?”. Considerando, portanto aspectos frágeis na narrativa, como o paralelismo (bons e maus, pretos e brancos...) e a incapacidade do autor em superar os limites do realismo criador: a qualidade de inventar histórias, a oralidade, o colorido e a movimentação das palavras. Ou seja, “apresenta no espaço limitado de um livro, a concentração de possibilidades que se originam para o comportamento do homem do seu condicionamento pelas estruturas” (2004, p. 384). Apesar de considerar Gabriela como das mais importantes personagens do autor e da literatura, o crítico ressalta que o atrativo da leitura não deve sufocar a falha existente na sua criação. Destaca ainda que houve uma evolução bastante acentuada do escritor, pois, em seus primeiros romances, era um autor desajeitado em lidar com a frase e a ficção. Diferentemente, em *Os velhos marinheiros* (1961) que “é, em primeiro lugar, uma obra de linguagem, um saber de palavras, tenso e plástico” (2004, p. 385).

Como se vê, a crítica de Coutinho sobre a obra de Jorge Amado considerou não somente aspectos literários, mas também biográficos do autor para a construção da argumentação crítica. Contudo, há uma insistência com relação à orientação política das personagens (e também do próprio escritor), parece haver certo incômodo sobre essa temática,

---

<sup>171</sup> Oswald de Andrade em seu projeto *Marco Zero* como uma tratativa (tentativa) para o romance mural.

como no caso do livro *Os pastores da noite* (1964). Ao tecer comentários sobre a obra, o crítico questiona a admiração do escritor pelo herói vagabundo. Colocando ainda em situação de igualdade o escritor e a personagem, “Em comum, o vagabundo e o escritor detestam a polícia” (2004, p. 388). E segue tentando justificar com um fragmento do livro a causa da mudança de orientação política<sup>172</sup> que, aparentemente, parece ser da personagem *Galo Doido* que fala “(...) Em todos os países, em todos os homens, em todos os sistemas de governo, quem manda realmente, quem domina, quem traz o povo vivendo no medo? A polícia, os policiais” (2004, p. 388). No entanto, ao tentar explicar o fragmento, Coutinho faz uso da frase “Embora não se trate de um comentário do escritor propriamente dito, podemos tomar a opinião do personagem como sendo a do autor” e segue “E o argumento oferece uma arma de ataque duplamente aguçada contra o romancista”. O tom forte do crítico continua “Ela tanto parece mostrar como era falho o seu lastro político anterior – fundado em uma hipotética e decisiva distinção entre bons (...) e maus” (2004, p. 388).

Não há atenuação do tom da crítica. Para Afrânio Coutinho, Jorge Amado continua sendo um bom contador de histórias, cujas expectativas não foram superadas com a publicação de *Os velhos marinheiros*, mantendo-se, portanto, com as suas qualidades e os seus limites. E, com a publicação de *A invasão do Morro do Capo Gato* ou *Os amigos do povo* há a confirmação do “seu realismo de curto fôlego, pois que não se aprofunda na verdade dos tipos ou das situações” (2004, p. 388). Mesmo com a criação de excelentes personagens caricatos, o autor não consegue ultrapassar uma boa novela de costumes. E, mesmo com esses romances de costumes, o crítico não acredita que o autor vá além dessa segunda fase – a do realismo.

Vimos, assim, que um dos períodos mais profícuos da crítica literária brasileira foi o período compreendido entre as décadas de 1940 e 1950, com a chamada *crítica de rodapé*. Um dos destaques nesse período foi o crítico literário pernambucano Álvaro Lins (1912-1970), “cuja obra é pouco conhecida e debatida em nossos dias” e foi “o principal – o mais influente, temido e contestado – representante do rodapé literário” (MAIA, 2016, p. 5). O livro *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste* apresenta a compilação de textos críticos a

---

<sup>172</sup> Há uma ambiguidade presente no texto de Coutinho, pois parece que há uma crítica ao posicionamento crítico do escritor e não da personagem.

respeito dos seguintes autores regionalistas<sup>173</sup>: João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Nelson Rodrigues e ainda Augusto dos Anjos. Hoje, esses autores fazem parte do cânone da literatura, contudo, naquele momento, ainda estavam sendo analisados e valorados no calor da hora, ainda não eram “intocáveis” – “tanto é verdade, que receberam (uns mais que outros) conselhos, alfinetadas e mesmo algum deboche do Imperador da Crítica, conforme designou Carlos Drummond de Andrade” (MAIA, 2016, p. 7).

As concepções críticas de Álvaro Lins abrangem duas vertentes<sup>174</sup>: a crítica humanista e o impressionismo crítico. Dessa maneira, portanto, o crítico tinha que “haver-se com obras no momento em que estas eram publicadas, assumindo o constante risco do julgamento de valor, na tentativa de *prever* qual o lugar que esses novos textos iriam ocupar na dinâmica da vida literária” (MAIA, 2016, p. 5).

Amigo de Jorge Amado, Lins não poupou críticas, mostrando ser sua análise estritamente profissional à obra, como no excerto a seguir:

Romancista desde os dezenove anos, na euforia do sucesso público, agrado e elogiado quase unanimemente na vida literária, o Sr. Jorge Amado vem se descuidando bastante dos processos artísticos, literários e técnicos de sua obra. Ele parece querer construí-la somente com

---

<sup>173</sup> Na classificação da ficção modernista destacam-se duas fases: a primeira, de 1922 a 1930, com o predomínio da poesia; a segunda, a partir de 1928, com o predomínio da ficção. Na segunda fase, destacam-se romances com duas direções tradicionais da ficção brasileira: o regionalista e a psicológica e de costumes. Por regionalismo subentende-se a corrente social e territorial. O quadro predomina sobre o homem, seja o ambiente das zonas rurais, seja urbano. Adota, de modo geral, a técnica realista e documental (COUTINHO, 2004, p. 275).

<sup>174</sup> “A tradição humanista se relacionava fundamentalmente com a noção de que um verdadeiro não pode ser nunca, exclusivamente, um especialista: a complexidade da literatura e a relação dela com outros fenômenos culturais exigem do analista uma visão ampla, com perspectiva histórica, ao mesmo tempo aprofundada e complexa, no sentido de interdisciplinar. O impressionismo crítico, por sua vez, relacionava-se à capacidade intuitiva do intérprete, que se faz essencial principalmente no momento da análise das obras contemporâneas, que ainda não foram encaixadas dentro daquilo que chamamos de cânone literário” (MAIA, 2016, p. 5).

seu grande talento de romancista, com a sua capacidade de sentimento e emoção em face da realidade, com os seus dons de narrador, de contador de histórias (MAIA, 2016, p. 81).

Para Álvaro Lins, mesmo após a publicação de oito livros, o escritor apresentava livros desiguais e, por vezes, que oscilavam entre o bom e o péssimo. Como se estes estivessem unidos fraternalmente, de forma que o talento do romancista era sufocado pelas próprias deficiências, demonstrando facilidade em criar personagens simples, de sentimentos primários, contudo perdendo-se diante de seres complexos que exigiriam mais análise e requintes de senso psicológico. Salienta, ainda, a insistência pelo mau gosto do escritor e diz-se interessado no “aperfeiçoamento da obra”, e entrega para a “análise e a meditação do Sr. Amado” a seguinte crítica:

[...] aprofundamento da visão, maior complexidade, maior capacidade psicológica, mais concentração e densidade, menos gosto pela palavra em si mesma, melhor sentido da construção literário e do estilo, menos sentimentalismo, mais senso crítico, fidelidade aos temas que conhece com mais segurança, coragem para colocar de lado os que não são propícios ao próprio temperamento, vigilância contra os efeitos fáceis, sobretudo os do falso romance poético, mais estudo ao lado dos dons de observação (LINS *apud* MAIA, 2016, p. 81).

Álvaro Lins, ao analisar o livro *Terras do sem fim*, salienta que o escritor conseguiu transmitir com verossimilhança a realidade social – a base do romance. Destaca ainda que Amado desenvolveu de modo satisfatório os personagens, mas os mais simples, “aqueles que têm a alma como um bloco”. Aos poucos, parece que Jorge Amado vai deixando de lado a construção de personagens somente bons ou somente ruins – um dos “maiores defeitos” do escritor, segundo o crítico. Outro ponto a ser considerado é a temática amorosa, acusa-o de ser incapaz de falar sobre. “Está nele a sua fraqueza mais ostensiva. Não tem a sensibilidade, nem o senso psicológico, nem o vocabulário para as cenas de amor. Oscila aí entre a extrema brutalidade e o frouxo pieguismo” (LINS *apud* MAIA, 2016, p. 84). Acusa-o também da ausência de estilo dizendo “Quase diríamos: da ausência de estilo. Não falo de gramática,

mas do senso artístico do estilo, da construção literária” (MAIA, 2016, p. 84). Outro ponto de discordância da crítica refere-se ao fato do escritor utilizar a linguagem popular e de representá-la graficamente “estilo popular não consiste em escrever errado ou de modo frouxo”. Destaca que “O estilo popular deve ser a estilização da linguagem falada e escrita do povo no genérico”. O crítico, para embasar sua tese sobre o escritor, destaca a definição de “brasileirismo” dada por José Américo de Almeida no prefácio do livro *A Bagaceira*, assim “Brasileirismo não é corruptela nem solecismo. A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir”. As palavras de Lins com relação ao estilo de Amado continuam ferinas “O estilo [...] – tanto o direto como o indireto – ainda tem muito de inorgânico e desarticulado. Há uma grande desproporção entre o seu talento de romancista e os seus fracos recursos de escritor” (LINS *apud* MAIA, 2016, p. 85). Acrescenta ainda que os romances oferecem ao leitor, sem dúvida, “o espetáculo de um grande talento de ficcionista em contraste com as deficiências enormes do escritor e do intelectual” (MAIA, 2016, p. 86).

Considera ainda como “meros trabalhos de circunstância os livros *Vida de Luis Carlos Prestes*, *ABC de Castro Alves* e *Bahia de todos os Santos*”<sup>175</sup>, situando-os, portanto, fora da literatura. Com relação às biografias, destaca o excesso de episódios dramáticos e a pouca capacidade de Jorge Amado como historiador.

Ao considerar, com certa relevância, apenas Jorge Amado como romancista, Lins ressalta essa característica como sendo um “dom”, quando afirma:

Ninguém lhe negará, sem dúvida, o dom principal do romancista, a capacidade de movimentar personagens e construir com eles uma história ou um drama. Tudo aquilo que em um escritor é espontâneo, dádiva da natureza, o Sr Jorge Amado apresenta em medidas largas e condições excelentes (LINS *apud* MAIA, 2016, p. 86).

Ao perceber, portanto, a escrita como um dom, o crítico considerou que Jorge Amado avançou “bem pouco” ou “quase nada”

---

<sup>175</sup> *Bahia de Todos os Santos* é um guia turístico da cidade de Salvador e, ainda segundo Lins, é impossível que a obra conquiste a categoria de obra literária, que apresente um senso artístico e beleza de estilo, pois estas características estão distantes de Jorge Amado.

para aperfeiçoar a estrutura de sua obra, mas é inegável a capacidade do romancista em movimentar personagens e construir com eles uma história. A segunda parte da sua crítica refere-se às obras completas do escritor. Lins não economiza em suas palavras. Percebe-se, portanto, a severidade com que tratou Jorge Amado, duramente criticado por ser um escritor precocemente consagrado. Como no comentário logo após o lançamento de *Terras do Sem Fim*:

romancista desde os dezenove anos, na euforia do sucesso público, agradado e elogiado quase unanimemente na vida literária, o Sr Jorge Amado vem se descuidando bastante dos processos artísticos, literários e técnicos de sua obra [...] até mesmo os seus melhores livros - como *Jubiabá*, como este *Terras do Sem Fim* - transmitem dúvidas perigosas. Uns livros desiguais em cujas páginas o bom e o péssimo estão unidos fraternalmente. [...] Insiste às vezes no mau gosto como se estivesse ostentando um troféu (LINS, 1963, p.258 *apud* SÁ, 2010, p. 8).

O crítico é ferino e desqualifica o escritor, não só pela escolha dos temas, ou pela literatura engajada, mas também pelo uso (in)correto das palavras, como na passagem em *São Jorge dos Ilhéus* na qual uma das personagens classifica o vocábulo “inacreditável” como sendo um advérbio. “Pois será possível que o Sr. Jorge Amado não disponha sequer de um dicionário, no qual encontraria indicado que ‘inacreditável’ é um adjetivo, não um advérbio” e prossegue “Pois será possível a um escritor ignorar o que seja advérbio e o que seja adjetivo”, para desqualificar ainda mais o escritor o crítico “Não é só o que seja advérbio aquilo que o Sr. Jorge Amado precisa aprender e saber para tornar-se um escritor em estado verdadeiro para o grau e a natureza de sua fama” (LINS *apud* MAIA, 2016, p. 94).

Em *História concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi que teve sua primeira edição em 1970<sup>176</sup>, representa, sem dúvida, um marco na historiografia literária brasileira. É importante destacar que Bosi ao considerar duas possibilidades de conceitos possíveis ao Modernismo, analisa a existência ou não de escritores pré-modernistas

---

<sup>176</sup> Atualmente a obra está em sua 47ª edição, publicada em 2007, contudo há reimpressões em período posterior.

e, por extensão, a literatura subsequente também sob outras óticas. A primeira possibilidade seria considerar o Modernismo<sup>177</sup> “exclusivamente uma ruptura com os códigos literários do primeiro vintênio” e a segunda, além de “um conjunto de experiências de linguagem; e se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou *também* um crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira” (BOSI, 1994, p 375). Considerando, portanto, a primeira definição não haveria escritores pré-modernistas, contudo, ao considerar a segunda possibilidade, alguns escritores seriam circunscritos como pré-modernistas: Euclides da Cunha, João Ribeiro, Lima Barreto e Graça Aranha. Do mesmo modo, considerar um conceito ou outro também afetará que escritores subsequentes possam ser circunscritos ou não no Movimento Modernista.

Registra ainda que, apesar de o Movimento Modernista ter ocorrido em São Paulo com o apoio de artistas do Rio de Janeiro, também houve em outros estados núcleos de artistas que se engajaram no grupo de modernistas: “No Nordeste, apesar das resistências emocionais que um Gilberto Freyre e um José Lins do Rego sempre opuseram à franca admissão de uma presença *anterior* e *paralela* às profissões de fé regionalistas de ambos e de outros” (BOSI, 1994, p. 390). Segundo ele, o contato com o grupo de São Paulo foi mediado por Joaquim Inojosa e Guilherme de Almeida que participou de conferências. Entre as obras que marcadamente apresentam-se com características modernistas estão a poesia de Jorge de Lima (1925) e a prosa social de José Américo de Almeida com *A bagaceira*, publicada em 1928. “O Modernismo do Nordeste foi uma realidade poderosa com o *facies* próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos de 1930 e de 1940” (BOSI, 1994, p. 390). Contudo “não se pode sustentar que tenha sido esteticamente autônomo em relação às poéticas pregadas” (BOSI, 1994, p. 390) a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922. Tanto que, na década de 1930, surgiria um clima propício que fundiria as conquistas do modernismo estético e o interesse pelas realidades regionais.

---

<sup>177</sup> Bosi destaca que a efervescência cultural provocada pelo Modernismo teve a participação de “só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura de *derniers cris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país” (1994, p. 377).

Contudo, em 1930, os significados literários prementes são evocados menos devido ao relevo social assumido pela Revolução de Outubro.

Mas, tendo esse movimento nascido das contradições da República Velha que ele pretendia superar, e, em parte, superou; e tendo suscitado em todo o Brasil uma corrente de esperanças, oposições, programas e desenganos, venceu fundo a nossa literatura lançando-a a um estado *adulto* e *moderno* perto do qual as palavras de ordem de 22 parecem fogachos de adolescente (BOSI, 1994, p. 431).

Bosi destaca ainda que através do Movimento Modernista não só a poesia e a ficção saíram inteiramente renovadas, mas também a própria crítica literária. A renovação esperada pela nova política getuliana não aconteceu como era esperado, pois as velhas oligarquias se organizaram em pequenos grupos regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias.

Enfim, que o peso da tradição não se renove nem se abala com fórmulas mais ou menos anárquicas nem com regressões literárias ao Inconsciente, mas pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive. Essa compreensão viril dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade...” (BOSI, 1994, p. 432).

A renovação proposta inicialmente pelo Modernismo adquiriu uma nova reconfiguração, diferente daquela que havia sido proposta inicialmente pelo movimento. A tônica da geração de 1930 foi a utilização das fontes modernistas, contudo com um engajamento socialista, Astrojildo Pereira, Caio Prado Jr., Josué de Castro, Jorge Amado e católicos, como Tristão de Ataíde, Jorge de Lima, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso e Murilo Mendes. “Todos selaram com a sua esperança, leiga ou crente, o ofício de escritor dando a esses anos a tônica da participação” (BOSI, 1994, p. 433).

A abertura a todas as experiências modernas apresentadas pela Semana de 1922 possibilitou a escritores e escritoras no Brasil pós-22 liberdade para criação tanto na poesia quanto na ficção:

A prosa de ficção encaminhada para o ‘realismo bruto’ de Jorge Amado, José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte, de Graciliano Ramos, beneficiou amplamente da ‘descida’ à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos que a prosa modernista tinha preparado (BOSI, 1994, p. 433-434).

A ficção regionalista do decênio de 1930 estava impregnada de uma visão crítica das relações sociais. “Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance *empenhado* desses anos fecundos para a prosa narrativa” (BOSI, 1994, p. 439). Desse modo uma consideração para análise seria a proposta por Goldmann de que uma hipótese explicativa do romance moderno seria a sua relação com a realidade social (in BOSI, 1994, p. 441).

Na sequência Bosi, salienta que o romance brasileiro moderno, pós-1930, poderia ser definido em pelo menos quatro tendências, que seriam justificadas segundo o grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo: a) romances de tensão mínima; b) romances de tensão crítica; c) romances de tensão interiorizada e d) romances de tensão transfigurada. Bosi inclui o escritor Jorge Amado no romance de tensão mínima, pois considera que, nesses romances, há a presença de “conflito, contudo este configura-se em termos de oposição verbal, sentimental quando muito: as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam” (BOSI, 1994, p. 442).

Desse modo, os romances de tensão mínima apresentam um aberto apelo às coordenadas espaciais e históricas e, muito comumente, retratam a realidade cotidiana (aproximando-se da crônica); “as ações são situadas e datadas como na reportagem ou no documentário, gêneros que lhe estão mais próximos; quanto ao entrecho, o cuidado com o verossímil leva a escrúpulos não-realistas que se percebem também na reprodução frequente da linguagem coloquial de mistura com a literária” (BOSI, s.d., p. 443). Além-se somente à transposição da realidade social com fatos que assumem uma significação ingênua com a proliferação de tipos secundários e pitorescos.

Especificamente sobre Jorge Amado, Bosi destaca três páginas (p. 457, 458 e 459). Em uma nota de rodapé (número 327), a biografia do autor, seguida pela bibliografia, apresentando também alguns escritores que se debruçaram a analisar aspectos da obra. Pontua cinco momentos diferenciados<sup>178</sup> da obra: a) período do romance proletário; b) período do romance lírico; c) de pregação partidária; d) romances da região cacauzeira e e) crônicas de costumes. Ao destacar Jorge Amado como um “fecundo contador de histórias regionais”, não o circunscreve como escritor. Apenas um romancista voltado para os marginais, os pescadores e marinheiros da sua terra “que lhe interessam enquanto exemplo de atitudes ‘vitais’: românticas e sensuais...” (1994, p. 458). Salienta, ainda, que Amado “não caminhou além dessa colagem psicológica”, cuja poética nem “passou incólume pelo realismo crítico e pelas demais experiências da prosa moderna, ancorada como estava em um modelo oral-convencional de narração regionalista” (1994, p. 458). O crítico não nega o sucesso do escritor junto ao público, mas destaca que o sucesso se deve ao fato de ser um “cronista de tensão mínima”, ou seja, desenvolveu narrativa e utilizou-se de uma linguagem facilmente entendida pelo grande público, dando ao leitor de tudo um pouco. O populismo literário deu uma mistura de equívocos e, segundo Bosi, o maior deles seria de considerar a obra amadiana de arte revolucionária e, para o crítico, tal equívoco fora desfeito com o passar do tempo.

Além das publicações como as de Afrânio Coutinho (2004) e Alfredo Bosi (1994), outros críticos, tais como Lins (2016) buscavam

---

<sup>178</sup> Características dos romances:

- a) um primeiro momento de águas fortes de vida baiana, rural e citadina (*Cacau, Suor*) que lhe deram a fórmula do “romance proletário”;
- b) depoimentos líricos, isto é, sentimentais, espraçados em torno de rixas e amores marinheiros (*Jubiabá, Mar Morto, Capitães da Areia*);
- c) um grupo de escritos de pregação partidária (*O Cavaleiro da Esperança, O Mundo da Paz*);
- d) alguns afrescos da região do cacau, certamente suas invenções mais felizes, que anima em tom épico as lutas entre coronéis e exportadores (*Terras do Sem-Fim, São Jorge dos Ilhéus*);
- e) mais recentemente, crônicas amaneiradas de costumes provincianos (*Gabriela, Cravo e Canela, Dona Flor e Seus Dois Maridos*). Nessa linha, formam uma obra à parte, menos pelo espírito do que pela inflexão acadêmica do estilo, as novelas reunidas em *Os Velhos Marinheiros*. Na última fase abandonam-se os esquemas de literatura ideológica que nortearam os romances de 30 e 40; e tudo se dissolve no pitoresco, no “saboroso”, no apimentado do regional” (BOSI, 1994, p. 459).

analisar a obra observando os aspectos literários. Também circula pelo mercado livreiro edições comemorativas ou que procuram, de uma forma concisa, apresentar a vasta obra de Jorge Amado e/ou ressaltar aspectos da literatura de determinado período ou de um conjunto de escritores, como é o caso da edição a seguir.

Em 1976, a Fundação Cultural do Estado da Bahia organizou uma série de monografias que priorizassem os *Escritores baianos contemporâneos*, principalmente os que compunham a Academia Brasileira de Letras. Sob o subtítulo de *Coleção Cabralia*, os estudos apresentaram *Pedro Calmon*, escrito por Luiz Henrique Dias Tavares, em 1977. Em 1978, foi publicado o volume II sobre *Luís Viana Filho*, elaborado por Luís Navarro de Brito. “O breve estudo sobre Jorge Amado aguardava vez num armário da repartição quando, agora, a Editora Record, do Rio de Janeiro, chama a si a editoração e incumbe-se de proceder a uma atualização” (TAVARES, 1980, p. 09). E assim, em 1980, é lançada, por Paulo Tavares<sup>179</sup>, a edição de *O baiano Jorge Amado e sua obra*.

A primeira parte do livro apresenta uma Iconografia e, a segunda, a uma Cronologia. Apresenta além da Cronologia biográfica<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> Paulo Tavares, baiano, inspirou-se num trabalho similar de Anatole Cerfberr e Jules Christophe, editado em 1887 na França com o nome *Répertoire de La Comédie Humaine* de Honoré de Balzac, um copilado dos personagens do mundo imaginário de Balzac, na sua extensa obra de 86 livros, sem similar bibliográfico até hoje. Tavares lançou a primeira edição das *Criaturas de Jorge Amado* em 1969 pela Livraria Martins Editora de São Paulo, tiragem de mil exemplares apenas, com capa de Carybé e orelha de James Amado. Quinze anos mais tarde, o escritor atualizou o seu dicionário totalizando 4.910 verbetes, publicação da Editora Record, com 514 páginas.

<sup>180</sup> Paulo Tavares aponta os seguintes fatos para o biênio 1941 e 1942:

“**1941**

**mar.** Conclui, no Rio, a biografia *ABC de Castro Alves*, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser editora exclusiva de seus livros no País.

**ago.** Transfere-se para a Argentina, devido às condições políticas do Estado Novo. Encontra-se em Buenos Aires quando é lançada, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora, a biografia *ABC de Castro Alves*. Colabora no jornal *La Crítica* e na revista *Sud*, bem assim em outros órgãos literários portenhos, e faz amizade com literatos e artistas argentinos, uruguaios e espanhóis exilados: Gonzales Tuñon, Portogallo, Jesualdo, Enrique Amorin, Maria Rosa Oliver, Vitória Ocampo, Rafael Alberti, Hector Agosti etc. Escreve a biografia *A vida de Luiz Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo

(de 1912 a 1979), um subcapítulo dedicado às *Honorificências* que dividem-se em: a) Títulos; b) Prêmios e c) Logradores epônimos.

Na terceira parte do livro, Paulo Tavares dedica-se a fazer um levantamento das publicações bibliográficas de Jorge Amado e as apresenta em uma sequência cronológica, iniciando com *O País do Carnaval*, em 1931 e finalizando com *Tieta do Agreste*, em 1977. Além das publicações das primeiras edições, também aponta as demais edições publicadas de cada livro. Das páginas 59 até 129 apresenta:

a) **Os romances** – com uma breve sinopse de cada livro, tece também alguns comentários sobre a acolhida das obras pelo público e/ou crítica; curiosidades sobre a publicação, incluindo os lançamentos em outros países; b) **Os contos**; c) **As biografias**; d) **Poesia**; e) **Teatro**; f) **Viagem**; g) **Guias** e h) **Literatura Infanto-Juvenil**.

Apresenta ainda: co-autorias; adaptações para o teatro, cinema, rádio, televisão, fotonovela e histórias em quadrinhos; músicas e apresenta também um levantamento das bibliografias, trabalhos especializados, obras de crítica e de referência, teses e ensaios publicados (ou não impressos) sobre Jorge Amado e sua obra. Na quarta parte do livro apresenta uma breve *Antologia*, seguida pela quinta parte sob o título de *Enfoques*, na qual destaca algumas temáticas e/ou alguns aspectos da obra amadiana que foram analisados ou que ganharam certa relevância: 1) Jorge Amado, escritor baiano; 2) O negro e a ficção; 3) Religião e magia; 4) Personagens; 5) Terra, povo, liberdade; 6) Universalismo de um regionalista; 7) Linguagem e 8) Alguma estatística: obras e edições publicadas no Brasil e no mundo.

feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompéu Acióli Borges e publicada em folhetim na imprensa.

**1942**

**jun.** ainda em Buenos Aires, com períodos em Montevidéu, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A vida de Luiz Carlos Prestes* é publicada em livro, em tradução espanhola, pela *Editorial Claridad*, de Buenos Aires.

**ago.** Em Montevidéu, ocupa-se de escrever *Terras do sem fim*.

**set. 8** Desembarca em Porto Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. É preso e enviado ao Rio.

**nov.** No Rio, é posto em liberdade mas as autoridades dão-lhe por *ménage* a cidade de Salvador, para onde segue em viagem pelo interior, percorrendo o rio São Francisco.

**dez. 24** Chega à Capital baiana e vai passar o dia de Ano-Novo na fazenda paterna, em Ilhéus.” (TAVARES, 1980, p. 33-34)

Apesar de tecermos uma breve apresentação da obra de Tavares, esta não apresenta, necessariamente, um teor crítico, mas mais historiográfico. O livro tem relevância, porque apresenta a história de Jorge Amado e sua obra enquanto integrante do espaço geográfico baiano. Tavares destaca que “Jorge Amado é o maior romancista nascido na Bahia e um dos quatro ou cinco maiores romancistas brasileiros em todos os tempos” e continua “Pela inventiva, pelo poder da comunicação e pelo volume difusão da obra realizada, ele se coloca entre os grandes ficcionistas universais do momento” (1980, p. 167). Poderíamos, certamente, afirmar que é mais um documento histórico de catalogação da obra até os anos 1980 do que um documento crítico. Contudo, se pensarmos que a obra amadiana até esse momento sofria estigmas e preconceitos, principalmente, pelo seu “caráter subversivo”, tanto na temática quanto na forma da linguagem, Tavares fez, primeiramente, o que havia proposto: uma homenagem. Em seguida, a obra pode ser apontada como uma obra de resistência, pois tenta dar destaque a um escritor marginalizado pela crítica brasileira e Amado pelos leitores.

Dentre os críticos literários representativos, figura Massaud Moisés com a coletânea *História da Literatura Brasileira*<sup>181</sup>, cuja primeira edição fora publicada em 1989 e última em 1995, perfazendo ao todo dez edições publicadas. Para Moisés, nenhum escritor brasileiro alcançou tanto prestígio como Jorge Amado, dentro e fora do Brasil. “Embora provocando ressalvas da crítica mais exigente, seus livros esgotam sucessíveis edições e encontram no estrangeiro vasta receptividade, apenas compartilhadas com alguns nomes das letras latino-americanas” (1989, p. 209). Ao êxito, aponta antes de tudo o impulso autóctone, principalmente baiano que serve de lastro ao escritor. Por isso, passa a exercer, “juntamente com os prosadores nordestinos de 30, decisiva influência na Literatura Portuguesa do tempo, assim colaborando para a implantação do Neo-Realismo (anos 40 e seguintes) e invertendo uma secular tendência histórica” (1989, p. 209). Aponta também a divisão da obra amadiana em três fases. As obras iniciais até *São Jorge dos Ilhéus*, a segunda até *Seara Vermelha* e a terceira tem início com *Gabriela, Cravo e Canela*. Destaca, também,

---

<sup>181</sup> A coletânea apresenta-se em cinco volumes: vol. I Origens, Barroco, Arcadismo; vol. II Romantismo, vol. III Realismo; vol. IV Simbolismo e vol. V Modernismo.

que cada obra apresenta uma temática central ou uma inflexão constante.

Massaud Moisés revela que com a publicação de *O País do Carnaval* não se percebia, ou melhor, mal se podia perceber a força do contador de histórias que se revelaria. A inexperiência da juventude, afinal Jorge Amado tinha apenas 18 anos quando da publicação do primeiro livro. Cometeu erros peculiares a um estreante: desajeitado e rudimentar na condução do enredo, indeciso quanto ao gênero, pendendo mais para novela do que para o romance. *Mar Morto* e *Jubiabá* são considerados as duas melhores obras dos romances do ciclo da Bahia, nesse momento aderindo à novela como arcabouço narrativo.

Doravante arquitetarão suas histórias como uma sequência de episódios, coordenados por ganchos propositais, dispostos na linha cronológica do calendário. A ênfase na ação se associa a estereotipia e a divisão maquínica dos caracteres, a simplificação psicológica das situações, reduzidas a uma feitura de acontecimentos suscetíveis de serem fotografados ou delineados no espaço numa reportagem, organizando núcleos dramáticos a modo de contos encadeados no curso do tempo e aglutinados pela permanência de uma ou mais personagens. Por fim, a adoção da velha forma de novela manifesta-se no predomínio da intriga sobre a análise, tudo num ritmo acelerado, em que as peripécias se multiplicam, como se o narrador estivesse cômico de que somente assim poderia prender a atenção do leitor (1989, p. 211).

Contudo, o professor da USP, Massaud Moisés destaca que, no momento em que o escritor prioriza seus compromissos ideológicos em detrimento da Literatura, este provoca o abafamento da potencialidade imanente aos romances da Bahia (*Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*). Na segunda fase (*Seara Vermelha* e *Subterrâneos da Liberdade*) o engajamento notório e ostensivo arrasta as narrativas para os domínios do panfleto, reduzindo, assim, a uma narrativa com moderadas notas de protesto – panfletismo simples, deixando de lado a linguagem carregada de sensualidade tão característica do autor. “Um estilo sem paixão, frio, elaborado, “culto” (oposto ao “popular” da primeira fase), que revela o

intuito de produzir uma obra engajada, [...] partidária” (MOISÉS, 1989, p. 215).

Na fase seguinte com romances de retorno à Bahia, o autor recupera as forças motrizes da escrita e concentra-se em uma espécie de “comédia humana” baiana. Nessa terceira fase, que inicia com *Gabriela, Cravo e Canela*, o escritor (re)descobre sua maneira própria de escrita – seu estilo, consagrando-se como um romancista: pela estrutura e pelo conteúdo das narrativas.

Se populista e/ou revolucionário nalgumas obras, chegando ao panfletarismo confesso, ele é, substancialmente, um escritor popular, sem inibições. Popular pelos temas, pela linguagem, pelo tom: escreve acerca do povo, numa escrita direta, franca, sem inibições censórias, nem mesmo ante detalhes escabrosos (MOISÉS, 1989, p. 219).

Destaca ainda a paixão de Jorge Amado pela Bahia. Uma visão romântica, contemplada de lirismo e empatia folclórica, na qual o exotismo encontra sua forma ideal. Desenhando em “suas narrativas uma espécie de mapa sentimental, gastronômico e épico da Bahia” (MOISÉS, 1989, p. 220).

Vimos, no percurso, da crítica que alguns críticos estabeleceram falas de lugares bem marcados (ora analisando a obra puramente, ora amalgamando-a com a biografia do autor, ora exaltação, ora descaso. Mais e mais se vê a necessidade de uma revisão crítica. Neste movimento, temos como exemplo a tese do doutorado de professor e pesquisador, Eduardo de Assis Duarte, intitulada *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* (1995)<sup>182</sup>, no qual justifica sua escolha pelo fato do autor se tratar de um dos escritores mais emblemáticos no que se refere à junção entre literatura e política. Defende que Amado teria sido objeto de uma recepção crítica tão polêmica quanto heterogênea.

---

<sup>182</sup> Eduardo de Assis Duarte cursou Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, orientação do professor Dr. João Luiz Lafetá. A tese *Jorge Amado: romance em tempo de utopia* foi defendida em 1991 e, posteriormente, publicada como livro em 1995 pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O prefácio, escrito por Paulo Bezerra, sob o título *Jorge Amado resgatado*, pressupõe a urgência e a necessidade da obra amadiana “ser resgatada”, principalmente, devido aos absurdos cometidos pela universidade brasileira: “ausência de estudos sistemáticos e abrangentes sobre a obra de Jorge Amado, o [...] escritor mais lido dentro e fora do país” (DUARTE, 1995, p. 11). Para Bezerra, tal equívoco foi por muito justificado com o argumento falacioso de que a obra de Amado “seria de baixa qualidade estética”, justificando desse modo o número ínfimo de trabalhos acadêmicos acerca do escritor. Aponta ainda que esse pouco espaço dedicado ao escritor baiano se deve a uma crítica (salvo algumas exceções) pouco abrangente e superficial, carregada de preconceito estético (quando não mascarado de preconceito ideológico) e também pelo fato de o escritor distanciar-se do projeto estético defendido pelo modernismo. Crítica esta ainda reducionista, pois não efetiva uma análise coerente, apenas enfatiza aspectos negativos ou positivos, tecendo uma compreensão rasa e pouco abrangente do objeto em estudo.

Ao apresentar o estudo, Eduardo de Assis Duarte sintetiza que “como todo escritor bem aceito pelo público, Amado tem sido objeto de uma recepção crítica heterogênea” e destaca que, desde o início, “seus romances instigaram [...] reações as mais díspares, da adesão entusiasmada ao repúdio mais veemente” (1995, p. 19). Desse modo, foi

Exaltado por seus dons de narrador, ao mesmo tempo que fustigado por reparos que vão do sectarismo à pornografia e à rendição ao formato *best-seller*, o romancista, pela dimensão de sua obra, está a merecer análises mais detidas e situadas para além do elogio de circunstância ou de mero rebaixamento crítico” (1995, p. 19).

Duarte define como seu objeto de estudo a primeira fase do escritor – que vai de *País de Carnaval* (1931) a *Subterrâneos da Liberdade* (1954), no qual se propõe a pesquisar tais romances, pois se inserem na chamada literatura social em vigor no período. Enfatiza que a dimensão universal da obra amadiana é dada justamente pela literatura desse período, pois inverte o percurso histórico da dependência cultural brasileira do romance neo-realista português. “Os romances dessa fase exemplificam o imbricamento cada vez maior entre projeto literário e projeto político e resultam do clima de excitação revolucionária existente em diversos países” (1995, p. 20). E, no Brasil, não seria diferente, pois, ao longo da história brasileira, temos uma estreita

relação entre literatura e política e, nesse momento, muitos escritores voltam seus olhares aos operários. Tal olhar, direcionado na contra-mão do olhar dedicado à Literatura e à Arte pelo Movimento Modernista. Assim, os acontecimentos do ano de 1922: Semana de Arte Moderna - Modernismo, tenentismo e comunismo superam a condição de meros acontecimentos, pois se constituem em balizas muito claras para a literatura que irá surgir a partir de 1930. Segundo

O chamado romance de 30, a par de seus vínculos com a tradição regionalista do século XIX, muito deve a revolução estética iniciada em 22. Basta lembrar a preocupação com a identidade nacional (e com as diferenças regionais), com a renovação da linguagem literária e a pesquisa das formas populares de expressão. [...] 30 [...] vai sofrer [...] o impacto da derrubada da República Velha e da nova configuração política instalada com a vitória dos liberais. Além, é claro, da radicalização ideológica operada em toda a literatura mundial pelo confronto do comunismo com o fascismo (1995, p. 23).

Tomando especificamente o caso de Jorge Amado,

[...] modernismo, tenentismo e comunismo funcionarão como referenciais muito precisos numa trajetória em que política e literatura vão caminhar lado a lado. A revolução estética de 22 propicia ao autor régua e compasso expressivos, abrindo-lhe a perspectiva da linguagem desabusada, império da oralidade, além de lhe mostrar o caminho dos estratos recalcados de nossa formação cultural, que até hoje fornecem matéria-prima a suas narrativas (1995, p. 23).

Eduardo de Assis Duarte destaca que a circulação dos escritos da geração de 1922 restringiu-se a apenas uma pequena parcela da população letrada. No período de 1922 a 1930, os modernistas “tingem as nossas letras com as cores e as formas do século, incorporam o erro-acerto da fala popular, ridicularizaram os símbolos do regime (1995, p. 24), contudo mesmo combatendo a ideia de um país idealizado pela

literatura não conseguem apresentar o universo dos contrastes e as contradições de classe.

Jorge Amado, ainda adolescente, em Salvador, participava da *Academia dos Rebeldes*, grupo que ridicularizava não só Coelho Neto e Rui Barbosa, mas também o movimento do verdeamarelismo de Plínio Salgado. O grupo propagava a ligação da nova arte com os segmentos populares da cultura, principalmente pela vida que levavam. A maioria, mesmo sendo filhos de (pequenos) burgueses, era estudante e já trabalhava, vivendo ardentemente a vida popular baiana. Duarte apresenta a história de Jorge Amado e sua relação com o Partido Comunista<sup>183</sup>, verificando também de que forma o escritor fora “contaminado” pela visão que se tinha da sociedade no período. Enfatiza que a publicação de *Cacau* (em 1933) – romance proletário – apresenta uma narrativa que se volta para o real, objetivando construir uma literatura empenhada no processo de transformação da sociedade. Além de *Cacau*, Amado deu à crítica literária brasileira munição, pois apresentou romances carregados de ideologias, voltados ao público (não à elite intelectual).

A crítica brasileira, salvo raras exceções, poucas vezes dedicou-se a uma leitura do romance amadiano que levasse em conta a natureza de seu projeto ou as convenções adotadas para sua concretização. Marcada pelas balizas estéticas do modernismo, dedicou-se em grande parte ora a uma *crítica dos defeitos*, ora a uma *crítica das belezas*, para ficarmos com as expressões de Agripino Grieco (DUARTE, 1995, p. 37).

A recepção crítica de Jorge Amado apresenta um caráter polêmico, pois se trata de uma crítica polarizada, como crítica dos defeitos, como denominou o escritor Álvaro Lins<sup>184</sup> ou crítica das belezas, como entendeu o sociólogo Roger Bastide<sup>185</sup>. Muitas vezes essa polarização predominava “sobre a acuidade analítica e a reflexão detalhada e abrangente” (1995, p. 38). Desse modo, Duarte debruçou-se

<sup>183</sup> Jorge Amado foi conduzido à *Juventude Comunista* por Rachel de Queiroz.

<sup>184</sup> Álvaro Lins escrevia no *Jornal de Crítica*, na década de 1940.

<sup>185</sup> Cf. “Jorge Amado e o Romance Poético”, in Vários Autores, Jorge Amado, 30 anos de Literatura. S. Paulo, Martins, 1961, p. 193-6. E também: “Sobre o romancista Jorge Amado”, in Vários Autores, *Jorge Amado, Povo e Terra*. S. Paulo, Martins, 1972, p. 39-69.

sobre o panorama multifacetado da crítica já existente a respeito da obra de Amado, considerando ainda os próprios textos escritos do autor, pois o interesse da pesquisa está justamente em analisar e interpretar os esquemas constitutivos da obra a partir do projeto que os norteia: “escrever para o povo”. Desse ponto, procura ampliar o horizonte da recepção crítica da obra de Jorge Amado, sintetizando assim que ao definir o projeto de “escrever para o povo”, é

o ponto de partida para a adoção de uma linguagem marcada pela oralidade, com o uso do coloquial configurando-se como grande traço distintivo da expressão amadiana. No plano do enredo, essa busca do popular leva à absorção dos esquemas de aventura e heroísmo amplamente disseminados, seja no cordel ou no romance de folhetim, seja no melodrama, na novela radiofônica ou no cinema popular da época. Ao lado disso, há um inconfundível acento emotivo, de origem melodramática, perpassando os enredos (1995, p. 39).

Duarte questiona igualmente o motivo pelo qual a crítica, ao invés de pesquisar o porquê do uso desses recursos, deu preferência a um caminho mais curto - o de apontar a “pieguice” ou o “romantismo” de determinadas soluções, sem efetivarem de fato uma análise mais aprofundada e isenta da obra. No entanto, é a partir de *Jubiabá* que Jorge Amado passa a combinar a denúncia social com uma literatura engajada, permeando a obra com heroísmo idealizado das personagens, um clima de aventura, “construção maniqueísta de figuras e situações conflitivas, [...] o acento de melodrama recobrando a denúncia das injustiças como forma de enfatizar o sofrimento dos humildes; o andamento folhetinesco dos enredos” e ainda “os seguidos cortes permitindo a ampliação do universo narrado, bem como a instalação e o suspense e da agilidade narrativa, entre outros” (DUARTE, 1995, p. 39). Essas características que caracterizaram o “realismo crítico” do escritor são alimentadas pelo caráter utópico dos heróis que disseminam “entre os leitores a esperança característica de toda a literatura comprometida com a revolução” (DUARTE, 1995, p. 40).

Em seguida, faz um enfoque nos romances em sua singularidade, procurando estabelecer relações que mantêm os padrões ficcionais adotados por cada texto, parte do pressuposto que há um diálogo entre

os textos, quiçá formando um sistema, desse modo, estabelece relações de continuidade ou ruptura entre as obras, destacando o progressivo movimento de *partidarização*, que tem seu ápice em *Subterrâneos da Liberdade*.

Ao debruçar-se sobre a obra, esclarece Eduardo de Assis Duarte que, por exemplo, os livros *País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934) são obras consideradas por Jorge Amado como experiências da juventude, simples “cadernos de aprendiz de romancista”<sup>186</sup>, contudo há uma recepção crítica consistente “tão controversa quanto numerosa”. Portanto, ciente dessas fragilidades, Duarte propõe-se a analisar com a perspectiva não de um crítico minucioso (juiz de procedimentos construtivos e estruturais), mas de um historiador, buscando reconstruir o processo de formação do escritor engajado, percebendo as opções literárias e as etapas de aprendizagem pelas quais o escritor percorreria entre 1931 e 1954. Portanto, nesse período a obra amadiana compõe um

nítido movimento de ressonância – e de inserção – nos embates políticos de seu tempo. Movido pela utopia de uma sociedade igualitária governada pelo partido dos operários, o romance amadiano empenha-se em representar o processo de evolução dos trabalhadores no rumo da consciência de classe e de sua atuação na cena política brasileira, objetivando ser, enquanto literatura, um fator positivo na construção dessa consciência e dessa atuação (1995, p. 311).

Desse modo, a combinação do modo romanesco e do relato social e histórico é o grande legado do escritor, indiferente de não agregar as características necessárias para ser considerado um “romance universal”<sup>187</sup>, a contribuição amadiana para a ficção brasileira é inegável. Reitera que classificações como “realismo lírico” ou “poético” são definições pouco densas teoricamente e menos apropriadas às obras analisadas, ao contrário do *romance romanesco*<sup>188</sup> que contemplaria o

<sup>186</sup> Entrevista concedida a Eduardo de Assis Duarte, em 1988.

<sup>187</sup> O escritor Adolfo Casais Monteiro, ao escrever sobre *Jubiabá* o define este como o melhor dos romances de Jorge Amado e que o escritor contribuiu para o enriquecimento do romance universal.

<sup>188</sup> A teoria do romanesco de Frye foi adotada por Duarte como modelo para análise ampla e profunda do romance amadiano. Pois o *romance romanesco* está “centrado no imitativo baixo, eivado de um realismo ora cru, ora grosseiro

projeto literário de Jorge Amado politicamente engajado e militante com a tradição primitiva de narrar, atualizando-se assim, a eterna busca do destino humano, universalizado pelo escritor na construção de diversas modalidades narrativas.

Ainda na possibilidade de (re)visitar a obra do escritor baiano, ele a observa sob outro prisma, publicado em 2003, o livro *O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional* de Ilana Seltzer Goldstein<sup>189</sup>, no qual há uma aproximação entre a antropologia e os estudos literários. Portanto, a obra de Jorge Amado foi analisada sob um dos ângulos mais espinhosos no que se refere à construção da identidade nacional brasileira: a mestiçagem. Contudo, não nos ateremos em tal aspecto, devido ao propósito de verificar apenas de que forma a obra de Jorge Amado é percebida pela crítica (e/ou estudiosos) e elencar elementos que (des)qualificam sua obra. A apresentação do livro é feita por Lilia Moritz Schwarcz<sup>190</sup> que destaca o caráter antropológico da obra do escritor baiano, considerando-o um “Grande pregador da ideia da mestiçagem”, fazendo da sua experiência particular um modelo de “ser brasileiro”. Apesar do sucesso de vendas, não teve aceitação por parte da crítica literária nacional<sup>191</sup>. Algo a ser repensado, pois, para Goldstein, a escolha por Jorge Amado se deu devido ao escritor representar um dos símbolos de brasilidade, ou seja, uma das principais referências de Brasil para estrangeiros, além do carnaval do Rio, da miséria e da violência.

---

aos detalhes, convive com a idealização do herói, símbolo da luta dos oprimidos”. [...] Ao mesmo tempo que é “marcado pela aventura, pelo gosto da façanha impossível” lançando uma ponte entre as narrativas modernas e os arquétipos mais antigos da cultura ocidental (BEZERRA apud DUARTE, 1995, p. 13-14).

<sup>189</sup> Ilana Seltzer Goldstein (1970) é graduada em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, onde também defendeu mestrado em Antropologia Social. O livro, *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*, foi originalmente escrito na forma de uma dissertação de mestrado, defendida com sucesso no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. Ilana fez também especialização em Mediação Cultural na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle.

<sup>190</sup> Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e autora de uma série de livros, entre eles *As barbas do imperador: d. Pedro II, um monarca nos trópicos*, publicado pela Companhia das Letras, 1998.

<sup>191</sup> A autora se negou a acompanhar o preconceito acadêmico que pairou sobre Jorge Amado e sua obra.

Convém registrar que as obras de Jorge Amado estão traduzidas em 39 idiomas e, segundo a Record<sup>192</sup> – editora que detém os direitos de publicação desde 1975 – de 1975 a 1997 foram vendidos 20.050.500 exemplares. *Capitães da areia* tem sido o campeão de vendas, com 4,3 milhões, principalmente por ser adotado nas escolas<sup>193</sup>.

Quanto ao período anterior a 1975, a extinta Editora Martins alega ter perdido os arquivos. Mas tem-se uma pista no jornal *O Estado de São Paulo* de 4-05-1974, que publicou a manchete “Jorge Amado: 10 milhões de exemplares”. Adicionando os 10 milhões anunciados no jornal no ano de 1974 à cifra da Record de 20 milhões de 1975 até os dias atuais, chegamos a uma estimativa de 30 milhões de unidades só no Brasil<sup>194</sup> (GOLDSTEIN, 2003, p. 20).

Além do volume de vendas, Ilana Goldstein destaca outros aspectos da obra, como o caso da “extrapolação” da ficção quando a obra é utilizada como fonte etnográfica por turistas ou por cientistas estrangeiros, como *Brasil e África em textos de Jorge Amado*<sup>195</sup> de Koemoe Gaston Yao, o antropólogo sueco Ulf Hannerz com *Fluxos, Fronteiras e Híbridos: palavras-chaves de antropologia transnacional* discute os deslocamentos no mundo contemporâneo e o livro *The Brazilians* de Joseph Page<sup>196</sup> cria uma expectativa de brasilidade que se origina a partir de (sete) romances de Amado.

---

<sup>192</sup> Atualmente é a Companhia das Letras que detém os direitos sobre a obra do escritor.

<sup>193</sup> Dentre os livros de Amado, *Capitães da Areia* foi um dos que mais vezes fora indicado como leitura obrigatória para vestibulares em universidades do país inteiro. O livro está na lista de vestibulares, para 2019: Universidade Federal de Santa Catarina; Associação Catarinense de Fundações Educacionais (ACAFE), sistema formado por 16 instituições distribuídas pelo estado catarinense; Fundação Getúlio Vargas (FGV).

<sup>194</sup> A autora também chama a atenção de que não há cálculos confiáveis para as publicações no exterior, pois há inúmeras edições piratas. Assim, estima-se entre 9 a 20 milhões de exemplares.

<sup>195</sup> O pesquisador propõe-se a detectar os valores sociais negro-africanos internalizados nas práticas sociais brasileiras.

<sup>196</sup> Joseph, Page. *The Brazilians*. Nova York/Londres/Bonn/Amsterdã: Addison-Wesley, 1995.

Destaca ainda que o trabalho artístico estabelece uma relação arbitrária e deformante com a realidade, ou seja, perceber que acima de tudo trata-se de um trabalho ficcional por mais “parecido” que seja com a realidade local ou tipos humanos representados pelo escritor. Os romances estão a serviço de um projeto literário e pessoal, não a serviço da etnografia. “A realidade da narrativa, na narrativa é criada para dar vida à concepção autoral, encaixando-se nela” (GOLDSTEIN, 2003, p. 223). Contudo, mesmo ressaltando o caráter ficcional da obra, é inegável que ela funciona como via de acesso à realidade brasileira extraliterária, carregando um pouco da “verdade” histórico-científica e da sinceridade da vivência popular. Justificando, portanto, que os livros tenham a característica de “informantes nativos” e também que sejam tratados históricos e etnológicos. No decorrer das páginas, a autora elenca uma série de estudiosos que fazem uso da obra de Amado para embasar seus estudos em pesquisas diversas, das mais variadas temáticas, de comida às relações étnico-raciais em artigos, dissertações, roteiros turísticos entre outros. Outro aspecto salientado é a extrapolação das personagens para além das páginas dos livros. Elas invadem a “vida real”, são personificadas e viram nome de ruas, recebem homenagens, monumentos.

No capítulo final, Ilana Goldstein tece “(in)conclusões”, como ela chama a partir da construção de uma identidade nacional que estabeleceu-se sob o tripé branco-índio-negro. Destaca que as

Representações da nação consistem em seleções da realidade, mas não são, por isso mesmo, pura fantasia. A representação da identidade nacional mestiça, da qual um dos criadores é Jorge Amado, nada mais é do que um recorte parcial da sociedade e da história brasileiras. A releitura que Amado faz do “mito” da democracia racial ressalta a harmonia dos encontros étnico-culturais e divorcia-os das turbulências no nível socioeconômico (2003, p. 285).

Desse modo, a releitura feita por Jorge Amado ao fazer uso dessa especificidade do Brasil como matéria-prima é apontada como uma das razões para o sucesso nacional e internacional do escritor. Principalmente, ao evidenciar a permeabilidade da fronteira entre brancos e negros e incorporar, nos romances, uma maneira de discriminar velada, mas que existe. Além da temática, analisada pela

autora, outro aspecto apontado por ela inicialmente foi o marketing da obra de Jorge Amado, Contudo, Ilana Goldstein desconstrói tal expectativa ao afirmar:

A princípio, pensei que as razões do sucesso de Jorge Amado fosse puro *marketing*: o produto ao gosto do público de massa e sua rede de relações pessoais com outros artistas e com uma parcela da elite nordestina. Ao poucos fui me convencendo de que, para além das manipulações, oportunismos e facilidades, este escritor toca as pessoas de alguma maneira, por conseguir transpor poeticamente para a literatura formas populares de viver e de narrar (2003, p. 300).

A autora apresenta também uma quebra de expectativa quanto aos motivos pelos quais os leitores recebem a obra de Amado de forma tão calorosa, tornando-o um *best seller*.

Outro trabalho de revisão da obra foi feito pela escritora Ana Maria Machado, resultado de um curso ministrado por ela no ano de 2005, ao ocupar a cátedra Machado de Assis<sup>197</sup> na Universidade de Oxford. Como resultado da disciplina Ana Maria Machado publicou o livro *Romântico, sedutor e anarquista: uma releitura de Jorge Amado*, lançado em 2006, pela Editora Objetiva.

No prefácio “Das artes de ser Amado e ser forte como um Machado”, escrito por Lilia Moritz Schwarcz, há a explicação do método adotado por Ana Maria Machado para visitar a obra. Destaca que Ana Maria optou por não seguir o modelo da crítica tradicional: escrutinar livro a livro, mas que escolhera uma trilha sinuosa “com sua conhecida originalidade e a vontade genuína de se pôr à prova”, selecionando a obra como um todo.

Na introdução do livro, a autora apresenta o texto *O denego que o Amado tem*<sup>198</sup> no qual desconstrói a necessidade de uma obra apresentar “uma identidade nacional”. É preciso evoluir nesse aspecto, é preciso desconectar o sentimento de nacionalidade da expressão literária e

---

<sup>197</sup> A cátedra Machado de Assis é uma iniciativa conjunta entre a Academia Brasileira de Letras e do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford.

<sup>198</sup> Texto publicado na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, n. 49, ano XIII, fase VII, PP. 91-6, out./dez. 2006.

afirma “Duvido mesmo que exista tal identidade nacional expressável em uma obra de arte” (MACHADO, 2014, p. 14).

Com relação aos livros publicados por Jorge Amado, o primeiro livro considerado é *O país do Carnaval*, contudo, aos 16 anos, publica em forma de folhetim e em parceria com outros escritores o romance *Lenita*, que Amado “teve o bom senso de posteriormente renegá-lo” (2014, p. 14).

A trilogia considerada como “cadernos de um aprendiz de romancista”<sup>199</sup> apresenta, pela primeira vez na literatura brasileira, a linguagem coloquial, a forma de falar das camadas populares, sem bizarrices e sem artificialismos. Se, ainda hoje, vemos uma crítica ferrenha à linguagem coloquial em detrimento de uma linguagem formal e normatizante. Imaginemos naquela época. “A reação dos meios acadêmicos não foi pequena, embora não se assumisse como defesa de um registro linguístico lusitano ou erudito e se disfarçasse em críticas ao autor, por seu uso vulgar e chulo do idioma ou a sua frouxidão gramatical” (MACHADO, 2014, p. 14).

A identificação do leitor com a linguagem da obra é, para Ana Maria Machado, o principal motivo para o sucesso do escritor, pois o leitor se vê representado, se identifica e é seduzido, sendo levado à leitura de obras com muitas páginas. Assim, graças à linguagem (não somente da obra de Amado, mas a de Erico Veríssimo também) um passo importante e fundamental foi dado para a formação de um público leitor e, conseqüentemente, para a ampliação do mercado editorial brasileiro. Por isso, “a crítica torceu o nariz” (2014, p. 15) não só para Jorge Amado, mas também para Erico Veríssimo. Portanto, o uso da linguagem coloquial

Acaba sendo uma das chaves para explicar o extraordinário e prolongado sucesso desse romancista em um país de não leitores. Um sujeito que escreve como a gente fala – num tempo em que as vanguardas até pregavam teoricamente a busca de um estilo brasileiro de escrever, mas muitas vezes derrapavam feio na prática (2014, p. 15).

---

<sup>199</sup> Jorge Amado considera a trilogia composta pelos livros: *O país do Carnaval*, *Cacau* e *Suor* como seus livros de aprendizagem.

Destaca-se também a influência de matrizes populares, como a literatura de cordel, o folhetim, o romance popular, o melodrama, recheados com personagens, cenários, situações, histórias e problemas que debate, transformando tipos oprimidos, marginalizados e espoliados em personagens-heróis.

O engajamento político do escritor observado, sobretudo, em *São Jorge dos Ilhéus* e *Seara Vermelha*, torna-se um empecilho e começa a atrapalhar, os leitores não se reconhecem mais nas obras, que insistem em reduzir toda a representação da realidade numa luta de classes, complicando assim o possível processo de identificação.

Quando o escritor toma conhecimento da realidade dos países no Leste Europeu e rompe com as amarras e as obrigações do engajamento político com o Partido Comunista, inicia-se então uma nova etapa na obra. A obra *Gabriela, cravo e canela* (1958) é “um canto de amor à liberdade”. Começa, portanto, um novo momento em sua obra. Traz a questão feminina<sup>200</sup> à tona, examinando costumes e comportamentos. “Na maioria das vezes, não se trata apenas de uma mulher-objeto, mas de um sujeito desejante e atuante. Amplia-se o leque de representações identitárias” (2014, p. 17). Acrescenta-se também, além desses retratos de relações de gênero, a discussão das relações de etnias através da mistura cultural. Por conta dessa “opção literária”, o escritor foi/é acusado de idealizar a mulher (mulata sensual) e também de reforçar “o mito da democracia racial brasileira”. Machado, contudo, discorda de tais opiniões, pois, segundo ela, sem que haja uma leitura atenta, não é possível perceber que o escritor não celebra a democracia racial, mas uma mestiçagem cultural.

Ao iniciar a sua pesquisa [para a disciplina], a escritora destaca com certa surpresa que Jorge Amado ainda é muito conhecido dos leitores e que não os deixa indiferentes. Todavia, para sua surpresa, algumas vezes teve que se justificar perante alguns estudiosos sobre a sua escolha em priorizar o estudo da obra. Segundo Machado, perceber a obra de forma pejorativa ou mesmo não percebê-la não é uma situação cá outra acolá, é corriqueiro. Comentários como “É, pode ser mesmo interessante você trabalhar sobre ele. Afinal, é um autor que fez muito sucesso lá fora, é muito conhecido” (2014, p. 33) demonstram que o interlocutor não pode negar o lugar ocupado por Jorge Amado, mas

---

<sup>200</sup> Ana Maria destaca que o escritor coloca as mulheres em primeiro plano, contudo utiliza-se de um estereótipo, sendo muitas vezes classificado como machista. Concorde, portanto, que até certo ponto as críticas sobre esse aspecto são pertinentes.

“desconfia” de que sucesso de público (vendas) e qualidade da obra não combinem.

[...] essas diferentes reações que levam à atitude de torcer o nariz para a obra de Jorge Amado eram tão comuns, em tantos interlocutores, e prevaleciam de maneira tão forte (sempre no meio universitário, sobretudo entre os professores, sobretudo de letras, nunca é demais lembrar), exigindo cumplicidade universal, que eu comecei até a sentir certa dificuldade para buscar isenção em uma (re)leitura da obra. Será que todo mundo estava certo e eu totalmente errada? Estaria insistindo de teimosa ou vivendo um caso de mania de originalidade? Ou sendo forçada a me calar por uma espécie de patrulhamento intelectual, e seria mais um exemplo das chamadas maiorias silenciosas [...] (MACHADO, 2014, p. 34).

Passado esse estranhamento inicial, Ana Maria Machado confessa que, por vezes, teve que fingir concordar com o interlocutor – professor ou crítico – ante uma condenação prévia da obra do escritor baiano. Pensou também em outros escritores, também vítimas de “bem pensantes apedrejamentos”. Como então buscar a isenção? Machado aportou na estética da recepção e, para ela, justifica-se, pois “um bom leitor é aquele que sabe perceber e captar no bojo de cada texto as coordenadas desse pacto não explicitado” (2014, p. 35). Não é aquele que espera por aquilo que o livro não se propõe a dizer. Cada texto estabelece seu próprio pacto com o leitor. Desse modo, também o crítico é aquele que sabe ouvir o texto e perceber se ele é coerente ou não àquilo que se propôs.

Contudo, algo a ser considerado que, indiferente, de explicações sobre o “sucesso”<sup>201</sup> de Jorge Amado há de se considerar não se tratar de um sucesso passageiro. Então quais fatores foram realmente relevantes para a efetivação do escritor? Primeira, é preciso esclarecer que a

---

<sup>201</sup> Aponta-se como causa do “sucesso” de Jorge Amado o reforço dado pelas políticas nacionais. Aponta-se também o reforço dado pelo Partido Comunista; a aproximação com nomes famosos como Picasso, Neruda entre outros, quando esteve exilado; apogeu midiático da baianidade, seus livros foram comprados por Hollywood ou ainda quando sua casa virou atração turística.

isenção na avaliação da obra pela crítica passa pelo movimento daqueles que detestavam sua obra por ele fazer parte do Partido Comunista e, em seguida, daqueles que passaram a odiá-lo quando de sua saída do partido. Como não cair nessa armadilha? Observar que nos “dois casos por razões exteriores ao que nela estava escrito” (2014, p. 36). Amado não tinha sua obra desqualificada pelo caráter estético, mas pela escolha política do autor, conseqüentemente, para a crítica, invalidando o conjunto da obra.

Outro fato importante sobre a popularidade de Jorge Amado é a sua indiscutível contribuição na formação do leitor nacional. Machado aponta também Érico Veríssimo, Monteiro Lobato, Vinícius de Moraes, Rubens Braga, Paulo Setúbal, José Mauro de Vasconcelos e Fernando Sabino, “cada uma ao seu modo foi (e é) muitas vezes qualificado como menor por muitos dos autoconsiderados maiores – seja nas páginas da imprensa ou nas salas de aula” (2014, p. 37). Contudo, esses escritores conseguem ultrapassar a (não) crítica e chegar ao público leitor, demarcando dessa forma sua importância na literatura nacional. Então como perceber a obra de Amado com isenção sem considerar que ele é “o mais lido, o mais odiado”<sup>202</sup>? Como ver com isenção a trajetória do autor?

Registro que Ana Maria Machado utiliza-se do estudo do professor francês Pierre Rivas<sup>203</sup> sobre a recepção comparada de Jorge Amado na França e no Brasil para destacar que há “uma distinção muito pertinente entre sucesso e fortuna crítica. Aquele tem a ver com a popularidade. Esta com a aceitação da obra pelo cânone literário” (2014, p. 40). Na modernidade, “sucesso e fortuna costumam ser inversamente proporcionais”. Desse modo, o sucesso da obra “é uma das razões dos infortúnios de Jorge Amado no Brasil” (2014, p. 40). Rivas vê um Brasil ressentido ante o sucesso não só de Jorge Amado, mas também de Érico Veríssimo, ambos os escritores regionalistas.

Conseqüentemente, o infortúnio da crítica à obra de Jorge Amado também aconteceu no exterior, principalmente “pela má vontade de muitos departamentos de português das universidades estrangeiras,

---

<sup>202</sup> A frase original é “el más lido, el más odiado” de Biagio D’Angelo. Biagio D’Angelo, “Dona Flor y sus dos carnavales: Para una relectura de Jorge Amado”. *Cuadernos Literarios*, Eima: Fondo Editorial UCSS, Universidad Católica, ano III, n. 5, 2005.

<sup>203</sup> Pierre Rivas, “Fortuna e infortúnios de Jorge Amado”. In: Rita Oliveira-Goedet e Jacqueline Penjon (Orgs.). *Jorge Amado: Leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

tradicionalmente ligados às instituições culturais lusitanas” (2014, p. 43). A aceitação de um novo escritor que, além de comunista, ainda empregava uma linguagem desleixada, muito distante se comparada ao cânone purista, não estava sequer em cogitação, principalmente depois da primeira publicação do escritor na França<sup>204</sup>. Na folha de rosto, há a informação de que se tratava de uma tradução direta do brasileiro.

Isso causou um escândalo nos meios acadêmicos [...]. Como assim? A língua mudou de nome? Quem esse escritor pensa que é? [...] O escândalo se transforma em inequívoca má vontade dos meios acadêmicos em relação a Jorge Amado. Começam então as objeções a sua escrita pouco ortodoxa, multiplicam-se as menções a sua sintaxe duvidosa, seus pronomes colocados de forma tão rebelde, sua frouxidão linguística [...], seu descaso para com os padrões castiços da gramaticalidade. [...] Uma linguagem descuidada, indigna de quem quer ser escritor” (2014, p.44).

Escondidas sob o manto de defensores do idioma, essas objeções críticas cresceram e se multiplicaram. Em Jorge Amado, “o registro oralizante do falar brasileiro coloquial soava como uma provocação a mais, vindo se somar ao uso de palavrões e tantas outras ousadias a mais” (2014, p. 45). Contudo, o mesmo zelo e puritanismo com o idioma “padrão” não se aplicava a outros escritores, alguns eram celebrados justamente por fugir do padrão. No entanto, vai se mostrando um escritor que domina o ofício de ser escritor, principalmente em como manter a atenção do leitor, discutindo questões sociais, políticas e culturais de seu interesse<sup>205</sup>.

---

<sup>204</sup> “Em 1936 [...] lançou *Jubiabá*, romance protagonizado por Antônio Balduino, um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira. Aos 23 anos, Jorge Amado começou a ganhar fama e projeção: o livro tornou-se seu primeiro sucesso internacional. Publicado em francês, foi elogiado pelo escritor Albert Camus em artigo de 1939”. Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/07.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

<sup>205</sup> Ferreira Gullar também corrobora com tal afirmativa, pois para ele o escritor está em busca de uma linguagem literária, mas sem abrir mão das possibilidades de encantamento.

Ferreira Gullar, *Com mão de mestre*, resenha de *Tieta do Agreste*. Veja São Paulo: 17 ago. 1977.

Entre os recursos desse ofício já dominado está sua linguagem oralizante e brasileira, fruto de uma escolha pelo instrumento eficaz e não de uma resignação ao empobrecimento linguístico por incapacidade de dominar a gramática ou devido à pouca intimidade com os clássicos – como quiseram insinuar certos meios acadêmicos que só conseguiram enxergar na voz de Jorge Amado o desleixo de um coloquialismo rasteiro e convencional (2014, p. 67).

Além da linguagem, outro equívoco relacionado à obra diz respeito a sua “classificação” a um modelo chamado de “realismo socialismo”, decorrente de rótulos como *realista*, *proletário*, *socialista* e *revolucionário* aplicados a determinado período de sua produção. Entretanto, não houve afastamento por parte da crítica em distanciar dados biográficos do fazer literário. Se “vale o escrito”, a crítica omitiu-se, muitas vezes, de “verificar em que medida tais propósitos realmente se concretizaram nas práticas de seus textos” (2014, p. 73), destacando que a obra fez-se passar por revolucionária sem ser. Como destaca José Maurício Gomes de Almeida<sup>206</sup>, o romancista baiano guarda em sua obra um parentesco maior com o anarquismo do que com o socialismo. Para ele, Amado seria “um anarquista com profundas marcas do romantismo” (2014, p. 73). Tais como: a “filiação a Alencar, a influência do melodrama e outros gêneros populares, o papel preponderante desempenhado pelo enredo; [...] celebração da liberdade e o gosto pelos personagens marginais”. (2014, p. 73). Assim, apesar de fortes indícios de romance proletário, mesmo apresentando ações de inconformismo e de militância sindical ou partidária, os personagens amadianos escapam para a periferia social e tendem mais para um *anarquismo instintivo de raiz romântica*<sup>207</sup>.

Os mal-entendidos se seguem na crítica de e sobre Jorge Amado. Outro aspecto que parece um pouco forçado é o de “tentar encaixar o autor nos parâmetros redutores do realismo socialismo” (2016, p. 76).

---

<sup>206</sup> José Maurício Gomes de Almeida, *Jorge Amado: Criação ficcional e ideologia*. In: Ivan Junqueira (Coord.). *Escolas literárias no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004, t.II.

<sup>207</sup> Ainda segundo Gomes de Almeida é na busca pela liberdade pessoal que essa tendência se manifesta, principalmente na obra tardia do romancista. Contudo, mesmo em romances anteriores carregados de proselitismo personagens já transbordavam com essa sede de liberdade pessoal.

Tanto o escritor quanto suas personagens se rebelam a todo instante, fugindo de rótulos e não obedece à configuração que a crítica os obrigou a entrar. Tal rebeldia, insurgida pelo próprio escritor com o intuito de justificar o caráter proselitista defendido pelo partido, declarava, contudo, que as personagens lhe eram fugidias.

Há ainda a dificuldade no enquadramento de uma literatura realista cuja narrativa é entretecida de uma estética popular. Assim, ao assumir uma “estética popular em uma literatura como a brasileira, em que critérios de legitimação do produto ficcional foram sempre os dados pela cultura erudita<sup>208</sup>” (2014, p. 77-78), implica em dois prováveis desfechos. O primeiro, do esquecimento e o segundo, do descrédito dado à obra e/ou ao escritor. Descrédito este, em grande parte, dado por Álvaro Lins, no período de 1930 a 1950, principalmente por ter sido um dos críticos mais respeitados e mais temidos deste período. Certamente, o peso dessa crítica tenha sido o suficiente para deixar Jorge Amado fora do cânone, principalmente pelo fato de o crítico ser referência a outros críticos influentes.

Ao fazer de Jorge Amado meu objeto de pesquisa, constato que, há muitos pesquisadores e pesquisadoras<sup>209</sup> direcionando novos olhares à obra do escritor baiano. É preciso trilhar esse caminho para a origem. Como o fez, Ana Maria Machado:

[...] há algum tempo venho achando que a obra de Amado anda merecendo uma reavaliação crítica, agora que já se passaram alguns anos de sua morte. Como costuma acontecer nesses casos, o tempo age no sentido de efetuar uma espécie de decantação. As opiniões mais emocionais sobre seus escritos já tiveram alguma tempo para assentar, turvando menos as águas que as envolvem (2014, p.24).

Há na crítica da obra de Jorge uma dicotomia entre os romances escritos nas décadas de 1930 e 1940 e a produção a partir de 1950. Para

---

<sup>208</sup> Ana Maria Machado utiliza-se do argumento dado por Silviano Santiago para explicar a posição isolada de Lima Barreto quando confrontado com Machado de Assis e os modernistas. Para Santiago, tal isolamento se deve, justamente, pelo fato de o escritor ter assumido uma estética popular.

<sup>209</sup> Tristão de Athayde, Eduardo Portela, Haroldo Bruno, Malcolm Silvermann, Letícia Mallard, Roberto da Matta, Ivya Alves, as pesquisadoras do NuLime e tantos outros.

Machado, os romances de 1930 e 1940 “refletem de forma direta o momento histórico em que foram criados. Vivia-se uma época de busca de consciência social e desejo de participação política, quando partidos se fundavam e fortaleciam num país e num mundo em transformação” (2014, p. 79). É necessário considerar a visão crítica da época ao rever a trajetória do escritor. De um lado, a crítica produzida no calor da hora e, de outro, “uma reverberação mais duradoura que se sustenta por muito mais tempos e pode criar raízes entre especialistas nos círculos universitários, influenciando sobre a visão que a posteridade passa a ter o autor em questão” (MACHADO, 2014, p. 80). A fortuna crítica produzida no calor da hora, nos periódicos nas décadas de 1930 e 1940, posteriormente, foi reunida e publicada em antologias.

Com essa mudança de veículo, aquilo que era um testemunho momentâneo [...], simples comentário de ocasião que podia ser passageiro e se perder [...], passa a ser visto como julgamento seguro e definitivo, destinado a resistir ao tempo. Adquire foro de autoridade e passa a ser considerado quase como um fato incontestável, informando livros didáticos posteriores, que transmitem essa visão a outras gerações e a vastas camadas da população que, em sua maioria, nem sequer leram os textos que geraram as críticas e não têm a menor ideia do que realmente está sendo aquela opinião (2014, p. 80-81).

A escritora percebe a importância das revisões contemporâneas, ao considerar o fenômeno da mudança de veículo. Revisões que por extensão devem ser aplicadas aos livros didáticos. Como será a recepção crítica de Amado nos compêndios escolares no biênio 1941-1942? Quais marcas e registros da crítica, os compêndios escolares apresentam sobre um dos autores mais populares da literatura brasileira?

Foi preciso abrir a Mala. Conhecer as tratativas editoriais. Percorrer o caminho da crítica para, no capítulo seguinte, nos lançarmos ao universo do sistema escolar. Recorro a Barthes “A história da literatura é um objeto essencialmente escolar” (2004, p. 3) para refletir acerca do papel da instituição escolar e de como a literatura se institucionaliza.



### 3 SISTEMA EDUCACIONAL, CURRÍCULO E CÂNONE

*“Há escolas que são gaiolas  
e há escolas que são asas.”*

Rubem Alves

Para Even-Zohar, no artigo *Fatores e dependências da cultura*<sup>210</sup>, há uma interdependência entre: produtor (escritor), produto (obra), repertório (cultura), instituição (Estado, escola), mercado (editoras) e consumidor (leitor). Um leitor/aluno pode comprar/ler um livro produzido por um escritor, mas para que esse livro possa ser gerado e, depois propriamente consumido, deve existir um repertório comum, cuja utilização está delimitada, determinada e controlada por uma instituição e por um mercado que permita sua transmissão/venda. Desse modo, nenhum dos fatores enumerados pode ser descrito funcionando isoladamente. A interdependência entre eles se caracteriza pelas múltiplas possibilidades de hierarquização, dependendo do repertório: conjunto de regras e materiais que regulam o que se escreve e o que se lê em determinado período (2007, p. 125-126).

Dentro do sistema que regula a cultura, destacamos a instituição. Ela se define como um conjunto de fatores implicados em controlar a cultura. Regula normas, sanciona umas e rechaça outras. Também remunera e reprime produtores e agentes<sup>211</sup>. Determina que modelos – e que produtos e quando estes são relevantes – serão conservados por uma comunidade por um (largo) período de tempo. Ou seja, a instituição pode ser vista como o mercado, como a intermediação entre as forças sociais e os repertórios de cultura. Mas diferente do mercado, a instituição tem o poder de tomar decisões que perdurem durante mais tempo. Isso não se aplica somente a “memória coletiva”, enquanto fator de coesão de larga duração, mas também a tarefa básica de preservar um

---

<sup>210</sup> Tradução livre do ensaio *Factores y dependências en la cultura. Una revisión de la teoría de los polisistemas*, de Itamar Even-Zohar, publicado no livro *Polisistemas de Cultura*, em 2017, pela Universidade de Tel Aviv.

<sup>211</sup> Os membros mais visíveis da instituição talvez sejam os agentes oficiais que fazem parte da administração. Assim, podem funcionar como instituições centrais todas as implicadas em repertórios educativos – caso do Ministério da Educação, academias, instituições educativas (escolas de qualquer nível, incluindo as universidades) – os meios de comunicação de massa (periódicos, revistas, rádio e televisão) e muitas outras (EVEN-ZOHAR, 2017, p. 146).

repertório canonizado para transmiti-lo de uma geração a outra (EVEN-ZOHAR, 2017, p. 145).

### 3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA EDUCACIONAL

O sistema escolar brasileiro carrega em seu bojo uma educação doutrinária, herança da fase colonial, pois segundo Coutinho

eram os religiosos [...] que detinham o saber e se encarregavam de transmiti-lo aos jovens, pelo ensino, pela pregação e por essa frequência quotidiana e vida em comum, em que, como metrópole, se misturavam em toda espécie de atividades, intelectuais, econômicas e políticas, o mundo profano e o mundo sagrado (2004, p. 195).

O modelo jesuítico de ensino tinha como objetivo alcançar o domínio dos instrumentos clássicos de expressão<sup>212</sup> (Coutinho, 2004, p. 197). Como não havia outros meios de formação intelectual, havia o predomínio do ensino da literatura e da retórica (que perdurou durante o Império até o início da República)<sup>213</sup>.

<sup>212</sup> As disciplinas de base eram: a gramática, a retórica e a poética aplicadas ao estudo do latim e da língua portuguesa, além de exercícios de linguagem e de escrita (Coutinho, 2004, 197).

<sup>213</sup> “Foi só em 1891, portanto, depois da Proclamação da República, que se deu uma reforma que abalou os alicerces do ensino no Brasil. Benjamim Constant, então Ministro e Secretário de Estado dos Negócios, da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, baseado nas ideias de Augusto Comte, elaborou uma reforma de ensino de clara orientação positivista, que defendia a soberania dos cientistas e uma educação que visava a anular as tensões sociais do país.

O plano de curso proposto estava, portanto, de acordo com o projeto pedagógico da educação científica, coerente com o que preceituava o discurso do positivismo crítico. (...) A classificação das ciências proposta por Comte foi utilizada para determinar a ordem de estudo dos fenômenos matemáticos, astronômicos, físicos, químicos, biológicos e sociais. Os estudos de teologia e metafísica cederam lugar à história e à sociologia. E a retórica foi então, oficialmente, eliminada do currículo”.

Fonte: REVISTA RETÓRICA. *A retórica no Brasil: Um pouco da história por Eliana Amarante de M. Mendes*. ISSN: 2167-5678. Volumen 1, Número 1. Marzo/2013.

Disponível em: <http://www.revistaretorica.org/index.php?journal=rrla&page=article&op=download&path%5B%5D=12&path%5B%5D=pdf>. Acesso em 10 ago. 2014.

Na República, com a ebulição da vida social surgiram também mais escolas, havia a necessidade de a população ter mais instrução. Sob os holofotes da valorização da língua nacional, os escritores brasileiros foram aos poucos ganhando espaço no sistema escolar.

Abramos parênteses para falar sobre o que poderíamos considerar um dos primeiros apagamentos – a borracha do nacionalismo. Nesse contexto, os autores que ganharam visibilidade foram os que, marcadamente, desenvolveram uma literatura com características que atendiam ao projeto<sup>214</sup> da criação de uma nação<sup>215</sup>, literatura esta que armazena, centraliza e perpetua a informação e a história. Já os que atentaram contra essa ideia de nacionalidade ou não atendiam a ideologia vigente foram “esquecidos”. Não foram estudados, nem contemplados pelos currículos escolares. Consecutivamente fadados à invisibilização, ao esquecimento...

“É certo que a literatura como fenômeno cultural [...] não se pode abstrair do seu meio social e histórico e de suas raízes educacionais” (Coutinho, 2004, p. 211). No Brasil – como em muitos outros países –, a literatura esteve (e ainda está) atrelada ao sistema educacional, primeiramente no secundarista e depois à universidade<sup>216</sup> e, em menor proporção, no ensino fundamental I e II. Portanto, o sistema escolar também determina o “valor” dos escritores. Ora adotando e divulgando um, ora marginalizando ou apagando outro.

Ana Maria Machado conta da sua dificuldade em escolher entre: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Clarice Lispector. Autores brasileiros do currículo de letras modernas. O processo de seleção do autor, para a disciplina de Literatura Brasileira, na universidade de Oxford, na Inglaterra, foi subjetivo: “[...] em nome do puro prazer, preferi mergulhar na Bahia de Jorge Amado [...]. E reencontrar aquela prosa solar e saudável cuja leitura descobrira em

---

<sup>214</sup> Destacamos que nem todos os escritores tiveram a intenção de defender as ideias propagadas pelo governo. Contudo, de alguma forma sua produção atendia às intenções e/ou não ameaçava o sistema político o que os deixava em uma situação confortável.

<sup>215</sup> De acordo com Célia Pedrosa (1992, p. 285) a criação de uma nacionalidade pode estabelecer-se a partir de dois pilares: política e território. Nesse sentido então, a ideia de nação seria compreender a nacionalidade como unidade política e territorial, passível de ser construída (p. 285).

<sup>216</sup> Talvez nesse momento tenha se configurado o pouco espaço dado à literatura no que hoje chamamos de Ensino Fundamental 2 (6º ao 9º ano).

minha adolescência e à qual muito pouco voltar nos últimos anos” (2014, p. 23).

Ao analisar os *Programas de Ensino*, do Colégio Pedro II (escola secundária padrão) e a legislação vigente<sup>217</sup>, Marcia de Paula Gregorio Razzini<sup>218</sup> em sua tese *O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)* percebe que – livros didáticos e programas de ensino – fazem um recorte – uma seleção – de quais autores e/ou obras serão contempladas em cada volume ou período letivo. Logicamente não é uma escolha aleatória, tão pouco arbitrária.

Os currículos são elaborados para atender à legislação educacional vigente (PCNs, Proposta Curricular, BNCC etc.) com a concepção de aprendizagem adotada pela escola. O mesmo se aplica aos livros didáticos<sup>219</sup> que atendem a outras demandas.

Dessa forma:

Rejeitar ou marginalizar as histórias e as culturas daqueles que não representam o grupo dominante tem consequências profundas na expressão da subjetividade e da identidade. O resultado dessa rejeição é quase sempre, e pelo menos, uma espécie de *violence douce*.

---

<sup>217</sup> Até 1869 o ensino de Português era insignificante no currículo da escola secundária, onde predominavam as disciplinas clássicas, sobretudo o Latim. Depois de 1869, quando o exame de Português foi incluído entre os Preparatórios, houve a ascensão desta disciplina no Colégio Pedro II, cujo desenvolvimento, ainda que sujeito a variações, foi sempre crescente.

A literatura nacional era ensinada no currículo de Retórica e Poética, disciplina exigida nos Preparatórios das faculdades de Direito até 1890, quando foi excluída dos exames e do curso secundário. Em seu lugar era ensinada a História da Literatura Nacional, cuja ausência dos Exames Preparatórios tirou-a também do curso secundário (1911).

A *Antologia Nacional* (1895) nasceu logo após a Proclamação da República, quando novos ventos sopravam a favor da implantação de uma cultura nacional na escola brasileira, reservando ao ensino de Português e de Literatura o papel de representar a pátria.

<sup>218</sup> Através de um histórico do ensino de Português, a autora procurou entender a *Antologia Nacional* (1895-1969), de Fausto Barreto e Carlos de Laet, uma seleta escolar usada durante mais de setenta anos, utilizando como material de referência.

<sup>219</sup> Sujeitos também às leis do mercado (concorrência, direitos autorais, “cultura oficial”, política cultural etc).

Que cultura será a oficial e qual ficará subordinada? Quais (ou que partes) serão exibidas e quais escondidas? Que história será lembrada e afirmada e qual a esquecida? Que imagens da vida social serão projetadas e quais as marginalizadas? Que vozes serão ouvidas e quais as silenciadas? (mulheres, grupos étnicos, sexuais e raciais) Quem representa quem e sobre que bases ou critérios? *Aqui estamos na arena da política cultural que muitas vezes inspira novos modos de encarar a vida e a literatura* (VIEIRA, 2003, p. 104).

Even-Zohar destaca que a ideologia de uma cultura oficial como a única aceitável, em uma determinada sociedade, há de ter como consequência uma massiva compulsão cultural, que afeta nações inteiras, mediante um sistema educativo centralizado e que torna impossível, inclusive a estudiosos da cultura, observar e valorar o papel das tensões dinâmicas que operam no seio da cultura para sua manutenção (2007, p. 15).

### 3.2. IDENTIDADE NACIONAL E NACIONALISMO LITERÁRIO<sup>220</sup>

A busca por uma pertença – uma nacionalidade – tem sido constante nas sociedades, no entanto, o conceito primitivo que se estabeleceu do que significa nacionalidade – *lugar de nascimento* - sofreu alterações. No século XVII ainda permanecia a ideia de nascimento, mas ligada a *origem e descendência* comuns a vários indivíduos, direcionando dessa forma a uma identidade étnica, que poderia ser associada à ideia de *povo*.

Contudo, ao pensarmos a nacionalidade, principalmente a brasileira, sob esses três aspectos: *lugar de nascimento, origem e*

---

<sup>220</sup> O texto *Nacionalismo literário* publicado pela professora Célia Pedrosa foi escrito em 1992. Historicamente o país vivia um momento político conturbado. Após anos de luta contra a ditadura militar e a censura, o movimento pelas Diretas Já ganha força. Em 1988, com a promulgação da Constituição, a “implantação” de um sistema de governo democrático tendo o presidente, eleito pelo povo, como o representante soberano da nação. Sob indício e comprovações de corrupção, o país se veste de preto, pinta a cara e vai às ruas pedir pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, deposto em 1992.

*descendência e povo* perceberíamos o quão díspares e conflitantes esses aspectos são. De acordo com Célia Pedrosa (1992, p. 277):

No século XIX a superposição desses três conceitos possibilitou que a busca pela nacionalidade funcionasse com um importante fator político e cultural. Mobilizando a consciência histórica e favorecendo a coesão de cada grupo social, fortalecendo a sua auto-identidade e seu empenho automista. Tornou-se fonte de inspiração, tema e finalidade da produção artística, inclusive a literária, que passa a seguir uma diretriz eclética.

Célia Pedrosa utiliza o crítico e filósofo alemão – um dos principais teorizadores do Romantismo - Friedrich Schlegel (1772-1829) para endossar o conceito de nacionalismo como sendo uma reflexão na qual se articulam e se polarizam universalismo e particularização, continuidade e transformação.

O caráter transcendente e imutável dos valores estéticos, morais e políticos que regem a vida humana dão lugar à ênfase da inevitável e fecunda diversidade. A herança clássica greco-romana era o modelo ideal, a origem e a essência – único modelo a ser seguido passa a ser visto como apenas uma das contribuições entre muitas no processo de evolução da humanidade. “Essa concepção eclética e histórica não só permite, mas principalmente exige o interesse pelo novo e pelo que até então fora esquecido ou marginalizado: o excêntrico, o primitivo, o bárbaro, o impuro”. (PEDROSA, 1992, p. 278)

Os escritores impregnados pela busca do novo e pelo que fora esquecido, associando a isso sua liberdade criadora e tendo como sua missão apresentar esse “novo - o rememorado” se utilizam da literatura como uma experiência de renovação estética e mobilização coletiva. Esta literatura está empenhada “em compreender e valorizar as especificidades e potencialidades de cada cultura”. Essa postura, ainda citando Schlegel, proporcionou um incremento das manifestações individuais e nacionais e simultaneamente um enriquecimento do “espírito universal”.

É importante destacar que a criação de uma nova forma narrativa – o romance histórico – integra a elaboração ficcional juntamente com a representação das origens de cada povo, assim, dando à literatura uma função cognitiva e social inédita. Confundindo as fronteiras entre o

estético, o filosófico e o histórico, entre o empírico e o imaginário, entre o subjetivo e o objetivo, desafia a rigidez classificatória, sendo necessário um diálogo entre várias áreas do conhecimento para decifrá-lo.

Célia Pedrosa, ainda postula que a consciência de uma identidade subjetiva que interage com contingências sócio-históricas específicas rompe com a ordem transcendente, natural e universal que antes dava estabilidade à existência. Assim, a busca pelo conhecimento subjetivo de cada indivíduo e do espírito humano passa pela apreensão da realidade física onde ele vive. Temos, portanto, a representação da terra natal onde se enraízam a origem e a identidade individual e os fortes e harmoniosos laços que lhe dão uma inserção familiar, coletiva e nacional. Essa nova forma de interação promove uma linguagem mais expressiva e rica, mais flexível e mais eclética.

A renovação também se aplica aos estudos literários que antes tinham um caráter normativo agora lhes atribuindo o sentido crítico e histórico. Não bastava mais o estudo da literatura universal basear-se em uma pesquisa filológica ou na poética. De acordo com o que postula a pesquisadora, era preciso avaliar cada obra, tendo em vista a originalidade e sua inserção em um determinado contexto. “A normatividade dá lugar à sensibilidade e ao interesse sociológico” (1992, p. 280).

O nacionalismo literário, assim como o político só foi consolidado em princípios do século XIX – sob o romantismo – ambos têm suas raízes a partir do século XVII. De acordo com Foucault, “a passagem da Renascença para a Idade Clássica marca uma mudança radical na relação do homem com a linguagem” (FOUCAULT *apud* PEDROSA, 1992, p. 281). Portanto, cabia ao homem apenas tecer comentários sobre o texto fundador e sobre a realidade que ele nomeava. Aos poucos, a linguagem vai deixando de ser instrumento de representação e passa a funcionar como discursos e produzir conhecimento, surgindo assim, a crítica.

Do Iluminismo e da Revolução francesa resulta a primeira forma de organização social moderna – a nação constituída por um povo soberano, capaz de formular suas próprias leis, consciente de sua especificidade e independência, disposto a preservá-las e a fortalecê-las. Assim, o valor histórico da Revolução e do Iluminismo está diretamente relacionado à sua capacidade de se renovar enquanto signo da disposição humana para o progresso.

Ao longo do século XIX ainda perdura, segundo Kant, o entusiasmo e o interesse para o progresso. A radicalização e o questionamento produzem o incremento da produção científica e o aprofundamento da perspectiva histórica; consolidação da sociedade burguesa, a irradiação do pensamento liberal e a proliferação de movimentos por autonomia nacional. Paralelo a esse movimento pela constituição de uma identidade nacional está o sistema educacional borrifando na sociedade os ideais nacionalistas nas mais diferentes áreas: das artes à ciência.

Nesse contexto de intensa fermentação intelectual e política, o nacionalismo aparece como uma das mais importantes manifestações do entusiasmo progressista. Portanto, com o Estado-nação torna-se necessário reafirmar a identidade e a autonomia de cada grupo social. Essa ideia tem funcionado como ideologia ufanista ou realista, conservadora ou revolucionária, provocando e direcionando a ação e a reflexão individuais e coletivas. Quando entendemos nacionalidade apenas como uma unidade política e territorial passível de ser construída, o nacionalismo estimula guerras de conquista e justifica a militarização das sociedades. Outra forma de convicção nacionalista é a unidade étnica decorrente de gradativa e sólida interação de aspectos físicos, biológicos e culturais. A busca pela expressão de nacionalidade se propõe a resgatar as tradições que identificam sua origem, transformando-a em tema prioritário e em fonte inesgotável de recursos formais e expressivos. Na América Latina transforma-se o indígena em signo de genealogia autóctone, autônoma e oposta à europeia colonizadora, que funcionou como lastro histórico e cultural para a aspiração à independência política e para a fé num futuro promissor. No Brasil, isso mais tarde se aplica ao sertanejo e ao caboclo, frutos de uma mestiçagem que vai ser compreendida como atualização da herança indígena - ideia que perdura desde meados do século XIX até meados dos anos de 1930. Contudo, no período de 1930-1940, tivemos o apagamento de muitos escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, justamente por atualizarem a herança brasileira tratando de temáticas regionais. Mas, a busca por uma identidade nacional pode possibilitar além de apagamentos, o resgate de muitos escritores esquecidos (ou marginalizados) como aconteceu com Shakespeare, na Inglaterra, relegado pelo classicismo normatizante. Ou mesmo contemporaneamente, resgatando justamente os escritores regionalistas marginalizados no período da ditadura militar que teve

início com o movimento modernista que propôs a revisão dessa mitologia e a compreensão crítica da história nacional.

Embora sumários, esses dados evidenciam tanto a persistência do nacionalismo quanto a pluralidade de seus efeitos na prática literária. O princípio de produção discursivo do nacionalismo tem sempre um estatuto ambíguo. Segundo Foucault (FOUCAULT *apud* PEDROSA, 1992, p. 287) o obrigar a dizer, criar possibilidade e estabelecer códigos, institucionalizam mecanismos de organização e exclusão. Servindo, então, à sublimação das vontades arbitrárias que motivam qualquer discurso ao controle das transformações a que a linguagem se abre e pode lhe alterar a forma, o sentido e as condições de uso e circulação.

A imposição de parâmetros normativos e excludentes, como vínculo com uma realidade nacional, rejeição do universalismo clássico e o interesse pelas origens que sublimam diferenças e conflitos internos estigmatiza relações externas e alimenta o maniqueísmo e a xenofobia.

A relação entre história e literatura torna-as prisioneiras de um discurso que exorciza a dinâmica da história, pois ambas pretendem apresentar uma essência e uma origem pura, contínua e harmoniosa. O efeito (negativo) da relação entre literatura e história é a criação de uma disciplina científica, a História da Literatura<sup>221</sup>.

A pluralidade e a ambiguidade dos efeitos do nacionalismo podem ser constatadas mediante o processo de formação da literatura brasileira, esta vista como importante agente na luta por autonomia política e cultural, valorizando uma realidade específica brasileira – amparada pela linguagem.

A produção romanesca era voltada para a criação de uma genealogia, caráter e natureza brasileiros. Foi iniciada com o romance indianista de Alencar e retomada nas diferentes formas de regionalismos que dominaram a ficção narrativa até os anos 1940. Essa íntima conexão entre literatura e nacionalismo foi bastante produtiva. No entanto, a cada aspecto positivo apontado há outro oposto – à medida que o nacionalismo cristaliza-se como ideologia estética e política, ele também polariza as relações entre Estado e Literatura (ideologia e escritores), segregando aqueles que não desenvolveram obras que apresentem “a realidade brasileira”.

Assim a institucionalização de um discurso idealizante e ufanista, como ressalta Celia Pedrosa, sublima diferenças e problemas,

---

<sup>221</sup> Grande parte dos currículos escolares terá como base documentos oriundos dessa disciplina.

desestimulando todo movimento crítico e criativo. Logo, uma representação genealógica que permitiu a entronização do índio correspondeu ao recalque da herança genética e cultural dos negros africanos. Portanto, a escravidão a que foram relegados não condizia nem com a condição de nobreza de estirpe e de comportamento atribuída aos “antepassados” indígenas, nem com a concepção de identidade nacional como resultado da evolução contínua e harmoniosa dessa origem.

Como crítica a ideia de nacionalismo, a pesquisadora destaca que

“Nossa literatura “autenticamente” nacional e nacionalista se alimenta de um ideário filosófico e político alemão e francês, se serve da língua portuguesa e de formas cunhadas pelo romantismo europeu, como o romance histórico. Na construção da genealogia brasileira, molda-se a valores estranhos à cultura autóctone que se propõe a resgatar. A vida social do indígena é representada como uma organização hierarquizante submetida ao controle aristocrático de reis e sacerdotes. Na base dessa organização, a célula familiar assume essa mesma importância adquirida ao longo da evolução da sociedade ocidental” (1992, p. 291).

Ainda no século XIX há momentos fecundos, da tematização do conflito e da integração de realidades culturais diversas. José de Alencar, durante muito tempo indevidamente apropriado pela crítica de extração romântica como modelo do nacionalismo simplista a que nos referimos. Como por exemplo, *Iracema* revela uma visão bem problematizante da cultura brasileira, alegorizada através de uma aparente e ingênua história de amor entre uma índia e um homem branco. O escritor questiona ao mesmo tempo a concepção idílica de nacionalidade, tematizando a violência do conflito entre colonizador e colonizado. Apresenta Iracema, mulher frágil e indefesa – suas qualidades seduzem o conquistador – homem forte e corajoso que desperta em Iracema a vontade de submissão, a coragem de abandonar terra, família e costumes. Dessa relação nasce Moacir que acarreta a morte da mãe e a continuidade da estirpe paterna. Alencar utiliza de eufemismo para encobrir toda a violência imposta ao ato de colonizar – de ser tomado à força.

Se pensarmos o final do romance como uma metáfora, poderíamos atribuir à estirpe paterna, conforme conceitua Pedro Lyra (1992, p. 156-157), de ideologia dominante como sendo “a da classe dominante, que visa à conservação da ordem vigente para a preservação de seus privilégios” e à mulher – frágil e indefesa – a das classes exploradas, denominada por Lyra de ideologia oponente, ou seja, aquela “que se expressa com toda a nitidez e toda a sinceridade para desnudar o real e conquistar adeptos no sentido daquela implantação de uma nova ordem”. Assim, a escola é um recorte da sociedade no qual observamos claramente esse duelo de polarização de forças. Contudo, a escola está atrelada ao poder político, logo segue os preceitos ditados pela ideologia dominante. Nesse contexto, inclui-se também a literatura cujos escritores podem intencionalmente – ou mesmo de forma subjetiva e “sem querer” - servir aos interesses de determinado grupo político, sendo mais ou menos “valorados” de acordo com suas posturas políticas e/ou ideológicas. Os leitores, nesse contexto, podem perceber todas essas intenções quando leem o objeto literário.

Podemos elencar como o segundo grande apagamento que atravessa a literatura e propaga a invisibilização do escritor e/ou da obra é o cânone, pois este foi instituído e constituído “por meio de uma cultura oficial e da língua considerada também oficialmente padrão”<sup>222</sup>.

Para Reis “toda a escrita ficcionaliza o seu leitor. E todo leitor acumula um repertório de pré-noções e é munido deste aparato que se acerca de um texto, com o qual seu conjunto de expectativas passará a atritar” (1992, p. 65). Essas expectativas são geradas a partir da cultura na qual está inserido o leitor, bem como do momento histórico – e a ideologia corrente. Portanto, a leitura virá carregada de significados – de saberes. E “saber é uma forma de domesticar, pelo conhecimento a realidade – está mediado pela linguagem” (REIS, 1992, p. 65). Portanto, para manter seu *status* de ideologia dominante, esta se utilizará das mais diversas formas discursivas para assegurar seu domínio.

### 3.3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CÂNONE

Se considerarmos o cânone no Brasil como um “conjunto de escritores e respectivas obras que, durante um determinado período histórico ou em uma comunidade específica, são vistos como modelos

---

<sup>222</sup> Observação a partir da teoria de polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990). Fonte: RECHOU, Blanca-Ana Roig. *Educação literária e cânone escolar*. Revista Letras Hoje, Porto alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

sociais ideias”<sup>223</sup>, teremos dois pontos básicos para delinear o que é cânone no Brasil. O primeiro ponto é que as obras atinham-se à língua padrão – formação da identidade nacional –, haja vista que muito da cultura indígena e africana se perdeu ao longo dos tempos, e em um segundo momento considerava-se as variantes regionais, mas não sem certa reticência ou ressalva. O segundo ponto é que literatura sempre esteve associada à política institucionalizada como aliada – o que garantia espaço e visibilidade ou como inimiga – o que a marginalizava.

Obviamente quando falamos de literatura, falamos quase que exclusivamente do que é escrito, pois a cultura oral rotineiramente é tratada por “folclore” ou “cultura popular”. A literatura tupiniquim tem estado – muitas vezes – atendendo ao discurso da chamada alta cultura e a “alta cultura, o mais das vezes tem estado a serviço do poder e do Estado” (REIS, 1992, p. 69).

O ensino da literatura tem por muitos anos perpetuado e contemplado um seleto grupo de escritores: a) clássicos, b) representantes de determinada escola ou estilo, c) que atendem à política educacional, d) indicados pelo mercado editorial ou aclamado pelo público (e/ou pela crítica literária). Contudo, a crítica que se estende é que, na maioria das vezes, não há abertura para outros (as) escritores(as). Não sejamos pessimistas. Há movimentos de resistência que falarei mais adiante.

Essa ligação da literatura com o ensino, quer secundário, quer universitário, é assunto que se tem muito escrito e há países nos quais certo excesso de subordinação das letras à vida universitária cria verdadeira esclerose que impede o florescimento literário, provocando mesmo certa reação contra esse exagero, o qual consideram um empecilho à espontaneidade e originalidade. No Brasil, entretanto, o mal reside antes na falta de ensino (COUTINHO, 2004, p. 212-213).

A afirmação de Coutinho ainda é verdadeira quanto ao espaço que a literatura ocupa no sistema escolar. Se pensarmos nas universidades nas quais a literatura está restrita a alguns cursos. No Ensino Fundamental I e II, o texto literário, na maioria das vezes, é

---

<sup>223</sup> Fonte: LEXICO. *Dicionário de português: verbete cânone*. Disponível em: <http://www.lexico.pt/canone/>. Acesso em: 20 ago. 2014.

utilizado como pré-texto para os exercícios gramaticais. No Ensino Médio, as aulas são divididas em Literatura, Gramática e Redação – normalmente com professores diferentes. Nessa fase do ensino cabe a pergunta feita por Todorov (2014, p. 27) “ao ensinar uma disciplina, a ênfase deve recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto?”, pois, segundo ele, ao “entrar no ensino médio, devo em primeiro lugar conseguir ‘dominar o essencial de gênero e registro’, assim como ‘as situações de enunciação’”. Tais estudos (semiótica, pragmática, retórica e poética) absorvem a maior parte das aulas e Todorov faz mais um questionamento: “será necessário fazer dessa abordagem a principal matéria estudada na escola?” A resposta dada também por ele, “Todos esses objetos de conhecimento são construções abstratas, conceitos forjados pela análise literária, a fim de abordar as obras; nenhuma diz respeito ao que falam as obras em si, seu sentido, o mundo que elas evocam” (2004, p. 28). Sua crítica, que parte da análise do sistema escolar francês, se estende também ao modelo brasileiro de ensino que ensina as próprias teorias acerca de uma obra ao invés de abordar a própria obra. “Nós – especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes” (2004, p. 31)

Não estamos afirmando aqui que basta que o aluno leia a obra para compreendê-la de modo subjetivo. Na verdade, o primeiro passo seria, conhecer a obra para consecutivamente trilhar um caminho de conhecimento. “Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o *fim*” (2004, p. 32).

Todorov ainda destaca que

O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (‘nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação’), arrisca-se a nos conduzir a um impasse – sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (2004, p. 33).

Refletir sobre o papel do ensino da literatura – no ensino fundamental e no ensino médio - nos remete não só ao fato de que a estrutura de ensino está “amarrada”<sup>224</sup> de tal forma que se torna muito difícil trabalhar com as obras como um todo, de modo que se ater a aspectos da obra ou até mesmo fragmentos dela apresenta-se momentaneamente como algo possível<sup>225</sup> aos professores. Outro ponto a considerar é a rigidez imposta pelos currículos escolares. Vivenciamos e concordamos com as afirmações de Todorov no que tange a desenvolver o gosto pela literatura – não é impossível, mas difícil...

Poderíamos apontar, portanto, como outra forma de apagamento a maneira que o ensino da literatura é sistematizado, no qual reduz o contato com o objeto, bem como a possibilidade de uma relação amorosa entre ambos.

Como nos propomos inicialmente a verificar de que forma este ou aquele autor torna-se conhecido (estudado) ou é apagado nos anos de 1930 a 1940<sup>226</sup>, voltemos à observação da grade curricular do Ensino Secundarista no Colégio Pedro II (RAZZINI, 2000, p. 347-372)<sup>227</sup>, nos seguintes anos:

1. Em 1936<sup>228</sup> (Curso Jurídico) - As aulas eram distribuídas da seguinte forma:

a) 1ª série - 4 horas – conceituação do que era literatura, do fato literário e também dos gêneros literários, além da literatura de modo geral, abordando também as obras consideradas clássicas.

---

<sup>224</sup> Podemos considerar que a estrutura de ensino, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394/96), que, por sua vez, vincula-se às diretrizes gerais da Constituição Federal de 1988, bem como às respectivas Emendas Constitucionais em vigor, engessa o ensino da literatura. Pensemos no currículo (de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais), nas poucas aulas para dar conta dos conteúdos impostos, da falta de bibliotecas e de livros, da obrigatoriedade ao uso do livro didático e apostilas (com autores pré-definidos), pela sobrecarga do professor, pelo alto custo dos livros, pelos temas transversais etc.

<sup>225</sup> Consideremos que muitas escolas não têm biblioteca, não têm livros, exceto o livro didático.

<sup>226</sup> A pesquisadora Rita Sampaio em sua dissertação de Mestrado *O livro didático e o cânone literário-escolar de 1930-1945* busca perceber os escritores modernistas presentes nos livros didáticos da Companhia Editora Nacional.

<sup>227</sup> Razzini coloca como anexo os planos de curso de alguns anos. Ateremo-nos aos anos de 1936, 1942, 1943 (p. 274-372).

<sup>228</sup> Estávamos sob o governo de Getúlio Vargas. E para a Academia Brasileira de Letras é eleito Pedro Calmon.

b) 2ª série - 6 horas - o currículo era organizado em ordem cronológica enfatizava literatura portuguesa, literatura brasileira, literaturas americana, europeias e sul-americanas contemporâneas.

2. Em 1942 foi expedida uma Portaria Ministerial nº 170, de 11 de julho de 1942, expediu os programas das disciplinas de línguas e ciências do curso ginasial do curso secundário<sup>229</sup>. Mas, antes dos conteúdos, havia uma espécie de manual com as instruções metodológicas para execução do programa de Português.

a) 1ª série – 4 horas – Leitura, gramática e breve exposições orais e escritas.

b) 2ª série – 3 horas - Leitura, gramática, exercícios e noções de versificação.

Com relação à literatura, o único excerto que trata dela é o que se encontra a seguir, mas não é um tópico específico da literatura, mas sim possíveis temas para as aulas de leitura e escrita. Veja:

[...] Recomenda-se que, no comentário da leitura, ou mesmo noutras ocasiões, o professor, conduza as suas considerações de maneira que ache meio de falar, embora muito sumariamente, não só dos grandes vultos da civilização brasileira, principalmente os escritores, mas também das figuras mais eminentes das literaturas portuguesa e estrangeira. Isto para que o aluno não deixe o seu aprendizado ginasial, sem saber, por exemplo quem foi Homero, Demóstenes, Dante, Petrarca, Cervantes, Goethe, Schiller, Tolstoi, Ibsen, Camões, Gil Vicente, Garrett, Herculano, Antero de Quental, João de Deus, etc. Ocasionalmente o professor poderá referir-se aos grandes nomes da literatura latina, da francesa e da inglesa (e norte-americana), mas não há necessidade de buscar ensejo para isso, visto que eles soarão suficientemente aos ouvidos dos alunos nas aulas de latim, francês e inglês<sup>230</sup>.

---

<sup>229</sup> Razzini [In: Ensino Secundário no Brasil: organização e legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952: 477-480].

<sup>230</sup> Razzini [In: Ensino Secundário no Brasil: organização e legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952: 347-372].

4. No ano de 1943 foi expedida a Portaria Ministerial nº 83, de 23 de janeiro de 1943 que expedia o programa de português para os Cursos Clássico e Científico<sup>231</sup>. Abordando

- a) 1ª série – 4 horas (sem grego), 3 horas (com grego e científico) – Noções gerais de literatura, gramática, leitura e outros exercícios.
- b) 2ª série – 3 horas – Noções de História da Literatura Portuguesa, gramática, leitura e outros exercícios.
- c) 3ª série - Noções de História da Literatura Brasileira<sup>232</sup>, gramática, leitura e outros exercícios. As noções apresentam uma breve introdução histórica da língua portuguesa no Brasil e as influências portuguesa, indígena e africana na língua e na literatura popular. Em seguida, na segunda unidade aborda a era colonial; na terceira, a era nacional; na quarta unidade, a continuação da era nacional.

Percebemos somente, pela análise dos currículos, a força que a ideologia dominante exerce sobre o ensino e por extensão à literatura. Em determinados períodos a literatura quase sucumbiu, ficando apenas

---

<sup>231</sup> Razzini [In: Ensino Secundário no Brasil: organização e legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 487-490].

<sup>232</sup> “*Noções de História da Literatura Brasileira*

Unidade I – *Introdução*: 1. A língua portuguesa do Brasil. 2. Influências portuguesa, indígena e africana na língua, bem como na literatura popular.

Unidade II – *Era colonial*: 1. A literatura dos catequistas e dos viajantes no século XVI. 2. O século XVII. A poesia de Gregório de Matos, a prosa de Frei Vicente de Salvador. 3. O século XVIII. As academias literárias, o grupo mineiro, a influência da poesia popular em Domingos Caldas Barbosa, os trabalhos da história e genealogia, o dicionário Morais.

Unidade III – *Era nacional*: 1. O Romantismo no Brasil. 2. A poesia de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves. 3. O romance de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Visconde de Taunay. 4. O teatro de Martins Pena e França Júnior. 5. Figuras menores na poesia, no romance e no teatro: historiadores, críticos e jornalistas. 6. Oratória política e sagrada.

Unidade IV – *Continuação da era nacional*: 1. Machado de Assis. 2. A renovação parnasiana na poesia: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho. 3. A renovação realista no romance: Aluísio Azevedo, Raul Pompéia. 4. Historiadores, críticos, jornalistas, oradores. 5. O Simbolismo: Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Mario Pederneiras. 6. A obra filosófica de Farias Brito. 7. O movimento modernista. Principais autores atuais.” (RAZZINI, [In: Ensino Secundário no Brasil: organização e legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 487-490].

alguns escritores representantes de determinadas escolas e já canonizados pela crítica literária.

Não podemos esquecer de que a literatura faz parte da sociedade e transmite cultura. No entanto, ao mesmo tempo em que a literatura foi perdendo seu espaço nas escolas secundaristas ela percorria salões, cafés, ruas e praças. A literatura fazia parte da vida pulsante de cada cidade. Escritores, eventos, conversas, livros, lançamentos, publicações, antologias, colóquios, discussões, resenhas, artigos, matérias em jornais e revistas no Brasil e no mundo.

Durante o período da Ditadura Militar, a literatura brasileira expressou a revolta, questionou o regime, foi censurada, queimada, excluída, silenciada, apagada e, algumas vezes, destruída na sua materialidade. No entanto, foi durante esse período que tivemos uma expressiva produção, pois os escritores, artistas exilados passaram a ganhar voz em outros lugares (países). Tomemos como exemplo, nosso objeto de pesquisa, o escritor Jorge Amado (1912-2001) cuja primeira publicação foi o romance *O país do carnaval* em 1931. Após esse período, quase anualmente, publicava um romance<sup>233</sup>. O escritor – que fazia parte do Partido Comunista – foi “esquecido” de uma expressiva parte de publicações oficiais ou institucionais. O mesmo aconteceu com Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Por terem uma escolha política, cuja crítica não conseguia separar a pessoa do escritor, a obra objetiva mostrar um Brasil realista nesse contexto do Estado Novo.

Para Coutinho

As duas grandes correntes que marcaram a evolução do romance brasileiro invadiram (...) a época modernista, recebendo dele a força renovadora que seria de extraordinária fecundidade (...). O período de 1930 a 1945 foi a etapa áurea da ficção modernista e das mais altas da literatura brasileira, a ponto de poder afirmar-se que a ficção brasileira existe com personalidade

---

<sup>233</sup> Livros publicados entre 1930 e 1940: *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *A estrada do mar*, poesia (1938), *ABC de Castro Alves*, biografia (1941), *O cavaleiro da esperança*, biografia (1942), *Terras do Sem-Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Bahia de Todos os Santos*, guia (1944), *Seara vermelha* (1946), *O amor do soldado*, teatro (1944).

e fisionomia inconfundíveis graças sobretudo ao trabalho dos artistas do período<sup>234</sup> (2004, p. 277).

Assim, Jorge Amado era aclamado pelos leitores, mas esquecido ou considerado “menor” pela crítica e consecutivamente considerado não indicado para o sistema escolar. Poderíamos justificar esse (não) apagamento, ao fato de a crítica literária situar a produção de Jorge Amado em um determinado período histórico: “a tônica regional alia-se à questão social e ao drama proletário. O romance social e revolucionário é um natural desdobramento do documentário regional e vai caracterizar a produção da ‘geração revoltada’ da década de 30” (COUTINHO, 2004, p. 281). Dessa forma, a produção literária confronta com os interesses da ideologia dominante e atravessada por esse poder se vê obrigada a criar movimentos de resistência ante a tentativa de invisibilização (REIMAO, 2014, *on-line*).

Um dos movimentos de resistência da obra de Jorge Amado é a sua circulação por espaços não acadêmicos. E com relação à crítica esta o reduziu a um momento histórico - o segundo período modernista, ou seja, a literatura de 1930 e 1940. Desse modo, reduz e muito a possibilidade de circulação de outras obras não selecionadas nesse recorte histórico-temporal. O discurso da crítica foi referendado pelo currículo escolar e este ao mesmo tempo em que lhe garante um lugar também o limita.

Pensemos nos movimentos de resistência como aqueles espaços nos quais a literatura consegue sobreviver. No livro “O método crítico de Sílvio Romero”, Antonio Candido salienta a importância das antologias para os estudos literários, “O hábito das antologias - tão característico do nosso tempo - parece ter sido uma das vias por que se estabeleceram a análise e o estudo da literatura portuguesa e brasileira. (CANDIDO, 2006, p. 18). Assim, ao mesmo tempo em que os currículos engessam há outras formas de resistência e propagação da literatura. Atualmente, temos “os livros ORGs”, nos quais a obra encontra um espaço de resistência. De acordo com Tânia de Oliveira Ramos:

obras e autores, discursos críticos, iniciativas contemporâneas, como os periódicos especializados e as múltiplas antologias e ensaios,

---

<sup>234</sup> Coutinho salienta que “muitos desses escritores tornaram-se até militantes políticos, vindo a constituir uma verdadeira literatura de esquerda” (p. 278).

que vêm sendo bastante publicadas, quando observados sob o ângulo de sua inserção na vida literária de certo período ou instituição, também podem ser vistos como *pontas de icebergs*, especialmente porque são feitos de *muitos nomes e outras falas*, de figuras ainda não expressivas no contexto de uma relação já canônica de uma determinada literatura (RAMOS, 2006, p. 202).

Todo esse universo faz com que a literatura se movimente entre as pessoas e as instituições, tornando-a viva. Voltemos, pois a Jorge Amado, segregado pela crítica<sup>235</sup>, invisibilizado pelos currículos escolares. Hoje notadamente calçou seu espaço na literatura brasileira – e mundial –, pois sem dúvida alguma é um dos escritores com maior visibilidade internacional<sup>236</sup> e assim cumpria-se a profecia do professor, padre Pedro Cabral: “Este vai ser escritor”...

### 3.4 SISTEMA EDUCACIONAL E LITERATURA

Pensar a Literatura atrelada ao sistema de ensino em seus vários níveis nem sempre foi a (pre)ocupação primeira dos teóricos da literatura e dos programas de pós-graduação. No entanto, há uma relação intrínseca entre história da literatura e currículos escolares.

---

<sup>235</sup> No artigo *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado* a autora Marly D’Amaro Blasques Tooge faz um levantamento dos epítetos que Jorge Amado recebeu da crítica especializada: “1) Utópico, 2) anarquista, romântico e sedutor, 3) “espião do nazismo”, “agente do stalinismo” e “roteirista oficioso de Roberto Marinho”, 4) talentoso contador de histórias, 5) popular e populista, 6) defensor da cultura afro-brasileira, 7) antropólogo da terra da mestiçagem, classista e sexista, 8) bem/mal amado, 9) desprezado”.

TOOGE, Marly D’Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. Revista *Amerika* [on line], 31 mai 2014. Disponível em: <http://amerika.revues.org/5008>. Acesso em: 9 set. 2014.

<sup>236</sup> Segundo Ilana Goldstein, as vendas mundiais estão na casa dos 30 milhões de exemplares e obras traduzidas para 48 idiomas (com publicações em 52 países). Só no Brasil, com 32 livros lançados, estes atingiram 20 milhões de exemplares vendidos. Entrou para o Guinness Book of Records em 1996 como o escritor mais traduzido do mundo, e foi o primeiro brasileiro a entrar para a relação de *bestsellers* do The New York Times.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. RODRIGUES, Inara Oliveira. BRICHTA, Leila. *Colóquio internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura*. Ilhéus, BA. Editus, 2013. Disponível em: <http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/ci100ja.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

Basta lançar a pergunta feita por Roland Barthes<sup>237</sup> em seu escrito “Reflexões a respeito de um manual”: “Será que a literatura pode ser para nós algo que não uma lembrança de infância? Quero dizer: o que é que continua, o que é que persiste, o que é que fala da literatura depois do colégio?” (BARTHES, 1988, p. 53). Em seu inventário objetivo, o autor destaca o pouco uso da literatura na vida cotidiana, mas que (os franceses) habituaram-se a assimilar a literatura à história da literatura. Portanto, “a história da literatura é um objeto essencialmente escolar”. (...) “A literatura é aquilo que se ensina, e ponto final. É um objeto de ensino” (BARTHES, 1988, p. 53).

Analisar a configuração do sistema escolar brasileiro, principalmente no currículo, nos últimos anos sob o ângulo subjetivo tal qual Roland Barthes ou Tzvetan Todorov<sup>238</sup> o fizeram com relação ao ensino francês, não seria tarefa árdua. No entanto, minhas percepções serão deixadas de/ao lado. Partirei de um olhar hierarquizante de ensino. Como as organizações/instituições constituem o currículo e quais forças o atravessam?

O sistema educacional brasileiro, aos moldes do francês, nos permite a aproximação teórica e pensar o ensino de literatura tal qual Barthes e Todorov o fizeram e, conseqüentemente, concordar com ambos. Cada um a sua maneira.

Para Barthes a literatura francesa é uma lembrança de infância, com um inventário muito reduzido e muito banal.

“Essa lembrança é feita primeiro de objetos que se repetem, que voltam o tempo todo, a que se poderia quase chamar de monemas da língua metaliterária ou da língua da história da literatura; tais objetos são, certamente, os autores, as escolas, os movimentos, os gêneros e os séculos. E depois, sobre esses objetos, há certo número, aliás bastante reduzido na realidade, de traços ou de predicados que vêm se fixar e evidentemente combinar-se.” (BARTHES, 1988, p. 54)

---

<sup>237</sup> Reflexões acerca de sua leitura de um manual de história da literatura francesa.

<sup>238</sup> Em *A literatura em perigo* Todorov levanta questões acerca da sobrevivência do objeto literário no sistema de ensino francês, no qual o ensino da literatura estava atrelado a grilhões (nações, séculos etc.).

Portanto, ao situar o ensino da literatura fundamentado ao que chamou de *monemas* percebe-se uma correlação em Todorov (2014, p. 21). Esse apontará o ensino literário calcado sob os mesmos monemas citados por Barthes, mas os definirá como *grilhões* que impedem a modificação do ensino literário, não permitindo sua abertura a tudo que pode aproximar as obras umas das outras.

Destacar reflexões construídas em contextos diferentes por dois autores que estabeleceram a importância de suas escrituras no campo literário (mais precisamente nas reflexões acerca da relação existente entre o ensino e o objeto literário) mostra que (quase) não há distanciamento temporal entre ser discente e, posteriormente, ser docente. Também não há mudanças pedagógicas significativas, como afirma Barthes “Ao reler ou ao ler esse manual, que muito se parecia com aqueles que conheci ao tempo em que era estudante secundário” (BARTHES, 1988, p. 53).

A instituição escolar brasileira – baseada no modelo escolar francês<sup>239</sup> – é organizada de maneira hierárquica, não favorece o questionamento ou a crítica à/da instituição. Tal crítica acontece somente a *posteriori*. Há forças que atuam verticalmente de acordo com o poder (ideologia) dominante e outras censuras que atravessam o fazer literário. Seriam as censuras que precisaríamos inventariar. Para Barthes “Existe – sabe-se já foi dito – toda uma outra história da nossa literatura por escrever, uma contra história, um avesso dessa história, que seria precisamente a história dessas censuras” (BARTHES, 1988, p. 55). Em terras tupiniquins chamar de censuras como fez Barthes na França, soa – quase – como eufemismo. É instigante aceitar a máxima de que a literatura não passa de lembrança de infância como afirmou Barthes. Principalmente para os que se ocupam do objeto literário. Relativizando tal afirmação, propus levantar algumas questões específicas no campo da leitura e da literatura. Os questionamentos são ensaios<sup>240</sup> para perceber a relação entre infância (escola) e literatura. O que se edifica a

---

<sup>239</sup> No livro *Ensino superior: conceito e dinâmica*, organizado por João E. Steiner e Gerhard Malnic “A visão histórico-comparativa é tão mais necessária porquanto o ensino superior brasileiro não decorre de modelos autóctones, mas foi todo importado. A introdução do ensino superior no Brasil, no início do século XIX seguiu o modelo francês então vigente” (STEINER, João E.; MALNIC, GARHARD (ORGS.), EDUSP, 2006, p. 86.

<sup>240</sup> As entrevistas ocorreram de maneira informal, apenas como constatação das leituras que perpassaram a vida escolar e instauraram-se como memórias de leituras na vida adulta.

partir dessas ruínas, desses fragmentos de memórias – dos monemas. Esses fragmentos (monemas) estão amalgamados ao sistema de ensino da literatura com a utilização de seus manuais (inclusive o livro didático). De acordo com as professoras Tânia de Oliveira Ramos e Gizelle Kaminski Corso no artigo *Livros didáticos - fragmentos e retalhos de (in)formação literária?* “O conhecimento de literatura constrói-se, ali, por meio de fragmentos e retalhos de *informação literária*” (2010, p. 244). Destacam ainda que essa fragmentação ocorre devido a uma gama de censuras, cortes, recortes, ajustes (des)necessários ao ensino da Literatura na configuração do momento histórico, não só do atual, mas como foi constituído historicamente. Pois da mesma forma que a antologia, o livro didático também “seleciona dentre todos os escritos, a partir do cânone potencial, o que merece ser salientado, preservado e ensinado, enfim, o cânone seletivo”<sup>241</sup>.

O modelo educacional adotado afeta diretamente a relação que os indivíduos tiveram (têm) com o objeto literário. Recorrer à educação literária é perceber em seu bojo a historicidade e as censuras que a circunda ou a sufoca. As censuras apontadas por Barthes: as classes sociais, a sexualidade, o conceito de literatura e a linguagem, também atravessam o objeto literário (1988, p. 55-56). O objeto é a própria configuração da Literatura. Ele alimenta os estudos literários – mais precisamente a teoria literária e a crítica. “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que ao longo da história suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2014, p. 22). Perceber a relação intrínseca entre currículo e literatura nos remete a direcionar um olhar mais apurado à configuração do sistema escolar brasileiro e à literatura, e como destaca Blanca-Ana Rechou em seu artigo *Educação literária e cânone escolar* “(...) o ato de seleção do antologista não é diferente daquele do historiador literário, e há mesmo períodos que adquirem um dado nome como fruto de uma antologia”<sup>242</sup> destacando

Ainda que o historiador literário tenha que levar em conta o cânone potencial e indicar o acessível para que logo o antologista possa estabelecer os

---

<sup>241</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. Educação literária e cânone escolar. Revista Letras de Hoje, Porto alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

<sup>242</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. Educação literária e cânone escolar. Revista Letras de Hoje, Porto alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

cânones seletivos, mesmo levando em conta outros cânones possíveis, tais como o oficial, o pessoal, o crítico, o diacrônico, o bíblico, o pedagógico, o da atualidade [...]. Definitivamente, tanto a antologia quanto a história literária seleciona e canoniza com uma finalidade: a instrução, a pedagogia, a educação<sup>243</sup>.

Desse modo, a escola

[...] no sentido de centro de ensino em qualquer etapa de formação, foi um dos elementos importantes na construção de cânones, pois nela se formavam, através de uma tradição de estudos, antologias e histórias literárias, que ordenavam, hierarquizavam, impunham, por meio da educação, um cânone por épocas. De fato, eram elas que canonizavam autores e obras<sup>244</sup>.

O cânone [escolar] se aproxima do que propôs Harold Bloom em *O cânone universal*, no sentido de também produzir uma lista de autores. Para Bloom o mote para a “seleção” parte de um questionamento de quais seriam as leituras para um indivíduo que gostaria de ler. E assim, cria uma lista de leitura com vinte e seis nomes. Os canonizados apresentavam um domínio de “linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento e dicção exuberante” (BLOOM, 2001, p.40). Portanto, a lista de Bloom e o currículo escolar não são homólogos, tal afirmação proferida por Umberto Eco em uma reportagem sob o título *Na era da globalização, o que deveríamos ler?*<sup>245</sup> Reforça justamente que o currículo escolar representa o conjunto de obras que o estudante deverá ter lido ao final de seus estudos. E lança mão de algumas hipóteses de que, atualmente, o problema é mais complicado e na perspectiva de futuro, como se estabelecerá o cânone?”.

---

<sup>243</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. Educação literária e cânone escolar. Revista Letras de Hoje, Porto alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

<sup>244</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. Educação literária e cânone escolar. Revista Letras de Hoje, Porto alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

<sup>245</sup> ECO, Umberto. *Na era da Globalização o que deveríamos ler?* Tradução de Lana Lim. The New York Times. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2011/01/03/na-era-da-globalizacao-o-que-deveriamos-ler.htm>. Acesso em: 18 fev. 2018.

Quem também pensou em como o cânone se estabelece e também como se estrutura dentro de vários sistemas, como: linguístico, literário, histórico, social, político, de gênero, geográfico, dentre outros foi a professora Zahidé Lupinacci Muzart em seu ensaio *A questão do cânone*. Ela aponta ainda três aspectos relevantes na institucionalização do cânone: o poder das Universidades, dos grupos e, do eixo Rio/São Paulo/Minas.

[...] só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões, pode frequentar determinados círculos de influência, professores dos cursos de pós-graduação, críticos literários, redatores de jornais, por exemplo, resenhistas como os dos grandes jornais *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, para citar só os maiores. Um exemplo: a *Folha de São Paulo*, em geral, prefere analisar estrangeiros, traduzidos pela Companhia das Letras. Só os escritores mais conhecidos obtêm guarida em suas páginas. É raríssimo aparecer um escritor brasileiro desconhecido. De vez em quando, a *Folha* abre uma exceção mas nunca para o escritor da província e lá publicado<sup>246</sup>.

Os três aspectos apontados pela escritora são os grandes responsáveis por perpetuar o mesmo repertório: os mesmos escritores nos mesmos programas. Refletindo ainda sobre a ausência das mulheres no cânone brasileiro, Zahidé Muzart acrescenta que o porquê da canonização é complexo e ligado a muitos fatores, no entanto, ela destaca um – o da *mesmice*, o da facilidade. Corroborando com a pesquisadora, nessa linha Lins (1977, p. 148) destaca que “Procura-se oferecer ao educando, na medida do possível, o que há de mais fácil e digestivo em matéria de texto”. O que de certa forma é a impossibilidade de se arriscar.

O estudo do cânone está ligado, pois a várias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas,

---

<sup>246</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. *A questão do cânone*. Anuário de Literatura 3, 1995, p. 85-94.

é esquecido noutras; por que foi esquecido numa, é resgatado em outra (MUZART, 1995, *online*)<sup>247</sup>.

Problematizar os modelos estáveis e estabelecidos no campo literário nacional é uma constante. Por sua vez Coutinho (1996, p. 72) “discutiu o caráter excludente da tradição canônica no Brasil, deixando segmentos culturais em segundo plano. É fácil de observar, nesse sentido, a situação do cordel, da tradição oral, dos registros indígenas”<sup>248</sup>. No artigo *Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura*, apresenta a perspectiva de Roberto Reis (1992, p. 73) que também questiona apagamentos ou não inclusões em nosso cânone: poucas mulheres, quase nenhum não-branco e poucos pobres. Além de observar a relação direta entre os sistemas canônicos e a desigualdade social. Percebe também que haveria uma conexão entre os critérios de exclusão estética e as experiências de exclusão social.

Voltemos, pois à professora Zahidé (1995) quando reitera que, em geral, são excluídos dos cânones: “o popular, o humor, o satírico e o erótico. O *baixo* é excluído. Permanece o *alto*”. O termo *alto*, neste caso, ganha contornos da manutenção de um cânone eurocêntrico, elitista e patriarcal, ou seja, um cânone constituído de homens, brancos e mortos, como destaca Leila Perrone-Moisés em seu livro *Atlas literaturas*. Leila ainda destaca que o “cânone, como a cultura, segue seu caminho” (1998, p. 202) e o que se pode “fazer é contribuir para que esse caminho não seja desprovido de memória e de projeto” (1998, p. 202).

E pensar o cânone escolar na pós-modernidade ou na era da globalização é ultrapassar alguns “modelos” de discussões acerca de como o cânone ou os cânones se estabeleceram historicamente nos currículos escolares, principalmente a partir de 1930. Ao invés de modelos, pensemos o cânone como um sistema tendo diversos elementos que o compõem. Ao propor uma reflexão sobre as formas de comunicação humana, o pesquisador Itamar Even-Zohar nos ajuda a

---

<sup>247</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. **Anuário de Literatura** 3, 1995, p. 85-94.

<sup>248</sup> GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. **Revista de Letras**, São Paulo, 44 (1): 97 – 111, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/243/242>. Acesso em: 10 jan. 2016.

estabelecer as forças que atravessam os currículos escolares e como o cânone escolar se configura.

Even-Zohar (1990, p. 9) propõe a reflexão sobre formas de comunicação humanas – como cultura, linguagem, literatura, sociedade – sob um viés polissistêmico. Segundo o autor, tal visão permite o levantamento de hipóteses sobre como operam tais fenômenos semióticos, possibilitando a observação de normas, regularidades e padrões acerca deles<sup>249</sup> (ALVES, 2011, p. 123)

Para Lins (1977), Moisés (1989), Reis (1992), Bosi (1994), Muzart (1995), Perrone-Moisés (1998), Coutinho (2004), Ginszburg (2011) a historiografia literária já inscreveu uma lista de autores cujas características de suas obras os amalgamaram à determinada escola literária. Pensando, portanto, na literatura como um polissistema, percebemos que há um cânone estabelecido na posição central desse polissistema, de modo que

A relação de forças na formação do polissistema, no entanto, não seria igualitária: enquanto alguns sistemas teriam maior visibilidade e/ou proeminência, outros teriam menor visibilidade e/ou proeminência. Essa relação de forças frequentemente é tratada dentro da dualidade centro x periferia: seriam centrais os sistemas com maior proeminência e periféricos os sistemas com menor proeminência (ALVES, 2011, p. 123).

Portanto, na posição central desse polissistema literário, teremos o cânone eurocêntrico, branco e patriarcal e, em posições, mais periféricas as literaturas menos canônicas.

---

<sup>249</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar in Alves, Daniel. *Correlações de forças e representatividade dos diferentes países em listas de melhores livros: uma análise polissistêmica das listas divulgadas pelos periódicos Folha de São Paulo (1999) e The Guardian (2002)*. **Revista In-tradução** – Revista do Programa de Pós-graduação em Tradução (UFSC). V. 3. N. 5. 2011, p. 122-142. Disponível em:

<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/1813/2049>. Acesso em: 20 fev. 2018.

Por cânone, entendem-se aqui as formas literárias que ‘são aceitas e legitimadas por 123 círculos dominantes em uma cultura, cujos produtos são preservados pela comunidade como herança cultural’ (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 15). Já os não canônicos seriam, como aponta Even-Zohar (1990, p. 15), os textos não legitimados por círculos de poder, às vezes deixados de lado na comunidade. Não se trata de um eufemismo para a dicotomia boa literatura x má literatura – uma vez que a qualidade de uma obra nem sempre está diretamente ligada à posição que ela ocupa em um polissistema literário –, como enfatiza o Even-Zohar, mas de uma relação de hierarquização entre as obras literárias presentes em uma comunidade (ALVES, 2011, p. 123-124).

No entanto além dessa hierarquização existente entre as obras literárias, temos ainda uma relação de forças diferentes em determinados momentos históricos, como é o caso, por exemplo, de um dos primeiros “modelos” de cânone escolar<sup>250</sup> o que foi estabelecido pela *Antologia*

---

<sup>250</sup> Na verdade, há um cânone estabelecido anteriormente como aponta o pesquisador João Escobar Cardoso em seu livro, publicado em 2011, *A formação da historiografia da literatura brasileira: uma história dos cânones escolares no Brasil (1759-1890)*. Tal estudo, historicamente antecede a *Antologia Nacional*, cuja primeira edição foi publicada em 1895. Cardoso analisa os três primeiros compêndios de história da literatura brasileira: *Curso elementar de literatura nacional* (1862), de Cônego Fernandes Pinheiro, *O Brasil literário* (1863), de Ferdinand Wolf e *Curso de literatura portuguesa e brasileira* (1866-1871), de Francisco Sotero dos Reis, relacionando-os ao desenvolvimento da disciplina de literatura nos currículos do Ensino Secundário. Percebe também como tais empreitadas historiográficas foram responsáveis pela construção e consolidação do cânone da literatura nacional, bem como pela invenção de uma tradição literária no país.

Fonte: Cardoso, João Escobar. *A formação da historiografia da literatura brasileira: uma história dos cânones escolares no Brasil (1759-1890)*. São Cristóvão, Editora Appris, 2011. Disponível em:

[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5793/1/JOAO\\_ESCOBAR\\_CARDOSO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5793/1/JOAO_ESCOBAR_CARDOSO.pdf).

Acesso em: 15 jan. 2018.

*Nacional* (1895-1969) de Carlos de Laet e de Fausto Barreto como aquele composto de homens brancos e mortos, tal característica perdurou por alguns anos. Paralelamente à Antologia, outros compêndios tinham como aspecto importante para seleção o fato de o escritor (ainda há a supremacia masculina) ser considerado pela crítica por “escrever bem”, nesse caso atendendo aos aspectos formais da língua e também à ideia de nacionalidade proposta também por uma política linguística de nacionalidade. Em um terceiro momento, teremos os autores distribuídos em escolas literárias e, nesse momento, muitos ganharam espaço definitivo dentro da historiografia literária. É o caso, por exemplo, de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Rachel de Queirós que tem lugar cativo no período modernista, na segunda geração ou geração de 1930. No Ensino Secundarista (atual Ensino Médio), portanto, temos uma automatização com poucas variações de nomes entre as escolas literárias. Mesmo com um cânone pré-estabelecido no ensino secundarista, tínhamos cânones circulantes que estavam à margem do cânone oficial, estavam à margem desse movimento de uma cultura elitista e para poucos. Havia um movimento de valorizar as literaturas regionais e seus falares, e ainda apresentar outras categorias também marginalizadas, como as escritoras, a cultura africana e indígena entre outros. No entanto, tal movimento era aparentemente sem muita expressão, pouco circulava nas escolas e na vida literária ficava à espreita de um espaço. Ainda com relação aos sistemas que estão às margens, temos ainda uma profusão de conceitos excludentes ou auto-excludentes, como no caso do folclore e da literatura popular. Por que as narrativas pertencentes à cultura oral são classificadas como folclore e não como literatura popular? Não nos ateremos a essa areia movediça de discutir conceitos, no entanto, tal sistema nos exemplifica que, mesmo dentro de um polissistema literário, temos sistemas que disputam espaço entre si e, como consequência, são responsáveis pela manutenção do que já se estabeleceu.

As tensões entre cultura canonizada e não-canonizada são universais. Estão presentes em toda cultura humana, simplesmente porque não existe uma sociedade humana não estratificada, nem sequer utopicamente. Não há no mundo uma só língua não estratificada, apesar de a ideologia dominante que rege as normas do sistema não admita uma consideração explícita de nenhum outro estrato mais que os canonizados. O mesmo

vale para a estrutura da sociedade e tudo o que este complexo fenômeno implica.<sup>251</sup>

Voltando aos compêndios escolares, vemos claramente essas tensões, acentuadas por outras forças que atravessam a produção. Apresentar um texto de um escritor homem, canônico ou não, é apenas uma das forças. Utilizando o exemplo da seleção de textos feitos pelas antologias didáticas literárias, da mesma forma podemos observar os movimentos para a escolha de textos para os livros didáticos, pois “seleciona dentre todos os textos escritos, a partir do cânone potencial, o que merece ser salientado, preservado e ensinado, enfim o cânone seletivo”<sup>252</sup>. Teremos a presença maior de textos canônicos no ensino médio diferentemente do que acontece no Ensino Fundamental II<sup>253</sup>, cujo enfoque de ensino é na interpretação e compreensão de textos, como consequência o texto literário perde a sua função de ser fruição e passa a ser pretexto para análise. A grande maioria dos excertos selecionados são matérias jornalísticas, pois visam a atender dois aspectos fundamentais na composição dos materiais, precisam dar conta dos gêneros discursivos e da tipologia textual, bem como de temáticas que agradem o público adolescente. Tais aspectos foram percebidos por Osman Lins em seu livro *Problemas inculturais brasileiros* (1977), mais precisamente no capítulo *Uma estatística melancólica* no qual o escritor explana as suas observações após a análise de 445 excertos de leitura indicados aos alunos percebe que não há equidade, tampouco coerência na escolha dos autores. Por exemplo, é significativo o número de cronistas, especialmente a crônica jornalística. Lins continua em sua análise e percebe que há forças que ultrapassam a escolha do autor A, B

---

<sup>251</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoria dos polissistemas*. Traduzido por: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. 2011, Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em 19 jan. 2019.

<sup>252</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. *Educação literária e cânone escolar*. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010.

<sup>253</sup> A professora e pesquisadora Maria Amélia Dalvi em seu artigo *Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas* apresenta as relações entre literatura e escola, visando a subsidiar a consideração crítica de concepções e práticas, através de uma ampla bibliografia brasileira correlata ao tema, além de apresentar sugestões para a atividade docente com a literatura na educação básica. Disponível em:

[www.portaldepublicacoes.ufes.br/educacao/article/download/7896/5604](http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/educacao/article/download/7896/5604). Acesso em: 10 jan. 2018.

ou C que os compêndios escolares “respondem a uma tendência do mercado. A uma expectativa.” (1977, p. 149) e ainda lança uma crítica aos órgãos fiscalizadores “se (...) dão o seu beneplácito a semelhantes ferramentas, é que elas correspondem aos seus designios” (1977, p. 149). Por fim, afirma que “Em alguns livros escolares apanhados ao acaso pode refletir-se todo o perfil de um país” (1977, p. 149). Na verdade, há desconforto de Lins, ao perceber que há um cânone já legitimado e, como consequência, há uma acomodação por parte dos produtores dos compêndios escolares. No entanto, mesmo que haja autores que já façam parte da historiografia literária, a presença de excertos literários é menor em detrimento do texto jornalístico, por exemplo. Se na década de 1970 causou estranheza a Lins o pouco espaço ao texto literário, os documentos oficiais lançados quase três décadas depois reafirmam a tendência. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destinados às séries finais do ensino Fundamental II percebemos que em detrimento do ensino de língua, o texto literário foi alçado à categoria de gênero textual. Em uma rápida visualização do sumário é possível perceber tal mudança:

**Figura 38 - Sumário dos PCNs<sup>254</sup>**

SUMÁRIO	
<b>Apresentação</b> .....	13
<b>1ª PARTE</b>	
<b>Apresentação da área de Língua Portuguesa</b> .....	17
Introdução .....	17
Ensino e natureza da linguagem .....	19
Discurso e suas condições de produção, gênero e texto .....	20
Aprender e ensinar Língua Portuguesa na escola .....	22
Variáveis do ensino-aprendizagem .....	22
Condições para o tratamento do objeto de ensino: o texto como unidade e a diversidade de gêneros .....	23
A seleção de textos .....	24
Textos orais .....	24
Textos escritos .....	25
A especificidade do texto literário .....	26
A reflexão sobre a linguagem .....	27
Reflexão gramatical na prática pedagógica .....	28
Implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica .....	29
Língua Portuguesa e as diversas áreas .....	31
Objetivos gerais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental .....	32
Conteúdos do ensino de Língua Portuguesa .....	33
Princípios organizadores .....	33

Fonte: MEC

<sup>254</sup> Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

De acordo com o pesquisador Celdon Fritzen, no artigo *O lugar da educação literária nas novas orientações curriculares: uma reflexão sobre os caminhos de Portugal e do Brasil*, a literatura é mencionada no tópico da seleção de textos escritos, na subseção intitulada “A especificidade do texto literário” (Brasil, 1997, p. 26-27).

Nela, sublinham-se as propriedades cognitivas deste, as quais são capazes de representar e problematizar o real pela mediação da imaginação, da ficção. Do ponto de vista linguístico, também se destaca o caráter transgressor e inovador da literatura, defendendo-se, ao fim, seu uso na escola para além de ilustração de valores morais e tópicos gramaticais, como era tradicionalmente praticado (2018, *online*)<sup>255</sup>.

No restante do documento a literatura está atrelada à formação do leitor. Fritzen aponta que, na seção sobre a leitura de textos escritos, a literatura também é apresentada como um texto, no qual os procedimentos de abordagem devem ser construídos gradualmente para a compreensão da funcionalidade dos elementos constitutivos da obra e sua relação com seu contexto de criação. De acordo com o documento, é preciso que haja um direcionamento da leitura literária ao longo do Fundamental II, partindo de textos de interesse dos alunos e, gradativamente, alternando-os por outros com maior complexidade.

Embora apenas uma vez, a expressão “educação literária” aparece para propor um itinerário formativo: Trata-se de uma educação literária, não com a finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literárias às formas culturais da sociedade. Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem

---

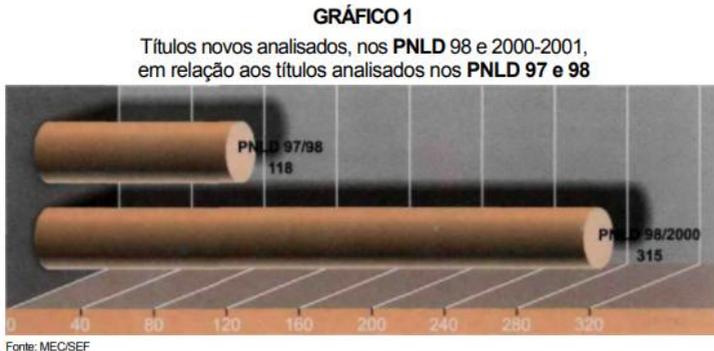
<sup>255</sup> FRITZEN, Celdon. *O lugar da educação literária nas novas orientações curriculares: uma reflexão sobre os caminhos de Portugal e do Brasil*. Disponível em: [http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/3054/pdf\\_1](http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/3054/pdf_1). Acesso em: 20 jan. 2019.

gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor, para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural [...] (2018, *online*).

O desenvolvimento da leitura, gradativamente, incorpora outros elementos através da mediação do professor ou de outro leitor, partindo de uma leitura ingênua até alcançar uma leitura mais cultural e estética (Brasil. MEC, 1997, p. 71). Estas “as bases para a organização de um currículo que busque contemplar a educação literária, promovendo a consolidação do já aprendido e o alargamento para o mais exigente e complexo; do mais próximo ao leitor para o mais distante linguística e historicamente dele” (FRITZEN, 2018, *online*).

Após a publicação dos PCNs (1997) até a implementação, seria um longo processo. No entanto, nos anos que se seguiram houve um crescimento exponencial no número de compêndios que passaram a participar do processo de seleção do Plano Nacional do livro Didático (PNLD), como poderemos observar no gráfico a seguir:

**Figura 39 - PNLD - livros participantes<sup>256</sup>**



<sup>256</sup> Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 19.

Diferentemente do período anterior a 1998, a implementação dos PCNs foi rápida, pois, como os editais de seleção de livros didáticos já previam as adequações, as editoras efetivaram as mudanças. Com a reformulação, houve a (quase) invisibilização do texto literário no ensino fundamental II, como observou Regina Zilberman<sup>257</sup>

A trajetória do ensino da literatura mostra que, se por muitos séculos, privilegiou-se o conhecimento dos clássicos e do cânone consagrado, nas últimas décadas, primeiro jogou-se ao mar a carga histórica; depois, foi abandonada a própria literatura, desfeita na definição imprecisa de texto (ZILBERMAN, 2009, p.18).

Refletindo acerca do apagamento de um cânone já estabelecido e que o apagamento deste não é pelo embate a um cânone circulante, percebemos, como afirma Even-Zohar (2017), a presença de outras forças que integram o polissistema literário, que não somente a disputa de espaço entre escritores A, B ou C. Pensando, especificamente, nos currículos escolares como um sistema, teremos, uma série de outros sistemas que interferem, correlacionam-se, invisibilizam, marginalizam, excluem e incluem autores e obras, no polissistema literário. Pensemos a imagem a seguir como outros sistemas formadores dos currículos escolares e, consecutivamente, o livro didático:

**Figura 40 – Tríade do Sistema de Ensino**



Fonte: da pesquisadora

<sup>257</sup> ZILBERMAN, Regina. Que literatura para que escola? Que escola para a literatura. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* – v. 5 – n. 1 – 9- 20 – jan./jun. 2009.

Ao observarmos a tríade *legislação educacional* → *cânone* → *mercado editorial* percebe-se que “a ESCOLA, no sentido de centro de ensino de qualquer etapa de formação, foi um dos elementos importantes na construção de cânones” (RECHOU, 2010, p. 75-79), pois “é através de uma tradição de estudos, antologias e histórias literárias, que ordenavam, hierarquizavam, impunham, por meio da educação, um cânone por épocas. De fato, eram elas que canonizavam autores e obras” (RECHOU, 2010, p. 75-79). Não somente valores estéticos são mutáveis, como a própria legislação educacional, promovendo assim sucessivas mudanças de orientação na produção dos compêndios escolares.

Como vimos anteriormente, as mudanças em alguns compêndios escolares foram tantas que o texto literário perdeu totalmente sua função literária, de fruição, estando a serviço do ensino da língua, como base para análise linguística. E, ante a possibilidade de um completo apagamento é preciso perceber as tensões dinâmicas existentes no sistema literário e priorizar a permanência da literatura nos currículos escolares, garantindo a permanência de um sistema canônico, garante-se também a possibilidade de um cânone circulante, como podemos perceber no programa de português para os Cursos Clássico e Científico do Colégio Pedro II, implementado a partir de 1943. No documento *Noções de História da Literatura Brasileira*, a terceira unidade destaca:

*Era nacional:* 1. O Romantismo no Brasil. 2. A poesia de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves. 3. O romance de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Visconde de Taunay. 4. O teatro de Martins Pena e França Júnior. 5. Figuras menores na poesia, no romance e no teatro: historiadores, críticos e jornalistas. 6. Oratória política e sagrada<sup>258</sup>.

E a presença do cânone circulante através das “Figuras menores na poesia, no romance e no teatro: historiadores, críticos e jornalistas”

---

<sup>258</sup> RAZZINI, [In: Ensino Secundário no Brasil: organização e legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 487-490].

comprova que para manter um sistema – cânone estabelecido - há a necessidade de sub (inter) (intra)-sistemas.

Além de que a pressão da literatura marginal faz com que o cânone também sofra alterações, adaptações e revisões, necessárias à sua manutenção, desse modo “A literatura como instituição sociocultural pode continuar existindo para sempre, mas seu grau de “adequação” pode muito bem ser julgado segundo sua posição na cultura” (EVEN-ZOHAR, 2011, p. 9), posição esta garantida, em outro sistema: o da escola.



#### 4 LEMBRANÇAS DE ESCOLA: O LUGAR DE JORGE AMADO

*O conhecimento da literatura não é um fim em si,  
mas uma das vias régias que conduzem  
à realização pessoal de cada um.*

Tzvetan Todorov

Na mitologia grega Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, ajuda Teseu, seu grande amor, a sair do labirinto do Minotauro. Ela dá a ele uma espada e um novelo de lá, o “fio de Ariadne”, para que ele pudesse achar o caminho de volta, e deste fio, ficaria segurando uma das pontas. Em troca, queria que ele a levasse a Atenas e se casasse com ela. Teseu saiu vitorioso e volta à sua terra com Ariadne.

Nesse capítulo, como Teseu, preciso do fio de Ariadne para percorrer o trajeto do labirinto. A ponta do fio, preso à Mala e, a partir dela, múltiplas possibilidades a percorrer. Utilizo essa metáfora para definir os desdobramentos da pesquisa. O labirinto se formou, à medida que a pesquisa com a documentação do escritor Jorge Amado, presente no acervo da Mala, foi tomando forma. Laços e itinerários constituídos no campo literário, político e, principalmente, no campo cultural foram se configurando. Ante toda a movimentação cultural do escritor baiano: mais de 10 publicações até a década de 1950, colunista e editor de jornais e revistas, político, obras traduzidas para outros idiomas, ampla fortuna crítica e com muita popularidade. Imaginei que seria relativamente fácil, localizar a presença de Jorge Amado em livros didáticos, principalmente, na década de 1940 a 1950, no ensino secundarista (hoje, Ensino Médio). Ana Maria Machado (2014, p. 80) considera necessária a revisão da forma como Amado é apresentado nos livros didáticos, pois muitos compêndios apresentam uma crítica descontextualizada, ou como afirma Eduardo de Assis Duarte (1996): a “crítica de erros”.

Com o fio de Ariadne, comecei a procurar em sebos por livros didáticos que falassem sobre Jorge Amado. Comprei compêndios literários e livros didáticos, utilizados para o ensino de língua e, principalmente literatura, no antigo “clássico e científico”, mais conhecido como “ensino secundarista”.

Após visitar muitos sebos, virtual e presencialmente (em Florianópolis e Porto Alegre), minha busca pelos compêndios literários foi bem sucedida, principalmente, pela aquisição das muitas edições da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, referentes ao

período de 1918 a 1970 e também d' *A antologia da Língua Portuguesa*, de Estevão Cruz, edições de 1934 e 1942.

Imaginei que, após adquirir mais de uma dezena de exemplares das Antologias Literárias, a pesquisa estaria concluída. Ledo engano! Esse era apenas parte do imbróglgio que se instalara na pesquisa. No entanto, no decorrer da busca – frustrante em muitos aspectos – percebi que os livros didáticos – mesmo em sebos e escolas – são materiais rapidamente descartados, pois têm uma vida útil limitada e são rapidamente substituídos. Mesmo diante da dificuldade de encontrar os livros didáticos, a amostragem que adquirida/encontrada permitiu uma análise suposta presença. No entanto, teremos uma visão, mesmo que parcial, da presença do escritor baiano nas escolas brasileiras.

Inicialmente, minha proposta era analisar a presença do escritor Jorge Amado e sua obra nos compêndios escolares do ensino secundarista (Ensino Médio) no período de 1941-1942. À medida que adquiria mais livros fui ampliando o período. Minha prática docente também abrange o Ensino Fundamental II (há mais de quinze anos) e, exercitando a memória não conseguia me recordar de algum livro didático que tivesse apresentado a obra do escritor baiano, redirecionei a pesquisa. Lembrava-me de vários projetos desenvolvidos sobre o escritor, mas eram projetos autônomos, sem referências em livros didáticos.

#### 4.1 A PRESENÇA DE JORGE AMADO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trilhemos, pois, os caminhos do Ensino Fundamental II para mostrar a presença do escritor Jorge Amado. No Ensino Médio, a Literatura ganha *status* de disciplina, diferentemente do que ocorre no Ensino Fundamental II. Nessa fase de ensino, a literatura é representada por excertos<sup>259</sup> que, em sua grande maioria, servem de suporte para exercícios de interpretação/compreensão e ainda para estudos de tópicos gramaticais. E quanto à apresentação dos escritores, restringem-se a uma breve biografia (quando há). Portanto, o ensino da leitura no Ensino

---

<sup>259</sup> Leahy-Dios (2004, p. 41-45) critica o ensino de literatura e questiona o propósito desse tipo de informação (gêneros, autores, história literária, elementos de poesia e ficção, instrumentos rudimentares de crítica literária) para alunos que, provavelmente, não cursarão Letras. Identifica a ligação direta com do ensino de literatura com os conteúdos exigidos nos exames vestibulares, o que o reduz ao estudo de datas, nomes de obras e autores e suas características.

Fundamental II é – normalmente – percebido como uma atividade menor.

Na *Base Nacional Comum Curricular*<sup>260</sup> e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*<sup>261</sup>, a literatura é percebida como algo importante a ser abordada, principalmente pelo viés de incentivo à leitura. No entanto, em ambos prepondera a linguagem como abordagem de ensino. Na primeira parte do sumário dos Parâmetros Curriculares, temos a “Apresentação da área de Língua Portuguesa” (1998, p. 11). O texto literário é mencionado no tópico “A seleção de textos”, que se refere aos textos orais e escritos. Percebe-se que há um único tópico destinado à Literatura: “A especificidade do texto literário”. O tópico, na verdade, é um subitem do tópico “textos escritos”, portanto, temos dois problemas. O primeiro, por desconsiderar como texto literário as narrativas orais e toda a literatura construída a partir da oralidade. E, o segundo ponto, por considerar o texto literário como pretexto para o ensino da língua, como afirma:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p. 27).

Já na segunda parte dos PCNs, destinado ao terceiro e quartos ciclos (Ensino Fundamental II), não há sequer menção ao texto literário.

Desse modo, sem a obrigatoriedade de ensino de literatura, nem considerada como disciplina, tampouco como “conteúdo”, utilizada

---

<sup>260</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>. Acesso em: 26 dez. 2018.

<sup>261</sup> BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

como pretexto para o ensino da língua, a literatura ficara relegada a um não-lugar, este passível, inclusive, de esquecimento. Sem a normatização de um espaço de ensino que deveria ser proposto pelos documentos norteadores do Ensino Fundamental, o texto literário perde muito de sua função humanizadora da literatura<sup>262</sup>.

Outro documento – a Base Nacional Comum Curricular<sup>263</sup> (versão 2017) – é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens fundamentais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

Conforme definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a BNCC deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva<sup>264</sup>.

---

<sup>262</sup> Antonio Candido apresenta três funções exercidas pela Literatura. A primeira é a função psicológica – que é a necessidade de fantasia. A segunda, a função formadora – as fantasias têm base na realidade. E, a terceira, a função social – identificação do leitor e de seu universo de experiências. No conjunto, as três funções, identificadas por Candido, denomina de função humanizadora da Literatura (1972, *on-line*).

<sup>263</sup> BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Área de Linguagens. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/4.1\\_BNCC-Final\\_LGG.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/4.1_BNCC-Final_LGG.pdf). Acesso em: 15 out. 2017.

<sup>264</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 dez. 2018.

No entanto, há ressalvas sobre um currículo centralizado e homogeneizado, como propõe o documento. Além de não garantir a todos os alunos o direito à educação.

A Base define em sua área de conhecimento Linguagens, os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa (nos anos finais do Ensino Fundamental). Dentre as competências específicas de Língua Portuguesa, temos:

- [...] 7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação de valores e ideologias.
- 8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos e interesses pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
- 9. Ler textos que circulam no contexto escolar e no meio social com compreensão, autonomia, fluência e criticidade.
- 10. Valorizar a literatura e outras manifestações culturais como formas de compreensão do mundo e de si mesmo. (2017, p. 66)

Portanto, se hoje temos um espaço reduzido para a literatura nos documentos, é apresentada como algo a ser “apreciado”, como nos PNCs: “valorizar a literatura”. A valorização não lhe garante lugar central no processo educacional. Ao lançarmos um olhar para o passado, como fez Lins (1977), ao analisar livros didáticos nas décadas de 1970, teremos praticamente o mesmo contexto, exceto, em alguns momentos nos quais se priorizou abertamente a gramática. Períodos em que os textos literários não eram utilizados nem mesmo como pretextos, eram utilizados textos informativos (jornalísticos), como afirma Lins: “Os autores de gramáticas, no Brasil, estão tornando cada vez menos reconhecida, a verdadeira literatura de nosso país” (1977, p. 18).

A pesquisa pela presença do escritor Jorge Amado, inicialmente, se restringiu somente a década de 1940. No entanto, à medida que a pesquisa avançava também a curiosidade aumentava. Estava em um labirinto. Eram bibliotecas escolares, sebos, bibliotecas públicas, livrarias e sebos virtuais, utilizando como parâmetro de pesquisa a presença do escritor Jorge Amado. Como salientei anteriormente, é difícil encontrar livros didáticos, pois os mesmos são descartáveis e, por falta de espaço, a maioria das escolas não os preserva nem mesmo como memória ou coleção. A seleção do corpus, inicialmente, ficara restrita

aos livros didáticos adotados em escolas da rede estadual de Santa Catarina, pois tais materiais fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>265</sup>, disponibilizado pelo Ministério da Educação (MEC):

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais

---

<sup>265</sup> O Programa Nacional do Livro Didático foi instituído em 1929 através da criação do Instituto Nacional do Livro, no entanto, foi somente a partir de 1934, com Gustavo Capanema, então ministro da educação no governo de Getúlio Vargas, que o INL faz suas primeiras publicações. Foi através do Decreto-Lei nº 1.006/38 que se instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático para tratar da produção, do controle e da distribuição desses compêndios. Contudo, até 1945, o projeto de distribuição ainda não tinha sido efetivado. Tempos depois o livro didático finalmente chega aos alunos. Até 1995 o programa não contemplava nem todos os alunos, tampouco todas as séries. Atualmente, 99% dos livros didáticos do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio são entregues ainda antes do início das aulas. São mais de 100 milhões de exemplares distribuídos pelo país.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>. Acesso em: 15 jan. 2018.

de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.<sup>266</sup>

Para que as editoras<sup>267</sup> tenham seus livros didáticos disponibilizados para escolha, necessário que atendam a critérios previamente estabelecidos por uma equipe de avaliadores. Esses profissionais analisam vários pontos e produzem um documento com uma resenha do material – o Guia do Livro Didático. Posteriormente, em cada escola pública<sup>268</sup>, professores e orientadores escolares procedem à escolha do material que será adotado pelos próximos três anos. Para a escolha, um dos principais critérios é que o livro seja coerente com a filosofia da escola, portanto, “O livro didático deve ser adequado ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural das instituições”<sup>269</sup>. Ou seja, dentro do portfólio apresentado pelo MEC, a comunidade escolar escolhe aquele que mais se adéqua à realidade da escola. Dentre as coleções apresentadas pelo Guia do Livro Didático os profissionais das escolas escolhem duas coleções, uma como primeira opção e a outra, como segunda. Caso haja algum imprevisto com a primeira coleção, o FNDE disponibilizará a segunda.

Os livros didáticos que analisei nessa etapa da pesquisa, disponibilizados em bibliotecas escolares da grande Florianópolis e no Extremo Oeste Catarinense, representavam um número pouco expressivo de exemplares e não eram da década de 1940. Recorte cronológico inicial da pesquisa. Com isso, a coleta de dados estava incompleta, com lacunas temporais comprometedoras e resultados pouco conclusivos. Inviabilizando a pesquisa nessa etapa de ensino. No entanto, a pesquisa ganhara um novo capítulo, essencial para estabelecer

---

<sup>266</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>. Acesso em: 15 jan. 2018.

<sup>267</sup> A disputa por parte das editoras para fazer parte do PNL D é acirrada, pois o programa garante 90% das vendas de livros didáticos às editoras.

<sup>268</sup> As escolas particulares, necessariamente, não têm a obrigatoriedade em adotar os materiais sugeridos pelo MEC, há uma liberdade maior quanto ao que utilizar. Por isso, vemos muitas escolas com materiais próprios – as apostilas.

<sup>269</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com\\_content&view=article&id=index.php?option=com\\_content&view=article&id=13658](http://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=index.php?option=com_content&view=article&id=13658). Acesso em: 15 jan. 2018.

um *corpus* de análise possível, graças à biblioteca do Livro Didático e Coleções Especiais - LIVRES, na Universidade de São Paulo. Consultando o acervo *online*, percebi a possível contribuição para o sucesso da pesquisa e, com recursos próprios, organizei uma visita ao acervo. Dessa forma, a pesquisa adquiriu outros contornos, inclusive geográficos, quando a análise extrapolou os limites, contemplando quase 100 compêndios utilizados no ensino fundamental II, nas escolas do país.

A organização dos compêndios encontrados e a apresentação dos resultados foram em ordem cronológica decrescente até a década de 1930, quando das primeiras publicações de Jorge Amado. Procurei rastrear de que forma a obra do escritor foi apresentada nos livros didáticos do país, em um primeiro momento, nos livros didáticos para alunos do Ginásio<sup>270</sup>, hoje Ensino Fundamental II<sup>271</sup> (etapa de ensino que abrange as turmas do 6º ao 9º ano).

O *corpus* da pesquisa é composto por 93 livros didáticos. O primeiro exemplar localizado data de 1941.

---

<sup>270</sup> O Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, conhecida como Lei do Ensino Secundarista, estabelece os ciclos e os cursos:

“Art. 2º O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico.

Art. 3º O curso ginásial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário.

Art. 4º O curso clássico e o curso científico, cada qual com a duração de três anos, terão por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la. No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências.”

Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 dez. 2018.

<sup>271</sup> A lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, altera a redação dos artigos: 29, 30, 32 e 87, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm#art3](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm#art3). Acesso em: 10 out. 2018.

A seguir, apresento a lista de compêndios escolares em ordem decrescente, ou seja, início com as publicações de 2015<sup>272</sup>. Na apresentação, as obras estão numeradas por autor(es) de modo que [de um mesmo autor(a) ou grupo de autores] poderemos ter mais de uma obra analisada. Os compêndios analisados estão distribuídos em dois grupos. No primeiro grupo, os compêndios nos quais a obra do escritor baiano é contemplada. Em seguida, no segundo, os compêndios nos quais o escritor Jorge Amado não é mencionado.

#### **4.1.1 Obras que contemplam o escritor Jorge Amado no Ensino Fundamental II**

Os compêndios escolares em que o escritor Jorge Amado é citado serão apresentados em ordem cronológica decrescente.

1. FLORES, Simone Constante; HART, Rosane. *Linguagem – Conexão com o mundo*. 8º ano. Florianópolis: Sophos, 2012.

O compêndio não faz parte da lista de livros do Plano Nacional do Livro Didático, do MEC, mas é utilizado em escolas da rede privada e municipal de ensino.

A unidade 3 *O que o Brasil exporta* apresenta que, além dos aspectos econômicos, que a cultura também pode ser exportada [no Capítulo 8 *Português: idioma para exportação*], a literatura, como representação simbólica e idealizada da cultura. As autoras destacam autores e excertos de suas respectivas obra que ultrapassam os limites territoriais brasileiros, como:

- a) *O pagador de promessas* de Dias Gomes
- b) *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado
- c) *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães
- d) *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

Ateremo-nos a Jorge Amado. O excerto do romance *Gabriela, cravo e canela* recebe um subtítulo *Gabriela no caminho* (p. 173-174) e apresenta a personagem Gabriela conversando com Clemente. Em seguida, são apresentadas as capas dos livros traduzidos em diversos idiomas. E, por fim, atividades cujo objetivo é fazer com que os alunos estabeleçam paralelos entre os textos, elencando a temática principal, a ambientação da narrativa e percebam a construção da personagem.

---

<sup>272</sup> Os livros didáticos publicados em 2015 fazem parte da seleção de livros do FNDE distribuídos às escolas para o triênio de 2017-2018-2019.

## Figura 41 - Capítulo 8 Português: idioma para exportação



### Você sabia?

O filme brasileiro *O pagador de promessas* é baseado na peça teatral de Dias Gomes. Escrito e dirigido por Anselmo Duarte, em 1962, recebeu a aclamação da crítica internacional:

- Oscar 1963 (EUA) - Indicado na categoria de Melhor Filme Estrangeiro.
- Festival de Cannes 1962 (França) - Vencedor (Palma de Ouro) na categoria Melhor Filme.
- Festival de Cartagena 1962 (Colômbia) - Vencedor do Prêmio Especial do Júri.
- San Francisco International Film Festival 1962 (EUA) - Vencedor (Prêmio Golden Gate) nas categorias: Melhor Filme e Melhor Trilha Sonora (Gabriel Migliori).

### Texto II

#### Gabriela, cravo e canela, de Jorge Amado

##### Gabriela no caminho

Como se não existissem as pedras, os tocos, as cipós amaranhados. A poeta dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pô se acumular. Parecia uma demente perdida nos caminhos. Mas Clemente sabia como ela era deveras e o sabia em cada partícula de seu ser, na ponta dos dedos e na pele do peito. Quando os dois grupos se encontraram, no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas era ainda visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a viu no primeiro dia, encostada, numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba.

– Tu parece que nem velo de longe..

Ela riu:

– A gente tá chegando. Tô pertinho. Tô bom chegar.

Ele fechou ainda mais o rosto sombrio:

– Num acho não.

– É por que tu não acha? – levantou para o rosto severo do homem seu alho, ora tímidos e cândidos, ora insolentes e provocadores. – Tu não saiu para vir trabalhar no cacau, ganhar dinheiro? Tu não fala noutra coisa.

– Tu sabe por quê – resmungou ele com raiva. – Pra mim esse caminho podia durar a vida toda. Num me importava..

No riso dela havia certa mágoa, não chegava a ser tristeza, como se estivesse conformada com o destino:

– Tudo que é bom, tudo que é ruim, também termina por acabar.

Uma ralva subia dentro dele, impotente. Mas uma vez, controlando a voz, repetiu a pergunta que lhe vinha fazendo pelo caminho e nas noites insones:

– Tu não quer mesmo ir comigo pras matas? Botar uma roça, plantar cacau junto nós dois? Com pouco tempo a gente vai ter um roçado seu, começar a vida.

## Figura 42 - Capítulo 8 Português: idioma para exportação

*A voz de Gabriela era cariciosa, mas definitiva:*

*– Já te disse minha intenção. Vou ficar na cidade, não quero mais viver no mato. Vou me contratar de cozinheira, de lavadeira ou pra arrumar casa dos outros...*

*Acréscitou numa lembrança alegre:*

*– Já andei de empregada em casa de gente rica, aprendi a cozinhar.*

*– Aí tu não vai progredir. Na roça, comigo, a gente ia fazendo seu pé-de-meia, ia tirando pra frente...*

*Ela não respondeu, ia pelo caminho quase saltitante. Parecia uma demente com aquele cabelo esmaçado, envolta em sujeira, os pés feridos, trapos rotos sobre o corpo. Mas Clemente a via esguia e formosa, a cabeleira solta e o rosto fino, as pernas altas e o busto levantado. Fechou ainda mais o rosto, queria tê-la com ele para sempre. Como viver sem o calor de Gabriela?*

*Quando, no início da viagem, os grupos se encontraram, logo reparou na moça. Ela vinha com um tio, acabado e doente, sacudido o tempo todo pela tosse. Nos primeiros dias ele a observava de longe, sem coragem sequer para aproximar-se. Ela ia de um para outro, conversando, ajudando, consolando.*

*Nas noites da caatinga, povoados de cobras e de medo, Clemente tomava da harmônica e os sons enchiam a solidão. O negro Fagundes contava histórias de valentias, coisas de cangaço, andava metido com jagunças, matava gente. Punha em*

*Gabriela uns olhos pesados e humildes, obedecia-lhe pressurosamente quando ela lhe pedia para ir encher uma lata com água.*

*Clemente tocava para Gabriela, mas não se atrevia a dirigir-lhe a palavra. Foi ela quem veio, certa noite, com seu passo de dança e seus olhos de inocência, para junto dele, puxar conversa. O tio dormia numa agitação de falta de ar, ela encostou-se numa árvore.*

*O negro Fagundes narrava:*

*– Tinha cinco soldados, cinco macacos que a gente comeu na faca pra não gastar munição...*

*Na noite escura e assustadora, Clemente sentia a presença vizinha de Gabriela, não se animava sequer a olhar para a árvore à qual ela se encostara, um umbuzeiro. Os sons morreram na harmônica, a voz de Fagundes ressaltou no silêncio. Gabriela falou baixinho:*

*– Não pare de tocar senão vão arrearar.*

*Atacou uma melodia do sertão, estava com um nó na garganta, aflito o coração. A moça começou a cantar em surdina. A noite ia alta, a fogueira morria em brasas, quando ela deltou-se junto dele como se nada fora. Noite tão escura, quase não se viam.*

*Desde aquela noite mlagrosa, Clemente vivia no terror de perdê-la. Pensara o princípio que, tendo acontecido, ela já não o largaria, iria correr sua sorte nas matas dessa terra do cacau. Mas logo se desiluiu. Durante a caminhada.*

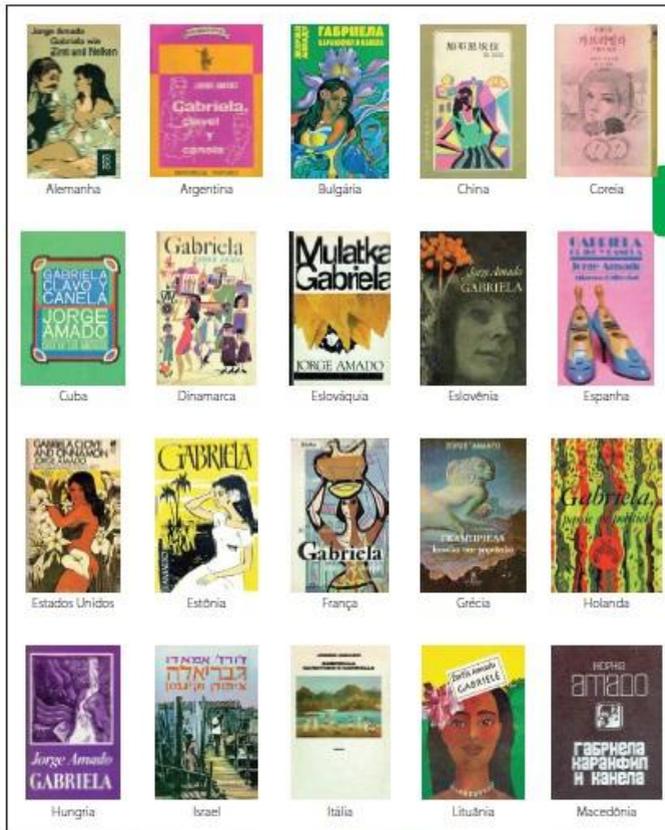
Fonte: AMADQ, Jorge. **Gabriela cravo e canela**. Rio de Janeiro: Martins Editora, 1958. p. 109-110.



**Você sabia?**

O romance *Gabriela, cravo e canela*, publicado pela primeira vez em 1958, foi traduzido para mais de trinta idiomas. Recebeu os prêmios Machado de Assis e Jabuti, em 1959. Em 1960, Gabriela virou novela pela TV Tupi e, em 1975, pela Rede Globo.

**Figura 43 - Capítulo 8 Português: idioma para exportação**



Fonte: JORGE AMADO. *Gabriela cravo e canela*. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Fonte: Arquivo pessoal

## Figura 44 - Capítulo 8 Português: idioma para exportação



### Registrando e ampliando horizontes



Você sabia?

Capitu foi uma série produzida e exibida pela Rede Globo em 2008.

1. Leia os fragmentos dos textos apresentados e analise os aspectos das obras.

	Local onde é ambientada a história	Personagens principais	Tema abordado	Conflito	Sua opinião sobre cada texto
Texto I - <i>O pagador de promessas</i> (Dias Gomes), versão em quadrinhos de Eloy Guazzelli					
Texto II - <i>Gabriela, cravo e canela</i> (Jorge Amado)					
Texto III - <i>Escrava Isaura</i> (Bernardo de Guimarães)					
Texto IV - <i>Dom Carmo</i> (Machado de Assis)					

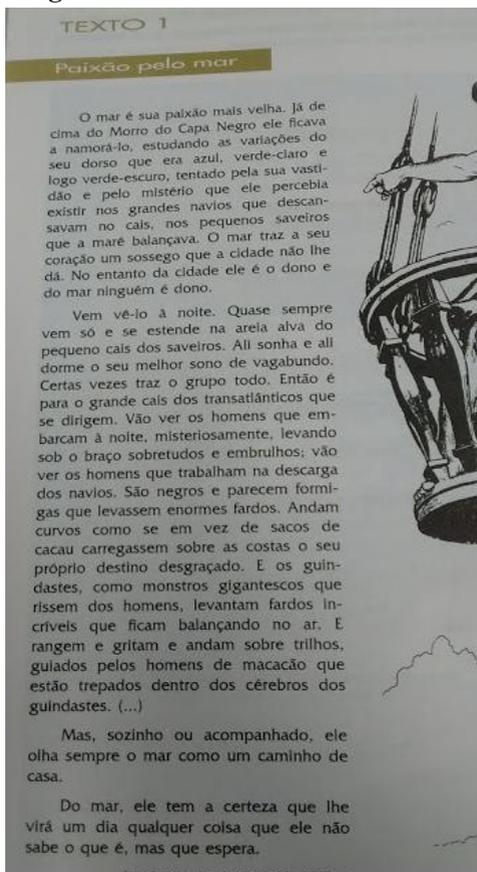
2. Qual o texto que mais chamou a sua atenção? Justifique.
3. Entre os romances citados, de qual(is) você já tinha ouvido falar? Você já leu algum deles? Recomendaria a leitura dessas obras a alguém?
4. *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, não é uma história em quadrinhos, mas uma peça teatral. O trecho apresentado no texto I é uma versão de Eloy Guazzelli. Ao transformarmos um texto em HQ, muitas informações do texto original são perdidas ou adaptadas, pois há grande diferença entre o número de páginas disponível para um romance e para uma HQ.
  - a) Releia os demais fragmentos apresentados anteriormente, escolha o que julgar mais interessante e faça uma reescrita em forma de história em quadrinhos.
  - b) Quando a HQ estiver pronta, socialize sua leitura entre os(as) colegas.

A opção por apresentar toda a unidade do livro *Linguagem – Conexão com o mundo* se deve pela disponibilidade da obra digitalizada. Os demais exemplares são resultado da pesquisa no acervo da Biblioteca do Livro Didático na Universidade de São Paulo e, pela falta de condições técnicas, as imagens não foram digitalizadas.

Temos um salto temporal para a publicação seguinte. Um intervalo de mais 20 anos. Vamos à década de 1990.

2. SIQUEIRA; BERTOLIN. *Português*. 5ª série. São Paulo: Editora Ibep, 199?.

**Figura 45 – Excerto do livro *Jubiabá***



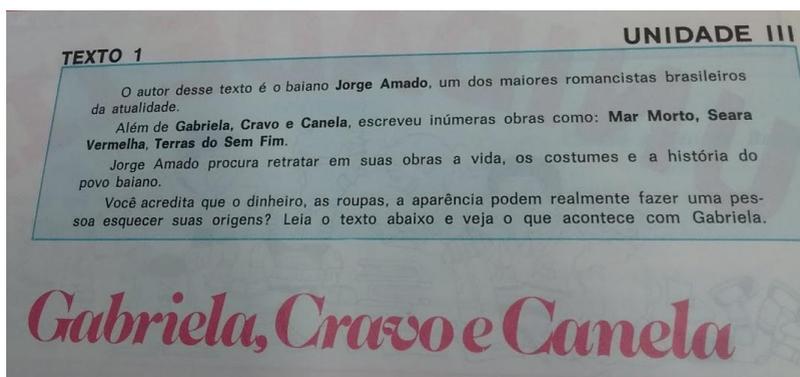
Fonte: Museu do Livro Didático – USP

No referido volume os autores apresentam um fragmento sob o título “Paixão pelo mar” (19?, p. 32) do livro *Jubiabá*<sup>273</sup>. Há questões sobre o texto, objetivando a compreensão. Não há um aprofundamento, tampouco menção à biografia do autor. A ausência de datas, se deve às condições do exemplar. O texto é utilizado como temática para a produção textual.

3. ARANTES, Moreli; CAMARGO, Gessy; Ferzeli, Marli. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 8ª série. 2 ed. São Paulo: ?, 1982.

O excerto que aparece no livro da 8ª série refere-se a “Gabriela, Cravo e Canela”<sup>274</sup> (1982, p. 82 e 83). Apresenta o texto literário para exemplificar a descrição de personagens.

**Figura 46 – Excerto do livro *Gabriela, cravo e canela*.**



Fonte: Museu do Livro Didático - USP

4. BENEMANN, J. Milton; ELIAS, Myrian Zahur. *Comunicação em língua Nacional*. 8ª série. Primeiro Grau, 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1974.

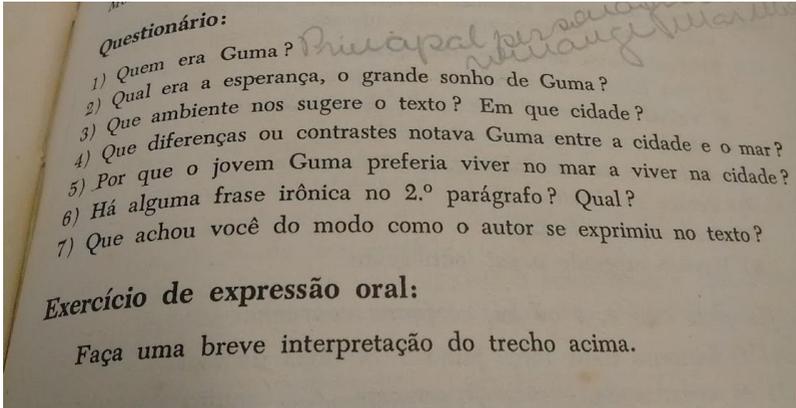
No referido compêndio o escritor Jorge Amado é contemplado além da edição de 1974, nas edições de 1975 e 1976, sem alterações

<sup>273</sup> O excerto encontra-se em: AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 19?.

<sup>274</sup> O excerto encontra-se em: AMADO, Jorge. *Gabriela, Cravo e Canela*. 24 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 382-384.

entre uma edição e outra. Os autores apresentam um fragmento do livro *Mar Morto* com o título de “Tempestade”<sup>275</sup>, seguido de exercícios de interpretação de texto.

**Figura 47 – Excerto com exercícios de interpretação de texto.**



Fonte: Museu do Livro Didático – USP

As questões de interpretação de texto exigem do aluno a caracterização da personagem e do ambiente, trabalhando com a ideia de oposição cidade/mar. Na questão 6, pretende que o aluno faça a inferência sobre a existência de ironia no texto. No exercício seguinte, trabalha com a habilidade oral, instigando o aluno a fazer uma interpretação do excerto.

5. ARRAIS, Telmo Correia; COSTA, Fernando dos Santos. *Português através de exercícios*. 5 ed. e 7 ed. ??, 1970.

Os textos citados são “Pastores vamos” (1970, p. 145-147) e “O temporal” (1970, p. 93-94). Não há menção a qual livro os fragmentos foram retirados.

6. CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. 3ª série ginásial. 16 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. 3ª série ginásial. 18 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

<sup>275</sup> O fragmento encontra-se em: AMADO, Jorge. *Mar Morto*, 15 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, ?, pp. 17-21.

Nas duas edições, temos um excerto com o título “O destino de Guma”<sup>276</sup> (1965, p. 92- 94) do livro *Mar Morto*, seguido de exercícios de interpretação.

7. AZEREDO, Cristina Soares. *Praticando nossa língua*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

No livro de Cristina Soares de Azeredo<sup>277</sup>, Jorge Amado é contemplado no texto de abertura da primeira unidade “A sonhadora manhã”, fragmento extraído de “Gato Malhado e Andorinha Sinhá: uma história de amor”.

Ao refletir sobre essa amostragem, totalizando mais de 90 livros didáticos na fase de ensino que abrange do 6º ao 9º ano, algumas reflexões mais aprofundadas se fariam necessárias e também relevantes, principalmente, pela forma com a qual o texto literário (não) é abordado, utilizando o “texto como pretexto” (LAJOLO, 1979; 1982). Ou ainda o paradoxo entre a fruição – prazer - do texto literário (BARTHES, 1987) e seu ensino (ZILBERMAN, 1988, 2008). Cabem também reflexões/críticas acerca da “qualidade” do que é apresentado aos alunos (LINS, 1977); e sobre a ausência do ensino da literatura (TODOROV, 2014), principalmente nesta fase da escolarização. E, por fim, refletir sobre a configuração da disciplina de Língua Portuguesa (SOARES, 2001) atrelada à legislação educacional. São muitas reflexões acerca das leituras possíveis, principalmente no que se refere à contribuição da literatura presente nos compêndios escolares para estabelecer o cânone da forma que o percebemos hoje, como afirma Blanca-Ana Roig Rechou da Universidade de Santiago de Compostela em seu artigo *Educação literária e cânone literário escolar*

[...] desde os clássicos, a ESCOLA, no sentido de centro de ensino em qualquer etapa de formação, foi um dos elementos importantes na construção de cânones, pois nela se formavam, através de uma tradição de estudos, antologias e histórias literárias, que ordenavam, hierarquizavam, impunham, por meio da educação, um cânone por

---

<sup>276</sup> O excerto “O destino de Guma” encontra-se em: AMADO, Jorge. *Mar Morto*, 14 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, pp. 54-56).

<sup>277</sup> Azeredo, Cristina Soares de Lara. *Língua Portuguesa, 7º ano* / Cristina Soares de Lara; ilustrações: Circus Projetos Criativos, Simone Mosko. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

épocas. De fato, eram elas que canonizavam autores e obras.<sup>278</sup>

A temática a ser abordada nesta parte da pesquisa ocupa-se de pesquisar rastros da presença do escritor Jorge Amado nos compêndios escolares. Ativemo-nos até agora ao Ensino Fundamental II – antigo ginásio. Deste ponto em diante o foco de investigação será voltado para o Ensino Médio – o ensino secundarista. A apresentação será a partir do uso das antologias até, contemporaneamente, chegarmos aos livros didáticos.

#### 4.1.2 Obras que não contemplam o escritor Jorge Amado no Ensino Fundamental II

A seguir apresento as referências dos compêndios analisados que não apresentam a obra de Jorge Amado:

1. BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura de; GOULART, Shirley. *Singular & Plural – Leitura, produção e estudos da linguagem*. 9º ano. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.
2. BERTIN, Terezinha; BORGATO, Ana Trinconi; MARCHEZI, Vera. *Português – Projeto Teláris*. 9º ano. São Paulo: Editora Ática, 2015.  
BERTIN, Terezinha; BORGATO, Ana Trinconi; MARCHEZI, Vera. *Português – Projeto Teláris*. 8º ano. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2015.  
BERTIN, Terezinha; BORGATO, Ana Trinconi; MARCHEZI, Vera. *Português – Projeto Teláris*. 6º ano. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2015.
3. BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana; PEREIRA, Camila Sequeto. *Língua portuguesa*. 8º ano. 3ª Ed. São Paulo: SM (FTD), 2015.
4. CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Linguagens*. 9º ano. 9 ed. reform. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.  
CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 7º ano: língua portuguesa. 7. ed. reform. São Paulo, Saraiva, 2012.

---

<sup>278</sup> RECHOU, Blanca-Ana Roig. *Educação literária e cânone literário escolar*. Letras de Hoje, v. 45, n. 3, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8124/5814>. Acesso em: 10 jan. 2017.

5. FLORES, Simone Constante; HART, Rosane. *Linguagem – Conexão com o mundo*. 9º ano. Florianópolis: Sofhos, 2014.  
FLORES, Simone Constante; HART, Rosane. *Linguagem – Conexão com o mundo*. 7º ano. Florianópolis: Sofhos, 2012.
6. DELMANTO, Dileto. *Português: Ideias e linguagens*. 6º ano. Dileto Delamanto, Maria da Conceição Castro. 13. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2012.
7. DAY, Doris; HART, Rosane. *Linguagem – Conexão com o mundo*. 6º ano. Florianópolis: Sofhos, 2010.
8. DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayra. *Trajetórias da Palavra: língua portuguesa*. 8º ano. São Paulo: Scipione, 2010.  
DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayra. *Trajetórias da Palavra: língua portuguesa*. 7º ano. São Paulo: Scipione, 2010.  
DIAFÉRIA, Celina; PINTO, Mayra. *Trajetórias da Palavra: língua portuguesa*. 6º ano. São Paulo: Scipione, 2009.
9. CAVALETTE, Floriana Toscano, TERRA, Ernani. *Projeto Rodix*. 9º ano. São Paulo: Scipione, 2009.
10. SOUZA, Cássia Garcia; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. *Linguagem, criação e interação*. 8º ano. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
11. BELTRÃO, Eliana Lúcia dos Santos; GORDILHO, Teresa Cristina. *Diálogo: língua portuguesa*. 9º ano. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.  
BELTRÃO, Eliana Lúcia dos Santos; GORDILHO, Teresa Cristina. *Diálogo: língua portuguesa*. 8º ano. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.  
BELTRÃO, Eliana Lúcia dos Santos; GORDILHO, Teresa Cristina. *Diálogo: língua portuguesa*. 7º ano. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.  
BELTRÃO, Eliana Lúcia dos Santos; GORDILHO, Teresa Cristina. *Diálogo: língua portuguesa*. 6º ano. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2009.
12. CAVALETTE, Floriana Toscano, TERRA, Ernani. *Português para todos*. 8ª série. São Paulo: Editora Scipione, 2004.  
CAVALETTE, Floriana Toscano, TERRA, Ernani. *Português para todos*. 7ª série. São Paulo: Editora Scipione, 2004.  
CAVALETTE, Floriana Toscano, TERRA, Ernani. *Português para todos*. 6ª série. São Paulo: Editora Scipione, 2004.  
CAVALETTE, Floriana Toscano, TERRA, Ernani. *Português para todos*. 5ª série. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

13. FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 8ª série. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 8ª série. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 7ª série. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 8ª série. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 8ª série. 2 ed. Livro do Professor. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 6ª série. 11 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Linguagem nova*. 8ª série. São Paulo: Editora Ática, 1979.
14. SIQUEIRA; BERTOLIN. *Português*. 8ª série. São Paulo: Editora Ibep, 199?.<sup>279</sup>
- SIQUEIRA; BERTOLIN. *Português*. 7ª série. São Paulo: Editora Ibep, 199?.<sup>280</sup>
15. CARVALHO, Angela; RIBEIRO, Jorge. *Nossa palavra*. 6ª série. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CARVALHO, Angela; RIBEIRO, Jorge. *Nossa palavra*. 6ª série. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CARVALHO, Angela; RIBEIRO, Jorge. *Nossa palavra*. 8ª série. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CARVALHO, Angela; RIBEIRO, Jorge. *Nossa palavra*. 7ª série. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CARVALHO, Angela; RIBEIRO, Jorge. *Nossa palavra*. 5ª série. São Paulo: Editora Ática, 1998.
16. BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 6ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1998.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 8ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1997.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 8ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1996.

<sup>279</sup> A data não pode ser visualizada, pois o compêndio apresentava rasuras.

<sup>280</sup> A data não pode ser visualizada, pois o compêndio apresentava rasuras.

- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 7ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1996.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 6ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1996.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 7ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1995.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 5ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1995.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 5ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1994.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 5ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1993.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 8ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1992.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 7ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1992.
- BASSI, Cristina; LEITE, Marcia. *Português: leitura e expressão*. 5ª série, 1º grau. São Paulo: Atual, 1992.
17. AZEVEDO, Dirce Guedes. *Palavra: verso e reverso*. 5ª série. São Paulo, FTD, 1990.
- AZEVEDO, Dirce Guedes. *Palavra: verso e reverso*. 8ª série. São Paulo, FTD, 1990.
18. CARDOSO, Eloisa G.; DONADIO, Miriam G. *Português – Projeto Alternativo: a prática da leitura e da escrita*. 8ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- CARDOSO, Eloisa G.; DONADIO, Miriam G. *Português – Projeto Alternativo: a prática da leitura e da escrita*. 7ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- CARDOSO, Eloisa G.; DONADIO, Miriam G. *Português – Projeto Alternativo: a prática da leitura e da escrita*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- CARDOSO, Eloisa G.; DONADIO, Miriam G. *Português – Projeto Alternativo: a prática da leitura e da escrita*. 5ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
19. BEAUCHAMP, Jeanete; BECHARA, Lydia; MACHADO, Katia Bastos. *Estudos de Linguagem: área de comunicação e expressão*. 8ª série. 1º Grau. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1987.

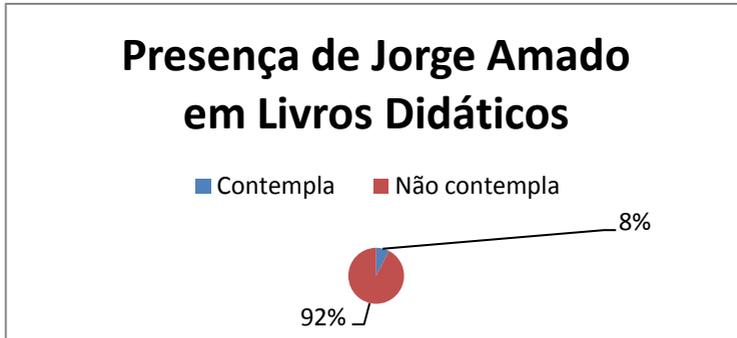
- BEAUCHAMP, Jeanete; BECHARA, Lydía; MACHADO, Katia Bastos. *Estudos de Linguagem: área de comunicação e expressão*. 7ª série. 1º Grau. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1985.
- BEAUCHAMP, Jeanete; BECHARA, Lydía; MACHADO, Katia Bastos. *Estudos de Linguagem: área de comunicação e expressão*. 8ª série. 1º Grau. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1984.
- BEAUCHAMP, Jeanete; BECHARA, Lydía; MACHADO, Katia Bastos. *Estudos de Linguagem: área de comunicação e expressão*. 7ª série. 1º Grau. São Paulo: Moderna, 1984.
- BEAUCHAMP, Jeanete; BECHARA, Lydía; MACHADO, Katia Bastos. *Estudos de Linguagem: área de comunicação e expressão*. 7ª série. 1º Grau. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1983.
20. ARANTES, Moreli; CAMARGO, Gessy; FERZELI, Marli. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 7ª série. 2 ed. São Paulo: ?, 1982.
- ARANTES, Moreli; CAMARGO, Gessy; FERZELI, Marli. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 6ª série. 2 ed. São Paulo: ?, 1982.
- ARANTES, Moreli; CAMARGO, Gessy; FERZELI, Marli. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 5ª série. 2 ed. São Paulo: ?, 1982.
21. ANDRADE, José Roberto; MARTINS, J. F. *Português Prática e Teoria: comunicação e expressão*. 7ª série, 1º Grau. São Paulo: Editora do Brasil, 1981.
22. SILVEIRA, Maria Helena. *Comunicação / Expressão e cultura brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- SILVEIRA, Maria Helena. *Comunicação / Expressão e cultura brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.
- SILVEIRA, Maria Helena. *Português para o ginásio*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.
23. BENEMANN, J. Milton; ELIAS, Myrian Zahur. *Comunicação em Língua Nacional*. 5ª série. Primeiro Grau, 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1974.
- BENEMANN, J. Milton; ELIAS, Myrian Zahur. *Comunicação em Língua Nacional*. 6ª série. Primeiro Grau, 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1974.
- BENEMANN, J. Milton; ELIAS, Myrian Zahur. *Comunicação em Língua Nacional*. 8ª série. Primeiro Grau, 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1974.

24. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Cadernos do MEC*. 3ª Ed, 1970.  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Cadernos do MEC*. 2ª Ed, 1968.
25. CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. 1ª série ginásial. 18 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.  
CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. 4ª série ginásial. 13 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.  
CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. 4ª série ginásial. 13 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
26. BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 4ª série ginásial. 13 ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1959.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 3ª série ginásial. 13ª Ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1959.  
BARROS, Eneias Martins de Barros, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 2ª série ginásial. 16ª Ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1957.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 4ª série ginásial. 3 ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1954.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 3ª série ginásial. 3 Ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1954.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 4ª série ginásial. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1954.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 3ª série ginásial. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1954.  
BARROS, Eneias Martins de. *Curso de Português*. 2ª série ginásial. 12ª Ed. São Paulo: Editora Brasil S/A, 1948.
27. MOURA, Américo. *Antologia da Língua Nacional*. 1ª e 2ª série ginásial. São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1944.
28. CARVALHO, José Mesquita de. *Gramática e Antologia Nacional*. 4ª série ginásial. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1941.

Através da análise de 93 livros didáticos, que a obra de Jorge Amado foi mencionada, pela primeira vez, na década de 1970, mais precisamente, em 1976. No período compreendido de 1941 a 2015, o escritor apareceu 7 vezes. Em 86 compêndios, não há qualquer menção

ao escritor Jorge Amado ou sua obra. Saliento ainda, que as obras pesquisadas, em sua maioria, fazem parte dos manuais de livros didáticos indicados e/ou distribuídos<sup>281</sup> pelo Ministério da Educação.

**Figura 48 – Gráfico da presença de Amado em livros didáticos**



Fonte: da pesquisadora

Não me ative em fazer um levantamento dos autores apresentados nos compêndios, no entanto, a predominância de cronistas chama a atenção. Um olhar mais apurado sobre o material pesquisado, também possibilitou perceber que, em períodos como na década de 1960, o texto literário perde espaço considerável nos compêndios. A literatura está a serviço da análise gramatical.

Desse modo, se uma dos maiores escritores do Brasil não é mencionado em uma amostragem considerável de livros didáticos, o que será dos demais? E da literatura? Se a literatura, como afirma Barthes, é uma lembrança de escola, estamos com uma lacuna no ensino da literatura no Ensino Fundamental II.

#### 4.2 A PRESENÇA DE JORGE AMADO NO ENSINO MÉDIO

No ensino secundarista<sup>282</sup> – hoje Ensino Médio – por muito tempo as Antologias<sup>283</sup> literárias eram largamente utilizadas como

<sup>281</sup> A única exceção são os manuais produzidos pela Editora Sophos, distribuídos, até o momento, somente em escolas da rede privada e municipais de ensino.

material indispensável no ensino da Literatura. As antologias ganharam evidência no século XVIII na Inglaterra. Naquele contexto, buscavam atender o volume crescente de leitores, bem como o aumento das publicações literárias impressas. Desse modo, o gênero apresentava “compilações que seguem um levantamento histórico, realizado por editores e homens de letras prestigiosos”<sup>284</sup>. As antologias, em sua maioria, apresentavam os movimentos literários em ordem cronológica. No artigo *Antologia, escrita compilada, discurso e capital simbólico*, Silvana Serrani destaca:

Como se sabe, as tradições, os patrimônios literários nacionais e seus leitores foram constituídos em boa parte, por antologias. A incidência do gênero, que a partir do século XIX refletiu explicitamente as consolidações nacionais, hoje se observa na construção de blocos geopolíticos regionais (2008, p. 4).

No Brasil, o termo antologia passou a ser utilizado em outro contexto, como afirma Razzini:

O termo antologia parece não ter sido comum [...] - ao menos até o advento da *Antologia Nacional* na denominação deste tipo de obra. Apenas após a publicação da obra de Fausto Barreto e Carlos de Laet que "antologia" ganha força e se multiplica no batismo de obras voltadas para a escola, como atesta outra obra de sucesso da Livraria Francisco Alves, a *Antologia Brasileira* de Eugenio Werneck. (1992, p.2).

---

<sup>282</sup> Decreto-lei n.4.244 de 9 de abril de 1942, que organizou o ensino secundário em dois ciclos: o ginásial, com quatro anos, e o colegial, com três anos.

Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_leis\\_organicas\\_de\\_ensino\\_de\\_1942\\_e\\_1946.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_de_ensino_de_1942_e_1946.htm). Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>283</sup> As antologias tinham como público-alvo o ensino secundarista – hoje a nomenclatura adotada é Ensino Médio.

<sup>284</sup> SERRANI, Silvana. *Antologia, escrita compilada, discurso e capital simbólico*. Revista Alea: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 270-287, Dec. 2008. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2008000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 jun. 2016.

Desse modo, na escola os textos literários atendiam à finalidade curricular, ou seja, normalmente eram utilizados como textos-base para a ampliação de vocabulário ou exercício gramatical; “simultaneamente, os textos precisavam atender (ou, pelo menos, não subverter) os propósitos de formação moral da escola”<sup>285</sup>

As antologias didáticas foram responsáveis pela propagação da literatura nas escolas, principalmente no ginásio e nas secundaristas (o ginásio equivalente ao Ensino Fundamental II e as secundaristas ao Ensino Médio). No Brasil, as antologias didáticas foram as grandes responsáveis pela definição de um cânone literário, pelo ensino e também pela definição de literatura. Serrani destaca que as antologias didáticas

[...] produzem um grande impacto na transmissão e definição da literatura, são objetos de críticas constantes, sob a acusação de serem instrumentos de deformação intelectual dos alunos. Os argumentos mais recorrentes contra as antologias didáticas são, como sintetiza Fraisse, por um lado a miopia intelectual e estética dos autores – sobretudo em relação à produção mais recente -, por outro, tanto a estreiteza ideológica dos compiladores quanto os dispositivos de coerção ou censura do discurso editorial (2008, p. 4).

É o caso, por exemplo, da *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, dedicada ao ensino de leitura/ literatura. A primeira publicação da Antologia Nacional foi em 1895 até o ano de 1969, totalizando quarenta e três edições.

A *Antologia Nacional*<sup>286</sup> foi objeto de estudo da pesquisadora Marcia Razzini, na dissertação de Mestrado, defendida em 1992, sob o

---

<sup>285</sup>BORNATTO, Suzete de Paula. *A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70*. Educar em Revista [en linea] 2014, (Enero-Marzo). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155030093007> ISSN 0104-4060. Acesso em: 30 jan. 2017.

<sup>286</sup>A pesquisadora Magda Soares (2001) também realiza uma pesquisa com dois compêndios escolares: a Antologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet e o livro Estudo Dirigido de Português, de Reinaldo Mathias Ferreira. Sua pesquisa tem como foco a história da leitura e da formação do professor-leitor,

título *Antologia Nacional (1895-1969): Museu literário ou doutrina?*, Razzini abordou as influências da *Antologia Nacional* na formação de grandes autores, como Manuel Bandeira e Pedro Nava. Já no Doutorado, a pesquisadora dedicou-se a tese *Antologia Nacional e o espelho da nação* na qual se propôs a estudar o modelo educacional vigente através de um histórico do ensino de Português na escola secundária, tendo como referência os “Programas de Ensino” do Colégio Pedro II (fundado em 1838) e a legislação educacional vigente de 1838 até o desaparecimento da *Antologia Nacional*, em 1970. Do mesmo modo, a tese de Doutorado *A tradição discursiva livro didático Português: mudanças e permanências ao longo dos séculos XX e XXI*, defendida por Luciene Maria Patriota, também avaliou o uso da *Antologia Nacional* como material didático. Na pesquisa, a autora elencou para análise a nona edição (de 1921) da *Anthologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

#### 4.2.1 A *Antologia Nacional*

Em 1895, Carlos Maximiniano Pimenta de Laet (1847- 1927) e Fausto Carlos Barreto (1852 - 1915) professores do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, publicaram a primeira edição d’*A Antologia Nacional*.

A *Antologia Nacional* é um compêndio literário que contempla: a) tópicos gramaticais; b) escritores brasileiros e, por fim, c) escritores portugueses. Destinava-se ao Segundo Ciclo do Curso Secundário. Em sua dissertação de Mestrado *Antologia Nacional (1895-1969) museu literário ou doutrina?*<sup>287</sup> Marcia de Paula Razzini apresenta, além da origem da *Antologia*, também o histórico da obra, bem como uma análise das mudanças envolvendo as editoras, autores e o contexto social no qual a obra inseria-se. De acordo com RAZZINI (1992, p. 15) a *Antologia* não foi uma obra fundadora. Destaca que, no prefácio da 1ª edição, em 1895, a *Antologia Nacional* viera de uma compilação anterior chamada *Seleção Literária*, adotada oficialmente pelo Colégio, de autoria de Fausto Barreto e Vicente de Souza (também professores do

---

analisando quais as concepções de professor-leitor que aparecem nesses compêndios.

<sup>287</sup> Fonte: MARCIA DE PAULA RAZZINI. **Antologia Nacional (1895-1969) museu literário ou doutrina?** 1992. 163 f. Dissertação de Mestrado (Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, 1992. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000055176&fd=y>. Acesso em: 21 jun. 2016.

Colégio Pedro II). Docentes que elaboram materiais, diferente de hoje, quando a maioria usa livros didáticos.

Contudo, em 1895, a *Seleção Literária* é substituída pelo compêndio da *Antologia Nacional* e passa a ser adotada não só pelo Colégio Pedro II, mas também pela Escola Normal, pelo Colégio Militar e por outras instituições de ensino das principais capitais brasileiras. A *Antologia* foi utilizada até 1969.

[...] Sucesso por mais de 70 anos (...), foi uma das compilações literárias mais lidas pela mocidade brasileira que passou pela escola secundária, por várias gerações: adotada oficialmente nos principais colégios do país, teve carreira excepcional, sucesso de público sem precedentes, enquanto as minguadas edições brasileiras, não-didáticas, demoravam anos e anos para vender (Razzini, 1992, p. 10).

A autora ressalta que “[...] parece importante salientar que a *Antologia Nacional*, apesar de ser um livro didático de orientação imperial e católica, conseguiu sobreviver mais de setenta anos no ensino de orientação republicana” (Razzini, 1992, p. 20). A permanência do compêndio escolar se deve ao fato de que a educação mesmo sob o domínio do estado, também fez uso de instrumentos para o controle do ensino, dos professores e dos livros didáticos, assim como os Jesuítas também o fizeram.

Na tese de doutorado sob o título *Carlos de Laet: sob o magistério, a política e a fé*<sup>288</sup> a autora Rosana Llopis Alves destaca que Carlos de Laet se caracterizava como um defensor da monarquia e da religião católica e que “[...] transitou pelo magistério, pela imprensa, pela política e pelos círculos católicos deixando em cada um desses campos a sua marca” (2013, p. 27). Já sobre Fausto Barreto sabe-se pouco; era professor e também jornalista. Afirma-se que ambos, Barreto e Laet, juntamente com outros filólogos, eram frequentadores assíduos

---

<sup>288</sup> Fonte: ROSANA LLOPIS ALVES. *Carlos de Laet: sob o magistério, a política e a fé*. 2013. 377 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2013/31003010001P0/TES.PDF>. Acesso em: 21 jun. 2016.

da livraria Azevedo - um “clube de literatura informal” – situada à Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro.

Tal sobrevivência se deve à capacidade da antologia de acompanhar “mudanças históricas, políticas, econômicas, educacionais, editoriais e literárias” ao longo de 74 anos e 43 edições publicadas. Isso pode ser atribuído a alguns critérios específicos na escolha dos textos e/ou escritores que compuseram cada edição.

O movimento pendular imposto pela Antologia Nacional reúne de um lado, o conservadorismo do ensino retórico, do ensino de literatura, das instituições e por onde ela circulava e, de outro, certa inovação na ordem inversa de apresentação dos autores e excertos, escolhendo uma cronologia às avessas do moderno para o antigo, que faz do passado ponto de chegada de uma jornada que se inicia com os autores contemporâneos brasileiros, destacando a prosa antes da poesia, sempre a reboque da crítica e história literárias, como a maioria das obras didáticas, uma vez que só se entrava na Antologia depois de morto (RAZZINI, 1992, p. 35).

A confirmação sobre quais escritores fariam parte do compêndio encontra-se na seção “Duas palavras” como antelóquio da 6ª edição (1913), escrita por Carlos de Laet que afirma:

Tendo tomado, como firme propósito, a resolução de só incluir nesta coleção os excertos de escritores que além de outras consagrações também tivessem a da morte, nesta edição se hão-de achar nomes e artigos de alguns contemporâneos distintíssimos e que, infelizmente, já não figuram entre os vivos (1954, p. 11).

No entanto, no prefácio da 25ª edição (1945), escrito por Daltro Santos, que fora convidado pela administração da Livraria Francisco Alves, lê-se a justificativa...

Mantendo a orientação que deram à Antologia Nacional aqueles dois acatadíssimos filólogos, incluí, entretanto, no conjunto, por obedecer ao

programa em vigor, alguns dos nossos maiores das letras, já vencidos da morte todos eles; e respeitei, na angustia seleção, ora o valor e atuação das obras, ora a corrente literária a que se prendem (1954, p. 13).

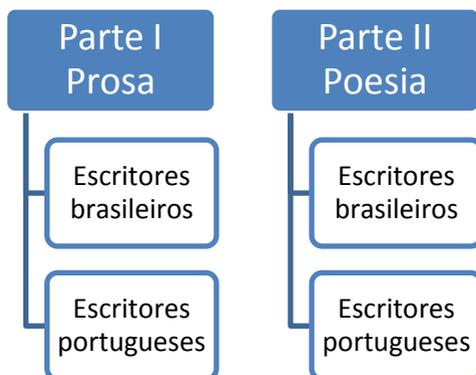
Na 31ª edição, publicada em 1954, conserva-se o prefácio da primeira edição escrita por Fausto Barreto e Carlos de Laet no qual justificam o motivo por não escolherem escritores vivos:

Nos espécimes da literatura coeva pusemos especial cuidado; e bem desenvolvida vai esta parte. Há-de notar-se que omitimos os escritores vivos; foi de propósito; assim cuidadosos evitamos o acrescer às dificuldades da escolha o receio de magoarmos vaidosos melindres. *Irritabile genus...* (1954, p. 08).

Com relação à seleta de escritores, apresentados na *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet, a análise contemplou as seguintes edições e respectivos anos de publicação: 8ª edição de 1918, 14ª de 1929, 17ª de 1931, 24ª de 1943, 25ª de 1945, 31ª de 1954, 33ª de 1956, 34ª de 1957, 35ª de 1958, 38ª de 1962, 39ª de 1963, 40ª de 1964 e 42ª de 1966. O levantamento, em ordem cronológica, procurou localizar a presença de Jorge Amado nos compêndios. No entanto, as edições de 1918 e 1929 não contemplam a presença do escritor, pois *O país do Carnaval* foi publicado, posteriormente, em 1931. Optei por colocá-las para apresentar os escritores contemplados no período anterior a Jorge Amado e, assim, obter dados mais consistentes para pesquisas futuras (pois as edições de 1918 e 1929 são de difícil acesso, até mesmo em bibliotecas).

Os compêndios estão organizados em duas partes:

**Figura 49—Organização dos compêndios escolares**



Fonte: da pesquisadora

A seguir, apresento as tabelas com os escritores presentes (marcados com a letra X), desde o primeiro volume pesquisado a 8ª edição, em 1918, até a 42ª edição, publicada em 1966:

### PARTE I – PROSA – ESCRITORES BRASILEIROS

Fase contemporânea – século XIX, depois de 1820													
AUTORES	1918 8ª 289	1929 14ª	1931 17ª	1943 24ª	1945 25ª	1954 31ª	1956 33ª	1957 34ª	1958 35ª	1962 38ª	1963 39ª	1964 40ª	1966 42ª
J.F. Lisboa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Torres Homem	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
** Martins Pena	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Francisco Adolpho de Warnhagen	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Pereira da Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Joaquim Manoel de Macedo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Joaquim Norberto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Francisco Octaviano	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

<sup>289</sup> No prefácio da 8ª edição há a informação de que alguns escritores foram incluídos somente na 6ª e na 7ª edição. Os nomes precedidos de um asterisco foram incluídos na 6ª edição, e os nomes precedidos por dois asteriscos foram incluídos na 7ª edição.

José Bonifácio (o segundo)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
José de Alencar	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
M. A. de Almeida	-	-	-	-	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X
Antonio de Macedo Costa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Visconde de Outro Preto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Couto de Magalhães	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
França Júnior	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Machado de Assis	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Franklin Tavora	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Visconde de Taunay	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Barão de Rio Branco	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Joaquim Nabuco	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*José do Patrocínio	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rui Barbosa	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
**Sylvio Romero	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluizio Azevedo	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Eduardo Prado	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Raul Pompeia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Coelho Neto	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Farias Brito	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Olavo Bilac	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
*Euclides da Cunha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Graça Aranha	-	-	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

## ESCRITORES PORTUGUESES

AUTORES	1918 8ª 290	1929 14ª	1931 17ª	1943 24ª	1945 25ª	1954 31ª	1956 33ª	1957 34ª	1958 35ª	1962 38ª	1963 39ª	1964 40ª	1966 42ª
Garret	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A. F. de Castilho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Alexandre Herculano	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
José Estevão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Silva Tulio	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-

<sup>290</sup> No prefácio da 8ª edição há a informação de que alguns escritores foram incluídos somente na 6ª e na 7ª edição. Os nomes precedidos de um asterisco foram incluídos na 6ª edição, e os nomes precedidos por dois asteriscos foram incluídos na 7ª edição.



Melo													
Manuel Bernardes	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Fase quinhentista – século XVI</b>													
Bernardim Ribeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sá de Miranda	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Antonio Ferreira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
João de Barros	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Damião de Góes	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fernão Mendes Pinto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Francisco de Moraes	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fr. Heitor Pinto	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
João de Lucena	X	X	X	X	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Fernão Cardim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Duarte Nunes de Leão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Diogo do Couto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Fase Medieval – princípio do século XVI ao século XIII</b>													
D. Afonso II	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
D. Duarte	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fernão Lopes	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Garcia de Resende	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Em seguida os compêndios apresentam a segunda parte dedicada à poesia. Apresentando primeiro os poetas brasileiros, depois de 1820, seguidos dos poetas portugueses.







de Quevedo													
Francisco Sá de Meneses	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Gabriel Pereira de Castro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Gregório de Mattos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
**M. Botelho de Oliveira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Fase quinhentista – Século XVI</b>													
Gil Vicente	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Bernardim Ribeiro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sá de Miranda	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Luiz de Camões	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Antônio Ferreira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<b>Fase Medieval</b>													
Trovadores	–	–	–	–	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Desde a publicação da primeira edição da *Antologia Nacional*, em 1895, até a última, em 1969, poucas mudanças ocorreram. No âmbito escolar, há a construção de um cânone literário oficial. Normatizado pelos compêndios escolares. A permanência da *Antologia* por tantos anos se deve ao fato dela ter cumprido um papel importante na efetivação de uma literatura nacional. Even-Zohar ao responder “A literatura é realmente algo próprio da Europa?” (2017, p. 56), destaca que não há nenhuma sociedade mais ou menos organizada que não tenha uma espécie de “literatura”. A literatura nunca renunciou sua influência como feito que signifique poder e distinção, e esta tem sido sua função primordial como atividade organizada. Possuir uma literatura é indispensável ao poder, pois serve como fator onipresente à coesão sociocultural. Even-Zohar (2017, p. 56-60) define a coesão sociocultural como um Estado, no qual existe um sentimento amplamente difundido de solidariedade, de sentir-se extremamente unidos, entre um grupo de pessoas; estado que, por conseguinte, não necessita de uma conduta

imposta por uma força física. Nesse contexto, cabe o conceito popular de literatura como uma coleção de textos aceitáveis, produzidos por certos indivíduos e para que outros os leiam. Textos produzidos na língua oficial e que funcionam como um importante veículo de unificação na criação de uma identidade literária.

Na seleção dos autores, a *Antologia* optou por não contemplar escritores vivos. Contudo, ao limitar a escolha de escritores aos já falecidos, o compêndio também deixava de contemplar a efervescente e profícua literatura brasileira que florescia no final do século XIX até metade do século XX. Se pensarmos até a década de 1960, a *Antologia* não contemplou, por exemplo, a escritora Raquel de Queirós já com cinco publicações aclamadas pela crítica e pelo público. Não aparecem Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Clarice Lispector (1920-1977), Ariano Suassuna (1927-2014), Érico Veríssimo (1905-1975), Guimarães Rosa (1908-1967), Manuel Bandeira (1886-1968), tampouco contempla escritores como Jorge Amado (1912-2001) a essa altura com mais de dez publicações. Alguns inclusive com obras traduzidas para outros idiomas e com respaldo da crítica internacional, como é o caso de Jorge Amado.

Paralelamente a toda essa profusão literária, o declínio da *Antologia Nacional* ocorreu no final da década de 1960, pois a necessidade de conhecer e estudar autores já aclamados pela crítica também chegara às escolas. Quanto ao declínio da *Antologia Nacional*, Razzini questiona a possibilidade de o declínio ter acontecido somente no final dos anos 1960 ou “ainda antes”<sup>291</sup>. Começou a prevalecer a tendência pedagógica do estudo individual dos autores, sendo necessária a leitura das obras inteiras e não mais dos trechos “seletos”. “Acréscem a essa tendência o interesse pelo estudo dos autores vivos, o crescimento da rede escolar e a explosão editorial da literatura infanto-juvenil no início dos anos 1970” (Razzini, 1992, p. 61).

Considerar que a *Antologia* impôs suas preferências para atender a um público específico por tanto tempo, implica em também considerar seu papel na constituição de um cânone literário nacional.

---

<sup>291</sup> No artigo *Livro didático de português e trabalho docente: professor autônomo?* os autores Rosaura Maria Albuquerque Leão e Cristiano Egger Veçossi afirmam que o auge da *Antologia Nacional* durou até os anos 1930, nas décadas seguintes o compêndio foi perdendo espaço. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4586.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

#### 4.2.2 *Antologia da Língua Portuguesa de Estêvão Cruz*

O professor Estêvão Cruz (1902-1936) autor da *História Universal da Literatura* (Volume I, II) (1936) e do livro *Teoria da Literatura* (1935) também se dedicou aos materiais didáticos. O livro *Antologia da Língua Portuguesa* e também o *Programa de Vernáculo*, eram ambos indicados para as cinco séries do curso de português.

Diferentemente da *Antologia Nacional* de Barreto e Laet, as antologias organizadas por Estêvão Cruz e editadas pela *Livraria O Globo de Porto Alegre* não contemplavam somente escritores falecidos, mas também escritores contemporâneos.

Na quinta edição da *Antologia da Língua Portuguesa*, publicada em 1942, refundida e revisada pelo professor Álvaro de Magalhães da Universidade de Porto Alegre, temos outra forma de concatenação literária. Não mais adotando as escolas literárias em ordem cronológica para organizar o ensino da literatura. Professor Estêvão parte da Literatura Contemporânea, iniciando com:

- *Poesia* - Alceu Wamosy, Mário Quintana, Atos Damasceno Ferreira, Paulo Corrêa Lopes, Augusto Meyer, D. Augusto Álvaro, Cassiano Ricardo, Catulo Cearense, Guilherme de Almeida, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Ricardo Gonçalves e Tasso da Silveira;
- *Crônicas* - Jackson de Figueiredo, Fernando Callage e Vitoriano Serra;
- *Gauchismo* - Darci Azambuja, Fêlix Contreiras Rodrigues, Simões Lopes, Vargas Neto e Roque Callage;
- *Folclore* - Cornélio Pires
- *Sertanista* - Mário de Andrade
- *Humor* - Bastos Tigre;
- *Conto* - Artur de Azevedo;
- *Romance*- Érico Veríssimo, Gastão Cruls, José Américo, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Júlia Lopes de Almeida, Mário Sette, Paulo Setúbal e Ribeiro Couto;
- *Crítica* - Andrade Muricí, Agripino Grieco e Ronald de Carvalho;
- *Ensaio* - Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Manuel Lubambo, Viana Moog;

- *Filologia* - Basílio de Magalhães, João Ribeiro e Laudelino Freire;
- *Polígrafos* - Afonso Celso, Afrânio Peixoto, Carlos de Laet e Ramiz Galvão.
- *Sociologia, Etnografia* - Getúlio Vargas, Francisco Campos, Osvaldo Aranha, Artur Ramos, Alberto Tôrres, Francisco José de Oliveira Viana, Gilberto Amado e Gilberto Freire.
- *Filosofia* - Farias Brito, Castro Nery e Leonel Franca.
- *Escritores e oradores sacros* - D. Aquino Correia, D. José Pereira Alves e D. Silvério Gomes Pimenta;
- *Literatura contemporânea em Portugal* - Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Venceslau de Moraes e Antônio Sardinha.

Em seguida se inicia a seção *Literatura Moderna* - **I Realismo no Brasil** – com

- *Escola Simbolista* - João da Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens e Zeferino Brasil.
- *Escola Parnasiana* – Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, Luiz Caetano Pereira Guimarães Júnior, Teófilo Dias de Mesquita, Antônio Mariano Alberto de Oliveira, Paulino de Brito, Raimundo da Mota Azevedo Correia, Sebastião Cícero Guimarães Passos, Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, Ademar Tavares da Silva Cavalcanti, Olegário Mariano Carneiro da Cunha, Luiz Delfino dos Santos e Luiz Barreto Murat.
- *Escola Naturalista* - Aluísio Gonçalves de Azevedo e Raul d'Ávila Pompéia.
- *Escola Realista Pura* - Joaquim Maria Machado de Assis, Alexandre José de Melo Moraes Filho, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, Rui Barbosa, Manuel Ferreira Garcia Redondo, Euclides da Cunha, José Pereira da Graça Aranha, Afonso Arinos de Melo Franco, Alberto Rangel, Humberto de Campos, José Bento Monteiro Lobato, Sílvio Romero, José Veríssimo,

Araripe Junior, Eduardo Prado e Manuel de Oliveira Lima.

- *Escola Condoreira* - Tobias Barreto de Menezes e Antônio de Castro Alves.

Depois inicia a seção *Escritores de gêneros diversos*:

- *História* - Francisco Adolfo de Varnhagen, João Francisco Lisboa e Alfredo Varela.
- *Teatro* - Luiz Carlos Martins Pena.
- *Filologia* - Castro Lopes e Sotero dos Reis.
- *Escritores e oradores sacros* - D. Antônio de Macedo Costa, Mons. Pinho de Campos, D. Romualdo Seixas e Padre Sousa Caldas.

Também direcionado a Portugal com a seção: *Em Portugal* que se subdivide em:

- *Escola simbolista* - Eugênio de Castro.
- *Escola naturalista* - José Maria Eça de Queiroz.
- *Escola Realista Pura* - José Duarte Ramalho Ortigão, Antero Tarquínio de Quental, Antônio Cândido Gonçalves Crespo, José Valentim Fialho de Almeida e Júlio Diniz.
- *História* - Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Manuel Pinheiro Chagas, Luiz Augusto Rebêlo da Silva e José Maria Latino Coelho.

Seguido de **II Romantismo no Brasil**:

- *Escola Romântica Pura* - Domingos José Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, Manoel Antônio Álvares de Azevedo, Casimiro José Marques de Abreu, José Vieira Couto de Magalhães, Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnoille Taunay), Luiz Nicolau Fagundes Varela e Henrique Coelho Neto.
- *Escola indianista* - Antônio Gonçalves de Magalhães e José Martiniano de Alencar.

- *Escritores diversos* - Junqueira Freire, Auta de Sousa, Laurindo Rabelo, Barão de Paranapiacaba, Bernardino Lopes, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, José Júlio da Silva Ramos, João Franklin da Silva Távora e Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

Em **Portugal** 1. *Escola romântica* (João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Antônio Feliciano de Castilhos, Alexandre Herculano de Araujo Carvalho, João de Deus e Camilo Castelo Branco).

Na seção **Literatura Clássica no Brasil**: 1. *Escola arcádica* (Monte Alverne, Frei José de Santa Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa, José Basílio da Gama e Tomaz Antônio de Aquino). 2. *Escola seiscentista* (Gregório de Matos Guerra).

**Em Portugal**: 1. *Escola arcádica* (Antônio José da Silva, Pedro Antônio Correia Garçon, Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio) e Manuel Maria Barbosa Du Bucage). *Escola seiscentista* (Francisco Rodrigues Lôbo, Francisco Manuel de Melo, Frei Luiz de Sousa, Padre Antônio Vieira e Padre Manuel Bernardes). *Escola quinhentista* (Luiz Vaz de Camões, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Antônio Ferreira, Fernão Mendes Pinto, João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Sousa, D. Jerônimo Osório e Padre José de Anchieta). **Literatura Medieval** em Portugal: *Escola provençal* (Dom Sancho I, Pai Soares (de Taveiros), Dom Diniz e Dom Duarte).

#### 4.3 OS LIVROS DIDÁTICOS

Nas décadas de 1950 e 1960 ocorrem algumas mudanças no conteúdo do ensino do Português, devido, principalmente, às transformações sociais. No entanto, o ensino ainda continua arraigado à gramática. Na década de 1960, a análise dos compêndios escolares contempla cinco exemplares de Domingos Paschoal Cegalla.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. Curso secundário, técnico e normal. 17 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. Curso secundário, técnico e normal. 13 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. Curso secundário, técnico e normal. 16 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. Curso secundário, técnico e normal. 12 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Gramática, Antologia - Exercícios*. Curso secundário, técnico e normal. 11 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

Os livros apresentam maior destaque ao ensino da língua, utilizando o texto literário como base para a análise gramatical. E não contemplam o escritor Jorge Amado.

Década de 1970

Em 1979, sob o selo de Record Cultural, a professora Lygia Marina Moraes lança o livro *Conheça o escritor brasileiro Jorge Amado*. A publicação destinava-se “a estudantes a partir da 5ª série do primeiro grau, a critério do professor”. O livro não compunha o material oferecido pelo Ministério da Educação. Era material paradidático, por isso, o uso condicionado ao critério do professor.

O livro apresentava uma seleção de textos, com exercícios de compreensão, redação e debate, além da biografia do escritor e da avaliação crítica. Apresenta a biografia de forma breve, seguida de uma relação cronológica das obras, iniciando com *O País do Carnaval* (1931) até *Tieta do Agreste* (1977). No capítulo “Avaliação crítica”, a autora apresenta uma síntese breve de cada obra, seguida por comentários de críticos sobre o escritor. No entanto, a primeira definição de Jorge Amado é dada por ele mesmo “Sou apenas um baiano romântico e sensual. Sou um contador de histórias, jamais fui outra coisa” (1979, p. 14). Seguido de Nelson Werneck Sodré, amigo pessoal de Jorge Amado, que destaca “De todos os nossos romancistas modernos, entretanto, é Jorge Amado o que possui mais vivo o sentimento da cor, o dom da poesia, o vigor descritivo” (1979, p. 14). E, por fim, o jornalista Moacyr Werneck de Castro que afirma que “A paixão popular no romancista Jorge Amado é o que lhe dá força; ele será tanto maior romancista quanto mais conseguir ser povo, apaixonadamente povo” (1979, p. 14). Outro destaque ainda é o do crítico literário Antônio Cândido “Na nossa literatura moderna, o Sr. Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue

que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico” (1979, p. 15).

Percebe-se que a publicação já se destina a um público específico e não entra em contradições sobre a relevância da obra, mas a apresenta, de forma positiva, inclusive selecionado recorte da crítica sobre o escritor [que enfatizasse tal argumento].

Ainda na década de 1970, o escritor Osman Lins publica o livro<sup>292</sup> *Do ideal e da glória – Problemas inculturais brasileiros*. O livro do escritor pernambucano, lançado em 1977 reúne uma série de artigos sobre problemas culturais (ou inculturais) publicados a partir de 1966 em diversos jornais.

Osman Lins traça a trajetória do livro didático a partir de 1965 e já faz uma ressalva sobre a inatualização dos textos nacionais para leitura e estudo. Faz também uma dura crítica aos gramáticos e ao modo “canhestro” (às avessas) como quase todos apresentam a literatura brasileira. A análise de Lins envolveu dois momentos distintos: *O livro didático – primeiro tempo: 1965* e, posteriormente, *O livro didático – segundo tempo: 1976*.

No primeiro momento analisou cerca de cinquenta livros didáticos do Ensino Médio (quantidade esta longe de representar a totalidade de publicações) até o ano de 1965. Verificou que, na grande maioria do material pesquisado havia alguns “senões” – “em geral bastante grave” (1977, p. 15). Um dos senões apontados se refere à escolha dos textos literários que regem tal escolha, e à maneira deficiente como “vem sendo feita a distribuição e a apresentação deles, com indiscutíveis prejuízos para o aluno e, em consequência, também para o país” (p. 15-16). Percebeu também certa semelhança entre os livros de modo que uma análise em maior quantidade não alteraria o resultado obtido: “os respectivos autores se parecem entre si de modo inquietante na atitude para com o texto literário” (p. 16).

Estende ainda sua crítica ao mercado editorial e destaca que sua análise não abalará a “poderosa” e “próspera” indústria do livro didático. Tampouco a inatualidade dos textos e, conseqüentemente, dos professores que têm sua cultura literária limitada, pois a seleção dos textos, em muitos casos, ainda seguem os textos apresentados pela

---

<sup>292</sup> *Do ideal e da glória – Problemas inculturais brasileiros*, de Osman Lins, não é um livro didático. É um livro no qual o escritor faz uma análise crítica sobre materiais didáticos. O escritor analisa vários aspectos da educação literária no país, na década de 1970.

*Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Lins ironiza que para fazer parte da antologia era preciso ser consagrado com a morte. No entanto, nem sempre os autores escolhidos dessa forma eram os mais representativos, para ele são “páginas superficiais, sem nexos com a realidade, com os problemas quotidianos do povo, ou os dilemas externos do homem” (1977, p. 17). “Ser consagrado pela morte” nem sempre era garantia de notabilidade tampouco sinônimo de qualidade estético-literária. Outro ponto considerado foi o critério utilizado na escolha de alguns textos, pois, não havendo número suficiente de páginas literárias para ilustrar os livros didáticos, alguns autores citam si próprios.

Conclui, portanto, que se, a escolha de textos nos livros de Português não recai sobre as melhores páginas dos velhos mestres, se muitas vezes os velhos mestres são preteridos em favor de vultos sem a menor expressão literária,

[...] se os gramáticos inserem nas antologias trechos modelares por eles próprios compostos e se a maioria das páginas escolhidas se repete há mais de meio século, uma conclusão impõe-se: a escolha dos fragmentos literários para esses compêndios vem sendo presidida pelo comodismo e a rotina, pelo desconhecimento quase que total das nossas letras, pela ausência completa de senso de valores e por um cabotinismo praticado impunemente, às escâncaras. Os autores de gramáticas, no Brasil, estão tornando cada vez menos conhecida a verdadeira literatura de nosso país (Lins, 1977, p. 18).

Mas qual seria o critério estabelecido para selecionar ou excluir escritores? Para aqueles escritores não contemplados nos livros didáticos, Osman Lins os define como “recusados”, destacando que

[...] os grandes nomes da moderna literatura brasileira, os que com maior vigor têm fixado em suas obras a realidade nacional e a situação do homem perante o mundo, jamais são estudados, ou bem pálida é a sua presença, nos livros onde ensina-se – ou se pretende ensinar (1977, p. 19).

Ao apontar a ausência de alguns escritores, destaca a não-presença de dois grandes romancistas do Nordeste: José Lins do Rego e Graciliano Ramos, além da “mais escandalosa das ausências: Gilberto Freire”, conhecido internacionalmente, prestigiado pelos intelectuais, considerado ainda um “excelente escritor”. Além destas aponta ainda a ausência dos “maiores romancistas baianos de nossa história literária, Jorge Amado e Adonias Filho, ambos detentores de outras honrarias, continuam também ignorados pelos mestres de Português” (1977, p. 20).

Aponta também alguns equívocos (ou não) cometidos pelos autores dos livros didáticos, como o cometido pelo professor Adalberto Prado e Silva em sua *Língua Pátria – Curso Colegial* (Cia Ed. Nacional, 1963). Para ele, o livro mais recente publicado por Jorge Amado teria sido *Mar Morto*. O equívoco se estabelece porque *Mar Morto* teve sua primeira publicação em 1936. Depois de *Mar Morto*, o escritor baiano publicou mais de dez livros (*Capitães da Areia*, 1937; *Terras do Sem-fim*, 1943; *Seara Vermelha*, 1946; *Gabriela, cravo e canela*, 1958 entre outros). Lins aponta ainda que Jorge Amado, posteriormente, veio “a tornar-se o mais lido em todo o mundo, dos ficcionistas brasileiros, e um dos mais discutidos pela crítica” (1977, p. 20). Continua sua lista de “esquecidos” dos compêndios escolares estabelecendo também uma crítica à *Antologia Nacional* pelo seu método de “seleção” de escritores. Abre parênteses aqui quanto ao uso do vocábulo “escritores”, pois, quando o utilizamos, não o fazemos por uma opção de gênero não-marcado (ou masculino genérico), mas pela ausência de escritoras na maioria dos compêndios escolares da primeira metade do século XX. É o caso, por exemplo, da escritora Clarice Lispector, também ausente nos livros didáticos analisados por Osman Lins.

Após análise de vários exemplares, Lins ressalta quais foram os principais vícios que incorreram os organizadores daquelas obras, tais como:

Propensão à rotina, alheamento pela nossa literatura contemporânea; embevecimento confuso ante a literatura do passado; absoluta ausência de senso dos valores; desprezo por qualquer espécie de ordem ou de princípio diretor na seleção dos textos; tendência a omitir informações sobre os escritores ou a prestar informações inatualizadas (1977, p. 37).

Logicamente, as falhas não aparecem simultaneamente em todos os gramáticos cujos livros didáticos foram examinados. Para Lins, tais “vícios” não ocorrem ao fato de os escritores serem “tolhidos pelas exigências regulamentares”, e

sim por desconhecerem nossa literatura moderna, por um certo parasitismo bastante cômodo, de péssimas consequências, e até, às vezes, por uma duvidosa inclinação moralizante, que os leva a recheiar seus manuais de páginas insulsas exaltando o trabalho, o dever, a mãe ou a família (1977, p. 37).

No entanto, para o crítico, nem tudo está perdido. Ele aponta algumas exceções: *Iniciação à Análise literária, Literatura Brasileira, Curso Colegial*, do professor Fábio Freixieiro (Cia Editora Nacional, 1965); *Manual de Português*, do professor Celso Cunha (livraria São José, 1965), a obra ideal seria a do professor Valter Vey, *Língua Portuguesa* (1ª, 2ª e 3ª séries, Editora do Brasil, S.A., São Paulo) e, por fim, duas outras obras: *Antologia Brasileira de Literatura* (Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., Rio de Janeiro, 1965) e *Presença da Literatura Brasileira* (Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1964), de Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo.

Já no segundo momento, a análise compreendeu mais de vinte livros, antes compêndios de Português, agora com “certo perfume de modernidade” passaram a compêndios de Comunicação e Expressão. A análise percorreu as séries do então ginásio – agora Ensino Fundamental II e as três séries do Segundo Grau (atual Ensino Médio) – para os anos de 1975 e 1976. Após uma análise dos compêndios, o crítico reitera que, para a maioria dos alunos, são esses textos os primeiros e até, às vezes, os únicos que vêm a conhecer. Ressalta que não discute a eficiência desses livros no ensino do idioma, mas, quanto à literatura faltam mestres que conheçam e a amem. Portanto, os que neles

estudam, fatalmente, a não ser por um milagre, passarão a considerar a literatura, esse importante produto do espírito humano, como algo desprezível e secundário. E se tal situação não for modificada, seremos, até o fim dos tempos, um povo avesso à leitura, continuando a ignorar como ignora, os seus próprios escritores. Um povo surdo à sua própria alma (1977, p. 144).

Após a análise de características gerais das obras, Osman Lins selecionou 445 excertos. Percebeu que Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino foram referência em 20 excertos. Manuel Bandeira apareceu em 18 excertos. Seguido por Monteiro Lobato com 14 excertos contemplados nos livros. Já Orígenes Lessa e Stanislaw Ponte Preta apareceram 10 vezes. Millôr Fernandes e Érico Veríssimo com 9 excertos. Cecília Meireles e Rubem Braga com 8 excertos. José Lins do Rego e José Cândido de Carvalho, 7 vezes. E, por fim, Machado de Assis e Graciliano Ramos com 4 excertos publicados.

Jorge Amado e José de Alencar, escritores conhecidos são citados apenas uma vez. Outros escritores conhecidos estão ausentes, como: João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Lima Barreto, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Nelida Piñon, entre outros. Percebe-se a preferência por cronistas e, para Lins, tal escolha tem como objetivo facilitar o entendimento dos textos literários. Assevera o autor:

Procura-se oferecer ao educando, na medida do possível, o que há de mais fácil e digestivo em matéria de texto. Isto por um lado. Por outro, há a falta de cultura, de informação, de conhecimento do que se fez e se vem fazendo no plano da criação literária. Os alunos, proclama-se (e, em grande parte, é verdade), não leem (1977, p. 148).

Outro fato, apontado por Lins, é que os compêndios escolares seguem uma tendência de mercado, dessa forma, se justifica tantos pontos em contato entre os livros didáticos, o uso de autores já consagrados pela “crítica”, escritores que atendem a uma ideologia, preferência por gêneros menores, como a crônica.

A ausência de escritores renomados, como destaca Lins (1977), em sua análise de livros didáticos causa estranhamento. Jorge Amado era um fenômeno literário na década de 1960, com 23 livros publicados. Na década de 1970, publica: *Teresa Batista cansada de guerra* (1972); *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, história infantojuvenil (1976); *Tieta do Agreste* (1977); *Farda, fardão, camisola de dormir* (1979) e *Do recente milagre dos pássaros* (1979).

Inicialmente, a pesquisa com compêndios do Ensino Médio havia se encerrado. Contudo, após visita ao Museu do Livro Didático, na Universidade de São Paulo, a pesquisa ganhou mais relevância com um *corpus* mais denso.

Prosseguindo com a busca pelo escritor Jorge Amado em compêndios escolares, temos a publicação do livro didático de Célio Escher, em 1979, *Português – Língua e Literatura*<sup>293</sup>, volume 3. Volume dedicado ao último ano do Ensino Médio. O manual apresenta dez unidades, compostas por três seções: Interpretação de texto, História da Literatura e Elementos de Sintaxe. Nas seções sobre literatura, apresenta autores e estilo de época. Na seção de História da Literatura disponibiliza alguns excertos de textos literários. Espera-se, portanto, que o escritor baiano seja contemplado nessa etapa de ensino, no entanto, não há menção ao escritor.

Na década de 1980, o mercado dos compêndios escolares<sup>294</sup> estava praticamente estabelecido de modo que, já em finais da década de 1970, temos uma formatação de livro didático tanto com autores-produtores<sup>295</sup> do material e editoras, estas antes familiares e agora nas mãos de grandes empresas: Ática, Moderna etc. O formato também contempla uma sequenciação de conteúdos e a utilização de autores pré-definidos pelo cânone escolar. Ainda, há editoras que tendem a perpetuar esse formato de sucesso com conteúdos e autores-produtores

---

<sup>293</sup> ESCHER, Célio. *Português – Língua e Literatura*. Volume 3. São Paulo: Editora Ática, 1979.

<sup>294</sup> Na tese de doutorado: *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*, a pesquisadora Célia Cristina de Figueiredo Cassiano aborda justamente a transformação que ocorre no mercado livreiro dos compêndios escolares. Inicialmente, produzidos por pequenas editoras familiares e, posteriormente, transferidos para o oligopólio de grandes grupos empresariais.

Fonte: CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*.

Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em: [http://pct.capes.gov.br/teses/2007/968930\\_5.PDF](http://pct.capes.gov.br/teses/2007/968930_5.PDF). Acesso em: 15 mar. 2018.

<sup>295</sup> Temos alguns nomes de escritores-produtores de material didático que se destacam (ou monopolizam) na produção de obras didáticas como: Domingos Paschoal Cegalla (Companhia Editora Nacional), Carlos Alberto Faraco (Editora Ática), José de Nicola (Editora Scipione), Willian Roberto Cereja (Editora Saraiva, Editora Atual), Thereza Anália Cochar Magalhães (Editora Atual). Esses autores, na sua maioria, estão atrelados a uma editora e, ano após ano, têm suas obras publicadas. E, a cada (re) edição, percebe-se que os nomes principais permanecem, no entanto, agregam outros autores para as atualizações necessárias.

consagrados, pois assim acabam atingindo tanto escolas públicas, através do PNLD, quanto as particulares.

Na publicação de Faraco & Moura (1987)<sup>296</sup> *Língua e Literatura*, na unidade “Jorge Amado e Érico Veríssimo: o regional e o urbano”, apresentam uma breve introdução sobre a obra de ambos:

A Bahia e o Rio Grande do Sul também estão presentes na ficção da década de 30: a Bahia. Por meio de Jorge Amado, que melhor soube captar as contradições, os problemas e a riqueza cultural do seu Estado natal; o Rio Grande do Sul, por meio de Érico Veríssimo que, numa fase, recriou com habilidade o cotidiano da cidade grande e, em outra vez, reconstituiu epicamente os episódios da formação social do seu estado (1987, p. 360).

Ainda, com relação aos escritores destacam que:

Jorge Amado e Érico Veríssimo são autores, cuja ficção tem como pontos em comum: ambos, fixando o cenário de seus romances em regiões brasileiras opostas, fazem de suas personagens agentes de transformação do mundo em que vivem, Jorge Amado, em *Terras-do-sem-fim* narra a ação de homens ambiciosos e violentos que ocupam, na Bahia, terras nas costas da orla atlântica para instalarem a moderna lavoura capitalista. Érico Veríssimo, em *O tempo e o vento*, apresenta um amplo painel de formação do patriarcado rural no Rio Grande do Sul.

Escritores regionalistas, ambos escreveram obras cuja ambientação é urbana. Érico Veríssimo registra o cotidiano da cidade grande pelo ângulo de visão das personagens; Jorge Amado traz para a ficção a gente pobre de Salvador - homens do cais do porto, menores abandonados, pais-de-santo, prostitutas, mascates, capoeiristas, malandros, os costumes provincianos e as festas populares.

---

<sup>296</sup> FARACO & MOURA. *Língua e Literatura*. Volume 3. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Tanto um quanto outro adotaram uma forma de narrar que alia o espaço ao documento, à crítica social, e caracterizam-se pela simplicidade da linguagem e o tom coloquial e popular, o que lhes assegurou grande êxito de público (1987, p. 360).

Na página seguinte, Faraco & Moura apresentam o escritor com o título “Jorge Amado: as mil faces da Bahia” (1987, p. 361). Uma breve biografia divide espaço com uma foto do escritor sentado em uma escadaria, erguendo o olhar para uma mulher negra, com vestido branco e um lenço vermelho enrolando a vasta cabeleira, que também o olha, como se estivessem em um diálogo silencioso.

Seguida a biografia, aparece uma breve contextualização da obra do escritor e, por fim, em um retângulo à direita da página um texto com o título “Fazer arte para as massas ou para as elites?” no qual os autores destacam a importância da obra amadiana, sua aceitação pelo público e também pela crítica. E, por falar em crítica, os autores se utilizam de uma citação do crítico Alfredo Bosi para dar uma definição da obra do escritor baiano em suas respectivas fases:

- a) um primeiro momento de águas fortes da vida baiana e cidadina (*Cacau, Suor*) que lhe deram a “fórmula proletário”;
- b) depoimentos líricos, isto é, sentimentais, espalhados em torno de rixas e amores marinheiros (*Jubiabá, Mar Morto, Capitães da Areia*); c) um grupo de escritos de pregação partidária (*O cavaleiro da esperança, O mundo da paz*); d) alguns grandes afrescos da região do cacau, certamente suas invenções mais felizes, que animam de tom épico as lutas entre coronéis exportadores (*Terras do Sem-Fim, São Jorge dos Ilhéus*);
- e) mais recentemente, crônicas amaneiradas de costumes provincianos (*Gabriela, cravo e canela, Dona Flor e Seus Dois Maridos*). Nessa linha, forma uma obra à parte, menos pelo espírito que pela inflexão acadêmica do estilo, as novelas reunidas em *Os velhos marinheiros*. Na última fase abandonam-se os esquemas de literatura ideológica que nortearam os romances de 30 e de 40; e tudo se dissolve no pitoresco, no “saboroso”, no apimentado do regional (História concisa da

Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 459).

Para finalizar, Faraco & Moura apresentam um excerto do romance *Terras-do-sem-fim* (51ª Ed, Rio de Janeiro, 1963, p. 122-133). No compêndio, os autores consideram a linguagem utilizada pelo escritor baiano como variante linguística. Considerando a riqueza social da obra.

### **Década de 1990**

Na década de 1990, não muito diferente do decênio anterior, os compêndios escolares refletem as mesmas características – utilizam-se da mesma crítica – sobre o escritor Jorge Amado. Quando citado<sup>297</sup>, sua obra e sua fortuna crítica não apresentam grandes alterações.

Os autores Geraldo Mattos e Lafayette Megale publicaram, em 1990, pela editora FTD, o livro *Português – segundo grau* (Literatura, língua e redação). No capítulo 30 sob o título **2ª Fase Modernista** (1930-1945) destacam o contexto histórico e os caracteres da fase. A prosa é subdividida em a) **prosa regionalista** (na qual Jorge Amado é citado com o livro *O país do carnaval*, de 1931); b) A prosa urbana e c) A prosa psicológica. Após esses três itens, apresenta-se uma breve lista com os maiores escritores na poesia e na prosa, dentre eles Jorge Amado. A seção seguinte apresenta **Estudo de textos e autores**, a escritora Cecília Meireles é quem inaugura este espaço, seguida por Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, Jorge de Lima, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, seguida por um fragmento de *Farda, Fardão, Camisola de Dormir* (p. 499) de Jorge Amado, depois Lins do Rego, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e, finalmente encerrando a seção, Rubem Braga.

Carlos Faraco (1992), no livro *Trabalhando com a narrativa*<sup>298</sup>, apresenta um conjunto de frases para que os alunos indiquem os sentimentos que aparecem nos excertos. Dentre as frases, uma do escritor baiano: “b) João Grande passa por debaixo da ponte – os pés afundam na areia – evitando tocar no corpo dos companheiros que já

---

<sup>297</sup> Jorge Amado não é citado em:

1. FARACO & MOURA. *Para gostar de escrever*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
2. FARACO & MOURA. *Para gostar de escrever*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

<sup>298</sup> Faraco, Carlos. *Trabalhando com a narrativa*. (Ensino Médio). 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

dormem. (Jorge Amado)” (1992, p. 117). A atividade é restrita a explicitar os sentimentos descritos no excerto, não há nenhuma reflexão ou referência à biografia ou outras obras do autor. O livro objetiva ser, na verdade, uma espécie de manual para auxiliar na construção do texto narrativo, não à literatura.

No compêndio *Literatura brasileira*<sup>299</sup>, de 1997, Thereza Cochar Magalhães e Willian Roberto Cereja citam Jorge Amado, na unidade 9, quando apresentam a segunda fase do modernismo, mais especificamente a prosa (1997, p. 343).

### **Década de 2000**

No exemplar produzido por João Domingues Maia<sup>300</sup>, *Português*, volume único da série Novo Ensino Médio, publicado pela Editora Ática em 2002 (9ª edição e 6ª reimpressão), apresenta o escritor Jorge Amado, na unidade 41, sob o título de “Modernismo – 2ª fase II”. O autor apresenta um excerto do romance *Capitães da areia*, destacando que a primeira edição (1937) do livro fora apreendida e queimada em praça pública após a implantação da ditadura por Getúlio Vargas. Após o texto, há questionamentos sobre o mesmo e, com o intuito de promover a intertextualidade, faz a aproximação da história dos meninos de rua narrados por Jorge Amado com a música *Pivete* composta por Chico Buarque de Holanda e Francis Hime, em 1978. Na página seguinte apresenta o autor e sua obra.

### **Jorge Amado**

Costuma-se dividir a obra de Jorge Amado em duas fases. A primeira, iniciada com o romance *O país do Carnaval* (1931), caracteriza-se pelo forte conteúdo político e pela denúncia das injustiças sociais, o que muitas vezes dá um caráter panfletário e tendencioso às obras aí incluídas. O esquematismo psicológico das obras dessa primeira fase leva uma divisão do mundo em heróis (marginais, vagabundos, operários, prostitutas, meninos abandonados, marinheiros etc. e vilões (a burguesia urbana e os proprietários rurais).

---

<sup>299</sup> Cereja, Willian Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*. Segundo Grau. São Paulo: Editora Atual, 1997.

<sup>300</sup> MAIA, João Domingues. *Português* (Ensino Médio). Série Novo Ensino Médio, Volume Único. 9 ed. Editora Ática, 2002.

*Terras do sem fim* (1942) é uma exceção entre os romances da primeira fase, constituindo uma das obras-primas do autor.

A segunda fase inicia-se com a publicação de *Gabriela, cravo e canela* (1958). Fugindo ao panfletarismo e ao esquematismo psicológico, Jorge Amado, passa a construir seus romances com elementos folclóricos e populares: os costumes afro-brasileiros, a comida típica, o candomblé, os terreiros, a capoeira etc. O mundo dos marginalizados torna-se então um mundo feliz, pois seus heróis levam uma vida sem preconceitos, sem regras severas de conduta social, o que lhes permite um elevado grau de liberdade existencial.

A partir de então, como se houvesse descoberto uma fórmula, Jorge Amado, insiste nos mesmos esquemas, repetindo, com pequenas variações, a mesma “receita” (MAIA, 2002, p. 346).

Após a contextualização da obra, apresenta as obras do autor em ordem cronológica. Não há comentários ou reflexões acerca das publicações.

No *Curso completo de Português*, de autoria de Antônio de Siqueira e Silva e Rafael Bertolin, obra também dedicada aos três anos do Ensino Médio, produzido pela editora IBEP (sem ano), na terceira parte do livro “Do pré-modernismo aos dias atuais”, o primeiro capítulo aborda o pré-modernismo (1902-1920)<sup>301</sup> elencando nos capítulos seguintes escritores representativos. No entanto, no quinto capítulo, os autores contextualizam histórica e socialmente o movimento modernista como ponto principal a Semana de Arte Moderna de 1922, considerando ainda de 1922 a 1930 como a primeira fase do Modernismo, de 1930 a

---

<sup>301</sup> Após o primeiro capítulo, os autores elencam escritores do período pré-modernista: 2 Euclides da Cunha; 3 Monteiro Lobato; 4 O modernismo em Portugal; 5 O modernismo no Brasil – 1922; 6 Mario de Andrade; 7 Cassiano Ricardo; 8 Manuel Bandeira; 9 José Lins do Rego; 10 Rachel de Queiroz; 11 Graciliano Ramos; 12 Jorge Amado; 13 Érico Veríssimo; 14 João Guimarães Rosa; 15 Carlos Drummond de Andrade; Murilo Mendes e Jorge de Lima; 17 Cecília Meireles; 18 João Cabral de Melo Neto e nas duas páginas que se seguem os autores elencam escritores contemporâneos que não foram contemplados em sua seleção.

1945 a segunda fase e de 1945 em diante a terceira fase. Em um subtítulo chamado de “ficção regional”, aparecem os escritores: Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Em outro subtítulo “Os autores modernos”, apresenta-se uma “Cronologia do período modernista no Brasil” na qual o escritor baiano é citado no ano de 1954 com a obra *Gabriela, cravo e canela*. O escritor tem ainda o Capítulo 12 (p. 395-397) dedicado primeiro à sua biografia, na qual há uma divisão das obras priorizando uma temática:

- **romances proletários:** *O país do carnaval, Suor e Capitães da areia*.
- **romances do ciclo do cacau:** *Cacau, Terras do sem fim e São Jorge dos Ilhéus*.
- **romances líricos e crônicas de costumes:** *Jubiabá, Mar Morto e Gabriela, cravo e canela*. (Bertotlin & Sinqueira, sd, p. 395).

Em seguida, *outras obras* de Amado são citadas, seguidas pelas “Considerações do autor sobre os *Capitães da areia*”, encerrando o capítulo com a capa de *Capitães da areia*.

No livro *Português: linguagens* (Volume único), de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, produzido pela Editora Atual, em 2003, a unidade 8 apresenta “A segunda fase do modernismo – a prosa e a poesia”. Especificamente no capítulo 40 (p. 408-415), cita “O romance de 30” e apresenta: A estética do compromisso; Caminhos da ficção de 30, Graciliano Ramos: a prosa nua, Leitura: fragmento de São Bernardo, Rachel de Queiroz e o drama da seca no Nordeste, José Lins do Rego: realidade e ficção no engenho, Jorge Amado: as mil faces da Bahia e Érico Veríssimo: resgate histórico e crítica.

Os autores (William e Thereza) destacam que

As obras da fase inicial da carreira de Jorge Amado (1912-2001) são ideologicamente marcadas por ideias socialistas. Em romances como *O país do carnaval, Cacau e Suor*, o autor retrata, num tom direto, lírico e participante, a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares, abordagem que foi se aprofundando ao longo de sua carreira. A seca, o cangaço, a exploração do trabalhador urbano e

rural, o coronelismo são alguns dos temas abordados.

Tendo a Bahia como espaço social de suas obras em *Capitães da areia*, o escritor denuncia o abandono das crianças de rua de Salvador, em *Terras do sem-fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, retrata as lutas entre os coronéis do cacau e os exportadores. Na fase final de sua obra, em romances como *Gabriela, cravo e canela*, *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tieta do Agreste*, entre outros, o escritor compõe um rico painel de costumes da sociedade baiana, em seus aspectos culturais, comportamentais, linguísticos, religiosos etc.

Vista no conjunto, a obra de Jorge Amado apresenta altos e baixos, uma vez que revela certo descuido formal, abuso de clichês e lugares-comuns. Contudo, Jorge Amado é o escritor brasileiro que mais conseguiu popularidade entre o grande público, tendo obras adaptadas inúmeras vezes para a TV e para o cinema (2003, p. 414).

Como excerto de destaque, os autores apresentam um pequeno fragmento de *Tieta do Agreste*, mas não há contextualização ou qualquer atividade sobre a obra. O objetivo é a leitura do texto.

O livro *Textos: Leituras e Escritas*, produzido por Ulisses Infante juntamente com a editora Scipione, tem sua primeira edição publicada em 2005. O exemplar analisado é a segunda edição do livro, produzido no ano de 2008. Na Unidade 28, sob o título de *Segunda geração do Modernismo Brasileiro – A prosa de ficção (I)*, Ulisses Infante aponta duas vertentes: regionalismo e intimismo.

A prosa de ficção da segunda geração modernista teve duas vertentes: a dos ficcionistas que se costumam chamar de regionalistas e as dos ficcionistas que são considerados psicologizantes ou intimistas. Essa distinção, no entanto, não é rígida, exatamente porque essas duas maneiras de pensar a literatura não se excluem mutuamente nem se opõem. Fazem parte do primeiro grupo, entre outros, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, todos nordestinos. No segundo

grupo costumam ser citados Érico Veríssimo, Dyonélio Machado, Cyro dos Anjos, Cornélio Pena, entre outros. Chamamos a sua atenção para o fato de que tanto Graciliano Ramos como Érico Veríssimo não cabem exclusivamente num grupo nem outros (2008, p. 569).

A introdução do capítulo é seguida pela apresentação de escritores, uma breve biografia e um excerto de uma obra selecionada. Os escritores contemplados são: José Lins do Rego com *Fogo morto*; Graciliano Ramos com *Linhas tortas*, *São Bernardo* e *Vidas secas*; Rachel de Queiroz com *O Quinze*; Jorge Amado com o capítulo 3 de *Terras do sem fim*. Representando a prosa psicológica, aparece Érico Veríssimo com *O escritor e o espelho* e *Um certo capitão Rodrigo*, e, por fim, Cyro dos Anjos com *O amauense Belmiro*.

Com relação a Jorge Amado e sua obra, o autor disponibiliza uma entrevista publicada pelo *Jornal Folha de São Paulo*, em 9 de agosto de 1992 na qual Amado fala sobre a crítica:

[...] A crítica diz que me repito muito. É verdade, tenho dois temas. Um é o tema rural, o estabelecimento da produção do cacau. A outra matriz do meu trabalho é a cidade da Bahia e sua vida popular. Mas os ambientes e os personagens se repetem. São os coronéis, os jagunços, as putas, a gente do povo. Sou incapaz de escrever sobre aquilo que não vivi. [...] Tenho mais consciência dos meus defeitos do que os meus pretensos críticos. Aliás, a crítica em si não significa grande coisa porque acho que o leitor mais interessante do que o crítico. Ele é um cúmplice, participa de sua obra, te dá a medida de que o que você está fazendo está tocando as pessoas. Tem coisas que não me dizem nada: homenagem, prêmios etc. (AMADO apud INFANTE, 2008, p. 585)

Ao direcionar o olhar para a recepção crítica da obra de Jorge Amado, esta além de ser apontada como essencialmente regionalista – por tratar da temática baiana –, é também classificada como neo-realista por basear-se na observação dos fatos. A justificativa para tal “classificação” é a própria fala do escritor ao afirmar-se incapaz de escrever sobre o que não vivera. Ainda com relação à crítica da obra

amadiana, Ulisses Infante traz as reflexões de Antonio Candido e José Aderaldo Castelo.

A importância de Jorge Amado veio do caráter seco, participante e todavia lírico dos seus primeiros livros, que descrevem a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares. (...) Um dos traços de sua maturidade foi a mistura de realismo e romantismo, de poesia e documento, voltando-se para os pobres, para a humanidade da gente de cor da sua terra, que apresenta com uma simpatia calorosa, um vivo senso do pitoresco, e, sempre um imperativo de justiça social sobrepassando a narrativa.

No ano de 1958 surge um Jorge Amado literariamente refeito, em *Gabriela, cravo e canela*, panorama humorístico de uma cidade, com um tom ameno e uma segurança de composição que, aliados à humanidade das personagens, lhe asseguram o maior êxito editorial da literatura brasileira, repercutindo imediatamente no estrangeiro.

A obra de Jorge Amado é dominada pelo impulso, sendo cheia de altos e baixos que revelam descuido de fatura, tanto na composição quanto no acabamento, prejudicando muitas vezes o efeito de sua capacidade fabulosa. (2008, p. 586).

Ulisses Infante corrobora com as afirmações feitas pelos críticos ao concluir que “Em outras palavras: Jorge Amado era capaz de criar belas histórias, mas muitas vezes as contava sem refinamento técnico...” (2008, p. 586). Ao fazer uso do eufemismo “sem refinamento técnico”, seguido de reticências, Infante não só corrobora com a opinião dos críticos como também reafirma a pouca qualidade da obra amadiana, deixando ao professor ou aos alunos a conclusão do “sem refinamento técnico”.

Há um ponto importante na história do livro didático para o Ensino Médio no Brasil. Um momento de reconfiguração, uma interseção – em meados da década dos anos 2000 foi implantado o

## Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio – o PNLEM<sup>302</sup>.

Implantado em 2004, pela Resolução nº 38 do FNDE, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) prevê a universalização de livros didáticos para os alunos do ensino médio público de todo o país. Inicialmente, atendeu 1,3 milhão de alunos da primeira série do ensino médio de 5.392 escolas das regiões Norte e Nordeste, que receberam, até o início de 2005, 2,7 milhões de livros das disciplinas de português e de matemática. Em 2005, as demais séries e regiões brasileiras também foram atendidas com livros de português e matemática. (MEC, 2000, *online*)

Pensando especificamente no ensino de português, principalmente na literatura, os livros que passaram a ser avaliados<sup>303</sup> pelo MEC adotaram apresentações diferentes para a literatura, ficando a critério do professor a escolha do material.

### **Década de 2010<sup>304</sup>**

---

<sup>302</sup> MEC. Apresentação PNLEM. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/pnlem/apresentacao>. Acesso em 20 fev. 2018.

<sup>303</sup> O MEC elabora um guia com uma análise das coleções selecionadas para auxiliar o professor na escolha do livro didático.

FNDE. Guia do Livro Didático. Disponível em:

<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/3812-guia-pnlem-2009>. Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>304</sup> É necessário marcar um momento importante na história do livro didático, pois até 2005 a política de distribuição de livros didáticos pelo MEC não atingia nem o Ensino Médio, nem a Educação de Jovens e Adultos. No ano de 2005, com o Plano Nacional do Livro para o Ensino Médio, o PNLEM. Temos, pela primeira vez, a distribuição de livros de Português e Matemática para esta etapa de ensino. No ano seguinte, houve reposição e complementação dos livros de Matemática e Português, além da distribuição dos livros de Biologia. E assim, gradativamente, nos anos que se seguiram. Houve a política de complementação de reposição dos livros distribuídos nos anos anteriores e a distribuição de livros de outras disciplinas. No entanto, foi só em 2007 que o EJA recebeu livros didáticos. Em 2010 foram investidos R\$ 184 milhões para a aquisição e

Na década de 2010, o escritor baiano é contemplado no estudo da segunda fase modernista, no último ano do Ensino Médio. Marcadamente como representante do romance de 1930.

#### 4.4 OS PARADIDÁTICOS

Além dos compêndios escolares, há também materiais que servem de apoio para professores e professoras, produzidos por editoras de livros didáticos. Como *O Caderno de Leituras*<sup>305</sup>: *A literatura de Jorge Amado*, lançado em 1999, produzido pela editora Companhia das Letras, com uma equipe coordenada por Norma Seltzer Goldstein, elaborou dois cadernos sobre a obra do escritor Amado. No primeiro, após a apresentação dos objetivos do material, há quatro artigos: *Diálogos*, por Norma Seltzer Goldstein; *Representações do feminino*, por Ana Helena Cizotto Belline; *Sociedade em formação: Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres*, por Arnaldo Franco Júnior; e *A prosa de Jorge Amado: expressão de linguagem e de costumes*, por Ana Elvira Luciano Gebara e Silvia Helena Nogueira. Após os artigos, há depoimentos de: Antonio Candido, Claude Guméry-emery e Myriam Fraga. Apresenta-se também a trajetória do autor e as referências bibliográficas. No segundo, *Cadernos de leitura: O universo de Jorge Amado*, organizado e apresentado por Ilana Goldstein e Lilia Moritz Schwarcz, patrocinado pela Odebrecht, publicado em 2009. Apresenta os seguintes ensaios: *Jorge Amado e o Brasil*, de José Castello; *A militância política na obra de Jorge Amado*, por Luiz Gustavo Freitas Rossi; *O artista da mestiçagem*, Lilia Moritz Schwarcz; *Religião e sincretismo em Jorge Amado*, por Reginaldo Prandi; *A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado*, Ilana Seltzer Goldstein. Apresenta também depoimentos de Jorge Amado e Mía Couto. Seguida da Cronologia, Bibliografia e das Adaptações para cinema e televisão e trilhas sonoras. Os cadernos pretendem dar apoio

---

distribuição de 17 milhões de livros para complementação e reposição da distribuição integral realizada em 2009.

FNDE. Programa do livro didático. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>305</sup> Cadernos de apoio pedagógico: *Jorge Amado*. Produzido pela editora Companhia das Letras. Disponível em:

<http://www.jorgeamado.com.br/professores/professores01.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

didático aos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio que queiram trabalhar com a obra do escritor nas escolas<sup>306</sup>.

Outra fonte importante de conteúdo, principalmente na área da literatura, é a TV Escola<sup>307</sup>, criada em 1996.

A TV Escola é um canal de televisão do Ministério da Educação que capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública desde 1996. Sua programação exibe, nas 24 horas diárias, séries e documentários estrangeiros e produções próprias.

Os principais objetivos da TV Escola são o aperfeiçoamento e valorização dos professores da rede pública, o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e a melhoria da qualidade do ensino.<sup>308</sup>

Em 1996, o ponto de partida da TV Escola fora dado através do envio (para escolas públicas com mais de 100 alunos) de um conjunto composto por um televisor, um vídeo cassete e uma antena parabólica, um receptor de satélite e um conjunto de dez fitas de vídeo VHS, para iniciar a gravação dos programas, incluindo também as grades de programação. Em mais de duas décadas, o programa cresceu e está presente oficialmente em 39.634 escolas da rede pública. Transmitindo dezessete horas de programação diária, incluindo reprises dos programas para que as escolas consigam ter acesso à programação que se divide em programas para atender o Ensino Fundamental e Ensino Médio, além dos programas *Salto para o Futuro* e *Escola Aberta* (programação especial destinada à comunidade e exibida aos sábados, domingos e feriados. Além disso, TV Escola apresenta-se através de aplicativos para

---

<sup>306</sup> O conteúdo dos cadernos está disponível para *download* no site: [www.jorgeamado.com.br](http://www.jorgeamado.com.br).

<sup>307</sup> A TV Escola é um Programa da Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação. É um canal via satélite que entrou no ar em 4 de março de 1996. O canal destinado à educação é dirigido à capacitação, atualização e aperfeiçoamento de professores do Ensino Fundamental e Médio da rede pública.

<sup>308</sup> BRASIL. TV Escola. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12336:tv-escola&catid=299:tv-escola&Itemid=685&msg=1](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12336:tv-escola&catid=299:tv-escola&Itemid=685&msg=1). Acesso em; 12 jan. 2018.

celulares, em redes sociais (*Facebook, Twitter*) e em um canal no *Youtube*<sup>309</sup>.

A produção de material da TV Escola é abrangente e, mais especificamente, do escritor Jorge Amado temos na videoteca uma série sob o título: *Amado* que apresenta a seguinte sinopse:

O especial Amado faz uma análise crítica sobre a obra de um dos maiores escritores do Brasil: Jorge Amado, com o depoimento de especialistas e pesquisadores da obra do escritor baiano. Produzido pela TV Escola para celebrar os 100 anos de nascimento de Jorge Amado, a série tem cinco episódios: *Bahia, Mulher, Escritor, Adaptações e Heranças*. Cada um deles mostra as diversas leituras possíveis para seus livros e como os temas retratados permanecem atuais.<sup>310</sup>

No primeiro episódio: *Bahia*<sup>311</sup>, produzido em 2012, com duração de 21 minutos e 33 segundos, apresenta a seguinte sinopse:

Jorge Amado tornou a Bahia uma característica central de suas obras: seu contato com a cultura popular e afro-brasileira, desde a adolescência em Salvador, se refletiu na literatura. O primeiro episódio da série Amado mostra como a vida e obra do escritor se misturam, quem são seus personagens, como eles aparecem nos livros, a relação do escritor com o modernismo e como ele usou a Bahia para falar de temas que são comuns em todo o mundo e o tornaram conhecido internacionalmente.<sup>312</sup>

O documentário apresenta as análises dos professores de Literatura, Eduardo de Assis Duarte (UFMG) e Eneida Leal Cunha, da PUC/RJ. O primeiro recorda a trajetória de Jorge Amado, após chegar a

---

<sup>309</sup> TV ESCOLA, canal no *Youtube*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/user/tvescola>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>310</sup> YOUTUBE. *Serie Amado*. Disponível em:

<https://tvescola.org.br/tve/videoteca/serie/amado>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>311</sup> Faixa etária indicativa 16 a 18 anos, (Ensino Médio).

<sup>312</sup> YOUTUBE. *Serie Amado*. Disponível em:

<https://tvescola.org.br/tve/videoteca/serie/amado>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Salvador, aos 16 anos. A imagem de uma cidade, ainda provinciana, formada por vários tipos humanos. Dessa vivência e observação suas personagens vão ganhando vida. A segunda reitera sobre a riqueza dos tipos que viviam na cidade, contrastando com a pobreza da maioria da população. O documentário apresenta ainda as análises e comentários do escritor Dominício Proença, da antropóloga Ilana Goldstein, Cecília Amado, da pesquisadora Marisa Mello, o músico e compositor Dori Caymmi. Todos refletem sobre a composição das personagens de Amado a partir das vivências do escritor pela cidade.

No segundo episódio: *Mulher*, produzido em 2012, com duração de 19 minutos e catorze segundos, apresenta na sinopse:

A segunda fase da carreira de Jorge Amado começa a colocar a mulher em posição de destaque. A partir de Gabriela, a figura feminina se torna protagonista na obra do escritor, e é retratada como prova do modernismo e coragem. O momento coincide, também, com o momento em que o comunismo, antes presença forte em seus livros, começa a se dissolver nos romances de Amado. Neste documentário, especialistas relatam as características dessas mulheres – Gabriela, Dona Flor, Tereza Batista e Tieta – e como elas foram influentes para o crescimento da obra de Jorge Amado.<sup>313</sup>

O professor Eduardo de Assis Duarte destaca que, após o desligamento do escritor do Partido Comunista, sua literatura ganha novos contornos. Com a publicação de *Gabriela, cravo e canela*, as mulheres começam a ter um espaço na obra de Amado. A professora Ana Helena Cizotto Belinne destaca a mudança de tom da escrita de Amado, após sua decepção com o comunismo, em 1958. É um tom mais leve, engraçado, humorístico, mas sem abandonar a preocupação com os oprimidos. Para a pesquisadora Marisa Mello, a crítica corrobora com o novo tom da obra, com uma linguagem mais leve, desvinculada da questão política e, principalmente, com uma trama melhor articulada. A construção das personagens femininas, para a professora Ilana Goldstein, permitiu a Amado abandonar o maniqueísmo entre ricos e pobres, dando ênfase à cultura popular. As análises seguintes referem-se

---

<sup>313</sup> YOUTUBE. *Serie Amado: Mulher*. Disponível em: <https://tvescola.org.br/tve/video/amado-mulher>. Acesso em: 12 fev. 2018.

à construção das personagens femininas, antecipando uma problemática que é a representação do papel da mulher na sociedade.

O episódio de número três “Escritor”, com 23 minutos e 23 segundos, apresenta uma breve biografia do escritor.

Nascido em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia, Jorge Amado ainda adolescente passou a viver em Salvador, onde viu e viveu muitas das experiências retratadas em seus livros. O escritor conhecido como "Romancista do Povo" foi desde deputado federal pelo Partido Comunista, quando defendeu a liberdade religiosa na Constituinte de 1946, até membro da Academia Brasileira de Letras. O terceiro episódio da série Amado mostra as características e contradições de um dos literatos mais lidos e traduzidos do Brasil.<sup>314</sup>

O episódio seguinte trata das adaptações que a obra de Amado teve no cinema, teatro, televisão e também na música.

Além do sucesso na venda e tradução de livros, Jorge Amado é o autor da literatura brasileira que mais teve adaptações para o cinema, teatro e televisão. Este episódio da série Amado mostra os diversos produtos em que se transformaram sua obra, o estímulo que elas têm na leitura e divulgação do autor e como era a postura do próprio Amado em relação às produções feitas sob os olhos de outras pessoas. A cineasta Cecília Amado, neta de Jorge, fala sobre a adaptação do livro *Capitães da Areia*, e Dori Caymmi conta como sua família musicou alguns dos poemas do escritor baiano.<sup>315</sup>

Jorge Amado é o escritor brasileiro que mais teve adaptações de sua obra para o teatro, televisão e cinema. Cecília Amado destaca que as adaptações não eram bem recebidas pelo escritor, pois para ele a

---

<sup>314</sup> YOUTUBE. *Serie Amado: Escritor*. Disponível em:

<https://tv Escola.org.br/tve/video/amado-escritor>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>315</sup> YOUTUBE. *Serie Amado: Adaptações*. Disponível em:

<https://tv Escola.org.br/tve/video/amado-adaptacoes>. Acesso em: 12 fev. 2018.

literatura tinha uma dimensão muito maior. O escritor não assistia as adaptações de suas obras. A pesquisadora Marisa Mello apresenta o posicionamento do escritor frente às adaptações, mesmo contrário a elas, as vendia por valores consideráveis, pois vivia disso. Segundo ela, as adaptações estimulavam a leitura, aumentavam a visibilidade do autor e sua obra. Discute-se ainda no documentário, a riqueza das personagens criadas ao longo da carreira de Amado e, de como essas personagens cativam diretores e o público leitor e, posteriormente, o público das adaptações audiovisuais. Cecília Amado explica o processo de adaptação do livro *Capitães da areia*, para o cinema em 2011. Em 1969, o livro ganhou uma versão para as telas, através do diretor americano Hall Bartlet. O filme foi gravado em Salvador com atores estrangeiros. A música foi composta por Dorival Caymmi. Em 1971, recebe o prêmio de melhor filme no festival de Moscou. Ilana Goldstein destaca que a imagem da Bahia produzida pelas adaptações é mais estereotipada, mais clichê, diferente da Bahia presente nas obras de Jorge Amado. Além disso, também pelo fato de o escritor já produzir uma literatura mais sensual, a televisão ao explorar a sensualidade a faz em uma escala maior. Como a famosa cena em que Gabriela sobe em um telhado para pegar uma pipa. A cena foi produzida para mostrar o corpo de Gabriela. Cena que não se encontra no livro. As adaptações devem ser vistas de uma maneira crítica, pois nem sempre representam a obra do escritor, mas a releitura feita por outra pessoa. Cecília Amado enfatiza a importância da obra de Jorge Amado em se perpetuar para as novas gerações, indiferente do formato que se apresente.

O último episódio sob o título de *Heranças*, com 22 minutos e 35 segundos, apresenta como a obra de Jorge Amado atingiu os leitores, não só no Brasil, mas também no mundo.

Jorge Amado se antecipou e denunciou algumas das principais mazelas da sociedade moderna brasileira, e muito do conteúdo de seus livros ainda se reflete no Brasil da atualidade. O olhar clamando liberdade para a população negra, pobre e desprivilegiada é uma das tônicas da sua literatura. O último documentário da série Amado mostra, com o depoimento de pesquisadores, como a obra do escritor baiano é admirada por

ricos e pobres, homens e mulheres, e continua viva no imaginário brasileiro.<sup>316</sup>

A série se destina a estudantes de 16 a 18 anos e procura traçar um panorama da obra de Jorge Amado, lançando aos jovens estudantes do Ensino Médio um pouco da trajetória do escritor.

#### 4.5 JORGE AMADO NO VESTIBULAR

O vestibular nem sempre teve o formato como o conhecemos. Em um estudo sobre a leitura de literatura no vestibular, *Dez livros e uma vaga*, Claudete Amália Segalin de Andrade faz uma breve explanação sobre o vestibular e sua historicidade. Destacando que, no período de 1930 a 1942, a educação dividia-se em dois ciclos: o ginasial (em 5 anos) e o complementar em 2 anos. O complementar também era chamado de pré-universitário, pois era um tipo de especialização mínima determinado pelo curso pretendido: Direito, Ciências Médicas ou Engenharia. A partir de 1942, com a Reforma de Gustavo Capanema, alterou-se a estrutura do ensino secundário, passando a ter dois ciclos: o primeiro ciclo ou ginasial e o segundo ciclo (colegial clássico e o científico). Portanto, passou para o segundo ciclo a preparação dos alunos para o terceiro grau.

Esse modelo, apesar de ser perpassado pela mudança da legislação educacional<sup>317</sup>, manteve sua maneira de operação praticamente inalterada ao longo de décadas. Uma das principais mudanças ocorreu com a Lei 5.692/1971, através da qual os conteúdos foram definidos como “conhecimentos comuns às diversas formas de educação de segundo grau, compondo as matérias do Núcleo Comum<sup>318</sup>, a serem considerados para a produção das provas” (ANDRADE, 2003, p. 28).

Assim, de acordo com Lelis

Estabelecia-se [...] um vínculo entre o ensino superior e o ensino médio, em que o vestibular desempenharia uma função na qual a unicidade de conteúdos tinha sentido ‘democratizante’ da

<sup>316</sup> YOUTUBE. *Serie Amado: Heranças*. Disponível em:

<https://tv Escola.org.br/tve/video/amado-herancas>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>317</sup> Lei 4.024/1961; Lei 5.540/1968; Lei 5.692/1971.

<sup>318</sup> As matérias de Núcleo Comum eram Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências.

modificação, uma vez que se apoiava na igualdade de condições para todos os candidatos através da fixação de estudos gerais comuns às diferentes formas e tipos de escolas de 2º grau” (1985, p. 34 *apud* ANDRADE, 2003, p. 28).

Essa maneira de “democratização” do acesso ao ensino superior, objetivou, através do primeiro ciclo de estudos, o chamado “ciclo básico”, na verdade, com a função de recuperar as falhas advindas da má-formação no ensino secundário. Ainda com o objetivo de ter de fazer uma verdadeira seleção no contingente de candidatos aprovados, tendo como justificativa a incompetência do aluno quanto à escrita, em 1978, a redação foi incluída nas provas dos vestibulares. Tais provas até então eram formadas somente por questões de múltipla escolha.

A inclusão da redação ainda hoje é vista com alguma desconfiança, representou segundo alguns analistas, a elevação progressiva dos critérios de eliminação, o que teria se agudizado mediante a diferença entre o ensino público e o privado. Beneficiado por uma educação tida como de melhor qualidade, o candidato proveniente de escola particular estaria em melhores condições de disputar uma vaga na universidade do que aquele formado em escolas públicas (ANDRADE, 2003, p. 32).

Outro ponto questionado quando da introdução da redação no vestibular deu-se a respeito à correção da prova que passava a ter a interferência da subjetividade. Críticas e questionamentos ainda resistem desde a implantação da redação no vestibular. A produção feita pelos alunos pode mascarar o desempenho dos altamente “treinados” para a prova ou até mesmo explicitar os reais problemas na etapa escolar, bem como nas anteriores. Desse modo, “incluída no vestibular como uma medida corretiva em face do problema da escrita, a redação explicitou outras questões críticas da formação do estudante” (ANDRADE, 2003, p. 33). Um dos principais pontos era verificar a qualidade do ensino ao longo de todas as etapas de ensino.

Ainda, devido à baixa qualidade da expressão escrita dos alunos percebida nas redações e nas questões dissertativas proposta nos vestibulares, apresentou-se no final dos anos 1980 e início dos anos de 1990 – uma inovação – “a exigência de leitura de literatura como parte

do conteúdo obrigatório para as provas de língua portuguesa” (ANDRADE, 2003, p. 34).

Desse modo, a leitura voltou à cena e “interferiu de algum modo numa das questões mais candentes do ensino” (ANDRADE, 2003, p. 34). Sua obrigatoriedade objetivava proporcionar aos alunos o contato com as obras clássicas e, conseqüentemente, desenvolver o gosto pela escrita e uma escrita de qualidade.

Por sugestão do professor de Henrique Muracho, professor de grego da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da USP, a FUVEST, lança, 1989, a primeira lista de indicações de leitura para ser aplicada em 1990 com o objetivo de melhorar o desempenho do aluno na prova de redação (ANDRADE, 2003, p. 35).

A lista<sup>319</sup> de leituras obrigatórias da FUVEST para o vestibular de 1990 foi: *Iracema*, de José de Alencar; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; *Reunião* (10 livros de poesia), de Carlos Drummond de Andrade e *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Assim, ao longo dos anos, a indicação de livros, em sua maioria, de escritores já conhecidos e legitimados pela crítica literária perpetuou um cânone produzido via currículos escolares.

Sob outro prisma, a indicação de obras obrigatórias parte do princípio que as indicações já fazem parte do universo de leitura dos estudantes do ensino médio. No entanto, pelos mais diversos motivos, as obras são conhecidas, mas não são ou não foram lidas pela maioria dos estudantes. Dessa forma, o fato de ler torna-se uma imposição externa à escola.

“Esta se torna uma questão mais complexa à medida que vêm sendo incluídas obras mais recentes nas listas” (ANDRADE, 2003, p. 37) ou até mesmo fora do que é considerado “cânone literário”, aqui pensemos no cânone escolar. Vejamos o exemplo de Jorge Amado. Mesmo com todo sucesso de vendas, no sistema escolar a obra do escritor foi pouco contemplada. Praticamente, desconhecido no Ensino

---

<sup>319</sup> FUVEST. *Lista de leituras obrigatórias para o vestibular FUVEST 1990*. Disponível em: <http://acervo.fuvest.br/fuvest/1989/man1989.pdf>. Acesso em: 15 Jan. 2017.

fundamental I, quase invisível na segunda etapa do Ensino Fundamental II. No Ensino Médio encerra sua participação como um dos nomes representativos na geração de 1930.

#### 4.5.1 A presença de Jorge Amado nas listas de leituras obrigatórias

A pretensão deste ponto da pesquisa é promover uma análise a partir de um *corpus* de pesquisa que envolva algumas das principais universidades do país. Até porque ao pesquisar as obras indicadas como leitura obrigatória percebe-se, com raras exceções, que muitas universidades procuram estabelecer suas indicações a partir da indicação das grandes universidades do país.

Destacamos que as leituras obrigatórias também não atingem a maioria das universidades privadas. Atualmente, há universidades privadas que não utilizam lista de livros em sua seleção, pois a fazem através de prova objetiva ou pela análise de currículo.

A sistemática adotada para as leituras obrigatórias dentre as universidades que exigem tais leituras, apresentam variações. Por exemplo, há universidades que adotam uma mesma lista com indicações de leituras válidas para dois ou três anos e outras, leituras para apenas um ano. Apresentam ainda variações na quantidade de livros exigidos, por vezes poucos exemplares (3 a 4 livros) e por vezes uma lista mais extensa (com dez ou mais livros). Além da variação na quantidade de obras selecionadas, Claudete Andrade aponta, especificamente sobre as leituras obrigatórias da UFSC, também que as obras foram divididas em diferentes grupos para acompanhar os diferentes momentos da produção ficcional brasileira:

O primeiro grupo é composto de *Menino de engenho*, *São Bernardo* e *Vidas secas*, dos anos 30 aos 50; o segundo é composto de obras experimentais ou contemporâneas, segundo a crítica produzida entre os anos 60 e 70, e dele fazem parte *Laços de família*, *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, *Sargento Getúlio*, *Um copo de cólera* e *Verde vale*. Do terceiro e último grupo e último grupo, definido como produção metaficcional, participam textos da década de 1980 e 1990, como *A maçã triangular*, *Tocaia Grande*, *Bufo & Spallanzani*, *Trapo*, *As horas de Zenão das Chagas*, *Noturno*, *Os papéis do coronel*, *Uma noite em Curitiba*. (2003, p. 61)

A autora destaca que essa divisão é precária, pois ajuda parcialmente o estudioso de literatura. E é, justamente, neste ponto que ancoramos a obra de Jorge Amado e suas indicações como leitura obrigatória em alguns vestibulares no país. O *corpus* de universidades selecionadas foi somente aquelas que disponibilizaram suas listas na rede mundial de computadores.

Na elaboração da tabela, utilizei informações das leituras obrigatórias disponíveis nos *sites* das universidades. A coleta de dados demandou muito tempo. A busca era em cada universidade e também ano por ano. Organizei os dados em ordem crescente, começando no ano de 1997 até 2019. À esquerda, o ano do vestibular, seguida pela obra do escritor selecionada como leitura obrigatória, a instituição que realizou o vestibular e, por fim, o local da universidade. Saliento que os dados são uma amostra, somente com informações disponíveis *online*. Nem todas as universidades têm disponíveis as listas com as leituras obrigatórias.

No quadro a seguir algumas das indicações de Jorge Amado como leitura obrigatória.

**Figura 50 – Jorge Amado como leitura obrigatória**

Ano	Obra	Instituição	Localização
1997	<i>A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	Florianópolis (SC)
2001	<i>Jubiabá</i>	UFBA (Universidade Federal da Bahia)	Bahia (BA)
2002	<i>Jubiabá</i>	UFBA (Universidade Federal da Bahia)	Bahia (BA)
2003-2005	<i>Terras do Sem Fim</i>	UFPR (Universidade Federal do Paraná)	Paraná (PR)
2005	<i>O País do Carnaval</i>	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	Florianópolis (SC)
2005-2006	<i>Terras do Sem Fim</i> <sup>320</sup>	UFSM (Universidade Federal de Santa Maria)	Santa Maria (RS)

<sup>320</sup> Tiane Reusch de Quadros Robert, em sua dissertação de Mestrado, *A formação do leitor e as obras indicadas para os vestibulares*, teve como objetivo propor uma reflexão acerca do trabalho com a disciplina de Literatura Brasileira, especialmente no que diz respeito às obras indicadas para os processos seletivos da Universidade Federal de Santa Maria (PEIES2 e

2009	<i>Capitães da areia</i>	USP (Universidade de São Paulo) UNICAMP (Universidade de Campinas)	São Paulo (SP)
2009-2010	<i>Capitães da areia</i>	PUC (Pontifícia Universidade Católica)	São Paulo (SP)
2010	<i>Capitães da areia</i>	FUVEST (Fundação do Vestibular)	São Paulo (SP)
2010	<i>Capitães da areia</i>	PUC (Pontifícia Universidade Católica)	São Paulo (SP)
2010-2012	<i>Capitães da areia</i>	USP (Universidade de São Paulo) UNICAMP (Universidade de Campinas)	São Paulo (SP)
2011	<i>Capitães da areia</i>	FANEMA (Faculdade de Medicina de Marília)	Marília (SP)
2011	<i>A morte e a morte de Quincas Berro D'água</i>	UEMA (Universidade Estadual do Maranhão)	Maranhão (MA)
2011	<i>Tenda dos Milagres</i>	UNEB (Universidade do Estado da Bahia)	Bahia (BA)
2011	<i>Capitães da areia</i>	UNITAU (Universidade de Taubaté)	Taubaté (SP)
2011	<i>Capitães da areia</i>	UFJF (Universidade de Juiz de Fora)	Juiz de Fora (MG)
2011	<i>Capitães da areia</i>	UFS (Universidade Federal de Sergipe)	Sergipe (SE)
2011	<i>A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UFPel (Universidade Federal de Pelotas)	Pelotas (RS)
2011	<i>A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UEMA (Universidade Estadual do Maranhão)	Maranhão (MA)
2011	<i>Capitães da areia</i>	UFS (Universidade Federal de Sergipe)	Sergipe (SE)
2011	<i>Mar morto</i>	Unimontes (Universidade	Montes Claros

vestibular). Dentre elas destaca-se a análise feita da obra Terras do Sem Fim de Jorge Amado. Disponível em:

<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9944/tiane.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 12 jan. 2018.

		Estadual de Montes Claros)	(MG)
2011-2013	<i>Capitães da areia</i>	PUC (Pontifícia Universidade Católica) UNICAMP (Universidade de Campinas)	São Paulo (SP)
2011-2013	<i>Capitães da areia</i>	FUVEST (Fundação do Vestibular)	São Paulo (SP)
2012-2014	<i>Capitães da areia</i>	FUVEST (Fundação do Vestibular)	São Paulo (SP)
2013	<i>Capitães da areia</i>	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	Florianópolis (SC)
2013	<i>Capitães da areia</i>	UNICAMP (Universidade de Campinas) USP (Universidade de São Paulo)	São Paulo (SP)
2014	<i>Gabriela, cravo e canela</i>	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	Florianópolis (SC)
2014-2016	<i>Terras do sem fim</i>	UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Porto Alegre (RS)
2015	<i>Capitães da areia</i>	UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste)	Paraná (PR)
2015-2017	<i>Capitães da areia</i>	UNIOESTE (Universidade do Oeste do Paraná)	Cascavel (PR)
2016	<i>Capitães da areia</i>	Faculdade Cásper Líbero	São Paulo (SP)
2016	<i>Capitães da areia</i>	UNICAMP (Universidade de Campinas)	Campinas (SP)
2016	<i>Capitães da areia</i>	FGV (Fundação Getúlio Vargas)	São Paulo (SP)
2016	<i>Capitães da areia</i>	UNITAU (Universidade de Taubaté)	Taubaté (SP)
2016-2017	<i>A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa)	Ponta Grossa (PR)
2016	<i>Terras do sem fim</i>	UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Porto Alegre (RS)

2016	<i>Terras do sem fim</i>	FAG <sup>321</sup> (Centro Universitário da Fundação Assis Gurugacs)	Cascavel (PR)
2016	<i>Tendas dos milagres A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UNEB (Universidade do Estado da Bahia)	Salvador, BA
2017	<i>A morte e a morte de Quincas Berro d'água</i>	UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa)	Ponta Grossa (PR)
2017	<i>Capitães da areia</i>	FUVEST (Fundação do Vestibular)	São Paulo (SP)
2017	<i>Capitães da areia</i>	UESB (Universidade Estadual da Bahia)	Bahia (BA)
2017	<i>Terras do sem fim</i>	UFRR (Universidade Federal de Roraima)	Roraima (RR)
2017	<i>Capitães da areia</i>	Unicentro (Universidade do Centro-oeste)	Guarapuava (PR)
2017	<i>Capitães da areia</i>	UEMA (Universidade Estadual do Maranhão)	Maranhão (MA)
2019	<i>Capitães da areia</i>	FGV (Fundação Getúlio Vargas)	São Paulo (SP)
2019	<i>Capitães da areia</i>	UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)	Florianópolis (SC)

Fonte: da pesquisadora

Tivemos, portanto, mais de quarenta indicações do escritor baiano como leitura obrigatória de 1997 a 2019. Veja no mapa a seguir, as indicações distribuídas nas regiões do país.

---

<sup>321</sup> Centro Universitário da Fundação Assis Gurugacs, Cascavel, Paraná. \*Prova curso de medicina 2016/2

**Figura 51 – Mapa de Jorge Amado como leitura obrigatória**

**Jorge Amado como leitura obrigatória em vestibulares**



Fonte: da pesquisadora

Ao observar a distribuição das indicações no mapa, percebemos a predominância da Região Sudeste, com 18 indicações (a primeira, em 2009 e a última, em 2019), a Região Sul, com 16 indicações (a primeira, em 1997 e a última, em 2019), a Região Nordeste com 7 indicações (a primeira, somente em 2011 e a última, em 2017) e, por fim, uma indicação na Região Norte (em 2017). A Universidade Federal de Santa Catarina foi a primeira a colocar em sua lista a obra de Jorge Amado *A morte e a morte de Quincas Berro d'água* e também encerra, em 2019 com a indicação de *Capitães da areia*.

As obras indicadas como leitura obrigatória foram:

- a) *O país do Carnaval* (1931) – 01 indicação

- b) *Jubiabá* (1935) – 02 indicações
- c) *Mar Morto* (1936) – 01 indicação
- d) *Capitães da areia* (1937) – 27 indicações
- e) *Terras do sem fim* (1943) – 06 indicações
- f) *Gabriela, cravo e canela* (1958) – 01 indicação
- g) *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* (1959) – 06 indicações
- h) *Tenda dos milagres* (1968) – 02 indicações.

A obra *Capitães da areia*, com 27 indicações como leitura obrigatória é, sem dúvida, um número expressivo. No entanto, as escolhas não foram aleatórias. Ao considerar que o livro tem como temática a vida de adolescentes que viviam em uma grande cidade, tal narrativa, certamente, é uma boa indicação para a faixa etária por tratar-se de uma temática aproximada à vida dos adolescentes, pois as personagens são um grupo de crianças de 9 a 16 anos que vivem em um trapiche à beira do cais, na cidade de Salvador (Bahia). Essas crianças, comandadas por Pedro Bala, sobrevivem de pequenos golpes e furtos que aplicam na região. Dora, uma garota de 13 anos, junta-se ao bando e, com seu jeito amável, vai conquistando todos do bando, principalmente Pedro Bala.

Além da temática, outro fato a ser considerado é que a primeira universidade a colocar uma obra do escritor tenha sido a Universidade Federal de Santa Catarina, em 1997. A Universidade da Bahia apresentou a obra do escritor em sua lista obrigatória, somente no ano do falecimento de Jorge Amado (faleceu em 6 de agosto de 2001, aos 88 anos). Após a universidade da Bahia, as obras foram adotadas pelas universidades do sul do país conhecidas por terem em suas listas obras mais contemporâneas. Somente em 2009-2010 as universidades do centro-oeste contemplaram a obra do escritor em suas listas. Tais indicações poderiam ainda estar sob influência de um movimento em prol da revisão da obra do escritor baiano.

Entre os absurdos que a universidade brasileira comete, há um que certamente chega ao paroxismo: a ausência de estudos sistemáticos e abrangentes sobre a obra de Jorge Amado, o nosso escritor mais lido dentro e fora do país. Essa lacuna, injustificável sob qualquer motivo, deve-se a vários fatores, um dos quais ligados ao falacioso argumento de que a obra do romancista baiano seria de baixa qualidade estética, o que a

tornaria desmerecida de integrar o Olimpo das obras pesquisáveis. (DUARTE, 1995, p. 11)

Tomemos a Universidade Federal de Santa Catarina como exemplo, a lista de leitura contempla pela primeira vez Jorge Amado em 1997, com *A Morte e a morte de Quincas Berro d'água* (1961). Já em 2005, com a obra *O país do carnaval* (1931). Depois em 2013, com *Capitães da areia* (1937) e, para 2019, novamente *Capitães da areia*.

De acordo com Claudete Amália Segalin de Andrade, em seu livro *Dez livros e uma vaga – A leitura de literatura no vestibular*, as indicações fazem parte de um *corpus* de obras literárias divididas em diferentes grupos de acordo com o momento de produção ficcional brasileira presentes nas obras que são selecionadas para o vestibular. Tal análise é passível de observação nos vestibulares de outras instituições espalhadas pelo país. De acordo com ela, o primeiro grupo de obras englobaria as produções dos anos de 1930 e 1940; já o segundo grupo com obras experimentais e contemporâneas englobaria a produção das décadas de 1960 e 1970 e, por fim o terceiro grupo que se caracteriza com obras metaficcionalistas das décadas de 1980 e 1990. Ainda de acordo com Andrade, a inclusão de *A morte e a morte de Quincas Berro d'água* no vestibular da UFSC, em 1997, se deve ao fato de ser uma narrativa diferente e destaca:

[...] Mais próxima do realismo fantástico – do qual é um representante isolado entre os indicados, portanto em sintonia com uma vertente de maior repercussão na América Latina de língua espanhola –, a narrativa de estrutura não linear, com narração em terceira pessoa, desenvolvendo-se entrelaçando presente e passado para dar conta do insólito do enredo: tratar das *mortes* da personagem e dos fantásticos acontecimentos que se desenrolaram na noite mágica do seu velório (ANDRADE, 2003, p. 64).

A pesquisadora ainda acrescenta que:

Através da figura de Quincas Berro D'água/Joaquim Soares da Cunha, bem como da ironia de Jorge Amado aborda dois aspectos da sociedade de Salvador: o da classe média presa a padrões de comportamento assentados num

moralismo nem sempre ortodoxo; e o da classe baixa, próxima ao cais, à zona de prostituição e aos cortiços, em que já uma exuberante efervescência de vida, que se manifesta, paradoxalmente, mesmo durante velório da personagem (ANDRADE, 2003, p. 64).

Já com relação às obras indicadas ao vestibular da UFSC de 2005, o livro do escritor baiano foi *O país do carnaval* (1931).

A escolha, certamente, se deve por ser um representante das obras produzidas nas décadas de 1930 e 1940, já que as demais obras selecionadas abrangem outros períodos. Além disso, com a morte de Jorge Amado em 06 de agosto de 2001, há um novo olhar à obra do autor, com publicações de artigos, resenhas etc. Temos, inclusive, a publicação do livro *Ronda das Américas* (2001)<sup>322</sup>, com o estabelecimento de texto, introdução e notas do professor Raúl Antelo. As narrativas, inicialmente, eram publicadas na contracapa do jornal *Dom Casmurro* (no Rio de Janeiro) - o extinto jornal editado semanalmente - apresentavam o relato de uma viagem feita por Amado por aproximadamente oito meses. Na viagem, ora feita por navio, ora por trem e ora por avião, percorreram a América Latina em 1937. O professor Antelo “arqueólogo da literatura”<sup>323</sup> revalorizou as narrativas da viagem quando da recuperação, análise e posterior publicação dos textos.

Já com relação à presença da obra *Capitães da areia* (1937) o livro é contemplado na lista de leituras obrigatórias dos vestibulares de 2013 e de 2019, respectivamente.

A indicação do livro certamente tem como mote a temática jovem das personagens que se aproximam do público leitor. Outro ponto a ser considerado se deve à intensa presença de Jorge Amado nas pesquisas do NuLIME desde 2013, através do acervo presente na universidade “A mala de Jorge Amado 1941-1942”. Além disso, vemos um movimento favorável à revisão da fortuna crítica de Jorge Amado.

---

<sup>322</sup> Amado, Jorge. *A ronda das Américas*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Raúl Antelo. Salvador: Casa das Palavras. Fundação Casa de Jorge Amado, 2001.

<sup>323</sup> UFSC. *Raúl Antelo recebe prêmio destaque pesquisador UFSC 2010*. Disponível em: <http://noticias.ufsc.br/2010/03/raul-antelo-recebe-premio-destaque-pesquisador-ufsc-50-anos/>. Acesso em: 09 jan. 2018.

Portanto, comprovar a presença de Jorge Amado nas listas de vestibular espalhadas por universidades do país é perceber que, de algum modo, a leitura literária está em movimento, pois, com as indicações, aumentam os empréstimos de livros em bibliotecas, aquecimento no mercado livreiro de exemplares novos ou até mesmo usados, como os sebos, circulação em cadernos literários, círculos de leitura, resenhas ou ainda publicações com estudos aprofundados sobre a obra. Há, ainda, a movimentação da vida literária *online*: os muitos vídeos que circulam pelo *youtube*, *blogs*, *vlogs*, páginas da *web* apresentando a biografia do autor, comentários, resenhas das obras e documentários.

Apesar de todo esse movimento em torno do autor e sua obra, o professor Luciano Lima enfatiza em seu artigo *De como Jorge Amado, da Bahia, navegou, por tanto tempo, fora do alcance dos canhões sem mira da crítica universitária brasileira*, publicado em 2013, a fala de Mário Vargas Llosa que diz: “Jorge Amado, Otavio Paz e Gabriel Garcia Marques são os três maiores escritores latino-americanos. Jorge Amado é grande e consagrado pelo público leitor, dentro e fora do país, menos para grande parte de uma crítica universitária recalitrante” (LIMA, 2013, *online*). Caberia, portanto, uma análise acerca da revisão da obra de Amado. Em quais universidades o escritor é objeto de estudo nos cursos de graduação ou de pós-graduação?

Em seu artigo *A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70* a pesquisadora Suzete de Paula Bornatto<sup>324</sup> apresenta os autores da literatura brasileira que entraram na escola pelas páginas de livros didáticos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau (atualmente, equivalente ao Ensino Fundamental II, do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano). Assim, ao investigar os critérios dessa seleção de autores no contexto da ditadura militar em cinco coleções de antologias (livros didáticos), a pesquisadora conclui que houve interferência política (nem mais nem menos do que em outras décadas) e a existência de um *status* estabelecido com relação a determinado autor “ter mais importância” do que outro. Destaca também a importância dos círculos sociais e editoriais que garantiram maior visibilidade a alguns escritores e, conseqüentemente, por estarem na “vitrine” entraram dos livros didáticos.

---

<sup>324</sup> Membro do NUPES – Núcleo de Pesquisas sobre a Educação dos Sentidos e da Sensibilidade e do NEPHEM – Núcleo de Pesquisas História, Educação e Modernidade da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A expectativa em relação a livros editados sob a ditadura era de que seus textos seriam conformes à ideologia do regime, favoráveis à pátria, ao desenvolvimento, e que os autores selecionados eram pessoas “insuspeitas”, do ponto de vista das amplas possibilidades de censura da época, mas, em uma avaliação mais minuciosa, essa homogeneização não se verifica. O nacionalismo aparece menos do que o esperado, há espaço para autores de diferentes opções políticas, desde que literariamente legitimados (2014, p. 99).

Ao longo desse trabalho apresentei alguns pesquisadores e seus respectivos trabalhos que legitimaram a obra do escritor baiano. Nesse capítulo, verifiquei a presença do escritor Jorge Amado em antologias, livros didáticos do Ensino Fundamental II e também no Ensino Médio. Além de apresentar quais obras e em quais universidades o escritor consta na lista de leituras obrigatórias para o vestibular. Ao fazer a leitura de tantos compêndios escolares, percebi que dentro do sistema literário, a escola também foi considerada uma instituição responsável por estabelecer um cânone literário. Na busca pela presença de Jorge Amado, sua obra ou excertos dela, na historiografia literária escolar, destacou-se o peso da crítica literária, a opção por uma linguagem coloquial e a militância política. Aspectos que fizeram parte desse processo de invisibilidade na formação do leitor literário, que começa nos anos de 1941-1942, período que nos dedicamos a entender Jorge Amado, militante e escritor, através da materialidade do acervo que denominamos *A Mala de Jorge Amado*.

## 5 EDUCAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO METÁFORA SOCIAL<sup>325</sup>

*“Eles tiveram que forjar para si uma arte de viver em tempos de catástrofe para nascer uma segunda vez e em seguida lutar, com o rosto descoberto, contra o instinto de morte que está ativo em nossa história”.*

Alberto Camus<sup>326</sup>

A literatura de Jorge Amado, os documentos do acervo, a revisão crítica da obra e a análise de compêndios escolares me conduziram até esse capítulo. Aqui me posiciono como professora, direcionando meu olhar para uma prática que vai além de nossos autores, autoras, datas e obras. A literatura atrelada ao sistema de ensino em seus vários níveis nem sempre foi a (pre)ocupação primeira dos teóricos da literatura e dos programas de pós-graduação em Literatura e Letras. “Como aconteceu de o ensino de literatura na escola ter-se tornado o que é atualmente? [...] A resposta poderia ser simples: trata-se do reflexo de uma mutação ocorrida no ensino superior” (TODOROV, 2014, p. 35). Segundo Todorov se os professores, em sua grande maioria, adotaram esse novo modelo de escola, é porque os estudos literários evoluíram da mesma forma nas universidades: antes de serem professores eles também foram alunos. Essa mudança ocorreu, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970 (na França). No Brasil, a década de 1960-1970 foi possível perceber nos livros didáticos, analisados no capítulo anterior, a presença do estruturalismo. O predomínio da gramática ante o texto literário. E, no texto literário uma análise estrutural da obra: biografia do autor, protótipos possíveis de personagens, variantes da obra entre outros, como exemplifica Todorov (2006) em seu livro *As estruturas*

---

<sup>325</sup> O título do capítulo foi inspirado no livro de Cyana Leahy-Dios, publicado em 2000, pela EdUFF.

<sup>326</sup> Discurso do dia 10 de dezembro de 1957. Disponível no site da Fundação Nobel.

PETIT, Michéle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009, p. 15.

*narrativas*. Roland Barthes<sup>327</sup>, em seu escrito “Reflexões a respeito de um manual” questiona: “Será que a literatura pode ser para nós algo que não uma lembrança de infância? Quero dizer: o que é que continua, o que é que persiste, o que é que fala da literatura depois do colégio?” (BARTHES, 1988, p. 53). Em seu inventário objetivo o autor destaca o pouco uso da literatura na vida cotidiana, mas que (os franceses) habituaram-se a assimilar a literatura à história da literatura. “A história da literatura é um objeto essencialmente escolar”. [...] “A literatura é aquilo que se ensina, e ponto final. É um objeto de ensino”. Continuando com as indagações, a pesquisadora Cyana Leahy-Dios<sup>328</sup> diz: “para que temos literatura no currículo escolar de segundo grau? Qual a importância no contexto educacional de nosso tempo? Qual o papel da literatura na sociedade que temos e que queremos ter?” (2000, p. 13). Acrescento ainda outro questionamento sobre o apagamento (ou a diminuição) da leitura do texto literário no Ensino Fundamental II. Onde está o texto literário?

Responder a tais indagações demanda reflexão, pois “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que ao longo da história suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2014, p. 22). Discursos estes definidos e reafirmados não somente pelas políticas públicas educacionais, mas principalmente por essas fronteiras inconstantes que a literatura ocupa em algumas etapas de ensino. Há, portanto, um descompasso entre o que é postulado em documentos oficiais<sup>329</sup>, prática, metodologias, currículo e historiografia e sua real aplicabilidade no cotidiano das escolas espalhadas pelo país.

Atualmente, temos o ensino da literatura ancorado em algumas práticas: as metodologias do Ensino de Literatura. Uma delas é a apresentação de conceitos e definições como, por exemplo, o que é

---

<sup>327</sup> Reflexões acerca de sua leitura de um manual de história da literatura francesa.

<sup>328</sup> Cyana Leahy-Dios (brasileira) desenvolveu pesquisa acerca de como se configura a educação literária e também de como se estabelece o processo de ensinar e aprender literatura. Através de um trabalho de observação e, posterior, coleta de dados de alunos e professores (brasileiros e ingleses) a pesquisadora apresenta a configuração dos modelos brasileiro e inglês de educação literária.

<sup>329</sup> As leis foram abordadas em capítulos anteriores. A lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (BRASIL, 1998), as *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2000) e a *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018).

linguagem literária, gêneros literários e não-literários, verso e prosa, versificação, escolas literárias dentre outros. Ou ainda o estudo através da historiografia literária com o uso de excertos de textos de determinada época. Apresentação de fragmentos de textos e autores referendados pela tradição canônica ou textos representativos do escritor que representem determinado movimento literário ou geração literária a qual pertence. Dentre os procedimentos utilizados para o ensino da literatura, temos breves explicações sobre os movimentos literários, bem como apresentação de datas e obras que se destacam no período. As aulas, em sua grande maioria, são expositivas, tendo o aluno praticamente um papel passivo nesse processo. E, por fim, a literatura como leitura obrigatória para vestibulares e, particularmente, nessa modalidade, tem a apresentação da obra literária em sua totalidade, evitando-se o trabalho com excertos.

Portanto, o distanciamento da documentação oficial da prática educativa, deixando o ensino da literatura relegado a um não-lugar, também é discutido por Cereja em seu livro *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura* (2005, p. 126). Os documentos publicados a partir da Lei 9394/96, que inclui os Pareceres, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio e os Parâmetros Curriculares Nacionais [e a Base Nacional Comum Curricular]. Para cereja, esses documentos pressupõem um caminho “de busca do conhecimento significativo para o aluno, de intercâmbio de conhecimentos entre as várias disciplinas, de participação social e compromisso com a cidadania, de integração do estudante ao mundo globalizado e tecnológico, entre outras metas”. No entanto, esse descompasso – visível ao longo da minha pesquisa – apresenta o ensino da literatura calcado sobre areia movediça. Principalmente, por que temos um novo panorama escolar e um perfil de estudante também novo, temos uma escola que não é mais destinada somente à elite, mas que atende a todos. Para Regina Zilberman

O novo panorama escolar, vigente até os dias de hoje, caracteriza-se pela ruptura com a história do ensino da literatura, porque se dirige a uma clientela para a qual a tradição representa pouco, já que aquela que provém de grupos aos quais não pertence e com os quais não se identifica. A nova clientela precisa ser apresentada à literatura, que lhe aparece de modo diversificado e não

modulado, tipificado ou categorizado. (2009, p. 15).

Assim, o sistema de ensino precisa atender essa nova clientela que, tem na escola seu primeiro contato com os livros. Desse modo, nesse novo panorama, um dos principais objetivos é a formação de um leitor literário, pois a literatura se expressa e faz uso da cultura e da expressão artística dos povos utilizando-se da palavra. E fazendo uso dessa palavra também atinge a sensibilidade, o lado emocional e o racional dos leitores e leitoras e também de grupos sociais. É através da leitura/literatura que a comunicação acontece, transmitindo ideias, sensações, sentimentos e maneiras distintas de pensar. Diferentemente, das leituras de outros textos que despertam sentidos, o texto literário o faz de um modo mais abrangente (recursos de expressão, estrutura, relações entre forma e conteúdo, aspectos do estilo pessoal, contextualização histórico-cultural, tradição literária entre outros). Atinge uma significação mais ampla ao representar, no campo do simbólico, imagens que se traduzem em uma imaginação criadora, não mais um resíduo da realidade, mas a essência criadora, nem sempre apresentada de forma clara. Há, através de jogos de palavras, intertextualidade e uma linguagem metafórica que leva o sujeito a produzir uma compreensão da realidade e também a produzir uma linguagem mais elaborada e, conseqüentemente, mais eficaz. Contribui assim, para a formação integral do indivíduo, “a quota da humanidade na medida em que [esta] nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Mesmo percebendo a importância da literatura na formação do indivíduo, enfrentamos, ao mesmo tempo, grupos contrários que menosprezam a finalidade de seu estudo e do texto literário, considerando-o desnecessário e elitista.

O resultado dos exames das políticas educacionais que estudam as necessidades e males atuais das sociedades tem sido decepcionante. Em alguns meios, questiona-se seriamente o papel da literatura nos currículos escolares, bem como sua possível eliminação. Segundo Gillespie (1994, p. 16), o argumento antiliterário dos pragmatistas gira em torno da ideia de que ninguém precisa de literatura para ser um trabalhador produtivo e competitivo na economia global: leituras úteis

para o futuro deveriam concentrar-se apenas na *informação*, tendo como competências válidas a coleta e o processamento da informação (LEAHY-DIOS, 2000, p. 22).

Para combater essa ideia de que a literatura não tem valor, ou ainda só tem valor enquanto entretenimento, é preciso perceber quais os objetivos de seu estudo, de modo que a educação literária abranja muito mais do que a leitura como “lazer ” – esta também é necessária. É preciso perceber a importância da literatura no desenvolvimento político e no autocrescimento de sujeitos sociais participantes, conscientes e ativos, pois é através dela que ampliam os horizontes emocionais e intelectuais, ou seja, uma forma de compreender a si e também a realidade que os circunda, sentimentos e novos olhares que emergem a partir da experiência literária. A literatura, no âmbito escolar, alimenta a imaginação necessária à democracia, pois é através dela que estudantes desenvolvem a habilidade de vivenciar e experienciar novas realidades e os efeitos delas na vida deles. A educação literária é um empreendimento político, pois implica em perceber o outro e as relações com os valores humanos.

Cabe destacar que o ensino de uma literatura que alimenta a imaginação deve ser calcado na apresentação de obras de considerada relevância, e não sobre o ensino da disciplina em si. Há a necessidade de priorizar a leitura em detrimento da análise de excertos. Todorov destaca que, de modo geral, o leitor não profissional, lê não para obter um método de ensino, nem para retirar informações sobre as sociedades, “mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência” (2014, p. 33). Acrescenta que “O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas umas das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um” (TODOROV, 2014, p. 33). O objetivo é que o aluno desenvolva amor pela literatura e não que figure em seu imaginário apenas monemas da historiografia literária. Aponta, ainda, que a mudança no ensino de literatura que ocorreu nas décadas de 1960-1970 (na França) com o estruturalismo [no Brasil, a partir da década de 1970] e que tanto quanto hoje deveriam ter uma abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra em si) e também que deveria complementar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico e estético). A leitura e fruição da obra literária dera lugar a uma preocupação com uma análise aprofundada da obra. Corroborando com Todorov, a escritora Regina Zilberman em seu

artigo *O papel da literatura na escola* (2008)<sup>330</sup> também aponta mudanças significativas no ensino da literatura no cenário brasileiro. No entanto, destaca que nas terras tupiniquins a mudança ocorrera em finais da década de 1970 e início da década de 1980 (período em que a literatura infanto-juvenil teve um crescimento exponencial). Período em que as discussões relativas à leitura na escola e ao papel da literatura no ensino foram intensas e constantes. Principalmente por se tratar de um período pós-ditadura militar caracterizado por movimentos populares e manifestações públicas de insatisfação com o modelo autoritário de governo e da falência do projeto desenvolvimentista abraçado pelo Estado. Nesse cenário de mudanças e perspectivas se buscava alcançar uma escola renovada

No âmbito dessas discussões, que envolvia a aprendizagem e o uso da língua portuguesa, recebeu a literatura uma valorização específica, pois era nela que se colocavam as esperanças de superação dos problemas experimentados na sala de aula. Com efeito, se os diagnósticos identificavam as dificuldades de leitura e expressão escrita por parte dos estudantes, era à literatura, representada por obras de ficção e de poesia, que se transferiam os créditos e as expectativas de mudança e de sucesso quando do exercício da ação educativa por parte dos docentes (ZILBERMAN, 2008, p. 13).

Nesse movimento que ansiava por mudanças, a literatura ganhou um espaço especial, pois o ensino da literatura representava a possibilidade de mudança, representava a possibilidade de uma escola renovada e eficiente com a aprendizagem dos alunos e a realização profissional por parte dos professores.

Cá estamos, mais de trinta anos depois, com muitas mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais, tecnológicas etc. No âmbito educacional, passamos por várias reformas e, na prática diária das escolas, pouco efetivamente mudou.

---

<sup>330</sup> ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. Revistas USP Via Atlântica. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>. Acesso em: 20 mai.2018.

Mas não são os avanços do conhecimento científico por si mesmos que produzem as mudanças no ensino. As transformações educacionais realmente significativas — que acontecem raramente — têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade. E, em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural do alunado: a significativa ampliação da presença, na escola, dos filhos do analfabetismo — que hoje têm a garantia de acesso, mas não de sucesso — deflagrou uma forte demanda por um ensino mais eficaz (Brasil. MEC, 1997, p. 21).

A busca pela qualidade do ensino passa por políticas públicas adequadas e eficazes: formação de professores, material didático, espaços adequados etc. No entanto, sem sempre as políticas públicas adotadas são eficazes e, algumas vezes há políticas eficazes que são descontinuadas pelos governos que se seguem. Na tentativa de garantir a qualidade da educação brasileira, surge o *Plano Decenal de Educação*<sup>331</sup>, que estabelece 20 metas para a Educação. “A complexidade do modelo federativo brasileiro, as lacunas de regulamentação das normas de cooperação e a visão patrimonialista que ainda existe em muitos setores da gestão pública tornam a tarefa do planejamento educacional bastante desafiadora” (BRASIL, 1997, p. 5). Planejar, portanto, nesse contexto

[...] implica assumir compromissos com o esforço contínuo de eliminação das desigualdades que são históricas no Brasil. Para isso, é preciso adotar uma nova atitude: construir formas orgânicas de colaboração entre os sistemas de ensino, mesmo sem que as normas para a cooperação federativa tenham sido ainda regulamentadas.

---

<sup>331</sup> BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: [http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acesso em: 20 dez. 2017.

A Emenda Constitucional nº 59/2009 (EC nº 59/2009) mudou a condição do Plano Nacional de Educação (PNE), que passou de uma disposição transitória da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) para uma exigência constitucional com periodicidade decenal, o que significa que planos plurianuais devem tomá-lo como referência. O plano também passou a ser considerado o articulador do Sistema Nacional de Educação, com previsão do percentual do Produto Interno Bruto (PIB) para o seu financiamento. Portanto, o PNE deve ser a base para a elaboração dos planos estaduais, distrital e municipais, que, ao serem aprovados em lei, devem prever recursos orçamentários para a sua execução. (BRASIL, 1997, p. 6-7)

A garantia do acesso dos alunos à escola ocorreu sem primar pela qualidade do ensino, pela formação e qualificação dos profissionais. O documento viabiliza garantir políticas públicas educacionais, em âmbito nacional, pois recai sobre professores e professoras<sup>332</sup> e sobre o sistema escolar público o resultado negativo de velhos problemas que persistem e que aparecem nos resultados negativos em processos de avaliações contínuos, como o PISA<sup>333</sup> ou o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica).

Desse modo, as condições das escolas brasileiras, do pouco acesso que a população tem à cultura, à informação, nos obrigam a repensar a educação. Pensar a importância do letramento literário nesse contexto. Mas como dar conta desses novos contingentes de alunado que

---

<sup>332</sup> Regina Zilberman utiliza o poema de Carlos Drummond de Andrade *Meus ombros suportam o mundo* para exemplificar a árdua tarefa do professor.

<sup>333</sup> “O *Programme for International Student Assessment* (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada de forma amostral a estudantes matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países”. É coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pelo INEP. As avaliações do Pisa acontecem a cada três anos e abrangem três áreas do conhecimento – Leitura, Matemática e Ciências. BRASIL. Ministério da Educação. Portal INEP. **PISA**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa>. Acesso: em: 10 jan. 2018.

não dominam ou desconhecem a norma culta e desconhecem uma tradição literária que para a grande maioria não tem uma aplicabilidade no mercado de trabalho? Essa nova configuração exige um professor multitarefa, formado em uma universidade que apresenta cursos de Letras fragmentados, nos quais professores não são ensinados a trabalhar conjuntamente com literatura e gramática. Aprendem que ora o enfoque é em um, ora em outro, como no caso do Ensino Fundamental II, há a opção pela gramática.

A leitura de textos apresenta-se como prática inusitada, e a literatura, em boa parte das escolas nacionais, como um alienígena, sobretudo nas que atendem os segmentos populares, mesmo em grandes centros urbanos. É igualmente sob esse prisma que se pode entender porque os “ombros” do professor “suportam o mundo”, visto que são atribuídas a ele várias e distintas missões: alfabetizar, facultar o domínio, pelo aluno, do código escrito, formar leitores qualificados de textos literários (ZILBERMAN, 2008, p. 15).

Diante desse quadro, sabemos que raras vezes resultados satisfatórios são alcançados. Portanto, nesse ponto novas questões devem ser formuladas, quiçá a primeira seja em (re)pensarmos como ocorre a formação de leitores competentes pela escola e, conseqüentemente, atrelar a isso, a leitura de obras literárias, ressignificando a importância da literatura para o indivíduo.

No livro *A literatura em perigo*, Tzvetan Todorov aponta que a literatura precisa ser amada. Ao mesmo tempo, traça historicamente porque a literatura, atualmente, está perdendo espaço e como esse papel de importância foi desaparecendo. Um dos primeiros pontos a considerar é o nascimento da estética moderna na tese de que “a literatura não mantém ligação significativa com o mundo” e, por conseguinte, “sua apreciação não deve levar em conta o que ela nos diz do mundo” (2014, p. 45). Logo, a importância da obra enquanto criação, que representa o belo, a obra em si mesma, a obra em sua perfeição. “A arte encarna tanto a liberdade do criador quanto a sua soberania, sua autossuficiência e sua transcendência com relação ao mundo” (2014, p. 52). E continua, “cada um dos movimentos consolida o outro: a beleza se define como aquilo que, no plano estrutural, é organizado com o rigor de um cosmo”. Tendo assim, justificada e compensada a ausência de

finalidade externa pela densidade das finalidades internas. “Graças à arte, o ser humano pode atingir o absoluto” (2014, p. 52).

Outro ponto veio com “a estética das luzes”, quando a perspectiva da obra passou da produção para a recepção. Quando o artista deixa de produzir para um mecenas e passa a produzir para um público. O que antes era enclausurado torna-se palpável e o público passa a ser o responsável pelo sucesso da obra de arte. “O espírito das Luzes é o da autonomia do indivíduo; a arte que conquista sua autonomia participa do mesmo movimento” (2014, p. 53).

Em seguida, do romantismo às vanguardas, apresenta que a arte continua a pertencer ao mundo comum dos homens, continua a ser um conhecimento do mundo. No entanto, a diferença em relação ao período anterior está no juízo de valor que se atribui aos diferentes modos de conhecimento. Como

Aquele ao qual ascende através da arte parece-lhes superior ao da ciência: por renunciar aos procedimentos comuns da razão e tomar o caminho do êxtase, esse conhecimento dá assim acesso a uma segunda realidade, proibida aos sentidos e ao intelecto, mais essencial ou mais profunda do que a primeira (2014, p. 62).

Ou seja, a doutrina da arte pela arte. E, a partir desse movimento temos uma ruptura desconhecida até então. Surge um abismo entre a literatura produzida para as massas - a produção popular - em conexão direta com a vida de seus leitores e a literatura de elite, lida pelos profissionais, dentre eles críticos, professores e escritores que voltam o interesse para as técnicas utilizadas pelos criadores da obra de arte. “De um lado, o sucesso comercial; do outro, as qualidades puramente artísticas” (2014, p. 67). Por fim, permanece o fato de que nas instituições, na mídia e também no ensino se produz uma imagem singularmente empobrecida da arte e da literatura.

Então como poderemos reverter essa imagem empobrecida da literatura e esse não-lugar apontado por Regina Zilberman e por Todorov? Roland Barthes<sup>334</sup> defende que os professores de literatura não

---

<sup>334</sup> BARTHES, Roland. **A aula**. Palestra proferida por Roland Barthes para a aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. Disponível em:

são nem cavaleiros de fé, nem super-homens, precisam trapacear com a língua, trapacear a língua. “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura” (BARTHES, 1977, p. 15).

A partir das reflexões de Barthes, entendo que o ensino de literatura na escola deve ter como objetivo “uma revolução [permanente da língua]”, não considerando o texto literário como pré-texto, mas como um instrumento poderoso de instrução e educação. Mas como atingir tal meta? Para Regina Zilberman (2008, p. 16) primeiro que “não se trata de rejeitar o caminho percorrido, mas de ajustá-lo aos novos tempos, pois a história não para”. Desse modo é preciso “[...] por outro lado, de reiterar premissas e pressupostos, para que se atinjam as metas desejadas” (2008, p. 16) através da implementação de melhorias das condições de ensino, “por meio do alcance de resultados positivos em sala de aula, a valorização do professor e a progressiva democratização do saber na sociedade brasileira contemporânea” (2008, p. 16). Essas são premissas básicas para pensarmos na literatura como revolução.

No entanto, como promover efetivamente tais mudanças e atingir as metas desejadas se sequer temos as condições adequadas para implementar tais mudanças? Pensemos, inicialmente, na premissa de Barthes para o que ele entende por literatura.

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visó, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro (1977, p. 15).

Para ele a literatura tem ainda outra possibilidade que é a de assumir muitos saberes: histórico, social, geográfico, técnico, botânico,

antropológico dentre outros. Assim, além do trabalho com a própria linguagem, há ainda os outros saberes. Contudo, não podemos perder de vista o prazer pela leitura literária, haja vista que a literatura encontra-se na escola desde a constituição da instituição escolar. Contudo, em muitos momentos históricos, a escola tinha como principal função e objetivo a predominância de um sistema que transmitisse um padrão linguístico e um determinado padrão cultural a indivíduos (em muitos casos, já com certo domínio do sistema linguístico). Assim, a literatura pode desempenhar um papel de coadjuvante no processo de aquisição da linguagem ou pode ser a protagonista propiciando aos educandos uma experiência prazerosa com o texto literário. A literatura “[...] encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático (BARTHES, 1977, p. 18). A possibilidade de - não mais um duelo entre ensino de língua e literatura, uma experiência que decorra da “leitura literária” que engloba a racionalidade da linguagem com a subjetividade do autor, ambos coabitando o espaço escolar. O indivíduo e o mundo que o cerca.

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências (ISER, 1993 *apud* ZIMMERMAN, 2018, p. 17).

Dentre as muitas experiências possíveis quanto à leitura do texto literário, uma que tem ganhado relevância – não necessariamente no âmbito escolar - é assimilação do texto literário à experiência do leitor em ressignificar o próprio sentido da vida. Nessa perspectiva, Todorov expõe a história de John Stuart Mill que apresentava um quadro depressivo ao qual os remédios mostraram-se ineficazes. No entanto, viu seu problema curado ao ler uma coletânea de poemas de Wordsworth. Outros exemplos ainda podem ser vistos no livro *A arte de ler ou de*

*como resistir à adversidade* de Michéle Petit (2009). No livro, a autora - antropóloga e pesquisadora do laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços, do CNRS, na França - que no início dos anos de 1990 começou a estudar as questões que envolvem a escrita, a leitura e o lugar do leitor se impressiona com a frequência com que adolescentes e jovens adultos de bairros populares das periferias francesas evocavam, de forma espontânea e detalhada, a importância que a leitura tivera na construção ou na reconstrução de si mesmos, em momentos particularmente difíceis. Os livros não eram apenas “utensílios” utilizados para atender suas necessidades escolares, mas eram os responsáveis pela construção de sentido.

Ao retomarmos a afirmação de Regina Zilberman, quando se refere à leitura como uma prática inusitada em boa parte das escolas nacionais – um alienígena, nosso primeiro sentimento seria o de derrota. Então como reagir? Que caminhos seguir? É possível pensar em uma mudança? Há uma luz no fim do túnel?

Passado esse primeiro momento de derrocada, é preciso recolher os pedaços e vislumbrar o horizonte. Partamos, pois da proposição de uma leitura literária como a apresentada por Todorov de que a literatura pode muito, que “(...) pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (2014, p. 76). Portanto, perceber a literatura não somente como uma técnica de cuidados para com a alma, mas como uma forma de revelar o mundo, uma possibilidade de transformar as pessoas a partir de dentro.

A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido mais amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida. [...] A literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos (TODOROV, 2014, p. 77).

Ou seja, a realidade que a literatura aspira compreender é a experiência humana. Desse modo, uma das possibilidades seria a de

propiciar aos alunos e alunas o acesso ao *sentido*<sup>335</sup> de cada obra. Esse seria o ponto de partida para uma educação literária, pois o assassinato à literatura acontece quando faz-se das obras simples ilustrações de uma visão formalista, ou niilista, ou solipsista da literatura. “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2014, p. 92-93).

Corroborando também com Todorov, Cyana Leahy-Dios destaca que há benefícios potenciais no ensino da literatura. Contudo há de se considerar o modo autoritário que temos de ensino, um treinamento para a pontualidade, silêncio, horários, respeito pela autoridade etc. Então como promover uma educação literária que também estimule a democracia?

Uma discussão pertinente refere-se ao papel que a universidade desempenha na formação de futuros profissionais. Aqui cabe uma ressalva ao *processo de produção*<sup>336</sup> de professores em larga escala. Há cursos com carga horária em torno de 2800 horas e com duração de três anos, com disciplinas em sua grande maioria à distância e outros com 3400 horas distribuídas em quatro anos de duração. E, se visualizarmos os profissionais que atuam no Ensino Médio com a disciplina de língua portuguesa terá mais da metade desses profissionais que sequer têm a licenciatura na área. O cenário muda um pouco se observarmos o Ensino Fundamental II, como aparece no gráfico<sup>337</sup> a seguir:

---

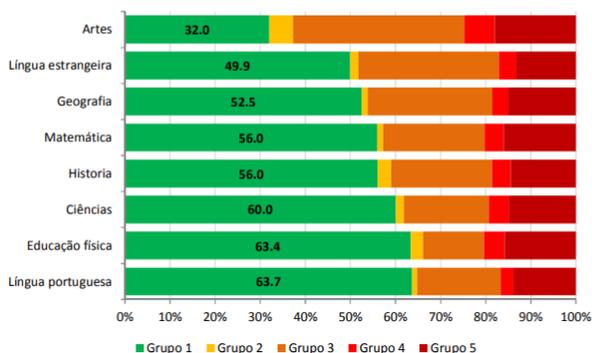
<sup>335</sup> Para Compagnon sentido não é significado. “As obras de arte transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor, ou pelo contexto de origem (histórico, social, cultural) sob o pretexto de que algumas obras do passado continuam a ter para nós, interesse e valor” (2014, p. 84).

<sup>336</sup> Atualmente, cerca da metade dos professores que atuam na área da Língua Portuguesa não têm habilitação. Para atender esse “mercado”, muitos cursos de licenciatura que são oferecidos (em muitos casos quase que em sua totalidade à distância) obedecem uma lógica mercadológica.

<sup>337</sup> INEP. Censo escolar 2016. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2017/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_da\\_educacao\\_basica\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf). Acesso em: 17 fev. 2018.

## Figura 52 – Formação docente

Gráfico 40. Indicador de Adequação da Formação Docente<sup>12,13</sup>, dos anos finais do ensino fundamental por disciplina - Brasil 2016



Fonte: INEP/MEC

No Fundamental II são habilitados 63,7% dos profissionais que atuam na disciplina de língua portuguesa. No primeiro grupo, temos o percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona; No segundo grupo, o percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de bacharelado (sem complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona; No terceiro grupo, temos o percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) em área diferente daquela que leciona; No quarto grupo, temos o percentual de disciplinas que são ministradas por professores com formação superior não considerada nas categorias; e, por fim, no quinto grupo, temos o percentual de disciplinas que são ministradas por professores sem formação superior. Portanto, quase metade dos profissionais sequer passou por um curso de Letras, o que nos coloca em uma posição delicada. Sabemos também que “o elemento da desigualdade está antes de mais nada na seleção socioeconômica daqueles que frequentam escolas públicas” (LEAHY-DIOS, 2000, p. 42-43), sabemos também que “as condições materiais dessas escolas são limitadas e os recursos materiais parcos, inclusive com bibliotecas inadequadas, comprometendo o domínio do discurso linguístico modelar de classe média, a norma culta” (LEAHY-DIOS, 2000, p. 43). Desse

modo estudantes oriundos de “boas famílias” – com maior poder aquisitivo tendem a ter um melhor desempenho escolar, justamente por terem acesso à leitura e à escrita e fazem uso regular de materiais escritos. E, normalmente, é a esse segundo grupo que o ensino da literatura é “pensado”:

A literatura e os estudos literários têm sido centrados na representação de uma sociedade desejada, na qual a habilidade de leitura, hábitos literários e saberes específicos se concentram nas camadas mais elevadas da pirâmide social. As tentativas de alargar essa representação são geralmente tratadas com desprezo, sob a alegação de que os “altos níveis” se arriscam a ser rebaixados, expressão usada como sinônimo da negação das culturas e sociedades de menor prestígio (LEAHY-DIOS, 2000, p. 241).

No entanto, não há nada que impossibilite o acesso ao letramento literário tanto de um grupo quanto de outro, pois, como afirma Michéle Petit (2009) o poder da narrativa pode ser um poderoso instrumento de resistência ao caos interior e à exclusão social, pois em ambos os grupos a narrativa também pode atuar como uma educadora da sensibilidade. Assim, o papel do educador é de mediar o acesso à cultura literária e também fornecer ao educando instrumentos necessários para desenvolver sua criticidade frente à realidade. Portanto,

todo ser humano não interessa quão submerso na cultura do silêncio, é capaz de olhar criticamente para o mundo em um encontro dialógico com os outros, desde que as ferramentas próprias lhes sejam dadas para a percepção gradual da realidade pessoal e social e suas contradições (FREIRE *apud* LEAHY-DIOS, 2000, p. 245).

Uma educação literária é possível como aponta Cyana Leahy-Dios em sua pesquisa envolvendo escolas brasileiras e inglesas. Ao refletir sobre a realidade do ensino da literatura de ambas, ela postula que a “literatura não somente deve permanecer nos currículos escolares, mas lhe deve ser dado um papel mais central do que o atual” (2000, p. 273) e acrescenta ainda que deverá ser “sem a tendenciosidade de

gênero e classe social que cerca sua realização pedagógica” (2000, p. 273). Destaca também que

É a única matéria que pode oferecer alimento para os sentidos e emoções em simbiose com conscientização cultural, social e política, como um aprendizado de prazer e autoconhecimento junto à aquisição de valores de participação política como sujeitos sociais: não existe a inteligibilidade pura sem um aspecto interior. A educação literária surge, assim, como uma metáfora para o entendimento individual e social, para uma inteligibilidade que pode ser educativa e prazerosa (LEAHY-DIOS, 2000, p. 273).

Desse modo, a possibilidade de que o papel do professor promova mudanças circula no campo do real. Para isso é preciso que o professor tenha conhecimento acerca da disciplina que ministrará e (quicá um dos pontos mais importantes) que ele também seja leitor – que tenha apreço pela leitura literária. E, por fim, que perceba seus alunos e alunas como seres reais, sem idealizações. Ou seja, “a educação literária precisa ser reconhecida como uma disciplina transformadora e poderosa” (LEAHY-DIOS, 2000, p. 277). Seu objetivo seja desenvolver uma leitura crítica e também níveis de consciência construídos no dar sentido, na criação também crítica do conhecimento, contribuindo dessa forma para aprimorar a condição humana social. “É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura” (BÉNICHOU *apud* TODOROV, 2014, p. 94). Retomando a investigação da antropóloga Michéle Petit sobre as experiências de mediadores de leitura em situações de adversidade, além da França, também em países da América Latina, observa como a “forma narrativa pode atuar como educadora da sensibilidade, ao mesmo tempo que se afirma como um poderoso instrumento de resistência ao caos exterior e à exclusão social”. E por fim entender que a literatura não é separada da vida. Corroborando com Michéle Petit, a escritora Regina Zilberman sintetiza que “um ensino da literatura que se fundamente na leitura e resulte em uma prática dialógica talvez seja tão utópico ou romântico quanto qualquer projeto que, hoje, se refira à educação no Brasil” (2008, p. 14).

No entanto, como ela mesma afirma que a utopia para a educação se faz necessária, pois os objetivos são reais e vislumbram indivíduos

emancipados – tanto alunos quanto professores –, o processo de aprendizagem é dialógico através desse movimento pela emancipação do sujeito, não mais um sujeito passivo, mas um sujeito que busca, através da educação literária, uma possibilidade de transformação. Como afirma Jorge Amado e com tantos quantos ele.

A solução dos problemas humanos terá que contar com a literatura, a música, a pintura, enfim com as artes. O homem necessita de beleza como necessita de pão e liberdade. As artes existirão enquanto o homem existir sobre a face da terra. A literatura será sempre uma arma do homem em sua caminhada pela terra, em busca de felicidade (2012, *online*)<sup>338</sup>.

A contribuição da leitura literária, “[...] fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas” (PETIT, 2009, p. 284). Petit destaca que a leitura literária permite aos leitores – inclusive aqueles jovens que vivem em regiões de conflito –

[...] que, a partir do desvio de um relato, de uma metáfora poética, passam a se tornar narradores de sua própria história. Muito além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la (2009, p. 284-285)

A leitura literária do escritor baiano percorreu e faz parte, mesmo que por vias marginais, das memórias literárias de estudantes, como no relato de Francisco Wettfort, (Ministro da Cultura, de 1995 a 2002):

Jorge Amado foi um grande educador da juventude brasileira. Não é por acaso que ele tem um grande êxito de público. Ele realmente tinha a

---

<sup>338</sup> UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. *Editus lança “A Odisséia de Jorge Amado*. Disponível em: [http://www.uesc.br/noticias/?acao=exibir&cod\\_noticia=2498](http://www.uesc.br/noticias/?acao=exibir&cod_noticia=2498). Acesso em: 20 jan. 2019.

intenção de contar histórias que o jovem pudesse ler e o público em geral, não necessariamente o erudito. Seus livros cumpriram uma função de introdução do jovem estudante brasileiro no reconhecimento da realidade do país. Sinto sua morte pessoalmente como uma perda, porque me iniciei na literatura brasileira por meio Machado, com *Dom Casmurro*, e de Jorge, com *Jubiabá*<sup>339</sup> (Francisco Weffort, Ministro da Cultura)

Para Weffort, o escritor fez parte de sua história, de suas memórias de leitura como introdução à realidade do país. O depoimento foi veiculado no Jornal Folha de São Paulo<sup>340</sup>, em 6 de agosto de 2001, dia da morte de Jorge Amado. Além do Ministro, estão também os depoimentos das escritoras Nélida Piñon e Rachel de Queiroz; dos escritores Haroldo de Campos, José Saramago, Carlos Heitor Cony, de Tarcísio Padilha, presidente da Academia Brasileira de Letras, entre outros.

Jorge conseguiu um feito literário muito raro, que é inventar um país, um território mítico, mas, ao mesmo tempo, muito próximo de todos. Ele povoou esse território mítico com criaturas que só podiam ser brasileiras e, ao mesmo tempo, arquetípicas; que têm o nosso rosto, as nossas máscaras. Jorge criou grandes figuras femininas, emblemáticas, e valorizou de forma extraordinária os excluídos. Deu-lhes uma dimensão de intensa humanidade; além disso, deu-lhes visibilidade. Ele pega aquele povo da beira do cais, as prostitutas, as mulheres marcadas aparentemente pela infelicidade, e extrai delas um retrato poderoso. Ele nos obriga a ver que atrás de um ser excluído pela sociedade há criaturas fantásticas, que correspondem à nossa psique coletiva, à nossa

---

<sup>339</sup> FOLHA ONLINE. *Jorge Amado – Repercussão*. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge\\_amado-repercussao.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge_amado-repercussao.shtml). Acesso em: 10 dez. 2018.

<sup>340</sup> FOLHA ONLINE. *Jorge Amado – Repercussão*. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge\\_amado-repercussao.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge_amado-repercussao.shtml). Acesso em: 10 dez. 2018.

demanda popular. Deixa-nos um grande legado, um legado literário e sociológico. (Nelida Piñon, escritora)

Estou muito desolada porque perdi uma pessoa que considerava como sendo da minha família. Fui sua amiga desde quando ele era pequeno. Foi o escritor brasileiro de maior prestígio no exterior. Eu o admirava por sua capacidade de imaginação ao criar personagens. Perdemos um grande romancista. (Rachel de Queiroz, escritora)

Para mim, o que há de mais significativo na obra de Jorge Amado é sua notável capacidade como contador de histórias, a sua imaginação fabular sempre capaz de engendrar novos enredos. Nesse particular, sua obra que mais me agrada é *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, em que ele retoma um tema lendário e tradicional. Desde o começo de sua carreira, ele sempre conseguiu pontilhar sua narrativa de traços metafóricos, de um cunho lírico que percorre e dá graça a seus textos. (Haroldo de Campos, escritor e ensaísta)

Em primeiro lugar, é uma notícia que se esperava, mais cedo ou mais tarde, porque Jorge estava bastante doente. Como em todos os casos, mas em particular neste, porque ninguém queria que Jorge Amado se fosse deste mundo, íamos esperando que ele aguentasse, mesmo sabendo que ele não iria mais escrever. Chegou o dia em que ele não pôde aguentar mais. No Brasil, penso que é caso para luto nacional. Em Portugal talvez não chegue a tanto, mas não seria má ideia que se demonstrasse não só o desgosto, mas a admiração que a obra e a pessoa mereciam. Ele já não está cá, mas estão os livros. Pensemos na Zélia, que tem agora a responsabilidade de acarinhar a obra de Jorge Amado, como ela sempre fez, mas agora ela está praticamente sozinha. Ela agora vai ser, além dos livros, o que nos fica de Jorge Amado. É uma grande perda para a literatura brasileira, para a literatura em língua portuguesa, para a literatura universal. (José Saramago, escritor português)

Jorge Amado foi a figura exponencial da nossa literatura depois dos anos 30. Inicialmente um militante político, com manifesta tendência ideológica, isso jamais o impediu de se tornar um magistral contador de histórias, com momentos literários brilhantes. De certo modo, ao ter sua obra intensamente divulgada no exterior, ele antecipou a nossa globalização literária, abrindo caminho para outros escritores brasileiros. Isso o faz ocupar uma posição singular. Jorge Amado expressou a alma brasileira a partir da Bahia. A baianidade era a chave capaz de abrir a porta da universalidade de sua literatura. É uma perda irreparável e a Academia está de luto fechado. (Tarcísio Padilha, presidente da Academia Brasileira de Letras)

Assim como Machado de Assis preencheu a literatura brasileira no século 19, Jorge Amado fez o mesmo no século 20. Perdi uma pessoa muito, muito amada. (Carlos Heitor Cony, escritor e colunista do Jornal Folha de São Paulo)

Os depoimentos nos dão a dimensão da importância do escritor e, de como a repercussão de sua morte abalou não só brasileiros, mas leitores espalhados pelo mundo. Ao longo da pesquisa tivemos a dimensão da fortuna crítica de Jorge Amado e sua importância na literatura mundial: “Não escrevi meu primeiro livro pensando em ficar famoso. Escrevi pela necessidade de expressar o que sentia...”<sup>341</sup>. “Escritores são profissionais, que, com um pensamento ‘divagador’ próximo do inconsciente e de seus mecanismos [...], trabalham a língua, movimentam-na, desempoeiram-na de clichês” (PETIT, 2009, p. 285) – pelo menos os bons escritores. Petit destaca ainda que,

Numerosas obras que escreveram são elas próprias nascidas de uma falta, de uma perda, de

---

<sup>341</sup> JORNAL DO BRASIL, 30/06/1997  
 Jorge Amado, na inauguração da Casa de Cultura de Jorge Amado em Ilhéus (BA).  
 FOLHA ONLINE. *Jorge Amado – Literatura*. Disponível em:  
[https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/literatura/jorge\\_amado\\_frases.shtm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/literatura/jorge_amado_frases.shtm).  
 Acesso em: 10 dez. 2018.

uma transfiguração das dores, das quais o autor, por meio dessa ferramenta, se libertou, experimentando até uma alegria por ter levado a bom termo essa transformação (PETIT, 2009, p. 285).

Assim, ao dar significado a um evento, individual ou coletivo, a uma experiência, singular e universal, o escritor propõe ao leitor, não um decalque de sua própria história, mas uma transposição, uma metáfora. Transformações necessárias que permitem a constituição necessária de verdadeiro aprendizado. A apropriação da cultura escrita é indispensável para a sociedade, em geral, por pelo menos três motivos, como aponta Petit: a) ser inábil com o uso da cultura escrita é uma grande desvantagem; b) a habilidade no uso da cultura escrita proporciona ao indivíduo ter voz ativa no espaço público; e, por fim, c) que o recurso facilitado à cultura escrita permite não só aceder ao campo do saber, mas também acessar as imensas reservas da literatura (2014, p. 287-289).

“A literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção” (PETIT, 2009, p. 292). É preciso, pois, que nossos alunos tenham acesso à cultura escrita, condição determinante para o sucesso escolar. “Pobres dos escritores que não se derem conta disso: escrever é transmitir vida, emoção, o que conheço e sei, minha experiência e forma de ver a vida.”<sup>342</sup> O papel da educação literária é que instituições e profissionais da educação, garantam a transmissão da vida. Transmissão essa enquanto preservação da memória literária, nos estudantes, e a perpetuação da vida do escritor através da leitura de sua obra.

---

<sup>342</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO, 31/03/1995. Jorge Amado, escritor, comentando não escrever para ganhar prêmios quando da sua escolha para o Prêmio Camões.  
FOLHA ONLINE. *Jorge Amado*. Disponível em:  
[https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge\\_amado.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/2001-jorge_amado.shtml). Acesso em: 10 dez. 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, que iniciou com uma visita ao acervo, teve desdobramentos inusitados. Estabelecendo novas leituras, ligações, conexões, saberes, histórias e memórias. O objetivo inicial de conhecer o acervo e reconstruir a trajetória das tratativas editoriais de Jorge Amado nos anos de 1941 e 1942 ganhou, pouco a pouco, novas nuances. Quando tive acesso ao acervo da *Mala de Jorge Amado*, na sala 507, do NuLime, minhas primeiras memórias se referiam, como mencionei anteriormente, a Jorge Amado escritor da Bahia. Pouco, ou melhor, muito pouco, sabia de sua vida como militante, político, editor de jornais e outros papéis desempenhados por ele no meio político e cultural. Um sujeito único que se apresenta múltiplo já nas primeiras experiências contidas nos documentos de 1941 a 1942, período de seu autoexílio na Argentina e no Uruguai.

Daquele primeiro contato até o momento em que encerro a tese, percorri muitos caminhos. Tenho consciência de que há muitas leituras por fazer: aquelas que encontrei e não li, outras, quiçá, foi impossível buscar. No entanto, é preciso findar essa etapa. Como disse Paulo Leminski “Haja hoje para tanto ontem. E amanhã para tanto hoje. Sobre tudo isso”<sup>343</sup>.

Ainda como esboço da tese, ao revelar os negativos da Mala de Jorge Amado, foi possível traçar algumas atividades do escritor como militante em seu autoexílio. Além disso, também foi possível estabelecer alguns laços políticos ligados ao Partido Comunista e alguns laços de amizade. Adentrar, nessas memórias primeiramente pelas imagens deu-me uma dimensão visual das articulações do escritor com jornais, revistas e personalidades que figuravam no contexto político e cultural, não só no Brasil, como também na América Latina, Estados Unidos e na Europa.

Dentre as 1500 páginas de documentos presentes no acervo, no primeiro capítulo *História Editorial do acervo d'A Mala de Jorge Amado: (reconstruindo o itinerário)* analiso os documentos que fazem parte da pasta de número nove: História Editorial de Jorge Amado. São tratativas editoriais, contratos, cartas de editores e tradutores etc.

---

<sup>343</sup>JORNAL EL PAÍS. Paulo Leminski. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/05/cultura/1425580199\\_148126.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/05/cultura/1425580199_148126.html). Acesso em: 19 dez. 2018

Mostras de uma intensa vida literária no biênio 1941-1942. E cá? Nas terras tupiniquins, o que acontecia? Não somente o político Jorge Amado era perseguido e, como uma maneira de resguardar-se ele se autoexilara, mas também obra e escritor foram considerados subversivos. Até o biênio que me propus a estudar o escritor baiano publicara *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *A estrada do mar* (1938), *ABC de Castro Alves* (1941) e no período se autoexilara para escrever a biografia de Luís Carlos Prestes - *O Cavaleiro da Esperança* - que fora publicado somente em 1942<sup>344</sup>. Outros documentos apresentam a relação no âmbito cultural de Jorge Amado com L. C. Kaplan, responsável pela editora americana *Macmillan Co.* Nesse ponto coube também analisar a documentação que tratava do intercâmbio cultural dos Estados Unidos da América com a América Latina, incluindo também o escritor Érico Veríssimo – “embaixador cultural nos Estados Unidos”. O editor norte-americano Alfred Kopf tornou-se uma figura importante para a propagação da obra de Amado em terras estrangeiras, além de ser amigo do escritor, deixando assim, um vasto arquivo a ser estudado. Jorge Amado publica, em 1945, na antologia *The Green Continent Land The Violet land* (Terras-do-sem-fim). Com o auxílio da documentação procurei (re) criar um itinerário das andanças do escritor em 1941 e 1942. O objetivo não foi estabelecer uma revisão biográfica, mas perceber as relações construídas ao longo desse período. Nessa documentação, mesmo não sendo a que carrega em seu bojo todo sentido de militância, apresenta um escritor-militante e, por isso, perseguido no Brasil.

Levou-me à fortuna crítica, a tentativa de entender essa *persona* múltipla que circula pela vida literária e por várias instituições. No segundo capítulo, *Trilhando um caminho possível: a crítica*, percorri algumas leituras de momentos históricos diferenciados para entender como se configurou a crítica à obra e ao escritor baiano: a crítica de rodapé, a universitária e a teórica. É importante ressaltar o descompasso existente entre crítica e público. Para Lilia Moritz Scharcz (2014, p. 7-

---

<sup>344</sup> Além desses livros o escritor também publica em parceria com sua primeira esposa Mathilde Garcia Rosa o livro *A descoberta do mundo*, pela Editora Ariel (com um contrato para a publicação de três mil exemplares). A publicação efetiva-se (consegui rastrear alguns exemplares), no entanto, a maioria deles desapareceram misteriosamente. Dentre os contratos também se encontram com o *Editorial Claridad*, por intermédio de Antonio Zamora para a publicação de *Mar Morto*, publicado na Argentina em 1940.

11) além dessa contradição fundamental, a crítica à obra amadiana foi ora severa ora omissa. O resultado da “crítica-eco”<sup>345</sup>, ou seja, uma crítica que reverbera e que, na maioria das vezes, partiu da análise subjetiva de um crítico. E, por décadas não vimos a obra ser revisitada com o intuito de analisar somente aspectos literários com distanciamento e ainda sem considerações acerca de aspectos biográficos do autor. Como o fez Afrânio Coutinho, para o qual preponderou a biografia aos aspectos literários, “[...] Mais grave é a incapacidade do autor em interseccionar o culto manifesto do vagabundo com o caráter político-revolucionário que procura inculcar na obra” (2004, p. 371). Da mesma forma Barthes destaca o papel do crítico que precisa do autor para explicar o texto:

Uma vez o autor afastado, a pretensão de «decifrar» um texto torna-se totalmente inútil. Dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita. Esta concepção convém perfeitamente à crítica, que pretende então atribuir-se a tarefa importante de descobrir o Autor (ou as suas hipóstases: a sociedade, a história, a psique, a liberdade) sob a obra: encontrado o Autor, o texto é «explicado», o crítico venceu; não há pois nada de espantoso no fato de, historicamente, o reino do Autor ter sido também o do Crítico, nem no de a crítica (ainda que nova) ser hoje abalada ao mesmo tempo que o Autor (BARTHES, 2004)<sup>346</sup>.

No caso de Jorge Amado, a crítica-eco considerou dois fatores como excludentes: a opção política pela esquerda e pela linguagem coloquial. Tais escolhas reverberaram por décadas, desqualificando-o enquanto escritor e, conseqüentemente, sua obra. Das poucas vezes em que é citado nos compêndios escolares, apareceu justamente para

---

<sup>345</sup> Uso o termo para definir as reverberações que os comentários de um crítico têm sobre a obra e/ou a vida do escritor. Principalmente, nos compêndios literários, não há uma revisão. Há uma repetição e, por vezes a “crítica-eco” reverbera por décadas.

<sup>346</sup> BARTHES, Roland Barthes. A morte do Autor. Disponível em: [http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica\\_1/A\\_morte\\_do\\_autor\\_barthes.pdf](http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf). Acesso em: 10 jan. 2018.

exemplificar as características literárias da segunda geração modernista – a ficção regionalista de 1930: “A prosa de ficção encaminhada para o ‘realismo bruto’ de Jorge Amado, José Lins do Rego, de Erico Veríssimo e, em parte, Graciliano Ramos” (BOSI, s.d., p. 433). Bosi ainda descreve Amado como “um fecundo contador de histórias regionais”. Tal crítica reducionista coloca o escritor em um não-lugar, principalmente por considerar o sucesso de sua obra junto ao público por ser “um cronista de tensão mínima”.

Por optar pela linguagem popular, ora é desqualificado pela crítica, ora não. Para Massaud Moisés, Jorge Amado é “Popular pelos temas, pela linguagem, pelo tom, escreve acerca do povo, numa escrita direta, franca, sem inibições censórias” (MOISÉS, 1989, p. 219). O pesquisador Eduardo de Assis Duarte consegue sintetizar a crítica à obra do escritor baiano como uma recepção crítica tão polêmica quanto heterogênea. Corroborando com Duarte a escritora Ana Maria Machado que revisitou a obra. Para ela, o sucesso da obra se deve justamente pela identificação do leitor com uma linguagem coloquial, o que por outro lado a crítica o desqualificava, pois a ideia de valor era observada em articulação com a noção de cânone.

No terceiro capítulo, *Sistema educacional, currículo e cânone*, abordamos o polissistema literário, através do qual, há um entrelaçamento e uma interdependência entre os envolvidos no fazer literário. Nesse cenário, temos a escola como uma instituição que também seleciona e determina quais escritores serão contemplados, estabelecendo assim, via currículos escolares (livros didáticos) um cânone literário escolar. Neste capítulo refiz brevemente a trajetória do sistema educacional para, perceber como a obra do escritor baiano foi valorada ou invisibilizada em determinados momentos. Um dos primeiros pontos a considerar para esse apagamento tem a ver com o conceito do cânone – o valor da obra.

O conceito de valor pode ser examinado em articulação com a noção de cânone. O ensino universitário de atribuição de valor não se faz no vazio, mas em meio a um campo de referências historicamente firmadas. Encontramos obras e autores consagrados, enumerados em manuais de história literária. O ensino de literatura do ensino médio, especificamente, com sua articulação com os exames vestibulares, de modo geral reforça uma reverência a valores canônicos assumidos

institucionalmente pelos programas dos exames (GINZBURG, 1997, p. 97-111).

A inserção da obra do escritor em livros didáticos será alicerçada a partir do valor dado pela crítica, e também se a obra atende ao projeto de uma literatura nacional. Outro fator a considerar especialmente é a busca por uma identidade nacional, alicerçada por uma língua nacional – não a linguagem coloquial, falada pelo povo, mas a norma culta.

Sabemos que a cultura impõe preceitos e preconceitos, mutáveis em vários tempos. Se, hoje, a academia revaloriza a obra de Jorge Amado, convém lembrar que, há dez ou vinte anos atrás, os cursos de Licenciaturas das universidades baianas, seu lugar de origem, não dedicavam nenhuma disciplina ao estudo dos livros do maior contador de histórias da raça brasileira<sup>347</sup>.

Assim, à medida que o escritor não atendeu a esses pré-requisitos: ser eleito pela crítica, fazer parte de um cânone institucionalizado, não fazer uso da língua padrão e ainda não atender ao ideário da construção de uma nação, principalmente, por em muitos momentos contrapor-se ao governo. Automaticamente, não preenchendo tais requisitos, a presença do escritor nos currículos escolares é uma consequência, pouco contestada. A configuração do ensino de literatura como reprodução do cânone já está instituído por uma teoria da literatura autoritária, como define Jaime Ginzburg<sup>348</sup>. Para EVEN-ZOHAR, a Literatura como instituição sócio-cultural poderá continuar existindo para sempre, dependendo de seu grau de adequação, pode

---

<sup>347</sup> SWARNAKAR, S., FIGUEIREDO, ELL., and GERMANO, PG., orgs. *Nova leitura crítica de Jorge Amado* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 319 p. ISBN 978-85-7879-328-9. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2yqzj/pdf/swarnakar-9788578793289.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>348</sup> GINZBURG, Jaime. *Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura*. **Revista de Letras**, São Paulo, 44 (1): 97 – 111, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/243/242>. Acesso em: 10 jan. 2016.

muito bem julgar-se segundo sua posição na cultura (2017, p. 9). Ser a portadora da cultura oficial e também das culturas marginalizadas.

Contudo, se nas análises dos compêndios didáticos a busca era pela obra do autor, ao final da pesquisa a busca tornou-se pela própria literatura. No ensino médio, os textos literários têm sua permanência garantida por terem na legislação a obrigatoriedade do ensino. Já no fundamental a “liberdade” no trato com a literatura colocou-a na soleira da porta. Uso a metáfora para retratar uma realidade na qual em muitos compêndios escolares o texto literário já não é mais presença obrigatória. Essa é uma reflexão muito importante, principalmente porque a partir do momento em que o texto literário perde seu espaço no sistema escolar, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental II, o que será dele?

No quarto capítulo, *Lembranças de escola: o caso de Jorge Amado* em antologias (didáticas) e livros didáticos (Ensino Fundamental e o Médio) e o Vestibular, a pesquisa visava atender, inicialmente a hipótese<sup>349</sup> de perceber a presença do escritor Jorge Amado em compêndios escolares, dos cursos secundaristas (hoje Ensino Médio). No entanto, o que seria apenas um fragmento da pesquisa, para justificar que a obra do escritor percorria muitos espaços sociais, ganhou vida própria e estabeleceu um dos rumos da pesquisa. O primeiro compêndio didático analisado foi a *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet, dentre o *corpus*, inicialmente, selecionei as edições próximas ao material do acervo, as décadas de 1940 e 1950. Ante a invisibilização do escritor, avancei até as décadas de 1960 e 1970. Ao finalizar a análise desses exemplares, procurei outras antologias e outros livros que me pudessem ser úteis. Percorri escolas, bibliotecas, sebos físicos e virtuais, e pouco sucesso obtive. O resultado da busca culminou com a *Antologia da Língua Portuguesa* de Estevão Cruz, contemporânea da *Antologia Nacional*. Ambas com propostas de ensino de literatura muito diferentes e esse foi o primeiro *corpus* analisado para localizar a presença de Jorge Amado. Devido a dificuldade de localizar exemplares referentes à década de 1970, utilizei como material de apoio, a análise de livros didáticos feita por Osman Lins em seu livro *Problemas inculturais brasileiros – do ideal e da glória*. Leitura muito importante para perceber as forças que atravessam o sistema escolar. Como a busca por referências do escritor baiano na escola continuava, também por isso o

---

<sup>349</sup> Na introdução faço uma nota justificando os motivos pelos quais a pesquisa rumou para os compêndios escolares didáticos.

*corpus* foi se agigantando e atingiu também o Ensino fundamental II (antigo ginásio). Nesta etapa de ensino o *corpus* compreendeu cerca de cem exemplares, posteriores a década de 1970. A presença do escritor baiano nos livros didáticos foi pouco representativa, apenas oito por cento do total das obras analisadas.

A pesquisa também se estendeu até as indicações de leituras obrigatórias para os Vestibulares, com uma presença considerável de indicações, em sua grande maioria, em anos posteriores a morte do escritor. Nas etapas de ensino que envolve o Ensino Fundamental II e o Médio temos outra realidade, apenas um décimo do *corpus* analisado apresenta excertos da obra de Jorge Amado. Outro fato a ser considerado é a referência à obra amadiana em publicações posteriores a 2001- ano da morte do escritor. Neste capítulo não teci hipóteses acerca da presença do escritor nos compêndios escolares, somente em apresentar o *corpus* pesquisado. Contudo, internamente, imaginei que poderia haver alguma invisibilização por conta da opção política do escritor. Afinal, ser comunista em nosso país, via senso comum, é uma afronta. E afinal de contas, estávamos falando de Jorge Amado – um dos escritores brasileiros mais reconhecidos. Mas agora, ao findar esse trabalho posso confessar que neste capítulo vivi minha maior frustração, enquanto pesquisadora, enquanto professora, enquanto leitora, muitas de nós sofreram. Não houve frustração maior do que constatar que ante a riqueza de um acervo, de uma biografia, de uma fortuna crítica tão expressiva que o escritor Jorge Amado quase não atravessa os muros da escola... Essa foi a frustração primeira, depois veio a constatação: se Jorge Amado tão lido e vendido, não chega às escolas, quem chegará?

Enquanto na academia muito se discute sobre cânones e se despende uma energia hercúlea em discussões sobre literatura e valor, em sua maioria, subjetivas a despeito do espaço ocupado por A ou B no cânone institucionalizado, a literatura/leitura na escola fica à deriva, pois é tratada como uma atividade menor. Tão distantes e em patamares de importância distintos que temos todo um sistema que reforça essa dicotomia, pois eu sou a professora do ensino fundamental que tanto escutou “fazer Doutorado para trabalhar com adolescentes?”. Mas afirmo com muita convicção que é graças a esse desejo de continuar, de renovar, por estudos avançados que a literatura sobrevive no ensino fundamental. Graças a elas que o cânone circula em bibliotecas, livrarias, feiras de livros; são elas que formam leitores. São professoras/professores que continuam fazendo com que as afirmações de Barthes e Todorov, citados anteriormente, continuem mais

verdadeiras. A literatura pode ir além de uma lembrança de escola. Ela continua sobrevivendo.

Portanto, a universidade precisa lançar um olhar para o ensino fundamental. Não é função exclusiva de estudiosos da área da Educação. É função não, é obrigação da área de Letras, que se divide entre Linguística e Literatura e que parecem ser áreas rivais. Ouvi em tom de repreensão de uma colega em uma disciplina que cursei na Pós-Graduação em Linguística: “Você é da Literatura, o que está fazendo na Linguística?”. Respirei e respondi: “Por que no chão de fábrica eu preciso dar conta de ensinar as duas”. Para muitos a expressão “chão de fábrica” é desconhecida, mas é um termo utilizado para denominar os professores que trabalham no ensino fundamental I e II, a analogia é uma metáfora ao sistema fabril aos moldes capitalistas, pois nas fábricas quem trabalha “no chão” ganha menos e despense mais horas de trabalho e subentende-se que tenha “menos qualificação”. Metáfora tão pertinente à ideia de Jorge Amado.

Alguns poderiam achar que estou sendo pessimista. Afirmando depois da leitura que fiz e que muito espantou a plateia portuguesa quando apresentei dados embrionários da pesquisa<sup>350</sup> do que era, inicialmente, analisar a presença de Jorge Amado em antologias literárias, utilizadas pela escola secundarista, hoje Ensino Médio. E, que posteriormente, lançou-se também para o antigo ginásio, hoje, ensino fundamental II e que o resultado de uma pesquisa exaustiva findou em perceber o apagamento de Jorge Amado? Imagine o espanto ao saber que o escritor brasileiro com mais visibilidade sequer é mencionado em quatro anos de Ensino Fundamental nas escolas brasileiras. E lanço ainda mais um questionamento: se Jorge Amado não aparece nos compêndios escolares que outros e outras escritoras terão presença garantida?

No quinto capítulo *Educação literária enquanto metáfora social* a reflexão foi em como garantir uma educação literária ante a constatação da invisibilização do texto literário? Parece que discutir se A, B ou C é cânone ou não, não seja realmente o maior problema que temos na Literatura, pois os nomes de A, B e C estão restritos a artigos e outros documentos que giram em torno de si mesmos. O objetivo fim das pesquisas nas universidades deveria resultar também em um

---

<sup>350</sup> Apresentei o artigo *Das rememorações às invisibilidades e apagamentos*, no **V SIELP – Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa**, na Universidade de Minho, na cidade de Braga, em Portugal em janeiro de 2016.

material pedagógico destinado às escolas, não a apenas um volume confinado à biblioteca e aos portais institucionais. Temos que repensar a Literatura e, principalmente, seu ensino, a educação literária deve ser uma metáfora social como defende Cyana Leahy-Dios. E, a nós professores de língua e literatura não cabe mais tratar o ensino da literatura como simples transmissão de “um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor” (ZILBERMANN, 2008, p. 16), leitor que seja proficiente e autônomo, que frequente bibliotecas e acervos, que procure não só pela obra de Jorge Amado, mas que tenha curiosidade de procurar acervos e conhecer o que ficou invisível à história literária. E nesse momento que retomo uma instrução dada ao leitor quanto à leitura de minha pesquisa - ele poderia ser dominado de certo estranhamento -, pois teria a impressão que a temática inicial fora perdida. No entanto, é neste ponto que está a amálgama. Em alguns capítulos viajamos com a obra de Jorge Amado pelo mundo, por narrativas, personagens, personalidades, memórias literárias e políticas, pela historiografia literária, por arquivos, pela instituição escolar e também pelo ensino de literatura e seus leitores, portanto, ao colocar todo esse conteúdo na minha mala opto por deixá-la entreaberta.

Da mesma maneira que Jorge Amado optou por deixar para trás uma mala quando retornou ao Brasil em 1942, da mesma forma currículos optaram por deixar tantos escritores e, principalmente, escritoras, para trás, coube a mim, estudar o caso de Jorge Amado. Muitos outros e, especialmente, muitas outras esperam sair dessa invisibilidade. Se a Mala de Jorge Amado com tamanha fortuna crítica e tantos leitores foi “esquecida” pelo sistema educacional brasileiro, o que terá sido esquecido em acervos escolares de outros escritores?

Nas antologias escolares que adquiri e pesquisei esse era o caminho canônico da literatura na escola. Era preciso ter morrido para ser lido. Busquei, porém, como professora efetiva (essa palavra tem muito significado) do 6º ao 9º ano um inerente esforço da educação literária ter escrito uma tese sobre invisibilidades: o caso de Jorge Amado, mas poderia ser sobre tantos quantos e sobre tantas quantas que foram esquecidos em malas ou antologias. Lembrei da interrogação fundamental para os estudos literários tão bem formulado por Carlos Drummond de Andrade: Trouxeste a chave?



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. *Jorge Amado: política e literatura: um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- ALVES, Ivya. *De paradigmas, cânones e avaliações – ou dos valores negativos da produção literária de Jorge Amado*. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 37, nº 2, p. 197-207, junho, 2001.
- ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. *Dez livros e uma vaga: a leitura de literatura no vestibular*. Florianópolis: UFSC, 2003.
- ANDRADE, Oswald de. "Fraternidade de Jorge Amado". São Paulo: "Folha da Manhã", 26 de outubro de 1943. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u16313.shtml>. Acesso em: mar. 2008.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração do imaginário: o romance baiano do século XX*. Itabuna/Ilhéus, Ba: Via Literarum, 2008. 496 p.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Obra Completa, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1997, p. 810
- BARRETO, Fausto & LAET Carlos de. *Antologia Nacional*. Rio de Janeiro: Livraria J. G. Azevedo, 1895.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Prefácio de Leyla Perrone Moisés; tradução de Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. *A aula*. Palestra proferida por Roland Barthes para a aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3738921/mod\\_resource/content/1/BARTHES\\_Roland\\_-\\_Aula.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3738921/mod_resource/content/1/BARTHES_Roland_-_Aula.pdf). Acesso em: 20 dez. 2017.

BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Veira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BERGSON, Henri. *Memória e vida. Textos escolhidos por Gilles Deleuze*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOAS, Sérgio Vilas. *Olhares modernos sobre um romântico*. In: *Jornal de Poesia*. 2005. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/svboas1.html>. Acessado em março de 2008.

BORNATTO, Suzete de Paula. *A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70*. *Educar em Revista* [en linea] 2014, (Enero-Marzo). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155030093007>. ISSN 0104-4060. Acesso em: 30 jan. 2017.

BOLLE, Adélia B. de M. *A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. *O Tempo, os Tempos*. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Luciana Souza de. *Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos*. *Revista eletrônica DGZ*. Disponível em: [http://www.dgz.org.br/jun10/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/jun10/Art_02.htm). Acesso em: 27 jun. 2013.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. São Paulo: Editora José Olympio. 2004.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*. 4 ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. (1965). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura brasileira*. (2007). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a formação do homem*. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.24, nº09, 1972. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118273/1/ppec\\_8635992-5655-1-PB.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118273/1/ppec_8635992-5655-1-PB.pdf). Acesso em: 20 dez. 2018.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004

CANDIDO, Antonio. *A revolução de trinta e a cultura*. In: \_\_\_\_\_ . *Educação pela noite e outros ensaios*. (1987). 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. 3. Edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARDOSO, João Escobar. *A formação da historiografia da literatura brasileira: uma história dos cânones escolares no Brasil (1759-1890)*. São Cristóvão, 2011.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor* / Carolina Alfaro de Carvalho; orientadora: Maria Paula Frota. – Rio de Janeiro: PUCRio, Departamento de Letras, 2005. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6613/6613\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6613/6613_1.PDF). Acesso em: 10 dez. 2018

CASSIANO, Célia Cristina de F. *O mercado do livro didático no Brasil: do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD à entrada do*

*capital internacional espanhol (1985-2007)*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2007. Disponível em:  
[http://pct.capes.gov.br/teses/2007/968930\\_5.PDF](http://pct.capes.gov.br/teses/2007/968930_5.PDF). Acesso em: 15 mar. 2018.

CEREJA, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COELHO, Thalita da Silva ; RAMOS, Tania de Oliveira. *Narrativas (in)acabadas: as mulheres no romance inédito e inacabado de Jorge Amado*. Revista *Communitas* V1, N2, (Jul-Dez) 2017, p. 480-490. Disponível em:  
[revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/download/1505/pdf](http://revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/download/1505/pdf). Acesso em: 22 jan. 2018.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORSO, Gizelli Kaminski, RAMOS, Tânia de Oliveira. *Livros didáticos - fragmentos e retalhos de (in)formação literária?* Revista *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 32, n. 2, p.241-254, jul.dez. 2010. Disponível em:  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/3092/2272>. Acesso em: 15 ago. 2014.

COUTINHO, Afrânio. *Literatura no Brasil*. Direção Afrânio Coutinho, co-direção de Eduardo de Faria Coutinho. Vol. 1. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *Literatura no Brasil*. Direção Afrânio Coutinho, co-direção de Eduardo de Faria Coutinho. Vol. 5. 7 ed. Rev. e atual.. São Paulo: Global, 2004.

CRUZ, Estevão. *Antologia da língua portuguesa – para uso dos alunos das cinco séries do curso de português*. 2ª. ed. Porto Alegre: Globo, 1934.

DI CAVALCANTI. *Cronologia*. Disponível em:  
<http://www.dicavalcanti.art.br/cronologia.htm>. Acesso em: 03 jul.. 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: UFRN. Editora Universitária, 1995.

EVEN-ZOHAR. Itamar. *Polissistemas de cultura*. Livro eletrônico provisório. Tel Aviv, 2017. Disponível em: [https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas\\_de\\_cultura2007.pdf](https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf). Acesso em: 10 jan. 2019.

FÁVERO, Leonor Lopes. “O ensino no Império: 1837 – 1867 – Trinta anos do Imperial Colégio de Pedro II – In ORLANDI & GUIMARÃES ( orgs. ) – Institucionalização dos estudos de linguagem. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes. *História da disciplina Português na escola brasileira*. Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/110/131>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FELIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FRITZEN, Celdon. *O lugar da educação literária nas novas orientações curriculares: uma reflexão sobre os caminhos de Portugal e do Brasil*. Disponível em: [http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/3054/pdf\\_1](http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/3054/pdf_1). Acesso em: 20 jan. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO ON LINE. *Justiça condena editora Record a indenizar filha de Di Cavalcanti*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1287032-justica-condena-editora-record-a-indenizar-filha-de-di-cavalcanti.shtml>. Acesso em: 03 JUL. 2013.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem: linguagem, interação e ensino*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GOLDSTEIN, Ilana Selizer. *O Brasil best seller de Jorge Amado: Literatura e identidade nacional*. Editora SENAC/SP: São Paulo. Versão online. Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em: 19 jul. 2014.

GONDAR, Jô. *Dobras da memória* / organização Miguel Angel de Barrenechea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

ITAÚ CULTURAL. *Biografia de Noemia Mourão*. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=artistas\\_biografia&cd\\_verbete=2905&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2905&cd_idioma=28555)>. Acesso em: 27 jun. 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. *Texto não é pretexto*. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *A leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2001.

LA REDE 21. *Norberto Berdia. Falto a La cita*. Disponível em: <http://www.lr21.com.uy/cultura/378711-norberto-berdia-falto-a-la-cita>. Acesso em: 29 jun. 2013.

LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. Niterói: EdUFF, 2000.

LEILÃO ELETRÔNICO. *Biografia de Noemia Mourão*. Disponível em: [http://www.leilaoeletronico.com.br/biografia/Noemia\\_Mourao.pdf](http://www.leilaoeletronico.com.br/biografia/Noemia_Mourao.pdf). Acesso em 03 JUL. 2013.

LIMA, Luciano. *De como Jorge Amado, da Bahia, navegou, por tanto tempo, fora do alcance dos canhões sem mira da crítica universitária brasileira*. 2013. LIMA, Luciano. Disponível em: [www.docentes.uneb.br/lucianolima.old/artigos/Jorge\\_Amado.doc](http://www.docentes.uneb.br/lucianolima.old/artigos/Jorge_Amado.doc). Acesso em: 20 dez. 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas/Clarice Lispector*; [organização de Claire Williams; preparação de originais e notas biográficas de Teresa Montero]. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LYRA, Pedro. Ideologia. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 151-184.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista: como e porque ler Jorge Amado hoje*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MACAHDO, Ana Maria. *Jorge Amado: uma releitura*. Centre for Brazilian Studies University of Oxford. Disponível em: <http://www.brazil.ox.ac.uk/workingpapers/Machado75.pdf>. Acesso em: mar. 2008.

MACAHDO, Ana Maria. *A literatura deve dar prazer*. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, v. 16, n. 145, p. 21-23, set. 2001. Entrevista concedida a Priscila Ramalho.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAIA, Eduardo Cesar (Org.). *Álvaro Lins: sete escritores do Nordeste*. Recife: Cepe, 2016.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária: Introdução à Problemática da Literatura*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1965.

MASSAUD, Moisés. *História da literatura brasileira- Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1989.

MELO, Ana Amélia C. de. *Jorge Amado – A militância das letras*. 2016. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016\\_art\\_aamcmelo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20176/1/2016_art_aamcmelo.pdf). Acesso em: 19 dez. 2018.

MULLER, Nádia Galdino. *Realismo, Tradução e alteridade: aspectos críticos da tradução de Graciliano Ramos e Jorge Amado*. 2013. 112f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários). Universidade de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/922/1/nataliagaldinomuller.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *A questão do cânone*. Santa Catarina: *Anuário de Literatura* 3, 1995. p. 85-94.

PATEE, Richard apud SMITH, Richard Cândida. *Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos*. Tempo, Niterói, v. 19, n. 34, p. 147-173, June 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 jul. 2017.

PEDROSA, Celia. *Nacionalismo Literário*. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 277-306.

PEREIRA, Camila Sequetto. *A formação de leitores literários no ensino médio e as mudanças do vestibular*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PERIODICAS. *Alfar*. Disponível em: [http://www.periodicas.edu.uy/Alfar/pdfs/Alfar\\_82.pdf](http://www.periodicas.edu.uy/Alfar/pdfs/Alfar_82.pdf). Acesso em: 2 jul. 2013.

PETIT, Michéle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

QUADROS, Tiane Reusch de. *A formação do leitor e as obras indicadas para os vestibulares*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Os discursos de quem viu são profissões*. In: VELLOSO, Luiz Roberto e MOREIRA, Maria Eunice (orgs). *Questões de crítica e de historiografia literária*. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.

RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *Fragments para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-*

1942. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/File/12793/8545>. Acesso em: 20 jun. 2013.

RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. *A mala de Jorge Amado: 1941-1942*. Disponível em:

[http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A\\_Mala\\_de\\_Jorge\\_Amado\\_1941\\_1942\\_Tania\\_Regina\\_Oliveira\\_Ramos.pdf](http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A_Mala_de_Jorge_Amado_1941_1942_Tania_Regina_Oliveira_Ramos.pdf). Acesso em: 15 jun. 2013.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. *Antologia Nacional (1895-1969) museu literário ou doutrina?* 1992. 163 f. Dissertação de Mestrado

(Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, 1992. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000055176&fd=y>. Acesso em: 21 jun. 2016.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. 2000.

248f. Tese de Doutorado (Departamento de em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, 2000. Versão online. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese21.html>. Acesso em: 10 ago. 2014.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. *A antologia Nacional e a ascensão do português no currículo da escola secundária brasileira*. In:

REUNIÃO ANUAL DA ANPED. NOVO GOVERNO, NOVAS POLÍTICAS? 26., ano 2003, Poços de Caldas. Anais Eletrônicos... Disponível em: Acesso em: 03 julho 2010.

RECHOU, Blanca-Ana Roig. *Educação literária e cânone literário escolar*. Letras de Hoje, v. 45, n. 3, 2010. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8124/5814>. Acesso em: 10 jan. 2017.

REIMAO, Sandra. *"Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar*. Estud. av., São Paulo, v. 28, n. 80, Apr. 2014

Disponível

em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 4 set. 2014.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 65-93.

REVISTAS ELETRÔNICAS PUC/RS. *Navegações*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/File/12793/8545>. Acesso em: 27 jun. 2013.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento, tradução de Alain François* [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, Márcia. *Ainda, narrativas de Jorge Amado*. Léguas & Meia : Revista de literatura e diversidade cultural , ano 3, Nº 2, 2004.  
Disponível em:  
<http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1952/1453>.  
Acesso em: 15 dez. 2018.

SÁ, Alzira Queiróz Gondim Tude de. *Jornalismo e crítica literária: dos rodapés aos tratados*. UFBA: 2010, p. 8. Disponível em:  
<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24336.pdf>. Acesso em: 09 set. 2016.

SANTOS, Flávio Gonçalves dos. RODRIGUES, Inara Oliveira. BRICHTA, Leila (organizadores). *Colóquio internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura*. Ilhéus, BA. Editus, 2013. Disponível em: <http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/ci100ja.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Autores associados, 2014. 504p.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SEIXAS, Cid. *Jorge Amado: da guerra aos santos à demolição do eurocentrismo*. Salvador: CEDAP- Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1993. 48 p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento*. In: História, Memória e Literatura: O testemunho na era das catástrofes. São Paulo. Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O testemunho: entre a ficção e o "real"*. In: História, Memória e Literatura: O testemunho na era das catástrofes. São Paulo. Unicamp, 2003.

SILVA, Márcia R. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: EDUFBA, 2006.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110. Uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006.

SOARES, Magda Becker. *Um olhar sobre o livro didático*. In: Presença Pedagógica, v.2, n.12, Nov./dez.1996. 52-64 p.

SUBASTASIMPERIO. *Ernesto Scotti*. Disponível em:

[http://www.subastasimperio.com/lote.aspx?id=24236&lote=%C3%93le o+sobre+lienzo.81+cm+\(alt.\)+x+66+cm+\(anch.\)+Firmado+y+fechado+en+la+esquina+inferior+derecha+%22SCOTTI+48%22..](http://www.subastasimperio.com/lote.aspx?id=24236&lote=%C3%93le o+sobre+lienzo.81+cm+(alt.)+x+66+cm+(anch.)+Firmado+y+fechado+en+la+esquina+inferior+derecha+%22SCOTTI+48%22..) Acesso em: 20 jun. 2013.

SUSSEKIND, Flora. *Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna*. In: Papéis colados. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SWARNAKAR, S., FIGUEIREDO, ELL., and GERMANO, PG., orgs. *Nova leitura crítica de Jorge Amado* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 319 p. ISBN 978-85-7879-328-9. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2yqzj/pdf/swarnakar-9788578793289.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e sua obra*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

TEIXEIRA, Anísio. A escola secundária em transformação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol 23 janeiro-março, nº 57, 1955, p. 03-20.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. / Tzvetan Todorov [tradução Leyla Perrone-Moisés]. — São Paulo: Perspectiva, 2006

TOOGE, Marly D' Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. Revista *Amerika* [on line], 31 mai 2014. Disponível em: <http://amerika.revues.org/5008>. Acesso em: 9 set. 2014.

TOOGE, Marly D' Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. Orientadora: Prof<sup>ra</sup>. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo, 2009. 224 f., il. color. Dissertação(Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

UPCN DIGITAL. *Arte e trabalho: Ernesto Scotti*. Disponível em: [http://www.upcndigital.org/files/publicaciones/CDN/arte\\_y\\_trabajo.pdf](http://www.upcndigital.org/files/publicaciones/CDN/arte_y_trabajo.pdf). Acesso em: 20 jun. 2013.

VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Parte I. 2013, p. 84

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Mercado Aberto, 1985.

VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 104.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A escola e a leitura de literatura*. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2009.

ZILBERMAN, R. (Org.). *A leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para que escola? Que escola para a literatura. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* – v. 5 – n. 1 – 9-20 – jan./jun. 2009.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dec. 2008. ISSN 2317-8086. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>. Acesso em: 13 jun. 2018.

### **Referências sobre o Acervo A Mala de Jorge Amado (NuLime, UFSC)**

COELHO, Thalita da Silva. Trabalho de conclusão de curso (Letras) sob o título: *Jorge Amado e os anos de 1941 – 1942*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

COELHO, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)*. / Thalita da Silva Coelho. – Florianópolis (SC), 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLIT/UFSC, área de concentração Literatura, linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

COELHO, Thalita da Silva; OLIVEIRA RAMOS, Tânia Regina. Narrativas (in)acabadas: as mulheres no romance inédito e inacabado de Jorge Amado. **REVISTA COMMUNITAS**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 480-

490, nov. 2017. ISSN 2526-5970. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/COMMUNITAS/article/view/1505>. Acesso em: 14 mar. 2018.

DREY, Marina Siqueira Drey. *Jorge Amado e a renúncia biográfica: 1941-1942*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129740>. Acesso em: 19 dez. 2016.

GONÇALVES, Ailê Vieira. *O (in)visível no acervo Jorge Amado (1941-1942)*. 2016. 72 p. TCC (Graduação) - Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160024>. Acesso em: 20 dez. 2017.

GONZAGA, Nicola. *O cavaleiro biografado e outros ecos*. 2016. 177f. Dissertação (Mestrado em Literaturas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174444/345689.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2017.

HART, Rosane. *Um diálogo (im)possível: Jorge Amado, Noêmia Mourão e as três mulheres*. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Mulher-e-Literatura-Caderno-de-Programacao.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015

MARTINS, Roberta de Fátima. *Enlaces: Memória e Subjetividade no acervo de Jorge Amado*. / Roberta de Fátima Martins; orientadora, Tânia Regina de Oliveira Ramos – Florianópolis, 2015, 251p.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135143/334291.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 9 jan. 2017.

RAMOS, Tânia Regina. *Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942*.

Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/File/12793/8545>. Acesso em: 12 dez. 2015.

TORRES, Aline. *Romance inédito de Jorge Amado 'foi abandonado por desilusão com o comunismo*, produzida por Aline Torres para o jornal online BBC Brasil, em 14 de junho de 2016, há também o relato da narrativa do acervo. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-36522312>. Acesso em: 19 jun. 2016.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. *Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada*. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 150, p. 135-147, julho de 2016. Acesso em: 29 dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/62222/38008>.

### **Artigos e ensaios sobre o Acervo:**

- a) Ensaio *Imagens melancólicas do datiloscrito esquecido: um inédito de Jorge Amado*, artigo escrito por Cristiano Mello de Oliveira e Joe José Dias, publicado na Revista ÁGORA, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 24, n. 49, p. 143-164, 2014. 144.
- b) Ensaio *Revelando os negativos d'A mala de Jorge Amado: 1941-1942*. (no prelo), escrito por Rosane Hart.
- c) Reportagem em um caderno especial no Jornal Diário Catarinense, sob o título *Agonia da Noite: Escritos de Jorge Amado entregues à UFSC contêm 76 páginas de obra inédita que narra 12 horas da vida de seis personagens à espera da ordem para iniciar um levante comunista*, por Emerson Gasperin. Disponível em: [http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC\\_jorgeamado/index.htm](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_jorgeamado/index.htm). Acesso em: 7 jun. 2017.
- d) Reportagem *A desilusão de Jorge Amado com o comunismo*, publicado no Jornal GGN por Luiz de Queiroz. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/a-desilusao-de-jorge-amado-com-o-comunismo>. Acesso em: 19 dez. 2017.

### **Referências de Jorge Amado**

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

AMADO, Jorge. *Jorge Amado: new critical essays* / edited by Keith H. Brower, Earl E. Fitz [and] Enrique Matínez – Vidal. Routledge, New York, 2001.

AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. São Paulo: Martins, 1961.

AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, [19??].

AMADO, Jorge. *Cadernos de literatura*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 1997.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

### **Ensino Médio**

Cadernos de apoio pedagógico: Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores/professores01.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CEREJA, Willian Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*. Segundo Grau. São Paulo: Editora Atual, 1997.

FARACO, Carlos. *Trabalhando com a narrativa*. (Ensino Médio). 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura*. Volume 3. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MAIA, João Domingues. *Português* (Ensino Médio). Série Novo Ensino Médio, Volume Único. 9 ed. Editora Ática, 2002.

**Antologia Nacional:**

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 8ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1918.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 14ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1929.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 17ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1931.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 24ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1943.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 25ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1945.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 31ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1954.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 33ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1956.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 34ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1957.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 35ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1958.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 38ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1962.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 39ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1963.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 40ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1964.

BARRETO, Fausto, LAET, Carlos. *Antologia Nacional*. 42ª edição. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1966.